UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO, INSTITUCIONALIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS

“CRUZETA EM REVOLUÇÃO”:

JUVENTUDE, PODER E RELIGIÃO NUMA COMUNIDADE RURAL POTIGUAR (1957-1964)

LUCIANO ACIOLLI RODRIGUES DOS SANTOS

NATAL-RN
DEZEMBRO/2020

LUCIANO ACIOLLI RODRIGUES DOS SANTOS

“CRUZETA EM REVOLUÇÃO”:
JUVENTUDE, PODER E RELIGIÃO NUMA COMUNIDADE RURAL POTIGUAR (1957-1964)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa Formação, Institucionalização e Apropriação dos Espaços, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

NATAL-RN
DEZEMBRO/2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Santos, Luciano Aciolli Rodrigues dos.
"Cruzeta em revolução": juventude, poder e religião numa comunidade rural potiguar (1957-1964) / Luciano Aciolli Rodrigues dos Santos. - Natal, 2020.
250f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.
Orientador: Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

1. Juventude católica - Dissertação. 2. Transformação social - Dissertação. 3. Renovação Paroquial - Dissertação. 4. História da Igreja - Dissertação. 5. Pastoral Rural - Dissertação. I. Arrais, Raimundo Pereira Alencar. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA CDU 282(091)(813.2)

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/710

A minha tia Alexandrina Campos pelo “dom” de sua juventude

AGRADECIMENTOS

Construir o conhecimento é aprender que o outro também faz parte deste edifício. É compreender que fazemos parte de uma teia de relações onde os fios do saber estão constantemente interligados. Não construímos o modo de ver o mundo sozinho. Na fabricação dessa arte existirá sempre a parcela que recebemos do outro. Certo, portanto, do quanto foram decisivas as contribuições e as presenças de algumas pessoas no decorrer desta empreitada, gostaria de agradecer inicialmente ao meu orientador o professor Raimundo Arrais, por toda atenção, disponibilidade, encorajamento e confiança que me foram dedicados durante os anos do Mestrado em História da UFRN.

Agradeço de modo especial à minha mãe pelo apoio incondicional e pela compreensão e ternura com as quais sempre tem se voltado para mim sem jamais ter duvidado de minhas capacidades; e ao meu pai Antônio e meus irmãos Neto e Ana Amélia pelo apoio dispensado durante toda minha caminhada acadêmica. A todos os colegas do Programa de Pós-Graduação com os quais tive oportunidades de viver bons momentos e que não irei citar nomes aqui para não correr o risco de me esquecer de algum.

Neste ínterim também não poderia deixar de agradecer a equipe do Arquivo Metropolitano da Arquidiocese de Natal (AMAN) na pessoa de sua coordenadora, a Ir. Vilma Lúcia de Oliveira, FDC, pela gentileza em tornar acessível os documentos ali resguardados e de grande importância para esta pesquisa. De igual modo agradeço à Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Cruzeta/RN nas pessoas do secretário Joafram Stenio e de sua esposa Gislana por ter gentilmente cedido para uso desta pesquisa às imagens fotografadas dos assentamentos de Tombo da referida instituição sob custódia da secretaria paroquial e também a ao Padre Alisson Bruno, responsável pelo Arquivo da Cúria Diocesana de Caicó, por ter aberto as portas do setor de documentação para que pudesse ter acesso as preciosas fontes ali depositadas.

Com igual apreço, agradeço aos professores Iranilson Buriti e Helder Viana por terem dedicado uma parte de seu precioso tempo ao exame das modestas páginas deste trabalho.

Sou ainda particularmente grato a minha tia Alexandrina Campos pelas informações e conversas inestimáveis sem as quais muito pouco teria dito sobre a experiência da Juventude Agrária Católica (JAC) em Cruzeta/RN e aos demais colaboradores, de modo especial, a senhora Jurandir Cardoso (Didi), que com suas experiências de vida enriqueceram de cores, sonhos, sentimentos e ideiais este estudo. Agradeço ainda ao Mons. Raimundo Sérvulo, pároco Emérito da Paróquia de N. Sra. da Guia do Acari, pelas importantes

informações concedidas para esta pesquisa e ao Seminarista Maior Isaías Galvão, pela gentileza com que se dispôs a ajudar-me nos trabalhos de coleta de dados.

E por fim, a gratidão maior a Deus, pela virtude de não ter desistido diante das adversidades enfrentadas ao longo da escrita deste trabalho e que, posso afirmar, não foram poucas.

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão.

[...]

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão.

(Chico Buarque / Milton Nascimento)

RESUMO

Entre as décadas de 1950 e 60, a Igreja Católica brasileira passou por um processo de renovação e atualização institucional, estimulado por fatores endógenos e externos, ligados à especificidade da conjuntura sociopolítica e econômica do período, que afetou profundamente suas instituições eclesiais e seus modelos pastorais. Esse processo de atualização institucional vivenciado no plano mais global como resposta aos dilemas colocados pelo mundo contemporâneo, que ficaria conhecido por *aggiornamento*, adquiriu traços particulares à medida que foi sendo implementado nos mais variados lugares. Em Cruzeta, paróquia pertencente a Diocese de Caicó, província eclesiástica do Rio Grande do Norte, coube a figura do padre Ernesto da Silva Espínola (1928-2011), o papel pioneiro nesse processo de renovação. Insuflado por esse novo espírito eclesiástico, ele seria responsável de implementar várias práticas de inovação pastoral, que intensificaria a atuação da Igreja junto à comunidade local, especialmente entre os jovens e os trabalhadores rurais, no sentido de promover a unidade da Igreja, agora concebida mais como "povo de Deus" do que como hierarquia e clero. Suas ações no âmbito da pastoral rural que faria da paróquia de Cruzeta uma das mais progressistas da Diocese de Caicó, marcariam o advento da Igreja moderna na localidade. Nesse processo de renovação institucional, a juventude católica adquiriria uma função importante, passando a ser vista pela hierarquia como principal agente social transformador e um importante "aliado" no seu projeto de transformação da história, haja vista ser entendida como o setor mais sensível às mudanças históricas. São as ações pastorais desenvolvidas no âmbito social da paróquia pelo vigário Ernesto em parceria com o laicato católico, notadamente do setor juvenil, em prol de um projeto cristão de comunidade defendido pela Igreja como "alternativa contemporânea" a um projeto de transformação mais radical e violento da ordem social propagada pelas ideologias de esquerda, que tencionamos investigar mais de perto nesse estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Transformação social, Renovação paroquial, juventude católica, pastoral rural, paróquia de Cruzeta/RN

ABSTRACT

Between the 1950s and 60s, the Brazilian Catholic Church went through a process of institutional renewal and updating, stimulated by endogenous and external factors, linked to the specificity of the socio-political and economic situation of the period, which profoundly affected its ecclesial institutions and its pastoral models . This process of institutional updating experienced at the most global level in response to the dilemmas posed by the contemporary world, which would become known as aggiornamento, acquired particular features as it was being implemented in the most varied places. In Cruzeta, a parish belonging to the Diocese of Caicó, ecclesiastical province of Rio Grande do Norte, the figure of Father Ernesto da Silva Espínola (1928-2011), played the pioneering role in this renewal process. Inflated by this new ecclesiastical spirit, he would be responsible for implementing various practices of pastoral innovation, which would intensify the Church's work with the local community, especially among young people and rural workers, in order to promote the unity of the Church, now conceived more as “people of God” than as hierarchy and clergy. His actions in the field of rural pastoral work that would make the parish of Cruzeta one of the most progressive in the Diocese of Caicó, would mark the advent of the modern Church in the locality. In this process of institutional renewal, Catholic youth would acquire an important role, coming to be seen by the hierarchy as the main transforming social agent and an important “ally” in its project to transform history, since it is seen as the sector most sensitive to changes historical. These are the pastoral actions carried out in the social sphere of the parish by the vicar Ernesto in partnership with the Catholic laity, notably from the youth sector, in favor of a Christian community project defended by the Church as a “contemporary alternative” to a more radical and virulent transformation project of the social order propagated by leftist ideologies, which we intend to investigate more closely in this study.

KEYWORDS: Social transformation, Parish renewal, Catholic youth, rural pastoral, parish of Cruzeta / RN

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

ABCAR	Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural
AC	Ação católica
ACB	Ação Católica Brasileira
ACE	Ação Católica Especializada
ACR	Ação Católica Rural
ANCAR	Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
AVS	Assistência às vítimas das Secas
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
JAC	Juventude Agrária Católica
JACF	Juventude Agrária Católica Feminina
JEC	Juventude Estudantil Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JMC	Juventude Masculina Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
CNEC	Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
CEPE	Companhia Editora de Pernambuco
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
GLEC	Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense
IANE	Instituto Agronômico do Nordeste
IFOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
IPEANE	Instituto de Pesquisas Agropecuário do Nordeste
LBA	Legião Brasileira de Assistência Social
LAC	Liga Agrária Católica
MEB	Movimento de Educação de Base
ONU	Organização das Nações Unidas
OVS	Obra das Vocações Sacerdotais
PCB	Partido Comunista Brasileiro

PSD	Partido Social Democrático
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
RdV	Revisão de vida
RdP	Revisão da Prática
SERAS	Serviço Estadual de Reeducação e Assistência Social
SAI	Serviço de Informação Agrícola
SAR	Serviço de Assistência Rural
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UDN	União Democrática Nacional

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Cruzeta (Configiração territorial, 1958). _____ 30

Figura 2. Padre Ernesto da Silva Espínola (1927-2011) nos seus primeiros anos de paroquiato. Foto oficial de ordenação sacerdotal. Fonte: Secretaria Paroquial de Cruzeta. _____ 37

Figura 3. Casal cruzetense posa para fotografia de família junto à prole numerosa no início da década de 1960. No lado esquerdo, em destaque, trajando sotaina preta, vê-se o filho seminarista (um "padre em miniatura"), prática muito cultivada entre as famílias seridoenses, que o avanço da sociedade industrial moderna iria modificar. Fonte: Acervo virtual de José Leto Medeiros. _____ 42

Figura 4. Inauguração das novas instalações da "Escola dos Pobres", tendo ao centro, da direita para a esquerda, Dom José Adelino Dantas (bispo de Caicó) e padre Ernesto da Silva Espínola (vigário paroquial). Fonte: Acervo virtual de José Leto Medeiros. _____ 49

Figura 5. Papa João XXIII na cerimônia de abertura do Concílio Vaticano II. _____ 55

Figura 6. I Encontro dos Bispos do Nordeste (Campina Grande, PB). Ao centro, em destaque, ladeando o Presidente Juscelino Kubitscheck, vê-se, em primeiro plano, Dom Helder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro e Secretário Geral da CNBB e, em segundo plano, Dom Eugênio Sales, bispo auxiliar de Natal. À esquerda, em destaque, vê-se também Dom José Adelino Dantas, então bispo de Caicó. Fonte: Site oficial da Sudene._____ 59

Figura 7. Dom Manuel Tavares de Araújo (1912-2006), terceiro bispo de Caicó._____ 63

Figura 8. Dom José Adelino Dantas (1910-1983), segundo bispo de Caicó. _____ 63

Figura 9. Cônego Ambrósio Silva (1900-1957), ex-vigário de Acari e Cruzeta. Fonte: Acerto pessoal do autor. _____ 80

Figura 10. Vista da fachada principal do Seminário Diocesano de São Pedro no ano de 1945. Fonte: https://www.seminariosaopedro.org.br/. _____ 91

Figura 11. Estudantes do Seminário de Natal em momento de recreação numa “praia deserta” no ano de 1946. Ao centro (o quarto da direita para a esquerda) vê-se ainda o seminarista Ernesto. Fonte: Acervo particular de Dom Adelino Dantas._____ 92

Figura 12. Fotografia de uma sapataria situada no centro urbano de Cruzeta na década de 1960. _____ 101

Figura 13. Vista parcial do Mercado Público Municipal de Cruzeta, anterior a reforma de 1966. Fotografia sem marcação de data. Fonte: Acervo pessoal do autor. _____ 101

Figura 14. Aspecto do centro urbano de Cruzeta com destaque para a Rua Juvenal Lamartine. _____ 107
Figura 15. Procissão de encerramento da Festa de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de Cruzeta._____ 125
Figura 16. Aspecto de Semana Ruralista realizada no Rio Grande do Norte na década de 1950. _____ 144
Figura 17. Dom José de Medeiros Delgado, precursor da JAC no Brasil. _____ 158
Figura 19. A jovem Nazaré Azevedo, uma das precursoras da JAC em Cruzeta. Fonte: Acervo virtual de José Leto Medeiros. _____ 158
Figura 21. Jovens jacistas cruzetenses posam para foto em 1961 depois uma sessão de trabalhos._____ 158
Figura 23. Congresso Nacional da JAC ocorrido em Nazaré da Mata/PE, no ano de 1962. 170
Figura 25. Brasão de Armas ou Escudo da JAC. _____ 188
Figura 26. Festa junina organizada por jovens da JAC e do GLEC em 1962. _____ 197

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. EFETIVOS DE SACERDOTES DA DICOCESE DE CAICÓ (1943-1960) 46
Tabela 2. EFETIVOS DE "VOCAÇÕES" DA DICOCESE DE CAICÓ (1947-1966) 46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

CAPÍTULO 1. UM NOVO VIGÁRIO NA CASA DE DEUS 24

1.1. A Posse e as primeiras ações 24
1.2. Novos Rumos para a Paróquia Rural 35
1.3. Um sacerdote da "transição" 65

CAPÍTULO 2. A JUVENTUDE CATÓLICA E A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS NO TEMPO DO PADRE ERNESTO 96

2.1. A freguesia de Nossa Senhora dos Remédios 96
2.2. A Paróquia rural em movimento 126
2.3. Juventude agrária: a emergência de um ator social 129
2.4. O movimento de jovens cristãos cruzetenses e o "problema" do registro documental para a história local 145

CAPÍTULO 3. JUVENTUDE E FÉ: O MOVIMENTO JUVENIL CRUZETENSE SOB A TUTELA DA PARÓQUIA 154

3.1. Juventude Agrária Católica: despontar, organização, expansão e declínio em Cruzeta 154
3.2. "Como um bago de trigo que floresce": a Ação Social e a "mística jacista" em Cruzeta 183
3.3. "Ser fermento na massa": A JAC e o Clube Social em Cruzeta 190

CONSIDERAÇÕES FINAIS 211

REFERÊNCIAS 221

INTRODUÇÃO

O final dos anos 1950 e inícios dos anos 60 foram particularmente importantes na reelaboração de estratégias de atuação elaboradas pela Igreja Católica junto as populações rurais brasileiras, em que entraram em questão não só os valores universais defendidos pela instituição eclesiástica, mas principalmente os compromissos assumidos historicamente e que lhe serviam de base para o seu poder e legitimação no mundo rural. Esse também foi caracterizado por uma tomada de consciência a nível de Brasil e também a nível de América Latina de que o desenvolvimento, uma aspiração de todos, implicava necessariamente em uma mudança das estruturas da sociedade, contrariando interesses e instigando conflitos. Esmiuçada pelos diversos grupos organizados e em disputa na cena política, essa tomada de consciência apresentava diferentes matizes, com um leque variado de opções, que iam desde propostas meramente reformistas, ao posicionamento da democracia cristã com sua defesa da liberdade, dos princípios cristãos, dos direitos humanos, da subsidiariedade e da justiça, à busca de um socialismo cristão oposto à luta de classe e ao ateísmo, mas preocupado com as reivindicações das classes pobres e trabalhadoras, até chegar às alternativas marxistas mais radicais[1].

Antigo reduto da influência educacional católica desde tempos mais remotos, a região rural passaria a ser alvo de maior atenção por parte do clero brasileiro, a partir dos anos 1950, com a "descoberta" do campesinato pelas esquerdas políticas, especialmente pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), seu principal contendor em nível nacional na luta pela representação e controle das classes camponesas. Impulsionada pelos novos debates e agistações do período e também pela defesa de um projeto cristão de transformação da sociedade, a Igreja se transforma, buscando garantir sua influência sobre as classes trabalhadoras rurais orientando-se agora pela perspectiva da mudança social.

Apostando agora no progresso social e no desenvolvimento econômico como forma de promover a justiça social e a transformação do mundo rural, mas também de evitar uma "revolução" radical no campo, a instituição eclesiástica passaria a empreender um conjunto de práticas pastorais que teria na paróquia o palco de suas realizações e que ficaria conhecido como movimento de "renovação paroquial".

Em Cruzeta, pequena comunidade rural situada no interior do Rio Grande do Norte, este seria o período em que o padre Ernesto da Silva Espínola (1927-2012), presbítero oriundo

[1] Cf. MARIAE, Servus. **Para entender a Igreja no Brasil**: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968). Petrópolis: Vozes, 1994. p. 113-114.

do Seridó potiguar e sacerdote sensível as transformações do momento, exerceria o seu primeiro paroquiato, o qual ficaria marcado por uma forte atuação no campo social, especialmente entre os jovens e os trabalhadores rurais. Insuflado pelo espírito de renovação animado especialmente pela Igreja no Nordeste, ele seria responsável de implementar várias práticas de inovação pastoral que intensificaria a atuação da instituição católica junto à comunidade local, adotando uma postura militante diante da causa do homem do campo.

A ideia que se procura defender nesse trabalho de pesquisa, é a de que o processo de "renovação paroquial" deslanchado pela Igreja brasileira e vivenciado em um nível mais local (o da paróquia rural), entre o final dos anos 1950 e primeira metade dos anos 1960, trazia implícito esse sentido político, embora esse sentido não fosse o único. Assim, considero porque, como se poderá notar, esse movimento mais amplo de renovação institucional não estava circunscrito à dimensão "temporal" de suas ações, ou seja, à esfera social e política que possivelmente o ensejou, mas, também, trazia em seu interior outras dimensões importantes, como aquelas concernentes à fé (teologia) e ao culto (liturgia), os quais não vem a se constituir em objeto maior de preocupação nesse estudo, não obstante, também, estarem permeados pelo campo do político[2]. Aqui, me interessa, sobretudo, o aspecto "pastoral" deslindado por esse movimento no seu plano mais paroquial, ou seja, o conjunto de atividades pelas quais a Igreja acredita realizar e/ou comunicar a sua "missão" predestinada no interior da comunidade humana[3].

Com isso, entendo por "renovação paroquial", um movimento ou uma tentativa relativamente engajada da Igreja voltada para adequar a instituição paroquial aos problemas e realidades novas suscitadas pelo mundo moderno, no que concerne tanto a seus aspectos pastorais, como aos seus aspectos administrativos e litúrgicos. Entretanto, cabe ainda esclarecer, que, embora isto se dê oficialmente no âmbito operacional da instituição eclesiástica, esse "movimento" não se restringia à esfera institucional, uma vez que partindo desta buscava atingir também as estruturas sagradas e profanas da vida humana e comunitária, ou seja, suas dimensões espirituais e concretas, enfim, a dimensão cultural.

Uma outra questão que merece ser discutida aqui é o próprio sentido do termo "renovação paroquial" empregado na discussão. Como bem observou Paiva (1985), o *aggiornamento*

---

[2] Cf. Renovação Paroquial segundo o Plano de Emergência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), 1962. In. GREGORY, Affonso Felippe (Ori.). **A Paróquia ontem, hoje e amanhã**. Col. CERIS. Sociologia e pastoral. Petrópolis: Vozes, 1967. p.105-118.

[3] Sobre a experiência de renovação paroquial no Rio Grande do Norte, ver estudo de SÁ ROCHA, Márcia Maria de. **São Paulo do Potengi**: uma cidade, seu pároco e suas práticas educativas (1950-1980). 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN, 2006.

significou, do ponto de vista da história, o lançamento de bases doutrinárias e orientações práticas que foram capazes de permitir a instituição católica enfrentar os dilemas do mundo contemporâneo, dando a eles respostas oportunas e "modernas", porém, inspiradas na tradição da Igreja[4]. No que se refere ao movimento de renovação paroquial, essa postura dialética também estava presente, já que se buscava "renovar" (diga-se, adaptar a paróquia às necessidades dos novos tempos), tomando como inspiração a comunidade cristã dos primeiros séculos e seu dilatado sentido de "grande família"[5].

Num plano mais eclesiológico, esse movimento de renovação buscava revestir a "paróquia" de seu significado transcendental e espiritual primitivo, ou seja, do sentido de "comunidade escatológica e messiânica" ou de "Igreja local", que se instala provisoriamente como "peregrina" ou "estrangeira" na terra – a expressão "*paroikia*" visava, antes de tudo, *a situação de estrangeiros*, de peregrinos neste mundo, do povo de Deus ou da comunidade neotestamentar –, onde os fiéis se reuniam em torno do altar do Cristo formando uma assembleia litúrgica, expressando também sua função de entidade pastoral e de centro de apostolado, que lhe foi sendo despojada ao longo dos séculos, em decorrência das transformações culturais por quais passaram a humanidade, especialmente no Ocidente[6].

Como bem observou Pedro Felix Bassini (2006), a paróquia nasceu de um imperativo pastoral suscitado pela necessidade de estabelecer postos ministeriais distantes da comunidade episcopal (ou "catedral", por encontrar-se nela a cátedra do bispo, a diocese), em decorrência da expansão do número de católicos pelas áreas rurais do Império Romano e das dificuldades destes de chegar até ela[7]. Dada essa necessidade pastoral, o bispo enviava presbíteros à cada comunidade ou núcleo de fiéis reunido em torno de um templo, que mais tarde teria seu território demarcado e colocado sob a jurisdição de um pároco (a paróquia juridicamente concebida), para fazerem o serviço ministerial, regressando depois à sede do bispado[8]. Daí o termo "paróquia", do grego *"paroikía",* que significa algo como "casa ao lado", "morada

[4] PAIVA, Vanilda, *op. cit*., p. 58.
[5] Refiro-me a prática existente nas comunidades cristãs primitadas da "partilha do pão e das orações" nos lares cristãos e da "vida em comum" entre as famílias. Sobre essa questão no cristianismo primitivo, ver LUXEMBURGO, Rosa. **O socialismo e as igrejas**: o comunismo dos primeiros cristãos. São Paulo: Edições ISKRA, 2015. p. 23 e também KAUTSKY, Karl. **A origem do cristianismo**. Trad. Luiz Alberto Moniz Baneira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 370-375.
[6] Cf. DILLENSCHNEIDER, Clément. Da Paróquia com sua noção espiritual primitiva à Paróquia de hoje. In. **A Paróquia e seu vigário**. São Paulo: Edições Paulinas, 1968. p. 11-19.
[7] BASSINI, Pedro Felix. Para onde vai a Paróquia? In. **Vida Pastoral**: Revista Bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral, São Paulo, v. 48, n. 253, p. 21-25, janeiro-fevereiro de 2007.
[8] Idem, p. 21.

próxima", "morar perto", "estar ao redor de casa"[9]; e a expressão correlata "paroquiano", que tem a ver com o vocábulo "*pároikos*", que quer dizer "forasteiro", "estrangeiro sem inteira cidadania", "peregrino em outra terra", ou mesmo ainda "vizinho habitante em casa de outrem"; de modo geral, "estranho, estrangeiro"[10].

Com a expansão da Igreja a partir do século IV e a multiplicação das comunidades de fiéis confiadas a um preposto, posteriormente identificado com a figura do pároco, que cada vez mais passa a assumi-la sob um estado de progressiva autonomia (as comunidades "paroquiais" propriamente ditas), a união dos seus membros através da liturgia vai-se enfraquecendo e a igreja local vai deixando de ser o espaço unificador da vida cultural para ir se reduzindo a função assistencial e administrativa, onde o católico a procura para resolver um problema de salvação individual, chegando ao século XIV com nítidos sinais de uma decadência na articulação entre vida litúrgica e vida paroquial[11].

Esse processo, que Andrade (2006) identificaria como crise ou declínio do "espírito" da vida comunitária ou da instituição paroquial[12], e que Alphonse Borras e Gilles Routhier (2010) chamaria de colapso da "civilização paroquial"[13], é o que adentraria o século XX alcançando o seu ponto culminante com o desenvolvimento do "sistema de paróquia-ilha", a qual se referiu padre Joseph Comblin (1967) em alusão a situação de isolamento quase completo vivido pelas paróquias nos grandes centros urbanos[14] e que ascenderia o ardor restaurador entre muitos membros do clero[15]. Nesse sentido, o movimento de renovação paroquial que percorreu a Igreja entre os anos de 1950 e 60, notadamente nos anos imediatamente anteriores ao Concílio Vaticano II, também significou um retorno às suas raízes históricas comunitárias; um apelo de volta às fontes primitivas, à disciplina genuinamente tradicional[16].

---

[9] Cf. KREUTZ, Ivo José. A Paróquia na história da Igreja. In. **A Paróquia**: lugar privilegiado da pastoral da Igreja. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p. 40. Cf. também ALMEIDA, Antonio José de. A trajetória histórica da Paróquia. In. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 23.

[10] Cf. ELLIOTT, John H. **Um lar para quem não tem casa**: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 28. Ver também FÄBER, Sônia Sirtoli. Paroikos: genética e evolução do conceito de migrante. In: Congresso Internacional da Faculdade EST, 2., 2014, São Leopoldo. **Anais**...São Leopoldo: EST, vol. 2, 2014. p. 523-536.

[11] ANDRADE, Djalma Rodrigues de. **Reinventar a paróquia?** Sonhar em tempo de incertezas. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 19-21.

[12] Idem, p. 20.

[13] BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles. **A Nova Paróquia**. Coimbra: Gráfica Coimbra, 2010. p. 13.

[14] COMBLIN, Joseph. A Paróquia ontem, hoje e amanhã. In. GREGORY, Affonso Felippe (Ori.). **A Paróquia ontem, hoje e amanhã**. Col. CERIS. Sociologia e pastoral. Petrópolis: Vozes, 1967. p. 10.

[15] Em uma obra que trata da "pastoral paroquial" num ponto de vista mais jurídico, Ivo José Kreutz também fala de "crise da paróquia", citando como principal causa desse colapso a transposição da estrutura rural para a realidade urbana e sua inadequação metodológica. Ver KREUTZ, Ivo José. **A paróquia**: lugar privilegiado da pastoral da Igreja. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. p. 55.

[16] Cf. GREGORY, Affonso (Pe.). As paróquias (urbanas) querem ser verdadeiras comunidades. In. GREGORY, Affonso Felippe (Ori.). **A Paróquia ontem, hoje e amanhã**. Col. CERIS. Sociologia e pastoral. Petrópolis: Vozes, 1967. p. 89-104.

Não é à toa, que no auge das discussões que colocavam em questão o caráter obsoleto e dispensável da paróquia, falou-se de sua "redescoberta" e "revalorização"[17], e padre Michonneau (1961), cujo trabalho inovador à frente da paróquia de Sacre Coeur de Colombes, no subúrbio operário de Paris, começava a ser visto como um modelo de superação a ser seguido, viu nela a "célula primeira" da "recristianização" do mundo[18]. É por isso que em certo sentido também se pode falar, na segunda metade do século XX, de um "renascimento" da cultura paroquial e, de modo mais específico, de um "descobrimento" sociológico da paróquia[19].

Com base numa perspectiva mais sociológica e não desprezando de todo o seu sentido jurídico-canônico vigente (embora em aguda transformação) no período, o de menor porção territorial de uma Diocese que era dado a um pároco como uma posse "feudal"[20], entendo aqui por paróquia um mundo socialmente construído fundamentado na experiência religiosa de grupo. Peter Berger, em sua obra "O dossel sagrado" (1985), argumenta que a religião possuiria o caráter de legitimação e de manutenção da ordem social, participando no empreendimento humano de construção do mundo. Partindo da ideia de que toda sociedade humana é uma empresa de construção do mundo que se dá de forma coletiva, Berger busca entender em sua referida obra o papel da religião nessa tarefa construtiva, argumentando que como constructo humano o mundo construído, ou seja, a cultura humana, é "imperfeitamente programado pela própria constituição, isto é, um mundo que deve ser modelado pela própria atividade do homem", dada a natureza "inerentemente precária e predestinada a mudar" de suas estruturas[21].

Interpretando a sociedade humana (ou o mundo social) como um aspecto da cultura não material produzida pelo homem, que estrutura as incessantes relações do homem com os seus semelhantes, por meio de um processo contínuo de socialização, Berger interpreta o mundo socialmente construído como uma ordenação da experiência humana ou "nomos" dotado de eficiência e significado, mas que dado o seu caráter de instabilidade e provisoriedade congênito, está exposto às forças desagregadoras e perturbadoras da existência humana no tempo e no

---

[17] Ver DILLENSCHNEIDER, Clément, *op. cit*., p. 5.
[18] MICHONNEAU, G. **Paróquia**, **comunidade missionária**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1961. p. 10. Para uma edição original em francês, ver MICHONEAU, Georges. **Paroisse, communauté missionnaire**. Paris: Cerf, 1945.
[19] Ver ALMEIDA, Antonio José de. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009.
[20] FILHO, José Everaldo Rodrigues. **O Estatuto Jurídico das Paróquias no Código de Direito Canônico de 1917 e 1983**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2011. p. 23-26.
[21] BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 18-19.

espaço, isto é, aos riscos constantes da "anomia", pois "todo nomos é um edifício levantado frente às poderosas e estranhas forças do caos"[22].

Diante disso, Berger argumenta que o papel da religião era o de ordenar a realidade social provendo-a de um sentido duradouro de segurança e estabilidade, ou seja, o de transformar a ordem humanamente construída em um "cosmos" sagrado, servindo de um potente escudo contra o terror da anomia. Por sagrado, entende-se aqui, de acordo com a concepção bergeriana, como sendo "uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência", podendo a mesma qualidade ser atribuída ao espaço e ao tempo[23]. Tal propriedade, quando conferida ao espaço, tanto pode abranger o território humanamente habitado, quanto aquele simbolicamente estabelecido e internalizado, isto é, o universo propriamente da cultura[24]. É neste sentido que se pode falar da paróquia rural como um "nomos" ou mundo socialmente construído, alicerçado na experiência religiosa de grupo, já que era na circunscrição territorial da paróquia, no interior da comunidade de fiéis, que o cristão católico nascia, era batizado, crescia, se instruía, casava, recebia o viático e era sepultado, ou seja, procurava estruturar e dar sentido a sua existência com respaldo na religião, participando em sua individualidade dessa ordem coletivamente instituída.

Em face do exposto, entendo por religião, conforme noção desenvolvida por Berger, como um empreendimento humano de cosmificação sagrada, que transcende e inclui o ser humano, exercendo para os que nela aderem uma ordenação da realidade[25]. Conquanto perceba o fenômeno religioso como tendo uma tendência intrínseca para justificar e manter a ordem humana construída, concedendo-lhe uma solidez fundada em razões meta-históricas, isto é, para se tornar um vetor de alienação[26], Berger também atenta para a possibilidade de esta vir a ser desalienante em casos históricos específicos, ainda que sejam esses mais raros e se manifestem de formas distintas nas várias tradições de fé, não concebendo as formações religiosas "como

---

[22] Idem, p. 36-37.
[23] Idem, p. 38-39.
[24] Cf. ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
[25] BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 38; 64. Para um maior esclarecimento sobre o conceito de religião em Peter Berger, cf. TEIXEIRA, Faustino. Peter Berger e a religião. In. TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da religião**: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 218-248.
[26] Por alienação, Berger entende como sendo "o processo pelo qual a relação dialética entre o indivíduo e o seu mundo é perdida para a consciência". Assim, sofrendo o efeito desse processo, "o indivíduo "esquece" que este mundo foi e continua a ser co-produzido por ele", passando a concebê-lo como uma facticidade inexorável análoga à da natureza. Cf. BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 97.

sendo simplesmente resultados mecânicos da atividade que as produziu, ou seja, como "reflexos" inertes de sua base social"[27].

Sublinhando a unilateralidade de uma certa interpretação marxista que toma a fé religiosa como sinônimo de "alienação", Berger chama a atenção para a atuação relativizadora da religião sobre as formações precárias da história humana, fazendo notar sua qualidade "desmacaradora" e "desencantadora" das ambições do poder humano, chegando a inferir que em certas situações esta pode colocar até mesmo em questão o próprio status do mundo empírico[28]. Assim, realçando o caráter paradoxal da religião, ele diz que esta se manifesta na história "quer como força que sustenta, quer como força que abala o mundo", sendo que nessas duas manifestações ela tem sido tanto uma potência alienante quanto desalienante[29]. Com isso, Berger ressalta a dimensão ideológica da religião e seu papel social enquanto instrumento produtor de sentidos e agente construtor de realidades, inferindo que toda estrutura social é o resultado de determinados movimentos no reino das ideias, no qual também se situa o fenômeno religioso[30].

Semelhante entendimento é formulado por Antonio Gramsci em seus "Cadernos do cárcere". Embora trate a religião segundo uma visão imanentista, não a concebendo como expressão da transcendência, Gramsci reconhece no fenômeno religioso uma manifestação da cultura profundamente motivada e rica de significados, se ocupando, sobretudo, em investigar as correlações entre a política e a fé religiosa em sua ocorrência na história. Entendendo a religião como uma forma específica de ideologia, de concepção de mundo, condicionada pela produção material e suas correspondentes relações sociais, capaz de moldar valores e visões de mundo e orientar atitudes e ações, segundo uma determinada ética, Gramsci chama a atenção para o fato de uma religião confessional não se constituir num conjunto ideológico homogêneo, mas numa unidade seccionada de acordo com as concepções de mundo dos vários grupos sociais que formam a sociedade onde está inserida.

Em sua análise sobre a temática religiosa, de modo especial sobre o Cristianismo, o pensador marxista destaca o papel do sistema religioso encarnado em sua forma institucionalizada na Igreja e a relevância da cultura religiosa entre as classes populares, apresentando a religião como uma instituição possuidora de contradições, ora se manifestando

---

[27] BERGER, Peter, *op. cit*., p. 108-109.
[28] Cf. BERGER, Peter L. **Rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 210. Ver também BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 108-112.
[29] BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 112.
[30] Idem, p. 165.

na história como força revolucionária, ora como expressão da alienação das massas[31]. Percebida, portanto, como uma ideologia dotada de força política e detentora de uma carga potencialmente transformadora, Gramsci critica uma certa visão marxista que encara a religião automaticamente como o "ópio do povo", alegando que esta não é necessariamente conservadora e "opiácia" por natureza, mas se torna tal quando, superada por uma concepção superior do mundo, impede toda evolução e se converte num freio à iniciativa e à emancipação ideológica e política das massas.

Falando de outra maneira, para Gramsci, são os grupos sociais e suas instituições que imprimem na religião as diferentes facetas que esta assume, podendo ser utilizada tanto como força de transformação social e de expressão da revolta das massas, quanto como força de manutenção da ordem e de alienação das classes subalternas, quando domesticando as consciências, se revela funcional às estratégias de poder da classe dominante. Assim, mesmo admitindo a possibilidade de a ideologia religiosa tornar-se um vetor de libertação, de resistência e luta entre a classes dominadas, sobretudo da classe camponesa, principal herdeira dessa forma de concepção de mundo na visão gramsciana, o filósofo italiano enxerga nessa alternativa um fator de limitação, já que para ele a religião, e de forma mais específica, o cristianismo em sua versão institucionalizada na Igreja, se distinguia por ser uma ideologia inexoravelmente determinada por uma passividade estrutural e funcional à manutenção do *status quo*[32].

Desvendando, assim, a imbricada relação entre política e crença religiosa, o pensador marxista italiano revela por trás do edifício da fé as "maquinações" sinuosas do poder, concebendo a religião como uma representação ideológica dotada de potência política. É neste ponto em que se entrelaçam crenças e práticas religiosas e argúcias políticas do poder, que as reflexões gramscianas sobre o fenômeno religioso nos servem como instrumento norteador para a compreensão do problema explicitado nessa pesquisa. Por poder, refiro-me aqui, com base na concepção desenvolvida por Michel Foucault, a um modo de agir de uns sobre os outros, a uma prática social historicamente construída, baseada numa relação de forças não necessariamente coercitiva[33]. Situando o exercício do poder no campo do governo, isto é, no direcionar,

---

[31] As reflexões gramscianas sobre o fenômeno religioso encontram-se distribuídas principalmente nos "Cadernos do Cárcere", obra do autor editada em vários volumes. Para uma melhor compreensão do conceito de religião em Antonio Gramsci, ver PORTELLI, Hugues. **Gramsci e a questão religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984 e também SILVA, Anaxsuell Fernando da. Ópio, conforto ou esperança? A concepção de religião em Gramsci. **Caminhos**, Goiânia, v. 8. n. 2, p. 147-162, jul./dez., 2010.

[32] Cf. SCIARRETA, Massimo. Gramsci, o liberacionismo e a potência política da religião. **Revista En-Fil**. Encontros com a Filosofia, Rio de Janeiro, v. 4. n. 5, p. 1-18, jul. 2015.

[33] Cf. FOUCAULT, Michel. Como se exerce o poder? In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 239-249.

conduzir, governar o outro, com base em estratégias como aconselhamento, incentivo, motivação, indução, no facilitar, favorecer, limitar, desviar ou dificultar e etc., Foucault demonstra que o poder não está localizado ou concentrado em uma instituição, e nem tampouco é algo que se transmite por meio de contratos políticos ou jurídicos, mas ultrapassando o nível estatal se encontra presente por toda a sociedade, estando dissolvido por todo tecido social[34]. É nesse sentido que ele afirma que só há poder exercido por "uns" sobre os "outros", que o poder só existe em ato, em ação, ainda que se inscreva num campo de possibilidade esparso apoiado sobre estruturas permanentes[35].

Assim, concebendo o poder como uma operação política através do corpo social possuidora de uma eficácia produtiva, de uma riqueza estratégica, Foucault critica os modelos teóricos que o encaram como sendo algo essencialmente negativo, cujo modo básico de intervenção sobre os sujeitos só se dá em forma de violência, coerção, opressão ou oposição, demonstrando que sua função, antes de tudo, é a de gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações, para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades, visando, também, diminuir os riscos políticos de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, objetivando torná-los "dóceis" politicamente[36].

Contrapondo a noção clássica de poder como dominação, violência e repressão à noção inspiradamente nietzschiana de poder como luta e enfrentamento, cujo principal dispositivo é o governo (o ato de conduzir condutas), Foucault dirige a analítica do poder ao problema básico do seu funcionamento, retornando à filosofia grega e à antiga hipótese do político como pastor de homens, para daí estabelecer a genealogia das relações de poder de um outro ponto de vista[37]. É nesse contexto da análise foucaultiana do poder, que ele desenvolve suas discussões sobre o que chamou de "poder pastoral" ou de "pastorado", de relevante importância para o entendimento desse trabalho[38].

De um modo geral, se pode dizer que a característica mais importante do pastorado cristão e que o diferencia do tipo de poder político tradicional, é o fato de este atuar sobre um rebanho em movimento, pois enquanto o poder de tipo soberano atua sobre um território, o poder

---

[34] Cf. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
[35] FOUCAULT, Michel. Como se exerce o poder? *op. cit.*, p. 242-244.
[36] Cf. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. p. 15-16.
[37] Para um aprofundamento da noção de poder em Michel Foucault, ver DELEUZE, Gilles. As estratégias ou o não-estratificado: o pensamento do lado de fora (poder). In. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 78-100.
[38] Cf. FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Trad. Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 219.

exercido pela figura do pastor alcança toda a coletividade e a cada um de seus membros em particular, estando nisso sua diferença essencial. O pastor, como chefe condutor do rebanho, é aquele que sabe o que é melhor para a salvação das ovelhas e que caminhos estas devem seguir para alcançar tal objetivo, devendo cada uma delas, reconhecer e aceitar a sua autoridade maior, pois ela representa a vontade do próprio Deus[39]. Quando a Igreja cristã institui no século IV a paróquia como uma "miniatura" territorializada da comunidade eclesial unificada na diocese e na figura do bispo, colocando-a sob o cuidado de um presbítero (o pároco, do grego *párochos* ou *parochéin*, que significa condutor ou distribuidor, o que transporta e distribui o alimento "espiritual"), é em torno destas relações de poder que ela se estrutura[40].

Assim, o conceito de pastorado é importante nesse trabalho, porque contribui para pensar as práticas pastorais incentivadas e desenvolvidas pelo vigário Ernesto em Cruzeta, para além de seu caráter e sentido político-ideológico subjacente, como uma relação de forças, de "dominação", estabelecida entre Igreja e comunidade paroquiana, em que o pároco, seu representante institucional imediato, assume uma posição de "guia espiritual", de "dirigente de almas" diante daquela, a qual pode ser tipificada na relação de um pastor com o seu rebanho. Ao tipificar essa relação como sendo uma relação de "dominação", quero antes me referir com isso a um vínculo que se estabelece sem o uso da força coercitiva, em que os "dominados" fazem uma adesão a ele de forma consentida, aceitando e partilhando suas regras e crenças como se fossem "naturais", não reconhecendo de forma consciente o caráter arbitrário de tais regras "impostas" pelas autoridades dominantes, a que Pierre Bourdieu chamou de "dominação simbólica"[41].

Pensar tal relação a partir do consentimento velado, ou como diria Foucault, da sujeição consentida, é enxergar por trás da trama a que ela dá vida o seu jogo de cumplicidade. E não seria em função dessa conveniência que a Igreja iria abdicar do privilégio exclusivo de pastor, estendendo-o ao leigo tanto quanto lhe parecesse útil, a pretexto de resgatar o "operário do campo" dos perigos de "forças heterogêneas", tornando aquele também pastor de seus semelhantes, no campo, no sindicato, no clube ou em outras instituições sob a influência da paróquia? Se, pois, no modelo de "paróquia tradicional" o poder pastoral passava e se concentrava basicamente na figura do pároco, seu pastor por direito e excelência, a quem toda comunidade devia total obediência e submissão, no arranjo de uma paróquia que se deseja

---

[39] Idem, p. 234-235.

[40] Ver sobre essa questão ALMEIDA, Antonio José de. A trajetória histórica da Paróquia. In. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 41-47.

[41] Para uma melhor compreensão do conceito, cf. BOURDIER, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

"modernizada" (renovada), para ficarmos nos termos dados por Bassini[42], este poder devia passar também pelo traquejo do leigo, para atender, como se supõe, um imperativo maior de ordem missionária. Foi em atendimento a essa necessidade já sentida como "urgente" por toda Igreja, que o vigário Ernesto institui a JAC e, posteriormente, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, como forças moventes na comunidade.

É neste ponto que faz todo sentido pensar como Foucault que o verdadeiro problema da relação entre religião e política, entre governo e pastorado, se encontra enredado na figura do pastor, do ministro de almas, já que a ela é confiada a direção das consciências[43]. A questão ganha um aspecto mais palpável se colocada sob o efeito de análise desse estudo. Não foi sob o temor dos riscos políticos representados pelo êxito da Revolução Cubana e em defesa do "patrimônio" cristão, que o episcopado brasileiro elaboraria seu primeiro plano de ação pastoral em caráter de emergência, atendendo ao pedido expresso do Papa João XXIII aos bispos latino-americanos, de que adotassem medidas eficazes para melhorar as condições religiosas e sociais do povo, a partir da paróquia?[44]

É, pois, nos limiares onde se cruzam esfera religiosa e esfera política da experiência social de grupo, que se situam as implicações desse trabalho. Ele busca perscrutar alguns entendimentos sobre um campo da historiografia brasileira que vem acendendo desde longa data o debate em torno da confluência entre instituição católica e política no Brasil[45], tomando a experiência da "renovação paroquial" como objeto de investigação.

Porém, não se pretende tomar o caso da paróquia de Cruzeta como um modelo instituído, embora ele participe desse movimento mais amplo como um caso-efeito irrompido em plano nacional e até internacional. Trata-se, portanto, de ver na particularidade do processo local e imediato os elementos que se conectam com os processos mais amplos e que com maior facilidade se podem definir como propriamente históricos, pois, "a história local não é necessariamente o espelho da História de um país e de uma sociedade", nem pode ser concebida

---

[42] BASSINI, Pedro Felix. Para onde vai a Paróquia? In. **Vida Pastoral**: Revista Bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral, São Paulo, v. 48, n. 253, p. 21-25, janeiro-fevereiro de 2007. p. 22-23.

[43] FOUCAULT, Michel, *op. cit*., p. 253-254.

[44] Cf. AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2 – Terceira época (1930-1964). Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. p. 633. Para uma consulta ao Plano de Emergência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, cf. CNBB. **Plano de Emergência para a Igreja do Brasil (1963)**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004. (Cadernos da CNBB, 1).

[45] Um exemplo importante é o trabalho de MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989. Também podem ser citados, dentre outros, o trabalho de BRUNEAU, Thomas C. **O catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974 e o de ROMANO, Roberto. **Brasil**: Igreja contra Estado. São Paulo: Kairós, 1979.

como uma "história-reflexo", porque, se assim fosse, negaria a singularidade desses processos[46]. Isso não ignifica dizer que não exista uma relação entre a história local e a História.

Muito tem servido como orientação o caminho descerrado por Riolando Azzi (2008) de que no Nordeste as novas experiências de renovação paroquial, que tinham como finalidade uma maior atenção às questões de ordem social, apareceram vinculadas com a preocupação dos bispos pela questão agrária. Em seu ensaio sobre a história da Igreja no Brasil, ele destaca o exemplo da atuação de Dom Eugênio Sales, na arquidiocese de Natal, estado do Rio Grande do Norte, com a qual a diocese de Caicó manteria ações conjuntas, especialmente no âmbito da educação popular e do sindicalismo rural. Atingindo toda a província eclesiástica potiguar, essas ações seriam implantadas na paróquia de Cruzeta a partir das ações pastorais do padre Ernesto Espínola e do bispo dom Manoel Tavares de Araújo, personagem que segundo Collard, pertenceu ao núcleo inicial do chamado "Movimento de Natal"[47].

Entretanto, no que concerne à educação das massas e a organização do campesinato, o autor observa que elas remontam ao final dos anos 1940, com o bispado de Dom José de Medeiros Delgado em Caicó, o qual pode ser considerado o pioneiro de uma renovação pastoral rural no Brasil[48]. É por isso que se pode dizer que a Diocese de Caicó foi um dos berços da renovação paroquial rural brasileira. Das ações pioneiras encetadas por dom José Delgado em Caicó brotaria em solo brasileiro as primeiras secções de JAC e de experiências cooperativistas e de crédito com o fito na organização do homem rural[49]. Talvez, isso ajude a entender a linha progressista com a qual se identificaria a maior parte do clero diocesano seridoense, do qual o padre Ernesto Espínola despontaria como um vulto de destaque, nos anos subsequentes e imediatamente anteriores ao golpe civil militar de 64, e que teria na figura de Dom Helder Câmara (1909-1999) sua inspiração mais cabal[50].

---

[46] MARTINS, José de Souza, *op. cit*., p. 12.

[47] COLLARD, Alberto Eugênio. **O Nordeste na encruzilhada dos caminhos M.E.B.R.A**. Bélgica: Dumanche, 1964. p. 82-83. Sobre as experiências de trabalho social desenvolvidas pela Igreja Católica no Rio Grande do Norte, especialmente no âmbito do chamado Movimento de Natal, cf. ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. (Org.). **Igreja e política no RN**: momentos de uma trajetória. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2000 e CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. **Igreja e Desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, 1971.

[48] AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2 – Terceira época (1930-1964). Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. p. 570; 592.

[49] Idem, p. 592. Sobre as ações pastorais de Dom José Delgado em Caicó, cf. BRITO, Paula Sônia de. **A luta do Bispo Dom José de Medeiros Delgado por educação escolar para todos (Caicó-RN, 1941-1951)**. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal/RN: UFRN, 2004.

[50] DOM Helder, a esperança da Igreja no Nordeste. **A Fôlha**, Caicó/RN, 11 de abr. 1963. p. 01. Sobre a influência e atuação de Dom Helder Câmara na Igreja brasileira, ver PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Hélder Câmara**: entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997.

Não obstante, é sempre bom lembrar que sendo a instituição católica um organismo de amplitude e atuação universal, essa se revela altamente complexa e heterogênea em seu interior, fazendo-se necessário analisá-la a partir de sua operacionalização mais localizada, não desconsiderando também suas posturas contraditórias. É por isso que optei por falar de uma Igreja local para aludir a seu corpo organizacional em nível mais diocesano e celular, o da paróquia rural.

Cabe ainda ressaltar que não é pretensão deste trabalho fazer uma história da paróquia desvinculada dos sujeitos sociais que lhes dão vida e sentido. Com isso, buscarei tanto quanto for possível falar mais de homens e sujeitos individuais que de instituições e organismos burocráticos ou coletivos, pois, como já colocava Fernando Torres-Londoño, "junto com a paróquia e em muitos casos prescindindo desta, ou atuando nela com maior influência, esteve sempre presente a comunidade dos cristãos", que, composta por leigos atuantes, se sentem particularmente "Igreja" e incumbidos de representa-la, mesmo que sejam desconhecidos[51]. Essa postura teórica nos coloca diante do problema das fontes, uma vez que não me deterei no aspecto formal (jurídico) e institucional da paróquia, mas naquilo que ela transporta de humano: a comunidade de fiéis envolvente. É por isso que as fontes meramente institucionais ou paroquiais, aquelas que foram acumuladas e conservadas como registro de fatos e experiências passadas do grupo, não são suficientes para responder aos questionamentos e problematizações suscitadas pelo exame da experiência comunitária, sendo necessário agregar à estas outras fontes e materiais de natureza e procedência diversas que ajudem a dá sentido ao problema levantado pela pesquisa.

Assim, não me preocupei apenas em procurar nos registros eclesiásticos, nos velhos livros de tombo ou em relatórios e informes de movimentações paroquiais, os fragmentos de experiências passadas que me ajudassem a responder ou deslindar as questões colocadas. Uma gama outra de documentos também foi reunida e perscrutada no sentido de cooperar com a tarefa de reconstrução histórica, já que a experiência histórica paroquiana vai além das fronteiras dos domínios institucionais. Para isso, muito contribuíram as narrativas orais recolhidas de sujeitos participantes, protagonistas ou não, que com sua parcela de atuação também fizeram parte dessa trama. Naturalmente, por isso, foi de muita importância o trabalho

[51] TORRES-LONDOÑO, Fernando. (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil**: perspectiva histórica. São Paulo: Paulus, 1997.

com a memória, aqui confrontada, como um dos possíveis registros sobre o que passou ou que ficou como herança do vivido[52].

Também foram de muita valia os materiais jornalísticos recolhidos do jornal a *Fôlha*, que circulou na região entre os anos de 1954 e 1967, de propriedade da Diocese de Caicó (RN), bem como uns e outros fragmentos documentais de posse dos sujeitos atuantes ou reproduzidos de algumas instituições públicas locais, como registros cartoriais, dados estatísticos e outros documentos recolhidos nos arquivos municipais. Muito rico é ainda o acervo fotográfico da Festa da colheita que integra o *corpus* documental dessa pesquisa, o que possibilitou uma análise mais ampliada e abrangente do objeto. A pesquisa ainda se valeu de relatos memorialísticos e outras fontes mais suplementares levantadas cuidadosamente nos arquivos da cúria diocesana, além de pesquisa bibliográfica.

De especial importância foram os dados e informações retirados dos livros de Tombo sobe a guarda da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Cruzeta. Mesmo que se tratem de fontes eclesiásticas e representem o olhar clerical sobre a sociedade e o mundo, estes registros paroquiais são de muita importância para os estudos historiográficos, uma vez que também trazem subsídios muito úteis para o trabalho de pesquisa sobre as interações sociais ou formas de sociabilidades e, por conseguinte, para a reconstrução da história local[53]. Eles ainda são importantes porque possibilitam o entrecruzamento de informações para a compreensão dos mais diversos aspectos da sociedade como o religioso, o político, o social e o econômico, permitindo conhecer determinados fatos e acontecimentos de repercussão localizada e até de rebatimentos mais amplos, nem sempre acessíveis em outras fontes cartoriais, contribuindo para o estudo das "atmosferas mentais" que os envolveram.

São manuscritos escritos em português corrente e alguns deles exibindo alguma afluência de detalhes, que revelam o zelo e o cuidado do autor em perpetuar uma dada memória dos fatos que descrevem. Exaradas numa linguagem clara, direta e objetiva, estas narrativas carregam essencialmente o valor de "testemunho do passado", já que sua função original é intencionalmente a de corroborar o fato acontecido (na qualidade de verdade, do qual serve como prova), vinculando-o a uma memória oficial e institucional (a da Igreja Católica em sua circunscrição territorial e demográfica imediata: a paróquia) que se deseja eternizar (transmitir como saber), fruto da consciência mais ou menos deliberada de quem as produziu.

---

[52] Cf. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 36.

[53] Ver ARZANI, Alessandro; RODRIGUES, João Paulo P. Paróquia São José: interação da comunidade católica segundo os registros paroquiais do município de Cambira – Paraná (1959-1964). **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR), v. 3, n. 9, p. 1-16, jan/2011.

Estes documentos se constituem, por isso, em artefatos de uma instituição de poder, de uma chancelaria eclesiástica da qual o pároco é seu encarregado jurídico e agente preposto, ao mesmo tempo em que também representam o testemunho desse poder sobre esse território. É por esse motivo que os registros tombo paroquiais precisam ser interpretados em suas particularidades e entendidos no contexto de sua época e produção, devendo ser analisados de forma crítica, pois são sempre construções de determinados sujeitos históricos, também estes, construções históricas de determinada esfera social. Daí a necessidade de se perceber nos pequenos gestos e insinuações transportados pelos discursos as intenções mais secretas e os interesses exclusos ali velados[54].

Ressalte-se ainda a particular importância que os livros de tombo paroquiais possuem para a escrita de uma história social da Igreja, já que geralmente incluem em seu *corpus* documental anotações referentes ao histórico da paróquia, relatórios do seu movimento, avisos, cartas circulares, visitações pastorais, noticiário de festividades, missões religiosas e outros escólios, que podem ser utilizados na persecução de uma história não mais unicamente amparada nos feitos de homens de vulto do passado, mas também na vida dos grupos ou extratos sociais menos favorecidos[55]. Em lugares onde a prática de se organizar arquivos, centros de documentações ou bibliotecas é ainda muito precária ou pouco desenvolvida, como é o caso da realidade cruzetense, esses acervos paroquiais se constituem em suportes fundamentais no trabalho de investigação histórica, colaborando na difícil tarefa de reconstituição do passado.

Por fim, resta-nos ainda considerar o alcance dos registros de tombo no estudo das populações ou comunidades cristãs católicas, aparecendo como porta de acesso para o conhecimento histórico do universo paroquial e do cotidiano de fregueses e freguesias ao fornecer rudimentos básicos e indícios informativos enriquecedores na busca da recuperação do passado da igreja e da vida cotidiana paroquial dos cristãos de outras épocas, como também da sociedade civil situada no âmbito da paróquia[56].

Entretanto, é importante assinalar uma limitação epistemológica colocada por essas fontes. Mesmo que nos sirvam como base documental para entender a visão de mundo de certa parcela do clero católico e da comunidade de fiéis na circunscrição territorial da paróquia e da freguesia e, no caso particular, da experiência histórica local, do distrito e do município, são

---

[54] Ver BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (ORG.). **Fontes históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-79.

[55] BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. As fontes para a História Social do Brasil Meridional. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 49-56, 1º semestre de 1987. p. 50.

[56] TORRES-LONDOÑO, Fernando. Cotidiano paroquial e Livros de Tombo. **Revista de Cultura Teológica**, ano 2, n. 7, p. 95-103, abr./jun., 1997. p. 103.

pouco sintomáticas quando se tratam de revelar o olhar e as sensibilidades tácitas dos sujeitos leigos sobre a própria experiência vivida, por conseguinte, sobre o mundo onde atuaram, embora também estes estejam ali de algum modo representados.

Procurei com o intuito de dar maior coerência ao texto da narrativa dividir este trabalho em três capítulos articulados. No primeiro capítulo, busquei examinar numa perspectiva mais biográfica o contexto em que se insere as ações pastorais do padre Ernesto em Cruzeta, como também o processo de formação intelectual que contribuiu para a tomada de uma nova postura do sacerdote frente as contingências sociopolíticas e culturais do período.

No segundo capítulo, procurei mostrar através de uma análise mais microscópica e descritiva dos fatos como se encontrava a situação da vida, dos costumes e do cotidiano dos paroquianos cruzetenses que compartilhavam o território da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios no momento em que o padre Ernesto Espínola assume seu primeiro paroquiato em Cruzeta. Busquei ainda nesse capítulo dar maior evidência aos aspectos que marcavam a vivência de grupo, como os momentos de festar, celebrar e conviver, que tornavam mais visível a experiência comunitária paroquiana e que também estavam associadas a uma velha ordem instaurada e acordada em comum, a qual começará a ser modificada com a chegada do novo vigário. Achei por bem introduzir nessa oportunidade uma discussão introdutória a respeito da condição da juventude católica do "tempo do padre Ernesto", porque, como se verá no terceiro capítulo, é a ela que será confiada o encargo de maior presteza na tarefa de transformação das estruturas sociais agrárias da comunidade.

Partindo do contexto local e regional, procurarei no terceiro e último capítulo analisar a instituição, organização, atuação e declínio da Juventude Agrária Católica (JAC) em Cruzeta, um movimento da Ação Católica especializada, que tinha o objetivo de organizar e evangelizar os jovens rurais, sob a orientação eclesiástica com base na doutrina social da Igreja, como também de promover melhorias nas condições de vida da população local. Juguei conveniente dedicar um capítulo especial à JAC por ter sido ela um importante agente no processo de renovação paroquial liderado em nível mais local pelo vigário Ernesto, sem a qual muitas de suas realizações, especialmente na organização e evangelização dos trabalhadores rurais, talvez, não tivessem sido possíveis. À JAC deveu-se, inclusive, a organização e realização da primeira Festa da Colheita realizada em 1961 no município, além de outras ações empreendidas no âmbito social e educacional da comunidade paroquiana, como a criação e desenvolvimento do Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC) em 1959 (o clube social) e da implantação da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) em 1964. É por isso, que o movimento

de renovação paroquial local, não pode ser estudado e nem entendido adequadamente sem que se dê a devida importância a atuação da JAC nesse processo.

CAPÍTULO 1.

UM NOVO VIGÁRIO NA CASA DE DEUS

1.1. A Posse e as primeiras ações

Os paroquianos cruzetenses ainda se achavam de luto quando o novo vigário acompanhado de uma pequena comitiva abordou a comunidade a fim de tomar posse de sua nova Paróquia. Chamava-se o reverendo cura Ernesto da Silva Espínola e havia sido designado pelo então bispo diocesano de Caicó, Dom José Adelino Dantas, para suprir o governo pastoral daquela circunscrição eclesiástica, que se tornara vacante em decorrência da morte inesperada de seu vigário titular. Era uma tarde de dezembro de 1957. O ponteiro do relógio marcava aproximadamente dezessete horas e trinta minutos. Em volta do clérigo, que aparentava não ter mais que 30 anos, três jovens seminaristas lhe faziam a escolta, enquanto o povo reunido na matriz aguardava atento a chegada do préstito. Entre olhares de surpresa e acenos de boas-vindas, teve início a solenidade de posse, que se processou "com grande simplicidade, obedecendo o cerimonial prescrito". Feita a leitura da "Provisão"[57] e a recepção das "chaves da Igreja" e proferido o "juramento" e a "profissão de fé", o novo vigário celebrou a "Santa Missa" em intenção do povo, a qual foi assistida por todos os paroquianos ali presentes, apesar da aparente manifestação de tristeza no semblante de muitos[58].

Há pouco menos de duas semanas, uma desoladora notícia se espalhara pela localidade deixando a comunidade paroquiana profundamente abalada: o Cônego Ambrósio Silva, vigário paroquial, havia morrido. Dois anos daí tinham se passado desde o dia em que o reverendo pároco sofrera um grave acidente de automóvel nas vizinhanças da cidade paraibana de Picuí, lhe causando profundos ferimentos, começando nessa ocasião "a demolição lenta e invisível de sua invejável robustez física". Mesmo gravemente ferido conseguiu recuperar-se e retomou o ritmo de suas atividades ministeriais como era de seu costume[59].

---

[57] A provisão de pároco ou de vigário paroquial é o decreto de nomeação de um clérigo emitido pelo bispo da diocese ou outra autoridade eclesiástica competente, pelo qual este se encontra autorizado a tomar posse e a assumir os encargos administrativos e pastorais de uma Paróquia.

[58] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993)**. Cruzeta-RN. p. 31.

[59] DANTAS, Dom José Adelino. Página de luto. In. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993)**. Cruzeta-RN. p. 27.

No dia 23 de novembro do corrente ano, achando-se na cidade de Cruzeta em pleno exercício de seu ministério, por ocasião da festa de Santa Terezinha, em companhia do religioso carmelita Frei José Maria Casanova, seu grande amigo, foi o Cônego Ambrósio acometido de um "mal súbito". Transportado para Acari (RN), onde residia, recebeu os socorros médicos de urgência, vindo horas depois a recuperar-se aparentemente e a retomar a direção de todos os atos religiosos. Os médicos que o examinaram diagnosticaram "insulto espasmo cerebral" e "derrame". Três dias após, novo insulto e muito mais grave, levou o caso ao estado de alarme. Na tarde do dia 29, diante do seu agravante estado de saúde resolveram os médicos assistentes transportá-lo a Natal, a fim de lhes proporcionar um tratamento mais especializado, com a aparelhagem de que dispõe os melhores médicos da capital. Não tendo, porém, resistido a viagem, veio a falecer as cinco horas e trinta minutos do dia primeiro, com 58 anos de idade, na cidade de Santa Cruz (RN), onde já se encontrava internado e em estado de coma, para a grande comoção de seus paroquianos cruzetenses, que afluíram em massa a vizinha cidade do Acari, onde lhe estava sendo velado o corpo, com a intenção de lhes prestar suas últimas homenagens[60].

A chegada do padre Ernesto foi cordialmente recebida por seus novos paroquianos, que apesar de ainda se acharem condoídos com a ausência do ex-vigário, não tiveram maiores problemas em acolher o novo pároco. Contava este naquela altura com 29 anos de idade, e como se tratava de um padre recém ordenado na diocese sua identidade não era de todos conhecida, não obstante, sua aparência familiar. De fato, como se pôde constatar em informações recolhidas no local, antes mesmo de ingressar no Seminário, o novo vigário já estivera algumas vezes na localidade para auxiliar o Cônego Ambrósio Silva nas celebrações litúrgicas, quando era "coroinha" na Matriz de Nossa Senhora D'aguia do Acari[61]. Sendo o Cônego Ambrósio "vigário colado"[62] daquela freguesia, ocorria muitas vezes de o jovem assistente, e depois padre, acompanhá-lo à comunidade de Cruzeta com a missão de acolitá-lo no ministério sagrado do

[60] FALECEU o Cônego Ambrósio Silva. **O Poti**, Natal/RN, 1 dez. 1957. p. 4, 7. Cf. também DANTAS, Dom José Adelino, *op. cit*., p. 27-28.

[61] Diz-se do jovem leigo que assiste o sacerdote na celebração da Missa. É o serventuário do altar. Quando adulto é chamado de acólito, podendo ter sua função exercida pelo "sacristão". MAIA, Antônio. **Pequeno dicionário católico**. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1966. p. 9. Ver também LOURENÇO, José (Pe.). **Dicionário da Doutrina Católica**. Porto: [s.n.], 1945. p. 11.

[62] Chamava-se "vigário colado" o sacerdote indicado pelo bispo diocesano para assumir em caráter vitalício o governo de uma paróquia canônica e legalmente constituída, não podendo ser dela removido. Essa prerrogativa não gerava impedimento do exercício da cura pastoral em outras circunscrições eclesiásticas, sendo muito comum a existência de vigários calados que também serviam em paróquias desprovidas de sacerdote. MAIA, Antônio. **Pequeno dicionário católico**. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1966. p. 217.

altar ou tomar parte em outros eventos litúrgicos. Apesar disso, sua presença na localidade era para muitos moradores uma novidade[63].

Os labores do ofício começaram bem cedo para o novo vigário. Um registro paroquial, provavelmente lavrado no período, revela que mesmo antes de ser empossado o jovem padre já havia assumido os trabalhos pastorais na freguesia, dando início as obras do calçamento externo da Matriz e vindo a conclui-las nos primeiros dias de sua posse, ficando os serviços na sua ausência sob a administração do tesoureiro da Paróquia[64]. É muito provável que nesses dias que antecederam ao ato de posse, o jovem vigário tenha realizado algumas visitas prévias a sua nova paróquia com o intuito de tomar ciência das organizações pastorais ali existentes, avaliar as condições do templo, conferir os livros paroquiais e os objetos de culto e ainda para ficar a par da situação financeira e contábil da instituição, dedicando seus primeiros momentos a realizar tais tarefas e obrigações, como era recomendado pelos documentos canônicos[65].

Nesse tempo, a Paróquia de Cruzeta era ainda uma jovem circunscrição eclesiástica pertencente a Diocese de Caico, detentora de um patrimônio modesto, onde viviam distribuídos numa extensão de 256 km² espremidos entre as paróquias de Acari, Florânea, Caicó, Currais Novos e Jardim do Seridó (ver mapa da página 32), pouco mais de 5 mil almas, 65% das quais se concentravam no campo[66]. Um arrolamento do "movimento espiritual" e "de todos os bens pertencentes a Capela de Nossa Senhora dos Remédios", produzido pela autoridade eclesiástica por ocasião da ereção da Paróquia homônima, em 1944, nos dá uma ideia aproximada, na

---

[63] Essa observação se sustenta, principalmente, nas informações prestadas pelo senhor Joafran Stenio da Silva Santos, atual secretário da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Cruzeta. Em sua elucidação, ele revela que naquela época, por ser usado o latim nas liturgias católicas, os acólitos ou coroinhas eram preparados pelos padres para o conhecimento desta língua e, assim, os auxiliarem nas celebrações litúrgicas, sendo, por isso, muito comum que os acompanhassem nas localidades por estes assistidas.

[64] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1** (1944-1993). Cruzeta-RN. p. 30.

[65] Essas obrigações que incidiam sobre o vigário no serviço de uma nova Paróquia parecem-me ter base no Código de Direito Canônico vigente no período. Cf. **The 1917 Or Pio-benedictine Code of Canon Law**. In english translation with extensive scholarly apparatus. Trad. Edward N. Peters. San Francisco: Ignatius Press, 2001. p. 180-184. Ver também BORGES, José Libânio. **Sumário dos direitos, privilégios e obrigações comuns ou gerais dos párocos**. Guimarães: Cidade Berço, 1960. p. 40-108.

[66] Os limites territoriais da Paróquia de Cruzeta foram ainda estabelecidos em 1944, através do Decreto nº 25 expedido por Dom José de Medeiros Delgado, então primeiro bispo de Caicó, quando Cruzeta era ainda um Distrito pertencente ao município de Acari. Como a configuração territorial do município se inscreve na circunscrição da Paróquia que o antecede, optei por adotar neste estudo o dado referente a superfície espacial daquele, dada a inexistência de dados mais concretos sobre a extensão territorial do espaço eclesiástico. Para um melhor entendimento sobre os limites territoriais da Paróquia de Cruzeta, cf. CÚRIA DIOCESANA DE CAICÓ. **Decreto nº 25, de criação da Paróquia de Cruzeta, emitido por D. José de Medeiros Delgado, por mercê de Deus e da Santa Sé Apóstolica, Bispo de Caicó, etc**. Caicó, 13 de novembro de 1944, reg. liv. 2, n. 318, fls. 13. Sobre os dados demográficos e estatísticos utilizados, cf. IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, 1960. v. XVII. p. 57.

ausência de rudimentos bibliográficos e de fontes formais mais contemporâneas[67], da "situação paroquial" encontrada pelo novo vigário quando do momento de sua posse:

1. *Quanto aos bens "imóveis" que integravam o Patrimônio da Paróquia*: 1 (um) terreno próprio para edificação, "constando mais ou menos de umas trezentas braças de frente" e onde se encontra construído o templo de Nossa Senhora dos Remédios e as edificações que arranjam a "Vila"[68], pagando o foreiro de cada palmo ocupado ao patrimônio da Capela a taxa de Cr$. 0,10, dando uma renda anual de cerca de mil cruzeiros; 1 (uma) edificação de tijolo e telha, com 7 compartimentos, destinada a sede paroquial; e mais outra também de tijolo e telha, adquirida através de doação. (Inclui-se ainda nessa relação o sítio do patrimônio da paróquia (Água Doce), adquirido através da alienação para a manutenção do vigário)[69].
2. *Quanto aos "objetos dedicados ao culto"*: 3 (três) altares com 8 (oito) imagens, 23 (vinte e três) toalhas de altar, 4 (quatro) guarnições de castiçais com os crucifixos, 14 (quartoze) guarnições de flores artificiais, 3 (três) missais, 3 (três) estantes para missal, 1 (um) cálice, 2 (duas) ambulas, 2 (duas) pátenas, 20 (vinte) lastros (forros dos altares), 8 (oito) sanguíneos, 2 (dois) corporaes, 4 (quatro) alvas, 5 (cinco) roquetes, 1 (um) ritual, 1 (um) sacrário de madeira, 1 (uma) campainha, 1 (uma) comenda, 1 (um) véu de ombro, 8 (oito) manustegios, 1 (um) turíbulo, 1 (um) estojo de galhetas, 1 (um) par de arandelas, 69 (sessenta e nove) jarros, 2 (duas) bacias, 1 (um) lavatório, 5 (cinco) cazulas, 2 (duas) estolas, 2 (dois) singulos, 4 (quatro) estandartes, 2 (duas) bandeiras, 5 (cinco) tapetes, 1 (um) genuflexório, 2 (duas) mesas, 4 (quatro) banquinhas, 1 (um) órgão, 3 (três) charolas, 4

[67] Infelizmente, não foi encontrado nos assentamentos poroquiais ou no arquivo da Cúria Diocesana de Caicó, nenhum documento oficial, que nos indicasse a situação encontrada pelo Padre Ernesto quando de sua Posse da Paróquia de Cruzeta, em 1958, o que é algo de se notar, já que não era incomum os novos vigários remeterem a autoridade diciosana pelo menos um relatório de como estavam "recebendo" a nova Paróquia.

[68] Só em novembro de 1953, o centro urbano de Cruzeta conquistaria foros de cidade, tendo o seu município delimitado. Cf. GOES, Terezinha de Jesus Medeiros. **Noções de geografia e história do município de Cruzeta**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1971. p. 62.

[69] O item referente ao "Sítio da Santa" não consta da lista oficial remetida pela autoridade paroquial à Cúria Diocesana, em dezembro de 1943, mas se sabe de sua existência através de citações feitas em outros documentos. Ver MEDEIROS, Bianor. Ata de Instalação da Paróquia de Cruzeta. In. **Cônego Ambrósio Silva – 40º Aniversário de Morte** (Paróquia de Acari-RN). Brasília: Gráfica e Editora Brasil, [s.d]. p. 32. Cf. também, CÚRIA DIOCESANA DE CAICÓ. **Decreto nº 25, de criação da Paróquia de Cruzeta, emitido por D. José de Medeiros Delgado, por mercê de Deus e da Santa Sé Apóstolica, Bispo de Caicó, etc**. Caicó, 13 de novembro de 1944, reg. liv. 2, n. 318, fls. 13.

(quatro) porta-estandartes, 14 (quartoze) estações de via-sacra, 3 (três) cortinados de renda, 7 (sete) bancos com encosto, 4 (quatro) ditos sem encosto, 2 (dois) confessionários, 4 (quatro) lambadas ("Greating") e 1 (uma) instalação elétrica em toda Capela.

3. *Quanto aos "objetos da Casa Paroquial" de uso pessoal do pároco*: 1 (um) sofá e 7 (sete) cadeiras, 1 (um) centro de sala, 1 (uma) mesa, 1 (uma) rede de dormir, 1 (uma) coberta, 1 (um) lavatório, 1 (uma) bacia, 2 (duas) toalhas para banho, 3 (três) toalhas de rosto e 1 (uma) banca.
4. *Quanto as associações religiosas existentes*: Apostolado da Oração, Conferências Vicentinas, Congregação Mariana, Pia União de Santa Terezinha, Pia União das Filhas de Maria, Obra das Vocações Sacerdotais, Obra Pontifícia da Propagação da Fé, Cruzada Eucarística e Doutrina Cristã[70]. (Outras associações pias, como a Confraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, também foram instaladas na Paróquia ainda num período anterior a 1958)[71].

No que se refere aos espaços próprios e edificados para o culto, o apontamento só faz referência a Capela e depois Matriz de Nossa Senhora dos Remédios erguida no centro urbano da freguesia, não fazendo menção a nenhuma outra edificação destinada ao sagrado serviço do altar fora da sede paroquial, o que é algo de se notar, já que em outras fontes a existência de "Capela" é acusada em propriedade rural do município, sendo a única averbada de uso particular da "Fazenda Estrela do Norte"[72]. Do mesmo modo, também não se registrou no documento nenhuma outra instituição de administração direta do vigário, embora se saiba que

---

[70] Cf. **Relação de todos os bens pertencentes à Capela de Nossa Senhora dos Remédios de Cruzeta**, elaborado por Nicéforo Dantas, secretário, e remetida a Cúria Diocesana de Caicó pelo Padre Ambrósio Silva, vigário encarregado. 2 fls. Cruzeta, 20 de dezembro de 1943. p. 1-2.

[71] Ver GOES, Terezinha de Jesus Medeiros, *op. cit*., p. 72. Diante da ausência de fontes contemporâneas, que possam oferer um quadro mais preciso das associações religiosas existentes na data de Posse do Padre Ernesto em Cruzeta, optei por considerar, com as devidas advertências, a relação constante no documento datado de 1943 enviado pelo Cônego Ambrósio, ex-vigario, à Cúria Diocesana, o que significa dizer que esta pode não ter correspondido de fato à realidade encontrada pelo novo pároco em 1958, já que ocorria de associações surgirem e desaparecerm nas paróquias sem deixarem muitos registros nos livros de assento. Para consulta a um quadro mais detalhado dessas associações paroquianas, existentes em Cruzeta, desde os paroquiatos do Cônego Ambrósio (1944-1947; 1950-1957), cf. GUERRA, Maria Albani. Lembranças da vida religiosa de Cruzeta na minha infância. In. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta**: retalhos de sua história. [s.l.; s.n.], 2011. p. 78-79.

[72] Ao que se sabe, essa situação permaneceu a mesma quando da chegada do Padre Ernesto na comunidade de Cruzeta. O *Anuário Católico do Brasil*, publicado pela CNBB, em 1957, registra para a referida paróquia a existência de 1 (uma) igreja que serve como Matriz, mas não faz referência a existência de Capela sob sua juridição, embora essa, como se sabe, se achasse em propriedade privada fora da sede paroquial, como apontou o vigário Ernesto em documento enviado à Cúria Diocesana, provavelmente lavrado em data posterior a sua posse. Cf. CNBB. **Anuário Católico do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: CERIS, 1957. p. 164. Ver também ESPÍNOLA, Ernesto da Silva (vigário). **Paróquia de Cruzeta**. 1 fl. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 1. (Datilografado e avulso).

no período que assinala a chegada do novo pároco, já se encontrava em pleno funcionamento na comunidade, sob o encargo da paróquia, uma tradicional "escola rural" operando com um curso primário e denominada "dos pobres"[73] e ainda um "Clube de jovens" destinado ao ensino de trabalhos manuais (corte e costura, artesanato, marcenaria e etc.)[74]. Sem mais informações que se possa fornecer, *in generi*, esse deve ter sido o "quadro" das "condições paroquiais" provavelmente encontradas pelo padre Ernesto, quando de sua chegada na freguesia de Cruzeta em 1957.

Infelizmente, ainda não se tem um estudo biográfico mais completo do reverendo cura que possa me auxiliar na persecução de um roteiro mais detalhado sobre suas ações à frente da paróquia de Cruzeta. Além disso, os dados que disponho são bastante escassos e incompletos quando se trata de indicar os pormenores dessas iniciativas nos primeiros anos de seu governo, ou de revelar comportamentos, juízos e convicções, o que tem feito com que recorra com frequência a um certo grau de imaginação, muito caro aos historiadores e biógrafos na complexa tarefa de reconstituição de seus personagens. Pois, como ocorre com quase toda figura não muito afeita aos "holofotes", quase tudo fica ainda por ser feito e, isso, mesmo, sem que se conte com a presença em vida do sujeito[75].

Isso não significa dizer que seja minha intenção aqui proporcionar ao leitor uma biografia mais acabada do personagem perquirido, empreendimento este dos mais laboriosos que não cabe no escopo do presente projeto. Mas, tão somente esquadrinhar aquelas dimensões e particularidades de sua vida no que forem reveladoras para a interpretação da realidade escrutinada por este estudo. De outro modo, seria inteiramente desnecessário para uma investigação que contempla um período bastante delimitado no tempo e atravessado, também este, por uma conjuntura mais ampla bem definida: os anos imediatamente anteriores ao golpe civil militar de 1964 no Brasil, que ficaria conhecido na historiografia brasileira como "crise do populismo"[76], e seus rebatimentos na experiência pastoral da Igreja no país, e de modo especial, no Nordeste brasileiro[77].

---

[73] Ver CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta:** retalhos de sua história. [s.l.: s.n.], 2011. p. 12. A "escola rural" dita "dos pobres", também consta nos registros do Anuário Católico do Brasil de 1957 com omissão do referido prosônimo. Cf. CNBB. **Anuário Católico do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: CERIS, 1957. p. 166.

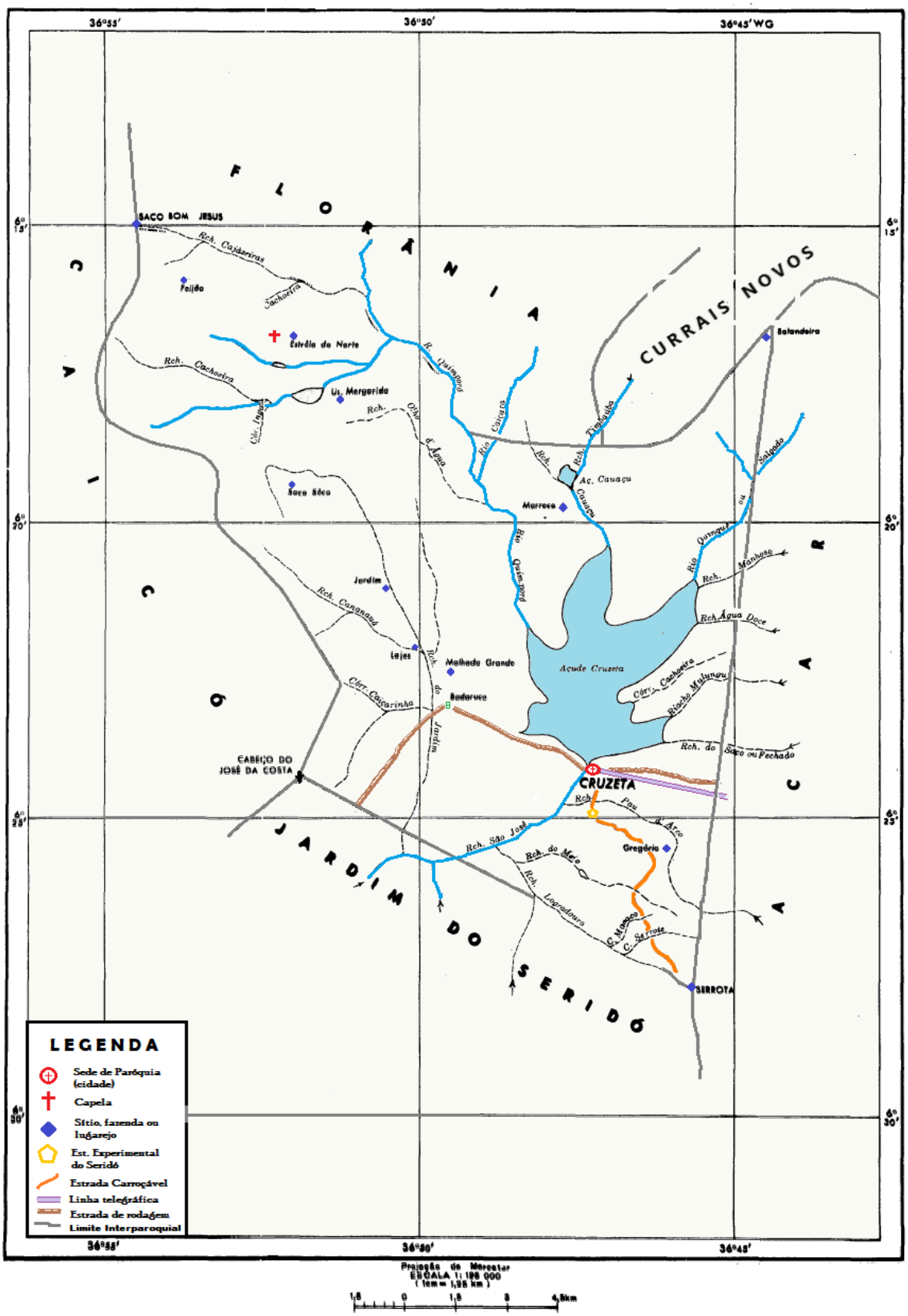
[74] Cf. ESPÍNOLA, Ernesto da Silva (vigário). **Paróquia de Cruzeta**. 1 fl. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 1. (Documento avulso).

[75] Sobre a utilização de elementos "ficcionais" na narrativa biográfica por parte dos historiadores, cf. DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

[76] Ver, por exemplo, estudo já clássico de IANNI, Octavio. **O colapso do Populismo no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. Sobre o conceito de "populismo", cf. GOMES, Ângela de Castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In. FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 17-57.

[77] Sobre essa questão, cf. BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. **A bênção de abril**. Petrópolis: Vozes, 1983.

Figura 1. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS DE CRUZETA (CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL, 1958)



Adaptado de: IBGE. *Enciclopedia dos Municípios Brasileiros*. v. 5. Rio de Janeiro: 1960. p. 265.

* As Paróquias de São José do Seridó e São Vicente, só seriam criadas em 2001 e 2004, respectivamente, por decreto episcopal assinado por Dom Jaime Vieira Rocha, bispo de Caicó.

Por esse motivo, é mais que justificável, que tenha buscado desenvolver nesta pesquisa uma abordagem biográfica que leve em consideração a experiência individual do clérigo numa permanente interação com a "superfície social", ou seja, com o contexto, em que este se situa[78], não preocupando-me em apresentar uma personalidade coerente e estável, uma individualidade fixa e unitária, muito comum nas narrativas biográficas de cariz moralizante, como observou Giovani Levi[79], e que permeiam em grande parte os relatos de vida do referido presbítero[80]. Mas, procurando perceber os elementos antinômicos que constituem a sua identidade enquanto sujeito histórico vivendo em uma época e inserido num meio social específico (a Igreja Católica dos anos 1950 e 60 no Rio Grande do Norte, e mais especificamente, na região do Seridó potiguar), busquei apreendê-lo em suas vicissitudes e contradições, já que os indivíduos não estão isentos de carregarem consigo os traços contrastantes dos lugares e contextos onde se inserem, não podendo ser vistos, como "entidades fechadas e com destinos marcados"[81].

Essa forma de ver a trajetória individual do clérigo, não exclui o exame das constantes duráveis (embora sujeitas a mudanças) de sua existência, das disposições socialmente constituídas e internalizadas, ou seja, do *habitus*, que orientaram muitas de suas práticas, projetos e visões de mundo e que também contribuíram para a formação de sua personalidade enquanto agente eclesiástico que age e se posiciona no interior de um mundo dotado de significações sociais: penso aqui nos processos formativos de base intelectual e clerical percorridos pelo sacerdote, nos espaços institucionais e de socialização nos quais circulou e empreendeu tais processos, nos modos de vestir-se e portar-se próprios da categoria de sujeitos na qual se insere (estilo de vida), nas práticas formais e cotidianas do ofício em que se ocupa[82]. Muito ainda tem a revelar neste sentido, a rede de relações e de dependências pessoais na qual este se inscreve e que interfere de forma arbitrária no processo de construção

---

[78] O termo "superfície social" foi empregado aqui de acordo com o sentido dado por Pierre Bourdieu. Cf. BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 62-63, p. 69-72, jun. 1986. p. 72.

[79] LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Morais. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 172-173.

[80] Um exemplo dessa narrativa biográfica, pode mesmo ser encontrada numa reunião de relatos póstumos publicados numa edição especial, em memória do sacerdote falecido em janeiro de 2011. Cf. **Monsenhor Ernesto**. Jardim do Seridó/RN, publicação especial, p. 1-8, fev. 2011.

[81] Cf. AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, v. 24, p. 157-172, 2010, p. 165.

[82] O conceito de "habitus" foi empregado aqui conforme o entendimento dado Pierre Bourdieu. Cf. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 40-41. Ver também do mesmo autor **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9. ed. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 21-22.

do *habitus*[83]. Embora não seja possível um esboço mais arquitetado dessa estrutura social, nem isso também se faz indispensável aqui, buscarei invoca-la cada vez que se torne necessária para explicar os lugares por onde o personagem circulou, o modo como agiu em relação às pessoas e a determinados acontecimentos, o que decidiu (ou foi instigado a decidir) em prol de algum projeto ou objetivo e como elaborou essas experiências. A reconstituição desses arranjos sociais surge aqui como importante, porque contribui para se pensar a formação da "personalidade" do clérigo, ou seja, do conjunto de características psicológicas que determinaram os seus modos de pensar, sentir e agir no interior da vida comunitária, como também do seu perfil sacerdotal, a partir do lugar que ocupa ou foi destinado a ocupar nesta teia de relações, pois não existindo fora da esfera social, cada indivíduo acha-se inscrito numa rede de interdependências, que se precipita sobre ele no momento do nascimento, influenciando seu desenvolvimento pessoal e por meio da qual se coloca no mundo[84].

Isso não quer dizer que deva enxerga-lo como um mero "produto" de determinações históricas e sociais e de experiências acumuladas. Mas, pensa-lo em meio as condicionantes sócio-históricas e culturais que limitaram, circunscreveram ou impulsionaram as suas ações, sem cair na ilusão de perceber em tudo o efeito de seu contexto mais imediato ou, por vezes, mecânico. Com isso, procuro desviar-me da discussão não muito proveitosa, que busca enquadrar determinadas personalidades do clero na classificação dicotômica de tradicional ou moderno, conservador ou progressista e que levam muitas vezes a falsos entendimentos, muito comum nas análises biográficas que contemplam o protagonismo eclesiástico em contextos marcados por fortes polarizações políticas[85]. Embora corrobore com a ideia de que em cada sujeito há sempre uma "camada" característica de afiliação a determinado grupo social que costuma ter especial proeminência, como já salientava Norbert Elias[86], é importante lembrar que nenhum indivíduo está totalmente imune de contradições e hesitações, nem de recuos e ambivalências, sendo perfeitamente possível que nele subsistam, as vezes até

---

[83] Trata-se aqui do fenômeno sociológico que Norbert Elias denomina de "configuração". Ver ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Trad. Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 27-29. Sobre a operacionalização do conceito na análise biográfica, cf. SOUZA, Adriana Barreto de. Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do duque de Caxias e do general Osório. **Topoi**, Rio de Janeiro/RJ, v. 10, n. 19, p. 90-111, jul.-dez., 2009.

[84] Cf. ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 27-31.

[85] Penso aqui na polêmica reacendida pela série de reportagens do jornal "O Globo", intitulada "o general do Papa" e assinada por José Casado, em março de 2008, entorno da participação do cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio de Araújo Sales, nos acontecimentos políticos que tomaram forma no país durante a vigência do regime militar. Cf. CASADO, José. O general do Papa. **O Globo**, Rio de Janeiro/RJ, 2 de mar. 2008, p. 16-18 e a edição de 3 de mar. 2008. p. 04.

[86] ELIAS, Norbert, *op. cit.*, p. 151.

inconscientemente, tendências conflitantes ou contraditórias. Por isso a importância de se entender o indivíduo, sujeito da história, em sua particularidade, mas também em suas relações com outros indivíduos, com o seu contexto.

Ao proceder dessa forma, procuro dar sustentação ao argumento de que muitas das contradições observadas nas atitudes do clérigo, mas também das inovações e "aberturas" ensejadas no exercício do seu ministério pastoral, podem ser explicadas como parte de um processo mais longo que põe em interação a conjuntura histórica por qual passava a Igreja no Brasil e, de modo especial, no Nordeste brasileiro, os sistemas de disposições individuais tecidos e incorporados por este no decurso de sua experiência de vida e as estruturas sociais em transformação. Em outros termos, quero dizer que as explicações para as aparentes contradições encontradas no vigário Ernesto e de suas práticas inovadoras, não devem ser procuradas apenas nos contrastes da "cultura organizacional"[87] da Igreja, de quem compartilha valores, hábitos, normas, crenças, ideologias e expectativas como um de seus membros ativo, ou nas dinâmicas internas e externas da instituição em seus concertos, embates e divergências com a sociedade moderna contemporânea, mas ainda nas diferentes "experiências" vividas pelo sacerdote ao longo da vida, também estas produtoras de identidades e geradoras de consciência afetiva e moral[88].

É verdade, como se poderá perceber, que muitos desses comportamentos encontravam motivação em fatores internos e externos a instituição católica no momento em que este assume o governo pastoral da paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Cruzeta. Entre 1950 e 1964, período que compreende o ciclo de estudos seminarísticos maiores do jovem presbítero e de seu primeiro paroquiato à frente daquela comunidade – padre e depois Monsenhor Ernesto assumiria ainda por mais duas vezes o pastorado local, como atestam os registros de tombo paroquiais[89] –, a organização católica passa por diversas mudanças internas,

---

[87] De acordo com Edgar Shein a cultura organizacional, pode ser entendida como "um padrão de suposições básicas demonstradas, inventadas, descobertas ou desenvolvidas por um dado grupo, que ensina a lidar com seus problemas externos de adaptação e internos de integração; que funcionou bem o bastante para ser considerado válido e, ainda, para ser ensinado aos novos membros do grupo como a forma correta de perceber, pensar e sentir em relação àqueles problemas". Cf. SHEIN, Edgar H. **Organizational culture and leadership**. San Francisco: Jossey-Bass, 1985. p. 247.

[88] Sobre o conceito de experiência adotado nesse estudo, ver THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 111-112; 182-189.

[89] De acordo com as informações retiradas do Primeiro Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Cruzeta, o padre Ernesto da Silva Espínola desempenhou três paroquiatos locais, sendo o primeiro, de 15 de dezembro de 1957 a 1º de dezembro de 1964; o segundo, de 1º de janeiro de 1966 a 31 de dezembro de 1966 e o terceiro, de 22 de fevereiro de 1973 a 28 de fevereiro de 1990. Em 16 de junho de 1992, foi agraciado com o título de "Monsenhor, Capelão de sua Santidade o Papa João Paulo II", por ocasião do Primeiro Centenário da Igreja do Sagrado Coração de Jesus e dos 90 anos da Fundação do Centro Paroquial do Apostolado da Oração,

que partem de uma atitude reacionária e autodefensiva à uma postura mais conciliatória e aberta perante a sociedade moderna, as quais repercutem diretamente na formação dos futuros presbíteros e no exercício de seu ministério sacerdotal[90]. Em Cruzeta, paróquia pertencente a Diocese de Caicó, muitas das ações e posturas adotadas pelo vigário Ernesto, especialmente no campo da "Ação Social", refletem já esse processo de transição por qual passava a Igreja no país e na região. Esse estudo situa-se, portanto, nesse momento de inflexão e de fratura institucionais, cuja evidência local se revela na atuação do clérigo.

Não é por acaso, que seu ministério à frente da paróquia de Cruzeta, ficará marcado como um período de inovações e aberturas no âmbito da pastoral comunitária e das relações sacerdote-leigo, não obstante, as continuidades observadas em relação ao seu predecessor[91]. E se sua posição em alinhamento com as lutas das classes trabalhadoras, no contexto do após-Golpe de 1964 no Brasil, possa ser tomada como uma evidência mais clara de orientação política, malgrado as posições oscilantes e duvidosas, é por que algo realmente mudou no interior da instituição católica e no modo de ver o papel eclesial e político da Igreja no jovem clérigo. O desenrolar dos acontecimentos deixaria às claras o critério das diferenças. Daí, portanto, a necessidade de entende-lo em sua historicidade, mas também em sua singularidade, já que "não há indivíduo fora de seu tempo, assim como não há sujeito totalmente enjaulado por seu contexto"[92].

Esse modo de ver a "trajetória" do clérigo, supõe conceber o singular como um elemento de tensão, pois nela o indivíduo não tem a missão de revelar a essência de sua humanidade, mas ao contrário, deve permanecer particular e fragmentado[93]. "Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais", como os que brotam das inércias

---

conforme documento emitido pela Secretaria de Estado do Vaticano. Cf. *Ofício emitido pela Secretaria de Estado do Vaticano*, datado de 16 de junho de 1992 e assinado por Dom João Batista Re, secretário substituto.

[90] Cf. sobre essa questão, BRUNEAU, Thomas. A Igreja enfrenta o mundo moderno: 1950-1964 (Reação e inovação). In. **O catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Edições Loyola, 1974. p. 101-223. Ver também AZZI, Riolando. Recrutamento e formação do clero. In. **História da Igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2 – Terceira época (1930-1964). Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. p. 537-556

[91] Foi o próprio presbítero que expressou em seu "Termo de Posse" o desejo de ser "o continuador do grande e zeloso ex-vigário Cônego Ambrósio Silva" (sic), no serviço da paróquia. Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1** (1944-1993). Cruzeta-RN. p. 31.

[92] Cf. SCHWARCZ, Lilian Moritz. Biografia como gênero e problema. **História Social**, n. 24. Dossiê História e Biografia. Campinas: Unicamp, 2013. p. 71.

[93] LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In. REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 248-249.

e incoerências normativas, ou ainda das maneiras pelas quais os indivíduos moldam e modificam as relações de poder[94].

Pensar, portanto, a narrativa biográfica como um fio de tensão entre o sujeito e o seu contexto, é reconhecer que mais do que tolerar as determinações impostas pelas estruturas normativas, o indivíduo também dispõe em cada época, ainda que culturalmente e socialmente determinada e limitada, de uma certa margem de autonomia, uma vez que nenhum sistema de normas é inteiramente coerente e totalizante a ponto de eliminar todas as possibilidades de escolha consciente, de manipulação ou interpretação das regras, de negociação[95].

É neste ponto que as abordagens biográficas têm se mostrado mais fecundo para a pesquisa histórica, pois permite ao historiador recuperar o horizonte intersticial das trajetórias individuais, ou seja, as fissuras, os desvios e os acidentes que margearam a vida dos sujeitos em suas interações com as instâncias normativas, as quais não estando totalmente isentas de incoerências, deixam sempre uma brecha para as estratégias de ação e negociação dos sujeitos, suscitando, assim, ainda que pequena, a mudança social[96].

1.2. Novos Rumos para a Paróquia Rural

Como vinha narrando anteriormente, muito pouco se sabe a respeito dos primeiros anos de governo do padre Ernesto à frente da Paróquia de Cruzeta. Entre o final de 1957 e dezembro de1959, período que compreende os anos iniciais de seu primeiro paroquiato naquela comunidade, as fontes consultadas revelam a existência de um Vigário ausente e bastante atarefado, tendo que se dividir entre as duas freguesias de sua responsabilidade pastoral – Cruzeta e Jardim do Seridó –[97], além de Ouro Branco e São José do Seridó, cidades que na época ainda não eram sedes de Paróquia[98].

---

[94] Idem, p. 249.
[95] Cf. LEVI, Giovanni, *op. cit*., p. 179-181.
[96] Cf. SOUZA, Adriana Barreto de. Biografia e escrita da História: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universitária Rural (Série Ciências Humanas)**. Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan./jul., 2007. p. 34.
[97] As informações referentes aos dois primeiros anos de paroquiato do padre Ernesto Espínola em Cruzeta, foram retiradas do "Primeiro Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios", onde estão registrados os principais acontecimentos do período. Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1** (1944-1993). Cruzeta-RN. p. 31-33.
[98] As Paróquias de Ouro Branco e de São José do Seridó, só seriam criadas em 1997 e 2001, respectivamente, através do decreto assinado por Dom Jaime Viera Rocha, então bispo diocesano de Caicó, que desmembrou as duas comunidades da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Jardim do Seridó, cujos cuidados pastorais, no período de 1958 a 2000, estiveram entregues a Monsenhor Ernesto da Silva Espínola, pároco que por mais tempo

Já por ocasião do "mês mariano"[99] do ano de 1958, o padre Ernesto registrava a impossibilidade de fazer o encerramento das solenidades desta estação na paróquia de Cruzeta, porque "teve que encerrar na paróquia de Jardim do Seridó"[100], de onde também era vigário desde o início de maio do corrente ano[101]. Por esse motivo, "a cerimônia de Coroação de Nossa Senhora", ritual de devoção católico que faz alusão a crença na realeza celeste de Maria, mãe de Jesus[102], e que também encerra as comemorações do período mariano na Paróquia, teve que ser postergada para o mês seguinte[103]. Referindo-se a esta mesma temporada litúrgica na comunidade, o jovem pároco ainda anotou que em Cruzeta "o mês mariano foi celebrado [...], com grande entusiasmo, por parte do povo, muito embora, o vigário não pudesse estar presente todos os dias"[104]. Num outro momento em que se refere a "Festa de Todos os Santos" celebrada na comunidade a primeiro de novembro[105], o jovem presbítero voltaria a registrar que "não houve nenhuma cerimônia [na Matriz de Cruzeta], porque o vigário encontrava-se na sede paroquial de Jardim do Seridó"[106], circunstância que se repetiria um mês depois, na noite de véspera de Ano Novo na paróquia[107].

Esse absenteísmo que parece ter marcado o ministério de cura pastoral do padre Ernesto em Cruzeta nos primeiros anos que se seguiram ao ato de posse, não era uma realidade apenas circunstancial e localizada. Ele tinha origem numa situação eclesial mais abrangente em contínua ascensão no país, que atingia de forma mais aguda as dioceses mais remotas: a "crise"

---

conduziu a referida paróquia. Cf. MORAIS, Sebastião Arnóbio de. Monsenhor Ernesto da Silva Espínola – 50 anos de sacerdócio. O Seridoense. In. **Revista da festa**. 2. ed. Jardim do Seridó/RN: [s.n.], 2005. p. 09.

[99] Na tradição católica, trata-se do mês de maio, que é o mês dedicado pela Igreja ao culto devido à Virgem Maria, Mãe de Jesus. De acordo com Frei Basílio Röwer, a celebração do mês de maio como o "Mês de Maria" ou "Mês Mariano", data dos princípios do século XVIII. "O Papa Pio VII recomendou-a especialmente, em 1815. Entre todas as devoções populares é a mais querida pelo povo cristão". Cf. RÖWER, Frei Basílio. **Dicionário Litúrgico**. Petrópolis: Vozes, 1941. p. 126.

[100] Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1** (1944-1993). Cruzeta-RN. p. 31 (verso).

[101] Cf. DIOCESE DE CAICÓ. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Monsenhor Ernesto da Silva Espínola: 30º Pároco de Jardim do Seridó – 1958 a 2000. In. **Monsenhor Ernesto da Silva Espínola (07/11/1927 – 28/01/2011)**. Jardim do Seridó-RN: [s.n.; s.d.]. p. 04. (Folheto publicado por ocasião da Missa de 30º dia).

[102] Conforme registra o Dicionário de Mariologia, o título de rainha é atribuído a Maria pela tradição cristã pelo menos a partir do século IV, incorporando diversos significados, inclusive políticos, ao longo do tempo. Cf. FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 1104-1117.

[103] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, *op. cit*., p. 31 (verso) e 33.

[104] Idem, p, 31 (verso).

[105] Trata-se de comemoração e dia santo de guarda, em honra a todos os santos, celebrado com vigília e oitavário. Seu surgimento está relacionado a outra festa comemorada em honra de Nossa Senhora e dos santos mártires, a 13 de maio, dia em que o Papa Bonifácio IV, em 610, sagrou solenemente o *Panteon*, em Roma, que lhe foi dado pelo Imperador Forcas. Com o tempo, estendeu-se à festa a veneração de todos os santos. Como a cidade de Roma recebia muitos peregrinos nesta data e no mês de maio, provocando escassez de gêneros alimentícios, o Papa Gregório IV transferiu-a para o dia 1 de novembro e fez com que, em 835, fosse adaptada a todo o reino dos francos. Cf. RÖWER, Frei Basílio. **Dicionário Litúrgico**. Petrópolis: Vozes, 1941. p. 222.

[106] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, *op. cit*., p. 32.

[107] Idem, p. 32 (verso).

das vocações sacerdotais e o consequente (e reentrante) problema da *escassez* do clero. Já por volta das décadas de 1930 e 40, a hierarquia constatava a exiguidade de sacerdotes no Brasil, lançando a Igreja numa preocupação excessiva com as vocações e os seminários[108]. Confrontando a realidade nacional com os padrões norte-americanos e europeus de catolicismo, temiam muitos membros do clero, que sem um aumento significativo no efetivo de servidores da Igreja, o país caísse nos riscos da "descristianização", do paganismo, da maçonaria, do protestantismo, do espiritismo e do comunismo[109].

Figura 2. Padre Ernesto da Silva Espínola (1927-2011) nos seus primeiros anos de paroquiato. Foto oficial de ordenação sacerdotal. Fonte: Secretaria Paroquial de Cruzeta.

No Rio Grande do Norte, onde o clero mais atilado com as apreensões da Igreja vinha acompanhando o debate em torno da "questão sacerdotal" em franco desenvolvimento no país, o jornal "A Ordem", órgão oficial da Diocese de Natal e principal gazeta católica do

[108] Data de 1933 a primeira pesquisa e sistematização das informações sobre a Igreja Católica no Brasil, no sentido de produzir dados estatísticos para a operacionalização de estratégias institucionais junto à população. Cf. LEHMANN, João Baptista. **O Brasil católico**: Synopse da hierarchia ecclesiastica brasileira, inclusive Ordens e Congregações religiosas. Juiz de Fora: Typographia Lar Catholico, 1936.

[109] Cf. LACROIX, Pascoal. **O mais urgente problema do Brasil, o problema sacerdotal e sua solução**. Petrópolis: Vozes, 1936. p. 72-76. Ver também DE FARIA, Romeu. As vocações sacerdotais e o Brasil. **A Ordem**. Natal/RN, 6 de set. 1941. p. 1-2. Tomando como modelo os padrões europeus e norte-americanos de catolicismo, De Faria propôs que no Brasil, que na época contava com um efetivo de 6.000 padres para 40 milhões de habitantes, a Igreja se empenhasse para aumentar esse número para 40.00. Justificava o jesuíta mineiro que, sem esse esforço, o país acabaria caindo na sorte "de toda espécie de aventureiro".

Estado, comunicava em 1944, como resultado de um levantamento eclesiástico estadual realizado nos últimos anos, que "continua a constituir um sério problema para a Igreja Católica a existência numérica do clero secular e regular a serviço das Dioceses; [pois] o clero é pouco para as complexas e difíceis funções de dirigir e orientar a população de fiéis". E propugnava o argumento apontando a existência de apenas 84 padres à serviço da fé católica em todo território potiguar, sendo o caso mais crítico o da Diocese de Caicó, onde essa situação era ainda mais agravante: 12 padres em comparação com o efetivo de 49 e 23 sacerdotes das Dioceses de Natal e Mossoró, respectivamente, ou o equivalente a menos de um clérigo por dez mil habitantes[110].

A constatação dessa situação, levou o clero estadual e seus colaboradores a falar constantemente sobre o "problema" das vocações e da *escassez* de sacerdotes, não sendo poucos os que se propuseram a apresentar explicações contundentes para o inquietante fenômeno em crescimento no Estado e no país. Um certo João de Pathmos, cuja identidade me é desconhecida, escrevia ainda em 1935 numa coluna d'A Ordem, que o motivo para tal "crise" devia-se, principalmente, à falta de incentivo vocacional entre os jovens e a ausência de formação metódica nos seminários[111]. Padre Romeu de Faria, um renomado jesuíta mineiro, elencava em 1941, num artigo reproduzido pelo diário noticioso, três razões as quais se devia este problema no Brasil, apontando como fatores importantes o desprezo pelo estado eclesiástico, principalmente por parte das famílias mais abastadas e cultas da sociedade; a degradação moral do ambiente familiar brasileiro e os "preconceitos" que associam o sacerdócio à vida de privação, ao sacrifício e à perfídia[112]. Houve ainda quem apontasse como causa do problema o "indiferentismo religioso" e "anticlericalista" dos novos tempos[113] e até mesmo a incursão do "plano judaico-maçônico de descristianização do universo" [114], este último, como se sabe, fruto muito mais de um imaginário antissemítico católico em circulação no país, compartilhado pelo autor[115]. Mais ponderado a esse respeito me pareceu o comentário do Cônego Adelino Dantas,

[110] Cf. Organização eclesiástica e movimento do culto católico no Estado do Rio Grande do Norte – 1943. **A Ordem**. Natal/RN, 30 de mai. 1944. p. 01. De acordo com o quadro de informações divulgado pelo jornal "A Ordem" em maio de 1944, era o seguinte a distribuição de sacerdotes seculares e regulares na diocese de Caicó, em 12 de dezembro de 1943: 1 bispo, 2 Monsenhores, 3 cônegos, 4 padres e 2 franciscanos.
[111] PATHMOS, João de. Crise de vocações. **A Ordem**. Natal/RN, 1 de ago. 1935. p. 01.
[112] DE FARIA, Romeu. O Brasil na retaguarda. **A Ordem**. Natal/RN, 22 de dez. 1941. p. 1.
[113] Ver MONTEIRO, Eymard L'E (Padre). A escassez de vocações. **A Ordem**. Natal/RN. 7 de set. 1939. p. 1-2.
[114] Cf. NEGROMONTE, Álvaro (Padre). A grande falta. **A Ordem**. Natal/RN. 5 de jan. 1943. p. 2.
[115] Sobre a questão ver, WIAZOVSKI, Taciana. **O mito do complô judaico-comunista no Brasil**: gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954). São Paulo: Humanitas, 2008.

Reitor do Seminário de São Pedro e futuro bispo de Caicó, que viu na tão pronunciada "crise de vocações" um certo exagero, preferindo falar em "crise de meios"[116].

De fato, como se pode deduzir dos inúmeros processos de habilitação *de genere et moribus* analisados por Raylane Dias Barreto para o período da primeira república no Brasil (2009)[117], o recrutamento cada vez mais acentuado de candidatos ao presbiterato oriundos de famílias modestas, passou a exigir da hierarquia uma atenção especial com as reservas de recursos destinadas a manutenção econômica dos seminários e ao custeio da formação de seminaristas, que antes eram cooptadas das verbas públicas (no caso, do período anterior a separação entre Igreja e Estado) ou aliciadas diretamente de sua clientela através de tributos e doações generosas[118]. Com a necessidade de se admitir em suas fileiras "vocacionados" de origem humilde, já que a carreira eclesiástica deixava de ser para os filhos das elites abastadas um caminho promissor e de prestígio em comparação com outras profissões consideradas mais "vantajosas", como as profissões liberais e técnicas[119], os bispos se veem na premência de destinar recursos a causa das "vocações pobres", passando a exigir uma contribuição anual das paróquias para os institutos de formação de sacerdotes ou fundando associações destinadas a arrecadar esmolas para o seminário, como a Obra das Vocações Sacerdotais (OVS), reconhecida por Pio XII como "Pia obra pontifícia" em 4 de novembro de 1951[120].

---

[116] ADELINO, Cônego José. A Obra das Vocações, uma grande vitória. **A Ordem**. Natal/RN. 23 de mai. 1941. p. 1.

[117] Trata-se dos instrumentos através dos quais as autoridades eclesiásticas competentes realizam um trabalho sumário de investigação das origens sociais e dos antecedentes morais dos futuros membros do clero. Cf. BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **A formação de padres no Nordeste do Brasil (1894-1933)**. 241 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2009.

[118] Cf. SERBIN, Ken. Os seminários: crises, experiências e sínteses. In. SANCHIS, Pierre. (Org.). **Catolicismo**: modernidade e tradição. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p. 109. Ver também MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 152-154. Referindo-se ao período imperial e da Primeira República no Brasil, Miceli (p. 80-81) argumenta que o lastro material, o cabedal de prestígio e honorabilidade e o cacife de relações e apoios políticos se constituíam características sociais bastantes cotadas pela hierarquia no processo de recrutamento de candidatos à carreira eclesiástica, porque permitiam "maximizar a coleta de recursos para a formação do patrimônio diocesano, contribuindo para a receptividade dos detentores do poder público às demandas por subvenções e concessões em favor dos empreendimentos eclesiásticos", inclusive da construção e manutenção dos seminários episcopais. Relata ainda o autor, que a partir do início do século XX, em relação ao clero secular, passou-se apenas a exigir das famílias dos "habilitandos" apenas uma módica pensão para custear os estudos dos filhos no seminário e, no caso dos alunos das classes remediadas, à benfeitores dispostos a patrociná-los.

[119] Dom Francisco de Aquino Correia escrevendo sobre a vida do padre Armindo de Oliveira, que viveu entre os últimos anos do período imperial e os primeiros tempos do período republicano no Brasil, relatava em 1933: "a profissão clerical atraía menos pelo seu espírito de sacrifício e renúncia ao mundo do que pelo destaque social e prestígio político de que gozava". E acrescentava depois: "Veio a República e varreu em boa hora essas ambições seculares". CORREIA, Francisco de Aquino. **Uma flor do clero cuiabano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1951. p. 23-25.

[120] Cf. AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2 – Terceira época (1930-1964). Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. p. 546.

Em solo potiguar, uma matriz da Obra seria criada ainda em 1934 por Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas (1888-1967), quarto bispo diocesano de Natal, com o objetivo de incentivar e desenvolver as vocações eclesiásticas no seio das famílias católicas do Estado, prestar auxílio material, no Seminário, de alunos pobres vindos do interior, e adquirir donativos para a educação de seminaristas oriundos de famílias de poucos recursos[121]. Com o passar dos anos, a partir do esforço do clero diocesano de Natal, Mossoró e Caicó, foram sendo fundadas filiais da associação (Centros) em muitas paróquias do Estado, sob os cuidados de várias zeladoras, que se empenhavam na missão de angariar recursos em favor dos seminaristas pobres. Em Cruzeta, uma filial da sociedade filantrópica seria instalada em janeiro de 1937, quando ainda era freguesia pertencente a Paróquia do Acari, na época circunscrição vinculada à Diocese de Natal[122], sendo sua primeira diretoria formada por Ignez Medeiros (Presidente), Belinha Vale (Tesoureira) e Martha Maria de Medeiros (Secretária), conforme extrato de criação divulgado pelo jornal "A Ordem" do dia 26 do referido mês e ano[123].

A elevação da entidade caritativa a categoria de departamento, em junho de 1948[124], revela a importância que a organização foi auferindo ao longo do tempo e ainda a necessidade de se obter um maior controle das reservas de recursos, já que, como se pode inferir, também foi crescente o número dos "habilitandos" alocados nas fileiras das "vocações pobres". Ainda nesse mesmo período, o Departamento da Obra informava em suplemento d'A Ordem o auxílio dispensado a 40 seminaristas pobres do Estado, dos quais 32 frequentavam o Seminário de Natal, referente aos montantes gastos com ajuda de custo e pecúlio (bolsa de estudo)[125]. Aludindo à importante função desempenhada pela OVS no Estado e na Diocese de Caicó, um articulista timbaubense comentava em 1951 no diário noticioso: "Aqui, como no Brasil inteiro, as vocações florescem entre os pobres e é preciso ampará-las"[126]. Mais que constatar um aumento numérico no efetivo eclesiástico, tinha em mente o comentarista os últimos resultados dos esforços do clero. Mas é preciso examinar a questão também em termos históricos.

Embora o problema da "escassez de vocações" e de suas consequências para a reprodução do clero diocesano viesse sendo discutida pelos escalões da Igreja desde pelo menos

---

[121] Cf. A OBRA das Vocações e suas finalidades. **A Ordem**. Natal/RN, 1 de nov. 1936. p. 01.
[122] Só em 1940 a Diocese de Caicó seria instalada oficialmente, passando a Paróquia do Acari e, por conseguinte, a freguesia de Cruzeta, a pertencer a nova circunscrição eclesiástica. Cf. **Diocese de Caicó**: meio século de fé. Natal: Industria Gráfica União, 1990. p. 16.
[123] Fundada em Cruzeta a "Obra das Vocações Sacerdotaes" (Sic). **A Ordem**. Natal/RN, 26 de jan. 1937. p. 02.
[124] Instalado o Departamento da Obras das Vocações sacerdotais. Organização – a Diretoria. **A Ordem**. Natal/RN, 16 de jun. 1948. p. 05.
[125] Cf. RELATÓRIO da Obra das Vocações Sacerdotais lido pelo diretor diocesano, padre Eugênio de Araújo Sales, em solene sessão, na Confederação Católica aos 7 de abril de 1948. **A Ordem**. Natal/RN, 16 de jun. 1948. p. 06.
[126] GUARÁ, José. O Seminário de Caicó I. **A Ordem**. Natal/RN, 18 de set. 1951. p. 01.

a terceira década do século XX – o problema da *escassez* de padres é, porém, muito mais antigo, e remonta no Brasil ainda ao período colonial[127] –, é na década de 1950, sobretudo nos anos finais do decênio, que seus sinais passariam a ser mais visíveis. Riolando Azzi analisando as causas do desinteresse crescente pela carreira sacerdotal na primeira metade do século XX, observava que mesmo tendo um primeiro impulso no laicismo republicano, este comportamento devia-se mais ao processo industrial em ascensão no país e a formação da classe burguesa na sociedade urbana. Ele relata que nesse ambiente marcado pelo conforto e o bem-estar, a sotaina preta do padre, "símbolo sacral de morte ao "mundo", tornava-se inexpressiva e o estado sacerdotal menos atraente, circunstância que também se observaria, ainda que com menor intensidade, a partir dos anos 1950, nas regiões tradicionais de catolicismo dominante[128].

Ralph Della Cava (1975) em estudo que trata sobre o catolicismo no Brasil do século XX, aponta como fatores importantes para o desenvolvimento da "crise" de vocações, a transição definitiva da sociedade brasileira para uma ordem industrial facultando novas formas de ascensão social, a primazia da cidade sobre o campo, tanto no modo de vida como na política, a proliferação de Universidades, que possibilitou a juventude um maior leque de opções ocupacionais, a multiplicação de partidos políticos e de valores científicos e ideológicos que questionavam a *raison d'être* do "Brasil arcaico". Ele ainda cita como alterações importantes nesse contexto a emergência de uma estrutura de classe complexa, o surgimento do desafio dos trabalhadores e dos estratos médios às elites políticas tradicionais e a erosão do monopólio religioso resultante do realinhamento das religiões organizadas e do aumento de novas opções religiosas[129]. Examinando essa questão mais sucintamente a partir das origens sociais do clero, assim constatava o autor: "Enquanto o *status* do sacerdócio se manteve alto, pôde competir razoavelmente com outras ocupações possíveis, abertas aos mesmos estratos sociais". E

---

[127] Cf. SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 127-128. Luís dos Santos Vilhena, apontando alguns "prejuízos" para o Arcebispado da Bahia no final do século XVIII, mencionava como um dos fatores o fato de "haverem [...] muitas dezenas de léguas, onde não aparece um sacerdote para a administração dos sacramentos, sucedendo morrer muita gente sem eles, principalmente os de Penitência, Eucaristia e Extrema-Unção". VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no século XVIII**. Salvador: Itapuã, 1969. v. 2. p. 458.

[128] AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2 – Terceira época (1930-1964). Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. p. 558-559. Azzi cita as regiões de colonização europeia como sendo características desse processo de transformação, mas por questões históricas específicas também se pode considerar as áreas rurais de presença tradicional da Igreja.

[129] DELLA CAVA, Ralph. Igreja e Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro (1916-1964). **Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 12, p. 5-52, jun. 1975. p. 20-21. Semelhantes considerações também foram feitas por Ken Serbin em um estudo que trata sobre a questão. Cf. SERBIN, Ken. Os seminários: crises, experiências e sínteses. In. SANCHIS, Pierre. (Org.). **Catolicismo**: modernidade e tradição. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p. 97.

acrescentava adiante: com “o avanço da sociedade industrial no Brasil”, esse quadro vem se alterando rapidamente[130].

Figura 3. Casal cruzetense posa para fotografia de família junto à prole numerosa no início da década de 1960. No lado esquerdo, em destaque, trajando sotaina preta, vê-se o filho seminarista (um "padre em miniatura"), prática muito cultivada entre as famílias seridoenses, que o avanço da sociedade industrial moderna iria modificar. Fonte: Acervo virtual de José Leto Medeiros.

Do mesmo modo, o antropólogo Thales de Azevedo procurando explicações históricas para tal fenômeno verificava em 1955 em estudo considerado “pioneiro” sobre o catolicismo no Brasil: “as vocações diminuem à proporção que se sobe através a estrutura de classes, até o ponto de não se contar, na maioria das dioceses, um só jovem das antigas famílias tradicionais ou da burguesia citadina”. E certificava por essa época, que a carreira clerical “não tem mais o seu antigo atrativo” e que “a estima pelo padre realmente parece ter decrescido”[131]. Em outro trecho do estudo em que aponta algumas causas da “crise de sacerdotes” no Brasil, ele ainda relata que a “escassez de padres, como é óbvio, é complicada pelo isolamento dos vigários nas paróquias rurais, o que contribui para tornar mais penosa a tarefa daqueles e, devido à falta de contato com outros sacerdotes e com os bispos, para diminuir o seu ardor religioso”,

[130] Idem, p. 22.

[131] AZEVEDO, Thales de. **O Catolicismo no Brasil**: um campo para a pesquisa social. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1955. p. 52-53. Além dos fatores relacionados com as “circunstâncias históricas do desenvolvimento do catolicismo no Brasil”, como o isolamento dos padres em paróquias distantes, Thales de Azevedo (p. 53) aponta como fator importante de desprestígio da carreira eclesiástica “a necessidade que o padre, especialmente o vigário, tem de ser exigente quanto ao recebimento das espórtulas que os fiéis lhes devem pela ministração de alguns sacramentos, como o batismo e o matrimônio, e pela pregação nas festas religiosas”.

sendo significativo, nos últimos anos, os casos de sacerdotes, especialmente seculares, "que têm abandonado a vida eclesiástica e se dedicam agora a atividades profanas, particularmente ao ensino"[132].

Também Thomas Bruneau num importante estudo sobre as transformações sofridas pelo catolicismo brasileiro no século XX, atestava em apuração do problema que no Brasil "as vocações tem diminuído absoluta e relativamente desde fins de 1950", apresentando como principais causas do fenômeno a tendência definitiva para a urbanização, a expansão das classes médias urbanas mais abertas as novas aspirações burguesas, a constituição de núcleos familiares reduzidos menos tendentes a fornecer sua parte de vocações e a maior pluralidade dos canais de mobilidade social ou de massificação[133], razões também observadas por Gustavo Perez e Alfonso Gregory[134]. Soma-se ainda a todos estes fatores a valorização do trabalho técnico e científico em detrimento das atividades não produtivas ou "industrialmente úteis", levando a um contínuo desgaste do sentido ontológico de "vocação" (aptidão devocional inata) e consequentemente do ofício sacerdotal[135]. Uma análise sucinta dos dados disponíveis para o período relativos a Diocese de Caicó, nos dá uma amostra indicativa da dimensão geral do problema.

Como se pode perceber no demonstrativo dos efetivos de sacerdotes abaixo, elaborados com base nos censos católicos do período, o número de padres dedicados ao ministério da Paróquia ou ao serviço da cura pastoral na Diocese de Caicó, isto é, ocupados com funções não exclusivamente administrativas ou burocráticas (professores ou diretores de educandários e escolas normais, incluindo o Ginásio e o Seminário Diocesanos e outras instituições educativas ou assistenciais), permaneceu relativamente estável no período de 1943 a 1960, não chegando a ultrapassar a proporção de mais de 1 sacerdote por 10.000 habitantes

---

[132] Idem, p. 47. Mesmo se referindo nesse ponto aos padres que se laicizaram no período, Thales de Azevedo chama atenção para o fato de que "apenas um ou outro parece ter tomado essa decisão por uma perda completa da fé religiosa ou por ter aderido a uma religião diferente", sendo muito raro os casos em que "um dele toma posição contra a Igreja ou ingressa numa seita protestante como pregador".

[133] BRUNEAU. Thomas. **O catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Edições Loyola, 1974. p. 113.

[134] PEREZ, Gustavo; GREGORY, Alfonso; LEPARGNEUR, François. **O problema sacerdotal no Brasil**. Rio de Janeiro: CERIS, 1965. p. 147-160.

[135] Thorstein Veblen ainda no final do século XIX averiguava em um estudo considerado clássico um contínuo declínio do ofício sacerdotal, ponderando como uma de suas causas a valorização compulsória da eficiência tecnológica e mecânica nos processos produtivos da vida moderna em substituição às antigas observâncias devotas. "Parece que, para o propósito da vida coletiva moderna, especialmente no que concerne à eficiência industrial da comunidade de hoje, os traços característicos do temperamento devoto são antes um impedimento do que um auxílio", observava ele. E acrescentava em seguida: "a devoção declina e tende para a caducidade entre os membros do que se pode denominar uma comunidade industrial efetiva". VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 143.

durante todo o interstício (ver tabela 1), apesar de se notar um crescimento gradual da população no percentual de 25%[136].

Seguindo uma tendência global, esse movimento de estabilização no contingente eclesiástico, não foi acompanhado por um aumento significativo no número de "vocações", como se depreende do total de alunos ativos do Seminário Menor São Cura d'Ars de Caicó para o período informado, embora se observe um certo incremento progressivo entre os fins dos anos 1940 e a primeira metade da década seguinte (ver tabela 2), provavelmente fruto de uma atuação mais efetiva da OVS na região. Essa crescente disposição vocacional logo seria solapada pela "grande crise de vocações" deflagrada em escala internacional nos anos 60 e sem precedentes em toda a história da Igreja, levando o Seminário Diocesano a fechar suas portas em 1966, quando então se registrou apenas o total de quatro alunos internos[137]. Prevendo alguns anos antes o agravamento dessa situação de "crise" em toda Igreja Latino-americana, observava frei Raymundo Cintra numa importante revista católica fluminense reacendendo a bem discutida questão do "sacerdócio régio" do leigo no mundo contemporâneo: "O número de padres está longe de ser suficientes para dispensar aos fiéis os cuidados espirituais mesmo os mais urgentes, quanto mais se a Igreja quisesse passar da assistência pastoral normal à conquista". E asseverava em seguida: "A pastoral torna-se cada dia mais difícil. Mesmo nos campos, nota-se uma mudança em que a regressão de vocações é um barômetro significativo"[138].

Mais significativo a esse respeito é a exortação do Papa Pio XII aos participantes do II Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos, ocorrido em Roma em 1957, em que exorta o laicato a colaboração efetiva no apostolado hierárquico da Igreja:

> Se a história mostra que, desde as origens da Igreja, os leigos tinham parte na atividade que o sacerdote desenvolve a serviço da Igreja, verdade é que hoje em dia mais do que nunca devem eles prestar essa colaboração com ainda maior fervor, "para edificação do Corpo de Cristo", em todas as formas de apostolado, e em particular quando se trata de fazer penetrar o espírito cristão

[136] Para a base do cálculo foram tomados os dados do Recenseamento geral do Brasil de 1940 e do Censo demográfico de 1960, ambos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cf. IBGE. **Recenseamento geral do Brasil – 1940**: censo demográfico, censos econômicos, Rio Grande do Norte, p. 155-157 e IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte – Paraíba, p. 80.

[137] Cf. FILHO, Adauto Guerra. Depoimento. In. MEDEIROS, José Mário de (Cônego). **Dom Manuel Tavares de Araújo**: Bispo diocesano de Caicó de 1959 a 1978. [s.l.: s.n.], 2014. p. 39. Sobre a "grande crise de vocações", ver SERBIN, Ken. Os seminários: crise, experiências e síntese. In. SANCHIS, Pierre. (Org.), *op. cit*., p. 91-151. Ver também SERBIN, Kenneth P. "O santo moderno é um santo social": a crise nos seminários e a busca de um novo sacerdócio, 1945-1975. In. SERBIN, K. P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da Igreja Católica no Brasil, *op. cit*., p. 155-202.

[138] CINTRA, Raimundo de A. Renovação do diaconato? **Revista a Ordem**, Rio de Janeiro, vol. 63, n. 04, p. 12-21, out. 1960. p. 13

> em toda a vida familiar, social, econômica e política. Um dos motivos desse apelo ao laicato é, sem dúvida, a falta atual de sacerdotes [...][139].

Também Victor Schurr refletindo em 1961 sobre as razões sociológicas que impulsionavam o "mundanismo hodierno" e consequentemente o desinteresse crescente pelo estado sacerdotal, chamava a atenção para a importância do laicato na ação pastoral da Igreja, anunciando o despontar de uma nova era a ser urdida pelo papel do leigo em face da modernidade: "O tempo do clero na ação da Igreja no mundo já passou e a era dos leigos está a despontar. Isto não quer dizer que se estabeleça um regime laical na Igreja, mas significa que sobre os ombros dos leigos, pesará o lastro da ação na história nos próximos séculos". E concluía adiante: "Ou a história da Igreja em sua ação sobre o mundo será tarefa dos leigos ou não se realizará"[140].

Pensado, portanto, como uma "alternativa" às dificuldades de renovação dos quadros eclesiásticos, mas também como uma forma de se realizar uma maior penetração da ideologia cristã e da ação da Igreja no cotidiano ("ambientes naturais") das massas e, assim, manter um regime de cristandade "sui generis" dominante nas áreas rurais, mas em plena desintegração no mundo urbano, o leigo ganharia um *status* cada vez mais importante no interior da instituição católica, passando a atuar como o "braço estendido" da hierarquia no seio da sociedade moderna. No Brasil, essa função apostólica seria melhor desempenhada pela Ação Católica, um conjunto de movimentos animados por leigos militantes e definido por Pio XI como "a participação e a colaboração do laicato no apostolado hierárquico da Igreja"[141], o qual em território nacional já vinha se mobilizando desde os anos 1930 como um movimento de elite, mas que só passaria a operar com maior pujança nas décadas de cinquenta e sessenta com a organização de suas seções especializadas de jovens[142].

É nessa circunstância aventada, em que urge para toda Igreja uma tomada de solução mais urgente para o problema da escassez do clero e da premente necessidade de evangelização das massas, que se expande para todo o país os movimentos de Ação Católica, abrindo espaço na estrutura da Igreja para a participação de jovens e mulheres. Em Cruzeta,

---

[139] PIO XII. Sobre o Apostolado Leigo (Normas do Sumo Pontífice Pio XII, aos Participantes do II Congresso Mundial para o Apostolado dos leigos, 5 de outubro, 1957). In. CHINIGO, Michael. **Pio XII e os problemas do mundo moderno**. Trad. José Marins. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959. p. 405.

[140] SCHURR, Victor. Participação dos leigos na ação pastoral da Igreja. In. **Pastoral Construtiva**: comunidade e missão. São Paulo: Edições Paulinas, 1968. p. 55-56.

[141] PIO XI. **Sobre a necessidade e os caracteres da Ação Católica** (Carta Encíclica). Petrópolis; Rio de Janeiro; São Paulo: Vozes, 1951. p. 5.

[142] Cf. MARIAE, Servus. **Para entender a Igreja no Brasil**: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968). Petrópolis: Vozes, 1994. p. 59; 67. Ver também SOUZA, Ney de. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, v. 14. n. 55, p. 39-59, abr./jun., 2006. p. 48-53.

como rebatimento desse processo, granjearia um maior destaque a atuação da Juventude Agrária Católica (JAC), uma organização composta por jovens leigos missionários, cujo principal objetivo era trabalhar pela promoção humana da juventude camponesa e difundir os ensinamentos católicos nas zonas rurais do município, baseando-se em sua doutrina social.

Tabela 1. EFETIVOS DE SACERDOTES DA DICOCESE DE CAICÓ (1943-1960)

DISCRIMINAÇÃO		DIOCESE DE CAICÓ		
		1943	**1957**	**1960**
Clero Secular	Bispos	1	1	1
	Monsenhores	2	2	3
	Cônegos	3	2	4
	Padres	4	11	7
	Soma	10	16	14
Clero Regular	Franciscanos	2	-	-
	Lazaristas*	-	5	5
	Soma	2	5	5
Nº de Padres	Ausentes**	-	4	2
	Totais	12	20	19
	Por 1.000 km²***	1,27	1,68	1,78
	Por 10.000 habitantes***	0,94	0,99	1,04

Fonte: JORNAL *A Ordem* 30/05/1944.
CNBB. *Anuário Católico do Brasil*, 1957, 1960.
* Padres holandeses ocupados exclusivamente nas funções educativas e administrativas do Seminário Menor de Caicó.
** Sacerdotes que se encontram afastados ou prestando serviços em outras dioceses.
*** Sem inclusão dos padres ausentes.

Tabela 17. EFETIVOS DE "VOCAÇÕES" DA DICOCESE DE CAICÓ (1947-1966)

SEMINÁRIO MENOR SANTO CURA D'ARS DE CAICÓ	
Ano	**Total de alunos que frequentam aulas***
1947	24
1949	31
1951	30
1957	44
1960	36
1966	04

Fonte: CNBB. *Anuário Católico do Brasil*, 1957, 1960.
DIOCESE DE CAICÓ. *Livro Primeiro de Crônicas do Seminário Ferial de Caicó*, p. 11 e (verso); 15 (verso); 22.
MEDEIROS, José Mário de, 2014, p. 39. (Dados para o ano de 1966).
* Com inclusão dos seminaristas maiores e menores da Diocese de Caicó que estudam em outros Seminários.

Um fato social de relevância ocorrido ainda nos primeiros meses de paroquiato do padre Ernesto em Cruzeta foi a reinauguração da chamada "Escola dos Pobres", uma instituição escolar conveniada (Paróquia, Prefeitura e Estado) voltada à instrução e a preparação para a vida cívica e laboral de crianças de ambos os sexos, assim cognominada por ter como objetivo maior prestar instrução primária aos filhos das famílias menos favorecidas da comunidade que não tinham acesso à educação formal regular.

Instalada na localidade desde 1943[143], como parte de um programa mais amplo de ação sócio-educacional promovido por Dom José de Medeiros Delgado (1905-1988), primeiro bispo de Caicó, em parceria com o Serviço Estadual de Reeducação e Assistência Social (SERAS) e da Legião Brasileira de Assistência Social (LBA)[144], a Escola dos Pobres (ou Escola Nossa Senhora dos Remédios), funcionava inicialmente em um armazém localizado na Rua Joaquim José de Medeiros nº 158, onde, posteriormente, abrigou a primeira loja de eletrodomésticos da cidade, a "Utilar Modas", pertencente ao senhor Francisco de Assis Dantas (Tida), sendo suas primeiras professoras Juraci de Araújo Bezerra e Luzia Eunice[145].

A escola, que era um exemplo de organização e disciplina, distribuía gratuitamente aos alunos necessitados fardamento e material escolar, livros didáticos e refeição diária, incluindo o almoço à base de feijão, arroz de leite, pirão e bata doce. Em dias determinados, alternava-se o cardápio com carne, mugunzá e mocotó. O almoço era oferecido diariamente a todos os alunos do grupo, que no horário do meio dia permaneciam no estabelecimento de ensino para fazer a refeição, acomodados no chão. Adotava um calendário de aulas e de tempo escolar institucionalmente comum as instituições nacionais de ensino primário fundamental, não se distanciando muito do que, de acordo com os documentos oficiais, eram os objetivos da política governamental de educação, fundada em grande parte nos ideais da "Escola Nova"[146]. Sua pedagogia voltava-se para a instrução restrita das competências do ler, escrever, contar e

---

[143] O ano de instalação da *Escola dos Pobres Nossa Senhora dos Remédios* em Cruzeta não é preciso. Para marcação da data tomei como referência uma entrevista cedida por Dom José Delgado ao "Jornal do Brasil", e reproduzida pelo jornal "A Ordem", em que o prelado paraibano faz referência as 12 escolas primárias fundadas no ano de 1943 nos oito municípios do Seridó, onde frequentam ao todo aproximadamente duas mil crianças pobres da região. Cf. "Meu desejo é esse: o desejo de servir inteiramente a Deus". **A Ordem**, Natal/RN, 7 de nov. 1944, p. 3.

[144] Para um estudo mais detalhado sobre o programa de ação socioeducativo empreendido por Dom José Delgado na região do Seridó, cf. BRITO, Paula Sônia de. **A luta do Bispo Dom José de Medeiros Delgado por educação escolar para todos (Caicó-RN, 1941-1951)**. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal/RN: UFRN, 2004. Sobre o trabalho de ação educacional desenvolvido pelas *Escolas do Pobre* na Diocese de Caicó, ver especificamente ASSIS, Sandra Maria de; NETA, Olívia Morais de Medeiros. Contribuições das Escolas do Pobre da Diocese de Caicó para a educação profissional no Seridó do Rio Grande do Norte entre as décadas de 1940 e 1950. **Perspectivas e Diálogos**: Revista de História Social e Práticas de Ensino. Caetité: NHIPE/UNEB, v. 1, n. 3, p. 199-213, jan./jun., 2019.

[145] Cf. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta:** retalhos de sua história. [s.l.: s.n.], 2011. p. 12.

[146] A Escola Nova foi um movimento organizado em fins do século XIX, por educadores europeus e norte-americanos, que se opunha ao modo considerado "tradicional" de educação. Preconizava uma nova concepção das necessidades da infância e questionava a passividade na qual a criança estava condenada pela escola tradicional. No Brasil, o movimento de renovação educacional chegou na década de 1920, através da divulgação de intelectuais e educadores como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira e outros, com as Reformas do Ensino de vários Estados brasileiros, servindo de base a disseminação de valores e normais sociais em sintonia com os apelos da nova sociedade moderna que se almejava, constituída a partir dos preceitos do trabalho produtivo e eficiente, da velocidade das transformações e da interiorização de normas de comportamentos em termos de tempo e movimento. Cf. VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In. LOPES, Eliane Marta; FIGUEIREDO, Luciano; GREIVAS, Cynthia. (Org.). 3. ed. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 497-515.

rezar, além do ensino de rudimentos de história, geografia, moral e civismo. Aos alunos do sexo masculino eram ainda oferecidas aulas práticas de como plantar e cuidar de aves domésticas e aos do sexo feminino eram ofertados cursos de corte e costura, bordado e crochê, além de noções básicas de economia doméstica e puericultura[147].

Muitas crianças estudaram nessa instituição e, depois, prosseguiram os estudos no Grupo Escolar Otávio Lamartine, educandário que oferecia instrução até o antigo 5º ano primário, "sendo marcantes o elevado nível de educação e o cabedal de conhecimento que demonstravam ter"[148]. Tendo que cumprir as exigências da nova reforma de ensino iniciada em 1957 pelo então governador do Estado, Dinarte de Medeiros Mariz (1903-1984), que preconizava uma concepção de educação moderna e democrática, com base em princípios científicos e racionais e orientada para a formação integral do educando[149], a instituição precisou ser restruturada e transferida para uma sede própria situada à Rua São Miguel nº 33, hoje Rua Emílio Vale, no cruzamento com a Avenida Acari (atual Avenida Doutor Silvio Bezerra de Melo), passando a se chamar "Escola Dom José Adelino Dantas", em homenagem ao ilustrado antístite seridoense do mesmo nome, então bispo de Caicó[150].

Sobre esse acontecimento anotara o padre Ernesto em maio de 1958, data da inauguração das novas instalações escolares, que se encontrando na comunidade e tendo celebrado "a missa solene do dia e a páscoa das mães de Cruzeta", o epíscopo natural de São Vicente/RN e sucessor de Dom Delgado em Caicó, realizou logo em seguida, a bênção do novo prédio da Escola dos Pobres, "que foi uma dádiva do senhor Prefeito de Cruzeta", executando na sequência a aposição no interior da Matriz da efígie do ex-vigário falecido, Cônego Ambrósio Silva, "para lembrança dos fiéis". O ato que foi presidido pela autoridade diocesana, contou com a presença do prefeito municipal, Sílvio Bezerra de Melo, do senhor Nemésio

---

147 BRITO, Paula Sônia de, *op. cit.*, p. 103-104. Embora a autora mencione expressamente a "Escola do Pobre São José" fundada em Caicó por Dom José Delgado, em 1943, sabemos por indicação de outras fontes que esta servia como "modelo" para as demais instituições congêneres instaladas nas outras paróquias da região no mesmo período.

148 CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*., p. 12-13.

149 Cf. RIO GRANDE DO NORTE. Lei nº 2.171 de 06 de dezembro de 1957. Organiza e fixa as bases da educação elementar e da formação do magistério no Estado. **Atos Legislativos e Decretos do Governo**. Natal, RN, 1957. Mimeografado. (Sem paginação). Ver também VIEIRA, Daniela Fonseca. **As mudanças da educação no RN nos idos de 1950 e 1960**: a prática de Lia Campos. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN, 2005.

150Dom José Adelino Dantas (1910-1983), foi o segundo bispo da Diocese de Caicó. Era natural de São Vicente/RN, cidade situada na região do Seridó potiguar. Foi sagrado bispo em setembro de 1952, assumindo o bispado de Caicó no mesmo ano. Era também historiador, pesquisador, jornalista, professor, ensaísta, poeta e orador sacro, além de membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Como historiador e pesquisador publicou as obras "Homens e Fatos do Seridó Antigo" (1962) e "O Coronel de Milícias Caetano Dantas Correia" (1977). Era um profundo conhecedor da língua latina, dominando com facilidade o italiano, o francês e o gregos. Cf. AZEVEDO, Aluísio. **Dom José Adelino Dantas**. Natal: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989. p.15; 67-106.

Palmeira de Lemos, Secretário da Paróquia, e do senhor Alberto da Silva Rego, chefe da Estação Experimental do Seridó, além do vigário paroquial e de "várias outras pessoas gradas da cidade"[151].

Relata Alexandrina Campos e Ione Morais, que com a saída de Dom Adelino da Diocese de Caicó, o grupo escolar passou inteiramente para a responsabilidade da Paróquia de Cruzeta, sendo administrada diretamente pelo padre Ernesto Espínola, vigário paroquial. Este não podendo contar com recursos suficientes para manter a instituição escolar, cedeu as instalações ao Estado, que passou a arcar com as despesas referentes aos professores, vindo depois a absorver, por completo, a responsabilidade sobre o seu funcionamento[152].

Figura 5. Inauguração das novas instalações da "Escola dos Pobres", tendo ao centro, da direita para a esquerda, Dom José Adelino Dantas (bispo de Caicó) e padre Ernesto da Silva Espínola (vigário paroquial). Fonte: Acervo virtual de José Leto Medeiros.

O período que assinala os primeiros anos do paroquiato do padre Ernesto em Cruzeta, foram marcados por vários acontecimentos internos e externos à instituição católica que repercutiram de muitas maneiras na Igreja seridoense e no exercício do governo da Paróquia. A nível interno mais local, a transferência de Dom José Adelino Dantas (1910-1983)

[151] Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1** (1944-1993). Cruzeta-RN. p. 31 (verso).

[152] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit.*, p. 12-13. De acordo com Campos e Morais (p. 13), após o encerramento das suas atividades, as instalações da Escola Dom José Adelino Dantas, foram cedidas, sucessivamente, para o Clube de Mães, a Câmara de Vereadores, a 1ª sede provisória do Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC), o grupo escolar Jardim de Infância, a Biblioteca Municipal "Professora Terezinha de Jesus Medeiros Goes" e o Telecentro Legislativo de Inclusão Digital "Vereador Geraldo Toscano dos Santos". Atualmente, por iniciativa do governo municipal, o local voltou a abrigar as antigas instalações da biblioteca do município.

para a Diocese de Garanhuns/PE, no final de agosto 1958, em substituição a Dom Expedito Lopes, bispo cearense assassinado em julho de 1957 pelo vigário de Quipapá, o padre Hosana de Siqueira, e a consequente nomeação de Dom Manuel Tavares de Araújo (1912-2006) para a Diocese Caicó, em janeiro de 1959, trariam novos rumos para a Igreja da região.

Dom José Adelino, que ao término de seu episcopado em Caicó deixara as impressões de um bispo de têmpera mais conservadora e reacionária e não muito afeito a um catolicismo de viés mais "secular"[153] – um antigo conhecido do antístite fala de um prelado "ortodoxamente católico" da década de 1950[154] –, não tivera o mesmo fôlego e dinamismo de seu antecessor, embora deste procurasse seguir à custo muitos de seus passos[155]. Durante os sete anos de seu bispado em Caicó (1952-1958), limitou-se, além das atividades específicas do seu ministério, a dar continuidade e termo aos empreendimentos sociais e as ações assistencialistas iniciados pela gestão anterior, algumas das quais vieram a ser ampliadas em seu governo[156], e a angariar recursos para a construção do "Arco do Triunfo" da Catedral de

[153] Refiro-me aqui a modalidade do catolicismo romano respaldada na *Doutrina Social Cristã* e preconizada por uma maior intervenção da Igreja na esfera temporal da vida, ou seja, nas questões de ordem social e política que afetam a pessoa humana e a sociedade como um todo, procurando ajustá-las. Cf. ÁVILA, Fernando Bastos de. **Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p. 70-71.

[154] Cf. NEGREIROS, Sanderson, 1977 apud. AZEVEDO, Aluísio, *op. cit*., 1989, p. 78. Prova maior dessa têmpera conservadora e reacionária do prelado pode mesmo ser identificada em muitos dos artigos de opinião de sua autoria publicados no jornal "A Folha" durante o seu episcopado em Caicó. Em um deles, chama a atenção uma passagem em que o antístite seridoense rebatendo, possivelmente, a uma crítica feita por um "cidadão" da região a seu jaez "tradicionalista", assim se expressou com um certo tom de ironia: "O dicionário do homem moderno é um dicionário diferente. Tradição, como Poesia, nasceu da admiração, do heroísmo e da gratidão. Mas, essas doces palavras estão sendo expulsas do léxico humano e inumados no cemitério dos têrmos mortos. Ao reino de uma civilização de 25ª hora, benvindos sejam os nomes super-novíssimos do tecnicismo, dos problemas sociais, dos mísseis e dos sputnicks. Não é, pois, para admirar que certo cidadão, decepcionado talvez com as nossas modestas crônicas sobre homens e coisas do Seridó antigo, tenha deixado cair essa sentença de nostálgica significação: "O homem que se volta para o passado, está perto do fim" (sic). (DANTAS, Dom José Adelino (bispo diocesano). Tradicionalismo e modernismo. **A Folha**, Caicó/RN, 29 mar. 1958. p. 03). Outro indício não menos revelador, que nos leva a seguir por essa direção, é a ação judicial movida pelo pontífice seridoense contra os ministros protestantes de Caicó, em razão do uso ostensivo por estes de alto-falante, na parte externa do templo, em reduto de alegada predominância católica. (Cf. ALTO-FALANTE e desrespeito às crenças alheias. **A Folha**, Caicó/RN, 1 out. 1955. p. 01-02).

[155] Cf. BALBINO, Antônio (Padre). O Bispo que também construiu. **A Folha**, Caicó/RN, 30 ago. 1958. p. 04. Interessante é um depoimento de uma velhinha muito católica, ouvido por Otto Guerra logo depois da posse de Dom Adelino em Caicó e registrado por Aluísio Azevedo em sua biografia do prelado seridoense, em que esta compara o novo Bispo com seu predecessor nos seguintes termos: "Este é mais católico que o outro. Ele bota a gente mais pra rezar. O outro falava mais de escola e cooperativas". Ver AZEVEDO. Aluísio. **Dom José Adelino Dantas**. Natal: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989. p. 119.

[156] Aluízio Azevedo cita como parte dessas ações a Escola Pré-vocacional, cujos serviços médico e odontológico foram ampliados durante o seu episcopado e, também, o Círculo Operário de Caicó, que recebeu o mesmo tratamento, para a ampliação de seus serviços assistenciais. AZEVEDO, Aluísio, *op. cit*., 1989, p. 116. Ver também COUTINHO, José (Monsenhor). Caicó antes e depois de Dom Delgado. **A Folha**, Caicó/RN, 29 set. 1956. p. 02. Ainda com relação as ações desenvolvidas em seu episcopado, parece-me que desde o início, Dom Adelino demonstrou consciência das dificuldades que teria em tocar adiante as muitas obras de educação e beneficência deixadas por Dom José Delgado. Referindo-se a atuação de seu antecessor, teria dito, à guisa de argumento de seu desempenho incomum, que no campo de ação social "avançou em Caicó cinquenta anos". PALAVRAS do Bispo de Caicó. **A Ordem**, Natal/RN, 23 dez. 1952. p. 01.

Santana de Caicó, um imponente monumento inspirado nos modelos clássicos da Antiguidade greco-romana e erguido no largo da Sé para homenagear a passagem pela cidade da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, em novembro de 1953[157], ou ainda a dedicar parte de seu tempo ao "despretensioso" mister de cronista, pesquisador e "historiógrafo", como provam os inúmeros artigos de sua autoria publicados no jornal "A Folha" de Caicó e posteriormente lançados em livro, muitos dos quais de encomiástico sentido genealógico[158].

De personalidade enérgica, despojada e austera, mas "aberta" às ventilações modernas inovadoras – do terceiro bispo de Caicó disse certa vez um de seus discípulos que sempre demonstrou uma repulsa pelo "conservadorismo", vendo nisso muito mais "farisaísmo" que fidelidade apostólica ao Evangelho[159] –, Dom Manuel Tavares seria responsável de imprimir uma feição mais "popular" e contemporânea a Igreja local, dedicando-se, especialmente, a promover a "causa" do homem do campo e a dar ensejo nas várias paróquias sob os cuidados de sua mitra, juntamente com outros membros do clero, a várias práticas de inovação pastoral, entre as quais se destacariam as ações do padre Ernesto em Cruzeta. Sua chegada na Diocese de Caicó sinalizaria a ascensão da "esquerda católica" a nível local, isto é, de uma ala mais progressista da Igreja e do laicato diocesanos, assinalada por uma defesa mais efetiva do "bem comum" e mais preocupada em construir uma sociedade mais justa e igualitária, com base na doutrina cristã, numa perspectiva de transformação da ordem social tradicional e de emancipação das classes trabalhadoras[160].

---

[157] O *Arco do Triunfo de Nossa Senhora de Fátima* levou cerca de cinco anos para ser concluído. Em sua construção foram gastos a soma de Cr$ 238. 228,00 (duzentos e trinta e oito mil, duzentos e vinte oito cruzeiros) com despesas de instalações, mão-de-obra, material de construção e aquisição de uma réplica da imagem da santa homenageada, significando mais que o sêxtuplo do que fora gasto pelo Banco Rural de Caicó em despesas com obras de ação social no exercício do ano de 1957. (Cf. CONTRIBUIÇÕES para o Arco de N. S. de Fátima – demonstração geral e final. **A Folha**, Caicó/RN, 30/08/1958, p. 03). Foi inaugurado por Dom José Adelino poucos dias antes de sua despedida da Diocese de Caicó, abaixo de um cenário de "calamidade pública" provocado pela grande estiagem de 1958 que reduziu à fome milhares de sertanejos seridoenses. Ver ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **Sobre pedras, entre rios**: Modernização do espaço urbano de Caicó (1950-1960). 290 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2008. p. 258-260.

[158] Sobre as ações realizadas por Dom Adelino Dantas na Diocese de Caicó, cf. AZEVEDO, Aluísio. Caicó – sua primeira Diocese. In. **Dom José Adelino Dantas**. Natal: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989. p. 115-117. Os estudos e artigos referentes as "pesquisas históricas" realizadas pelo prelado no Seridó, estão distribuídos entre as edições do jornal *A Folha* de 1956 a 1958 e condensados no livro "Homens e fatos do Seridó Antigo", publicado em 1962 pela gráfica "O Monitor", em Garanhuns/PE. Em suas redações, não raras vezes, se nota um certo brio por parte do prelado em concatenar sua descendência com as "melhores cepas" do Seridó, essas "raças de Titãs", como certa vez se referiu o antístite em um de seus artigos de opinião. Cf. DANTAS, José Adelino (bispo diocesano). "No Roteiro dos Azevedo e outras famílias do Nordeste": um livro que os seridoenses devem ler. **A Folha**, Caicó/RN, 07 jan. 1956. p. 01-02.

[159] Cf. MEDEIROS, José Mário de (Cônego). **Dom Manuel Tavares de Araújo**: Bispo diocesano de Caicó de 1959 a 1978. [s.l.: s.n.], 2014. p. 64.

[160] Sobre a ascensão da "esquerda católica" no Brasil, cf. COSTA, Lucas Aparecido. **A esquerdização do catolicismo no Brasil**: uma tentativa de modernidade nas práticas sociais da Igreja para o povo (1961-1964). Curitiba: CRV, 2014. Ver também MENDES, Cândido. **Momento dos vivos**: a esquerda católica no Brasil. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

De modo diverso de seu antecessor, cuja atuação episcopal estava conformada numa visão teológica mais conservadora e esteada na mentalidade tridentina, isto é, no múnus que confere ao bispo a função cardinal de guardião e defensor da fé, da ordem, da moral e da doutrina católica, embora não devendo descurar das questões "temporais"[161], Dom Manuel Tavares demonstraria desde muito cedo uma preocupação mais acentuada com os problemas sociais da região, adaptando seu ministério às novas exigências da pastoral e fazendo dessa prática uma tônica em seu governo.

A nível interno internacional, a eleição de Angelo Giuseppe Roncalli (1881-1963), Papa João XXIII, para o trono de São Pedro, em substituição a Pio XII, Eugenio Pacelli (1876-1958), pontífice italiano falecido em outubro de 1958, que em seu longo pontificado de dezenove anos mostrara ter sido um dirigente conservador, autoritário, antimodernista, centralista e contrário as correntes liberais, positivistas e socialistas, tornando-se o único Papa do século XX a exercer o magistério extraordinário da *infalibilidade* papal[162] e o último representante incontestável do paradigma antimoderno medieval da Contrarreforma, inauguraria uma nova era na história da Igreja Católica[163].

Diferentemente de seu predecessor que se mostrara resistente e receoso a mudanças, apesar dos avanços perpetrados no campo da Doutrina Social da Igreja – conforme notou Exequiel Gutierrez, Pio XII foi o primeiro a abordar de forma séria e sistemática o tema dos *direitos humanos*, incorporando definitivamente o pensamento social católico ao ideal

---

[161] Em 1952, em sua "mensagem de saudação" aos diocesanos caicoenses, Dom Adelino havia proferido que "a tarefa mais heroica que se pode exigir dos sacerdotes atuais" é "enfrentar a torrente do materialismo e da apostasia, deste século", vindo a condenar posteriormente a "tentação" da "contemporização" entre os católicos. Cf. PRIMEIRA Pastoral de Dom José Adelino Dantas – Mensagem de saudação. **A Ordem**, Natal/RN, 19 set. 1952. p. 05 e DANTAS, José Adelino (bispo diocesano). O primado da verdade. **A Folha**, Caicó/RN, 19 fev. 1955. p. 01. Nas palavras do próprio prelado: "Uma das maiores tentações a que, hoje em dia, se expõem os filhos de Deus, é a da contemporização. Contemporizar com a mentira, com o mal e com o erro. Nestes tempos, em que as convicções vão perdendo sentido de profundidade e vão dando lugar ao critério das simples opiniões, contemporizar é o clima propício dos convencionalismos sociais. [...]. É a covardia de submeter-se e acomodar-se às máximas e misérias do mundo, de tornar-se indiferente ante as desordens morais e sociais, de estender a mão ao inimigo, de colaborar com ele e, sacrificando seus princípios dizer amém a tudo [...]. A Igreja, portadora legítima da verdade, jamais deixará de clamar, de levantar sua voz contra as desordens individuais e sociais".

[162] A infalibilidade papal é a prerrogativa de que goza o Pontífice romano para deliberar com segurança sobre os assuntos relacionados a fé e a moral (os costumes), por meio da qual se credita a ele o privilégio sobrenatural de estar sempre com a verdade quando se pronuncia solenemente sobre essas questões "ex-cathedra" (nesse caso, literalmente, "a partir da cátedra" de São Pedro). Uma vez proclamadas, essas passam a adquirir força de dogmas, ou seja, de verdades imutáveis e infalíveis as quais todo católico deve aderir, aceitar e acreditar de uma maneira inquestionável e definitiva. Foi definida em 1870 e declarada instituição dogmática pelo Papa Pio IX durante a quarta sessão do Concílio Vaticano I. Cf. COMBY, Jean. **Para ler a história da Igreja**: do século XV ao século XX. Trad. Maria Stela Gonçalves e Aldair V. Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 1994. t. II. p. 122-124.

[163] Cf. KÜNG, Hans. **Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 220-224. Sobre Pio XII e seu pontificado, cf. CORNWELL, John. **O Papa de Hitler**: a história secreta de Pio XII. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

democrático de governo[164] – João XXIII não hesitaria em propor transformações, apesar de ser conservador quanto à liturgias e devoções[165]. "Hedonista extrovertido, volúvel, bem adaptado, que adorava o contato humano e apreciava imensamente o trabalho pastoral"[166], ele seria responsável de imprimir na instituição católica uma feição mais "moderna" ao suscitar a realização de um concílio – o vigésimo primeiro da história, nomeado Concílio Vaticano II – com vistas a promover a unidade cristã, o diálogo entre as diversas religiões (*convivienza*), a renovação pastoral e a adaptação da Igreja aos novos tempos (*aggiornamento*), buscando liberta-la de sua rigidez interna[167].

Contrastando imensamente com os posicionamentos de Pio XI e XII quanto as suas posturas inflexíveis contra o comunismo e o marxismo – em 1949, no popular "Decreto contra o comunismo" publicado pela Sagrada Congregação do Santo Ofício, Pio XII asseverava a excomunhão automática *ipso facto* de todos os católicos que, em obstinação consciente, aderissem ao materialismo e às doutrinas marxistas –[168], João XXIII se mostraria mais complacente, manifestando a intenção de chegar a um consenso com os comunistas e reconhecendo que em muitos aspectos estes também tinham a ensinar aos cristãos, apesar de continuar classificando o comunismo, à semelhança dos seus antecessores, como uma filosofia falsa[169]. Para a desconfiança do *establishment* e dos católicos tradicionalistas, chegaria mesmo a receber, em março de 1963, numa visita diplomática no Vaticano, a filha e o genro de Nikita Khrushchev (líder soviético), numa tentativa bem-sucedida de diminuir as tensões entre a hierarquia e a União Soviética[170], aceitando, inclusive, a "abertura para a esquerda" (*apertura a sinistra*) do governo de Amintore Fanfani, na Itália[171].

---

[164] GUTIERREZ, Exequiel Rivas. **De Leão XIII a João Paulo II**: Cem anos de Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 40-41. Sobre o pensamento de Pio XII, ver o compêndio organizado por CHINIGO, Michael. **Pio XII e os problemas do mundo moderno**. Trad. José Marins. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959.

[165] Cf. ARRAES, Virgílio Caixeta. De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da renovação durante a Guerra Fria. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília-DF, v. 42, n.165, p. 77-98, jan./mar. 2005. p. 84.

[166] JOHNSON, Paul. **História do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 616.

[167] ARRAES, Virgílio Caixeta, *op. cit*., 84-86. Eleito para ser um Papa "transitório", sem maiores consequências, Angelo Roncalli causou alvoroço e surpresa na alta cúpula da Igreja ao anunciar apenas com três meses de pontificado, em janeiro de 1959, a convocação de um concílio ecumênico com o propósito de promover reformas na Igreja. Cf. ARENDT, Hannah. Angelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963. In. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 67-68.

[168] DECCETUN die 1 iulii 1949. In. **Acta apostolicae sedis** – commentarium officiale. Annus XXXXI, serieis II, vol. XVI. Cittá del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1949. p. 334. Ver tradução do *deccetun* no DENZINGER. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica**. Trad. Peter Hünerman. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 850-851.

[169] ARRAES, Virgílio Caixeta, *op. cit*., p. 88. O problema foi

[170] CAHILL, Thomas. **Papa João XXIII**. Trad. Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 254-255.

[171] ANDRADE, Theophilo de. "Apertura a sinistra". **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro/RN**,** 03 ago. 1963. p. 97. Amintore Fanfani (1909-1999) foi um economista, historiador e influente político italiano do pós-guerra. Como

Ao falecer em 1963, apenas um ano depois de ter dado início as atividades do Concílio, havia colocado na agenda mundial questões importantes, como as relacionadas a justiça social, a paz, a cultura dos povos e aos direitos humanos[172], deixando em aberto na Igreja um programa que a estimulava a regressar às fontes apostólicas e patrísticas e a perpetrar uma maior abertura ao ecumenismo e ao mundo moderno, encorajando a atuação voluntária da colegialidade dos bispos e recomendando um maior despojamento da hierarquia eclesiástica, criticada por viver numa espécie de monarquia centralista, fechada e de aspecto feudal, distante do próprio "povo" que se condignava representar[173]. No âmbito da pastoral incitara o diálogo com o fito na adoção de uma forma mais contemporânea e acessível de transmissão da mensagem evangélica (novos métodos de evangelização mais adaptado a linguagem do homem hodierno), propondo, ainda, uma reforma na liturgia católica, uma maior escuta e atenção por parte do clero e do laicato às necessidades materiais e espirituais dos povos e também uma maior participação dos fiéis leigos na vida política do Estado[174]. No que tange a vida da instituição eclesiástica, aspirara ainda a uma renovação no Código de Direito Canônico, o reconhecimento às novas correntes teológicas (Rahner, Metz, Congar, de Lubac, Chenu e outros), a legitimação das novas formas de cristianismo social (os padre operários, a economia humanista do Padre Lebret) e uma abertura crescente às preocupações da filosofia moderna e das ciências sociais[175].

Esse fluxo de transformações desencadeado pelo pontificado de João XXIII no interior da instituição católica e continuado com certas reservas por seu sucessor, Paulo VI, Giovani Montini (1897-1978), que Gutierrez chamaria de "processo irreversível de

político se destacou no papel de representante da ala esquerda da Democracia Cristã (DC), facção partidária influenciada pelos ensinamentos sociais da Igreja. Defendia uma "abertura à esquerda" (ou *apertura a sinistra*) do partido, chegando a formar, em 1962, com a anuência do Papa João XXIII e já em posse de seu terceiro mandato como primeiro-ministro italiano, a primeira coligação com os socialdemocratas. Foi um dos fundadores da centro-esquerda italiana.

[172] Essas questões foram abordadas por João XXIII especialmente na sua famosa carta-encíclica *Pacem in Terris* (Paz na Terra), publicada em 11 de abril de 1963, dois meses antes de sua morte. Nesta encíclica, considerada uma das mais importantes do século XX, o pontífice italiano, apelidado de o "*il Papa buono*" (o Papa bom), aborda o tema dos direitos humanos, enquanto fundamentos da paz, destacando, entre outros, os direitos de liberdade religiosa, do amparo social, de participação na vida política do Estado, das minorias e dos refugiados. Foi publicada em plena Guerra Fria, num contexto de maior tensão provocado pela construção do Muro de Berlim (1961), e pela crise dos misseis instalados em Cuba (1962). Cf. JOÃO XXIII. **Sobre a Paz dos Povos**: carta encíclica "Pacem in Terris". 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1963.

[173] CAHILL, Thomas, *op. cit*., p. 222-234.

[174] Cf. BEOZZO, José Oscar; ALBERIGO, Giuseppe. (Org.). **Herança espiritual de João XXIII**: olhar posto no amanhã. São Paulo: Edições Paulinas, 1993. p. 14-25.

[175] Cf. MARTINA, Giacomo. **História da Igreja**: de Lutero a nossos Dias. São Paulo: Edições Loyola, 1997. v. IV (A Era Contemporânea). p. 277; 282-283. Ver também LOWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação?** 2 ed. São Paulo: Fundação Abreu Abramo; Expressão Popular, 2016. p. 84.

reconciliação com o mundo moderno"[176] e Hans Küng de "transição revolucionária"[177], iria dar um novo impulso e significado às atividades da Igreja em todo o mundo, notadamente no campo da ação social. No Brasil, como corolário imediato desse processo, se intensificaria a atuação do episcopado, dos padres e da militância leiga, especialmente dos setores de juventude da Ação Católica Brasileira (ACB), nos movimentos políticos e de cunho pastoral, notando-se, também, uma maior intervenção dessas esferas nas questões sociais. Encorajados pelos posicionamentos do pontífice e por seu sã pragmatismo e estimulados pelos novos ensinamentos de suas encíclicas sociais – refiro-me aqui, de modo especial, as cartas-encíclicas *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963), de grande repercussão no país e no resto do mundo[178] –, muitos católicos iriam empreender um diálogo mais sério com intelectuais e políticos marxistas, dentro do novo espirito conciliar de tolerância, de verdade e justiça, acentuando suas posições em prol de reformas sociais estruturais, de forma mais notável, da reforma agrária[179].

Figura 6. Papa João XXIII na cerimônia de abertura do Concílio Vaticano II.
Fonte: Revista "O Cruzeiro", 2 de novembro de 1962.

[176] GUTIERREZ, Exequiel Rivas, *op. cit.*, p. 44.
[177] KÜNG, Hans, *op. cit.*, p. 224.
[178] Para acesso a tradução integral dos documentos pontifícios e comentários, cf. MESQUITA, Luís José. **As encíclicas sociais de João XXIII**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. 2v.
[179] Cf. BEOZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil**: de João XXIII a João Paulo II, de Medelín a Santo Domingo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993. p. 45-71.

É verdade que, no que concerne à experiência da Igreja no Brasil, essas ações de abertura para o campo social já vinham sendo empreendidas, de maneira sistemática, desde pelo menos meados da década de 1940, como revelam os diversos trabalhos assistenciais e educativos desenvolvidos pela Diocese de Natal, no Rio Grande do Norte, e por Dom José Delgado, em Caicó/RN[180]. Ampliadas no decênio seguinte com o apoio do Estado populista, que desde o governo Vargas (1951-1954) vinha praticando no Nordeste, em entrosamento com a hierarquia, uma política de intervenção social, educacional e sanitária com o fito na diminuição dos desequilíbrios socioeconômicos regionais, essas ações receberiam novos incrementos com a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), no governo de Juscelino Kubitscheck (1959), as quais passava a prever em seus planos a reforma agrária no campo, a industrialização regional e a elevação dos padrões de vida da população nas áreas educacional, nutricional, sanitária, recreativa e habitacional[181].

Aventando uma maior participação dos cristãos na vida civil do Estado, as encíclicas sociais de João XXIII dariam um vigoroso impulso à linha de compromisso social da Igreja no Brasil e, de modo particular, ao seu crescente engajamento nas questões relativas a reforma agrária, a educação de base e a sindicalização rural, servindo de esteio para que "cada vez com mais liberdade e partindo mais e mais das condições concretas da realidade brasileira e das necessidades e exigências de justiça da parte do movimento popular no campo", essas demandas fossem sendo aprofundadas e levadas adiante com mais firmeza[182]. Não por acaso, refletindo sobre o impacto do Concílio Vaticano II e do pontificado de João XXIII na Igreja do Brasil, Oscar Beozzo comparava esses adventos a uma "primavera inesperada" ou as "águas longamente represadas" de um rio, que havendo se soltado, "correm livremente, abrindo e aprofundando o próprio leito" [183]. Visão nostálgica, talvez, mas que serve para ilustrar com delicadeza o significado que tiveram para aqueles que embebidos do novo orvalho vivificante teceram novas formas de "eclesialidade" no "chão da Igreja". Provocando uma repercussão positiva e animadora nos meios eclesiásticos brasileiros, também na Igreja do Seridó, a recepção desses acontecimentos, sobretudo a partir da divulgação da encíclica *Mater et*

[180] AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. t. II/3-2 – Terceira época (1930-1964). p. 592-593. Sobre as experiências de trabalho social desenvolvidas pela Diocese de Natal cf. FERRARO, Alceu Ravanello. **Igreja e desenvolvimento** – **O Movimento de Natal**. 2. ed. Natal/RN: Jovens Escribas, 2019 e também CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. História e Estrutura do Movimento de Natal. In. **Igreja e desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, Editora Brasileira de Ciências, 1971. No que diz respeito aos trabalhos sociais desenvolvidos por Dom José Delgado em Caicó, cf. DANTAS, José Adelino. Meu testemunho. In. DELGADO, José de Medeiros. **Memórias da graça divina**. São Paulo: Edições Loyola, 1978. p. 163-165.
[181] BEOZO, José Oscar, *op. cit*., p. 47.
[182] Idem, p. 51.
[183] Idem, p. 11.

Magistra (1961), considerada dentro da tradição dos documentos pontifícios como a "Carta Magna da Agricultura", em decorrência do extenso espaço consagrado a questão agrária (82 parágrafos, ao todo), não seria muito diferente do que se sucederia no país afora[184].

No plano externo mais local, o fenômeno da seca de 1958, uma das mais devastadoras e dramáticas do semiárido nordestino, e as novas formas de concebê-lo, daria um novo impulso ao que parte da Igreja no Rio Grande do Norte vinha denominando de "luta pela mudança de estrutura". Embora essa não fosse a primeira vez que a Igreja Católica atuava no sentido de mitigar as graves consequências das estiagens no interior do Estado, foi a experiência direta e incisiva no combate a "indústria da seca" em 1958, isto é, na luta contra os estratagemas criados pelos chefes políticos locais (os coronéis) com o objetivo de tirar proveito da calamidade[185], que despertou no clero católico a reorientação de seus trabalhos assistenciais para uma linha de ação transformadora das estruturas sociais e econômicas da região. Para tanto, muito contribuiu a experiência da instituição nas ações de mitigação dos efeitos da estiagem em 1953, que atuando em colaboração com o serviço denominado Assistência às vítimas das Secas (AVS), promovido pela LBA, organizou em várias áreas interioranas do Estado os comitês de socorros aos flagelados, com o intuito de diminuir a interferência política na aplicação dos recursos e na distribuição dos gêneros de primeira necessidades, ocasionando os primeiros choques, ainda que esporádicos, entre a organização católica e os coronéis do interior[186].

Esse primeiro contato com a estiagem e com a estrutura da indústria das secas, provocou entre muitos membros do clero, dentro e fora do Estado, uma tomada de consciência do problema e um maior interesse pelos dilemas cotidianos do homem do campo,

---

[184] A carta do Papa. **A Folha**, Caicó/RN, 19 de ago. 1961, p. 01. Em um trecho do comentário sobre o documento pontifício publicado pelo jornal "A Folha", editado pela Diocese de Caicó, em agosto de 1961, lê-se o seguinte: "Tirou também certas dúvidas que impediam um pronunciamento declarado da Igreja sobre problemas de hoje. E assim, por exemplo, não negando a propriedade privada que é um direito natural, o Papa, contudo, pregou sem rodeios a socialização das riquezas, usando um termo até pouco tempo suspeito, nesta mania de se taxar de "esquerda" tudo quanto fala de renvindicação (sic). Agora só nos resta traduzir em realidade os ensinamentos do grande pontífice [...]". Para o acesso ao texto completo do documento cf. JOÃO XXIII. **Sobre a recente evolução da questão social**: carta encíclica "Mater et Magistra". 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1961.

[185] O jornalista e escritor Antônio Calado já utilizava a expressão "indústria da seca" no final dos anos 1950, para designar a estratégia de alguns políticos que se aproveitavam da calamidade provocada pelas longas estiagens na região nordestina para conseguir mais verbas do governo, incentivos fiscais, concessões de crédito e perdão de dívidas, valendo-se da propaganda de que a população sertaneja está a perecer de fome. Enquanto isso, o pouco dos recursos que de fato são empregues nas obras de combate a estiagem (estradas de rodagens, açudes, projetos de irrigação), torna-se inútil quando estas são construídas em propriedades privadas de grandes latifundiários que as usam para fortalecer seu poder político ou então, quando por falta de planejamento adequado, se tornam imensas obras sem utilidade. Cf. CALADO, Antônio. **Os industriais da seca e os "galileus" de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

[186] FERRARO, Alceu Ravanello; ARAÚJO, Marta Maria de. O Movimento de Natal e a Indústria das Secas (1958). **Revista Educação em Questão**, Natal/RN, v. 26, n. 12, p. 198-211, mai./agos. 2006. p. 200-202. Ver também sobra essa questão SOUZA, Itamar de. **A luta da Igreja contra os coronéis**. Petrópolis: Vozes, 1982.

particularmente do trabalhador rural, já que deixava patente se tratar na verdade, de um fenômeno mais político e humano do que climático e seus mecanismos paliativos, de um subproduto da estrutura social da região. Em decorrência disso, um número cada vez maior de vozes passaria a se fazer ouvir, "quer criticando a morosidade, desorganização e ineficiência dos órgãos federais que atuavam no Nordeste, quer pondo em questão a própria política federal caracterizada pelo conhecido programa Obra Contra as Secas", acusado de condescender com os esquemas fraudulentos dos coronéis da região[187].

Das ideias geradas entorno das novas formas de encarar o problema, emergiria, com forte intervenção da hierarquia nordestina, a política de desenvolvimento econômico regional do governo Kubitscheck, cujas diretrizes seriam apresentadas e discutidas, em 1956, durante o I Encontro dos Bispos do Nordeste realizado em Campina Grande/PB, alcançando um ponto alto com o Encontro de Natal, em 1959, do qual resultaria a criação da SUDENE[188]. Convocados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sob a supervisão de Dom Helder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro e Secretário Geral do colegiado episcopal, os certames também contariam com a participação dos prelados caicoenses, que representando os anseios das populações locais, levariam para as assembleias sugestões de melhorias para a região seridoense[189]. A contribuição da Igreja com o programa desenvolvimentista do governo traria um clima de renovação para o pensamento católico, "provocando maior sensibilidade da hierarquia eclesiástica para com as populações mais marginalizadas do processo social, e abrindo espaço para que líderes do laicato assumissem posições marcantes na luta pela transformação social, com simpatia declarada pela ideologia socialista"[190].

Ainda em 1956, os Bispos reunidos em Campina Grande, assumiriam uma posição bem definida em favor de mudanças econômicas e sociais estruturais, proclamando sua decisão de não cooperar ou manter conluio com as elites agrárias em suas estratégias de dominação na região, como deixa patente a Declaração assinada pelos prelados no final do Encontro: "nas atuais estruturas econômico-sociais [...] há tremendas injustiças que levam a Igreja a uma necessidade de declarar sua inteira independência". O documento chega mesmo a negar a

---

[187] Idem, p. 202.

[188] Cf. BANDEIRA, Marina. **A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964):** anotações para uma história da Igreja no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, Educam, 2000. p. 228-210. Ver também CAMARGO, Aspásia de Alcântara. A questão agrária: crise de poder e reformas de base (1930-1964). In. FAUSTO, Boris (Cor.) **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Republicano. Sociedade e política (1930-1964). São Paulo: Difel, 1985. vol. III, tomo III. p. 162-168.

[189] Cf. Encerrado o II Encontro dos Bispos do Nordeste. **A Folha**, Caicó/RN, 30 de mai. 1959, p. 01 e Sugestões dos bispos do Rio Grande do Norte à reunião dos bispos do Nordeste. **A Folha**, Caicó/RN, 23 de jun. 1956, p. 02-03.

[190] AZZI, Riolando, *op. cit.*, p. 361.

tradicional cumplicidade do clero com a classe senhorial, já evidenciada em diversos estudos, desvinculando a instituição eclesiástica de qualquer responsabilidade sobre as consequências geradas dessa aliança com o poder político: "A Igreja se proclama sem nenhuma vinculação com as situações injustas e se coloca ao lado dos injustiçados, para cooperar com eles numa tarefa de recuperação e redenção". E observa em seguida: "Nossa tendência é pela Reforma Social, em prazo mais ou menos amplo, exigido pela sabedoria dos homens que tem a missão de influir no curso dos acontecimentos, sem provocar desequilíbrios e novos desajustamentos"[191].

Figura 7. I Encontro dos Bispos do Nordeste (Campina Grande, PB). Ao centro, em destaque, ladeando o Presidente Juscelino Kubitscheck, vê-se, em primeiro plano, Dom Helder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro e Secretário Geral da CNBB e, em segundo plano, Dom Eugênio Sales, bispo auxiliar de Natal. À esquerda, em destaque, vê-se também Dom José Adelino Dantas, então bispo de Caicó.
Fonte: Site oficial da Sudene.

Essa nova tomada de decisão merece ser sublinhada, pois abriria novos horizontes para a ação pastoral da Igreja na região, e de modo especial, no Rio Grande do Norte, com a expansão para todo território do Estado e além, das atividades sociais da Arquidiocese de Natal, sobretudo, a partir da seca de 1958[192]. Esse empreendimento que ficaria conhecido pelo nome genérico de "Movimento de Natal", exerceria uma forte repercussão no Seridó Potiguar, através

[191] DECLARAÇÃO DOS BISPOS DO NORDESTE. In. **I Encontro dos Bispos do Nordeste** (Campina Grande – maio de 1956). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Presidência da república, 1960. p. 66.
[192] Cf. FERRARO, Alceu Ravanello; ARAÚJO, Marta Maria de, *op. cit.*, p. 200.

das ações pastorais do bispo Dom Manuel Tavares, que atuando em sintonia com o Departamento Arquidiocesano de Ação Social implementaria em várias paróquias de sua Diocese muitas iniciativas com vistas no desenvolvimento social e educacional das populações marginalizadas, especialmente, do homem do campo.

No plano externo internacional o impacto provocado pela vitória da Revolução Cubana em 1959, a primeira revolução de inspiração socialista vitoriosa do continente americano, daria início, juntamente com o Pontificado de João XXIII, a um novo período na história das relações entre religião e política na América Latina, com forte repercussão na Igreja do Brasil[193]. Até então considerada uma região secundária no teatro dos embates políticos e ideológicos entre as duas superpotências em luta pela hegemonia mundial – EUA e URSS – mais preocupadas com Europa, Ásia e África, a América Latina se viu lançada para o centro do conflito conhecido por Guerra Fria, passando a merecer também por parte da Igreja romana uma atenção especial na pessoa do Sumo Pontífice[194].

A tensão entre Roma e a ilha caribenha se intensificou a partir de 1961, quando o governo revolucionário cubano liderado por Fidel Castro (1926-2016) encaminhou o novo regime para um modelo marxista-leninista, doutrinalmente ateísta, aliado ao bloco soviético, infligindo uma série de perseguições aos recalcitrantes, entre os quais muitos padres católicos[195]. A Santa Sé, porém, reagiu buscando uma estratégia mais ampla com relação aos acontecimentos da ilha e se posicionando positivamente em favor de uma reforma da Igreja, um realinhamento de suas forças e um mais nítido compromisso social na América Latina, fazendo vigorar no campo diplomático, uma atitude prudencial que incluiu a manutenção da representação diplomática do Vaticano em Havana.

No campo ideológico, entretanto, a linha impulsionada por Roma não foi prudencial, mas, sim, de agressivo alinhamento às posições mais extremadas da política norte-americana, que passara a infligir contra Cuba duras sanções econômicas e uma implacável guerra ideológica, combinando propaganda, desinformações e mentiras. Neste ponto, deve-se ainda se distinguir o que era atitude pessoal de João XXIII, mais relativizadora, embora não

---

[193] LOWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação?** 2. ed. São Paulo: Fundação Abreu Abramo; Expressão Popular, 2016. p. 27. Ver também do mesmo autor **A guerra dos deuses**: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7.

[194] Cf. SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 315 f. Tese (Doutorado em História Econômica). São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, outubro de 2011. p. 286-287. Ver também BEOZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil**: de João XXIII a João Paulo II, de Medelín a Santo Domingo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993. p. 19.

[195] SILVA, Marcos Antonio da; JOHNSON, Guillermo Alfredo. Revolução e religião: as relações entre a Igreja e o Estado na Cuba Contemporânea. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, vol. 52, n. 1, p. 08-16, jan./abr., 2006. p. 10-11.

menos sensível as condições de sofrimento dos cristãos e da Igreja nos países sob regime comunista, e a atitude herdada de Pio XII, de tudo subordinar à política do anticomunismo e que continuava predominante nos órgãos da Cúria Romana[196].

De qualquer forma, temendo que o exemplo cubano se alastrasse pelo resto do continente dadas as condições sócio-políticas da América Latina, a Igreja Romana através do seu pontífice passaria a solicitar de todos os ordinários latino-americanos e do laicato um particular empenho ante as necessidades crescentes, indicando como meios especiais para enfrentar essa situação uma clara visão da vida concreta, a realização de um plano de ação correspondente à realidade para somar e canalizar as forças e as inciativas, uma corajosa execução do plano e uma larga e cordial colaboração entre as Igrejas da região e de "todos os que podem e querem prestar um auxílio fraterno", posição que iria adquirir com o evoluir da situação em Cuba, um tom cada vez mais de urgência[197].

Em atendimento ao apelo de João XXIII, o episcopado brasileiro por meio da CNBB, em sua V Assembleia Geral Ordinária, realizada no Rio de Janeiro, entre 2 e 5 de abril de 1962, discutiria e abonaria com celeridade as linhas gerais do "Plano de Emergência" da Igreja do Brasil, com especial atenção para a revitalização e renovação das paróquias e do ministério sacerdotal, como também do papel do leigo frente aos novos desafios do apostolado na América Latina, tornando-se o primeiro documento de planejamento pastoral a ser adotado em todo território nacional elaborado pelo colegiado dos bispos[198]. O Plano, que finalizava com uma orientação sobre a necessidade de uma "pastoral de conjunto", isto é, de "um esforço global e planificado, visando a evangelização" das massas nas áreas rurais e urbanas, "sob o signo da comunidade" e "como reação ao individualismo"[199], também refletia sobre as suas implicações socioeconômicas no país, alinhando o programa a um imperativo de reformas sociais inadiáveis já em franca expectativa na sociedade, como a reforma agrária, administrativa, tributária e trabalhista[200].

Apelando para a "Doutrina do Corpo Místico", entendida pela cúpula dos bispos como uma "marca notável na paisagem religiosa dos nossos dias", porque "faz viver intensamente o social" em tempos de "coletivização estatal" extremista, concluía o colegiado

---

[196] BEOZO, José Oscar, *op. cit*., p. 20-21.
[197] Idem, p. 25.
[198] Ver sobre a questão QUEIROGA, Gervásio Fernandes. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)**: comunhão e corresponsabilidade. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 349-373 e também AZZI, Riolando, *op. cit*., p. 633-634.
[199] CNBB. **Plano de Emergência para a Igreja do Brasil (1963)**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004. (Cadernos da CNBB, 1). p. 89; 90-91.
[200] Idem, p. 99.

episcopal pela corresponsabilidade e comunhão de todos os membros da sociedade, em graus e papeis diversos, na busca de soluções para os problemas atuais do país em face das necessidades globais[201]. Terminada a sessão e deliberando-se pela urgência de se realizar no Brasil uma presença mais ativa da Igreja e, assim, salvar a nação das ameaças que contra ela se levantam, como "o comunismo ateu e demolidor" dos valores cristãos, a insistente "mentalidade laicizante" e o "egoísmo" do "liberalismo econômico" responsável por tantos desequilíbrios sociais e, por isso, não menos ateísta que a doutrina comunista[202], os dignitários reunidos no Rio de Janeiro, convocariam solenemente em cumprimento da nova agenda "todas as forças vivas da Igreja", com o sentido de congregar energias "para um renovado esforço pastoral"[203].

Ao mesmo tempo em que a hierarquia brasileira procurava mobilizar suas forças em atenção ao iminente perigo representado por Cuba, muitos militantes católicos alinhados aos setores de esquerda, passavam a ver no evento cubano uma alternativa de rompimento com o processo causador do subdesenvolvimento do país, alimentando as esperanças de uma proposta de sociedade fora do modelo capitalista[204].

De fato, como mostra Scott Mainwaring, os episódios da ilha caribenha "criaram a consciência de que a revolução era uma possibilidade na América Latina", inspirando "algumas pessoas a intensificar seus esforços para promover uma mudança radical; outras, a adotar defesas intransigentes da ordem vigente e outras, ainda, a promover o reformismo como o meio de abortar a revolução". Repercutindo de diversas maneiras no Brasil, dentro da Igreja brasileira e entre os católicos praticantes, estavam presentes as três reações, sendo a primeira a mais fraca e o impulso reformista a mais forte[205]. Seguindo a tendência de maior peso no país e de forte ascendência no Nordeste, a Igreja do Seridó, na pessoa de Dom Tavares e dos seus padres e leigos colaboradores, tomaria posição pela proposta reformista, como forma de promover uma sociedade mais justa e humana e também como alternativa aos projetos de mudanças mais radicais.

---

[201] Idem, p. 92.

[202] Na Mensagem da Comissão Central da CNBB, emitida em julho de 1962, em consideração ao pensamento do episcopado brasileiro, diante da presente situação do país, assim se expressavam os membros da delegação em tom de esclarecimento: "O comunismo ateu explora ativamente a situação, enquanto o capitalismo liberal não menos ateu, beneficia-se da agitação comunista". E denunciavam adiante: "Jamais houve, neste País, nem maior nem mais criminoso domínio das forças econômicas, desviadas de seus altos objetivos de prever às necessidades do bem comum pela justa e equânime distribuição das riquezas". Cf. CNBB. Mensagem da Comissão central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. In. **Plano de Emergência para a Igreja do Brasil (1963)**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004. (Cadernos da CNBB, 1). p. 102.

[203] CNBB, *op. cit.*, p. 13-15.

[204] Cf. COSTA, Lucas Aparecido. **A esquerdização do catolicismo no Brasil**: uma tentativa de modernidade nas práticas sociais da Igreja para o povo (1961-1964). Curitiba: CRV, 2014. p. 60-61.

[205] MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil** (1916-1985). Trad. Heloísa Braz Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 64.

Ainda em dezembro de 1960, um ano após a derrubada da ditadura de Fulgêncio Batista pelos guerrilheiros liderados por Fidel Castro, "A Folha" de Caicó, semanário noticioso pertencente a Diocese, chamava a atenção dos governantes para a "lição de Cuba", fazendo lembrar que foram os "desmandos do ditador Batista [...] que, alucinado pela ambição, entregara o país ao capitalismo americano", desprezando os problemas do povo, o principal responsável por proporcionar "o clima propício para a revolução, que derramou tanto sangue e fuzilou milhares de cubanos". A matéria, que terminava certificando a gradual transformação do pequeno país "em mais um governo títere do Kremlin", deixando velada uma certa "simpatia" pelo sucedido na ilha, ressaltava a necessidade de se mudar a "mentalidade errada" de só se defender os interesses do povo sob pena de este "voltar as suas esperanças para um Fidel Castro, embora com os perigos de perecer a democracia e entronizar-se nos jovens países sul-americanos o abutre voraz do comunismo ateu"[206].

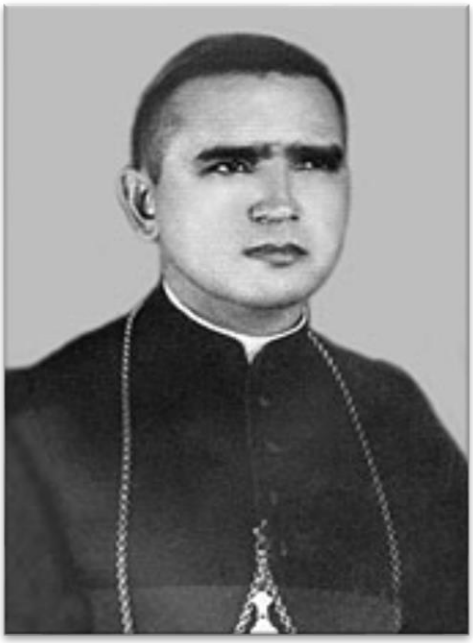


Figura 9. Dom José Adelino Dantas (1910-1983), segundo bispo de Caicó.

Figura 8. Dom Manuel Tavares de Araújo (1912-2006), terceiro bispo de Caicó.

Mesmo que os acontecimentos cubanos não possam ser tomados como um marco no envolvimento da Igreja local nas questões sociais da região, como corroboram as inúmeras iniciativas implementadas por Dom José Delgado nas paróquias da Diocese de Caicó durante o

[206] A lição de Cuba. **A Folha**, Caicó/RN, 3 de dez. 1960, p. 01. É interessante notar que o tom combativo com o qual a Igreja local iria se voltar para a "questão cubana", só se tornaria mais evidente a partir de 1961, com os desdobramentos políticos que conduziram a uma relação acirrada entre instituição católica e regime castrista na ilha caribenha. Cf. Mais uma vez Cuba. **A Folha**, Caicó/RN, 6 de mai. 1961, p. 01.

seu episcopado (1941-1951)[207], seria em atenção a uma possível "invasão vermelha" representada pelo "perigo de Cuba", que o clero seridoense passaria a promover e a defender de maneira franca e deliberada reformas sociais mais efetivas, especialmente a reforma agrária. Em Cruzeta, considerada "a Paróquia mais rural da Diocese", dada as condições excepcionais de um operariado rural organizado em torno da Estação Experimental do Seridó[208], as ações pastorais do vigário Ernesto, se voltariam com especial atenção para os problemas do homem do campo, a partir de 1960, adquirindo uma forte projeção com a expansão da Juventude Agrária Católica (JAC), nesse mesmo ano, e com a instituição da "Festa da Colheita" em 1961 – uma primeira experiência da celebração seria ensaiada ainda no ano anterior, mas sem grande envergadura, como atesta um registro paroquial[209]–, e culminando com a interferência direta da Igreja na fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em maio de 1963, e com a instalação do Movimento de Educação de Base (MEB), em 1964. O fato de os acontecimentos cubanos estarem relacionados a um movimento rural de guerrilhas bem-sucedido e conduzirem consigo a estratégia da disseminação de focos de rebelião camponesa como uma pratica revolucionária adaptável ao contexto da América Latina[210], talvez explique o empenho com o qual a instituição católica iria se voltar para as questões agrárias da região, sobretudo, a partir de 1961, com a divulgação da formação de núcleos guerrilheiros clandestinos, lideradas pelo deputado socialista pernambucano, Francisco Julião, no Estado vizinho de Pernambuco, com o apoio de Cuba, vinculados as Ligas Camponesas[211].

Mas é necessário não se deixar levar pela fórmula simples de achar que todo envolvimento social da Igreja foi exclusivamente em decorrência do temor do comunismo. Outros aspectos não menos importantes precisam ser considerados na análise dessa questão, como a necessidade de abertura para um modelo de ação pastoral mais condizente com o mundo

---

[207] Cf. DANTAS, José Adelino. Meu testemunho. In. DELGADO, José de Medeiros. **Memórias da graça divina**. São Paulo: Edições Loyola, 1978. p. 163-165. Ver também BRITO, Paula Sônia de. **A luta do Bispo Dom José de Medeiros Delgado por educação escolar para todos (Caicó-RN, 1941-1951)**. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal/RN: UFRN, 2004.

[208] A informação, que parece-me fundar-se mais em critérios subjetivos, foi retirada do depoimento concedido no dia 10 de março de 2020 pelo senhor Sebastião Arnóbio de Morais, assistente e braço direito do padre Ernesto Espínola em suas muitas empreitadas pastorais na Paróquia de Cruzeta.

[209] Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993)**. Cruzeta-RN. p. 36.

[210] DEZEMONE, Marcus. Revoluções camponesas no século XX. In. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (Org.). **O século sombrio**: guerras e revoluções do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 77. Cf. também FERNANDES, Florestan. A guerrilha e a conquista do poder. In. **Da guerrilha ao socialismo**: a Revolução Cubana. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 53-95.

[211] Cf. BALBINO, Antônio (Padre). Cuidado com Julião. **A Folha**, Caicó/RN, 13 de mai. 1961, p. 05. Sobre a questão, ver RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2010. p. 28-29; 217.

hodierno e também a emergência de novos papéis eclesiásticos que levem em consideração os desafios contemporâneos da Igreja.

De fato, a ameaça comunista promoveu uma mudança nítida nas perspectivas da instituição em relação à questão agrária na região, como demonstram os inúmeros posicionamentos do clero e também dos leigos ativos no semanário diocesano e nas Paróquias da Diocese, aqui enfatizados pelo caso específico de Cruzeta. Todavia, não se pode fechar os olhos para o fato de que, se o "avanço vermelho" estimulou muitos membros da Igreja e do laicato a adotarem posturas mais progressistas no sentido da luta por reformas sociais efetivas, isso ainda mais se deve a uma tomada de consciência da injusta realidade social e política adquirida e cultivada por meio da experiência direta e concreta com o meio e também das novas concepções do ser "Igreja" na sociedade moderna contemporânea. Mas antes de adentrar propriamente no desenvolvimento dessas questões, convém ainda que se faça uma breve excursão pelos "caminhos" trilhados por nosso focalizado personagem, o padre Ernesto, procurando distinguir aquilo que já fazia dele um "sacerdote diferente" daqueles da geração de seu antecessor.

Esse exercício, como já foi salientado, se torna aqui importante, porque contribui para se pensar as ações realizadas pelo vigário Ernesto em Cruzeta, não sendo unicamente o "reflexo" de seu contexto histórico imediato ou simplesmente uma "reação" diante das necessidades impostas por este, mas, também, e, sobretudo, uma "resposta" formulada para fazer jus as novas expectativas sociais e, especialmente, institucionais, em torno de qual deve ser o novo papel do sacerdote no mundo moderno contemporâneo. Em outras palavras, para atender as novas exigências interpessoais e afetivas do *habitus* sacerdotal, já que os sujeitos não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou como instinto, mas, também, como sentimento e lidam com esses sentimentos, como normas, obrigações, reciprocidades, valores e convicções[212].

1.3. Um sacerdote da "transição"...

A história de vida do padre Ernesto se confunde, em grande medida, com a história de sua trajetória profissional, não se distinguindo, em muitos aspectos, dos caminhos trilhados

[212] THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 189.

por outros sacerdotes católicos de sua geração procedentes dos extratos inferiores da sociedade brasileira do interior do país. Por "geração" quero antes me referir a uma dada localização social compartilhada por um conjunto de indivíduos que nasceram mais ou menos numa mesma época e que partilham e usufruem juntos e contemporaneamente, embora não essencialmente através de vínculos concretos, de um acervo comum de experiências, visões de mundo, situações de vida e oportunidades de trabalho, na dimensão histórica do processo social[213].

Nascido no dia 7 de novembro de 1927, em Acari, cidade situada no sertão do Seridó norte-rio-grandense, a 174 km de distância de Natal, capital do Estado, sendo o quarto filho de uma prole numerosa de nove irmãos criados e o terceiro da fila dos homens, o padre Ernesto teve uma infância ordeira, sem grandes agitações, apesar das dificuldades e sacrifícios que marcaram essa fase de sua vida. Oriundo de família humilde da região e de poucos recursos – seu pai, Manoel Antônio da Silva Espínola, era um funcionário público do baixo escalão e sua mãe, Rita Maria da Conceição, uma trabalhadora doméstica –, desde muito cedo precisou contribuir com as despesas de casa e com a manutenção material da família, o que atendia prestando ajuda a um dos irmãos na tarefa de "botador de água" nas residências da cidade, serviço que desempenhava adquirindo o líquido nas cacimbas ou nos riachos das redondezas e distribuindo pelas ruas com o auxílio de um jumentinho. Ainda muito moço, com o intuito de receber alguns "trocados" e complementar os minguados recursos domésticos, desempenhava a função de "menino de mandados", atendendo as solicitações dos mais chegados ou conhecidos da família. Nas horas oportunas, também ajudava em casa com os serviços mais pesados, como cortar e carregar lenha na cabeça para o consumo interno.

Filho de pais católicos praticantes e muito voltados à Igreja (sua mãe, Dona Rita, era membro do "Apostolado da Oração" e seu pai, o Seu Antônio, um assíduo frequentador das missas dominicais), o menino Ernesto recebeu uma educação religiosa com base nos ensinamentos e princípios morais cristãos, crescendo em um ambiente onde as crianças eram incentivadas desde muito pequenas à prática diária da religião e à guardar e observar com rigor os preceitos católicos, como jejuns, dias de guarda, rezas coletivas e sacramentos, circunstância que muito contribuiria para moldar a sua escolha pelo sacerdócio.

Como muitas crianças que nasciam e se educavam no seio de uma família católica de conduta observante e preocupada em proporcionar aos filhos uma educação religiosa dentro dos cânones do catolicismo romano, foi batizado nos primeiros meses de vida, tendo como

[213] Cf. Para uma melhor compreensão do conceito de "geração", cf. MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In. FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). **Karl Manheim**: sociologia. Trad. Emílio Williams. São Paulo: Ática, 1982. p. 67-95.

oficiante o padre Luiz Wanderley, então Vigário do Acari, e como padrinhos de Batismo, o senhor Francisco Honorato e a senhora Maria da Conceição, casal que muito lhe auxiliaria posteriormente na consecução do estado sacerdotal.

Ainda na tenra idade, conforme orientava o magistério da Igreja, fez a preparação para a "Primeira Comunhão" na Matriz do Acari, ritual pelo qual o católico era iniciado nos mistérios sagrados da vida cristã e que se apresentava como um processo social de formação, no qual a criança estabelecia seus primeiros contatos sistemáticos com a doutrina oficial católica, se constituindo, assim, num "rito de passagem" para a vida adulta[214]. Foi introduzido no catecismo da Igreja por orientação do padre e depois Cônego Ambrósio Silva, presbítero que assumiria a freguesia do Acari em regime vitalício, a partir de 1936, e que exerceria forte influência na formação de sua personalidade e no amadurecimento de sua decisão "vocacional", influindo, também, de forma decisiva, na educação religiosa dos irmãos. Enquanto esteve vivo, o Cônego Ambrósio, costumava frequentar com assiduidade a casa da família, mostrando-se principalmente zeloso com a educação e instrução moral das moças e das crianças, tornando-se, ainda, o responsável por conduzi-las às associações religiosas da paróquia (as moças eram encaminhadas à Pia União das Filhas de Maria e as crianças à Cruzada Eucarística; já o Eusébio, o terceiro da fila, ajudava como "sacristão"[215] na Igreja). Teve, também, muita influência na decisão do irmão mais velho, o José Espínola, em tomar partido pelo estado clerical, chegando mesmo a encaminhá-lo ao Seminário de Natal, mais sem muito sucesso[216].

Criança "reservada" e de poucas amizades, o menino Ernesto, desde muito cedo, revelou um fascínio ostensivo pelo culto católico, passando, por intermédio da mãe a auxiliar o Cônego Ambrósio, vigário paroquial, nas celebrações das missas na Matriz. Relata Sebastião de Morais, um de seus biógrafos, que desde os 7 anos, já atraído pelo magnetismo dos atos litúrgicos e pelo ofício sacerdotal, costumava revelar a seu pai o desejo de tornar-se padre, o qual sempre lhe respondia: "você já viu filho de pobre ser padre?"[217]. Ingressou com 11 anos

---

[214] Cf. MAGUETA, Rita de Cássia de Matos. Primeira Comunhão: sacramento e ritual de passagem. In. **Salve o dia entre todos o mais belo**: Educação religiosa e fotografias de primeira comunhão na década de 1940 (Porto Alegre/RS). 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. p. 72-125.

[215] Diz-se do leigo que desempenha o ofício de serventuário do pároco no ministério paroquial e sacerdotal. É o responsável por manter o asseio e a ordem na sacristia, no interior da Igreja e em outras dependências, devendo ainda zelar pelos paramentos, alfaias e objetos do culto, conservando-os sempre nos seus lugares e em boa ordem. LOURENÇO, José (Pe.). **Dicionário da Doutrina Católica**. Porto: [s.n.], 1945. p. 216-217.

[216] Informações retirada da entrevista concedida pela senhora Edilza Espínola de Medeiros, irmã mais nova do Padre Ernesto Espínola, hoje com 80 anos de idade e moradorado no município de Jardim do Seridó/RN, no dia 18 de maio de 2020.

[217] MORAIS, Sebastião Arnóbio de. Monsenhor Ernesto da Silva Espínola – 50 anos de sacerdócio. O Seridoense. In. **Revista da festa**. 2. ed. Jardim do Seridó/RN: [s.n.], 2005. p. 09.

de idade, por incentivo de um conhecido da família, na Congregação Mariana de Acari, sodalício difundido pelas Paróquias do país, que tinha como uma de suas missões infundir nos seus membros os ideais de humildade, disciplina e obediência, com base no modelo abnegado da Virgem Maria, e preparar os congregados para a defesa e propagação da fé católica nos diversos espaços de atuação da sociedade, buscando, assim, municiá-lo no combate militante contra os proclamados inimigos da Pátria e da Igreja (de modo especial, o Protestantismo, o Espiritismo, o Modernismo, o Liberalismo e o Comunismo)[218]. Como era um menino pobre e demonstrava inclinação para a vida consagrada, estudava na escola da Congregação, instituição onde veio a aprender suas primeiras letras e a tecer os primeiros contatos com o latim, na época, a língua oficial do culto católico romano[219].

A iniciativa, que contara com o apoio do Cônego Ambrósio, se coadunava com a ideia muito em conformidade nos meios eclesiásticos do período, de que a educação dos meninos aspirantes a carreira sacerdotal devia seguir uma regra diferenciada dos demais, mantendo-os afastados o quanto fosse possível da influência das outras crianças e dos princípios deturpadores do ensino laico, já que "ao padre estava confiada a salvação da sociedade", sendo o sacerdócio apresentado em termos teológicos, não como uma profissão, mas como uma vocação, ou seja, um chamado vindo diretamente de Deus, o qual existindo de forma latente no pequeno, devia ser apenas "despertado" e "modelado" pelos formadores, mantendo-o resguardado das "corrupções" do mundo[220]. Daí a atenção e o zelo com que os vigários deviam se voltar para os meninos que apresentassem fortes indícios de vida piedosa e visível interesse pelo culto, sinais considerados evidentes de vocação para o sacerdócio.

Numa mensagem transmitida ao jornal *A Ordem* em 1948, Monsenhor Ascânio Brandão, uma estimada personalidade do clero católico brasileiro e Diretor Espiritual do Seminário Diocesano do Rio de Janeiro, chamava a atenção dos padres e sobretudo dos párocos para o dever que lhes cabia de despertar, cultivar e preservar nas crianças e nos moços o "germe" de vocação sacerdotal:

> A primeira e a mais bela obra que possa neste mundo fazer um padre é multiplicar o seu sacerdócio. O padre, escrevera o cardeal Gusmini, deve cultivar as vocações sacerdotais, para não deixar perecer nele o tesouro cujo depósito recebeu. É um dever de gratidão a Nosso Senhor pela graça incomparável do sacerdócio. [...]. Despertar e cultivar as vocações para nós

[218] Cf. MAIA, Pedro Américo. A "onda azul do marianismo" (1927-1967). In. **História das Congregações Marianas no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 55-102.
[219] MORAIS, Sebastião Arnóbio de, *op. cit.*, p. 09.
[220] AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. t. II/3-2 – Terceira época (1930-1964). p. 560; 306-317.

> sacerdotes, sobre ser uma obra de caridade é uma responsabilidade tremenda. Não há maior pecado de omissão que o de deixar perecer a vocação sacerdotal em tantas almas generosas de crianças e moços que vivem ao lado do padre, e só esperam dele uma palavra de estímulo, um chamado de Deus que é o chamado do sacerdote.

E em seguida evocava as obrigações do pároco e do vigário em relação a esse encargo lembrando o que já ordenava o código de direito canônico no seu cânone 1353: "E o que deve fazer o pároco, o Vigário, com muita precisão explica o já citado cânon [...]: estudar os indícios e sinais de vocação nos meninos, preservá-los do mundo, formá-los na piedade, instruí-los [nas] primeiras letras e desenvolver neles os germens da vocação"[221].

Também padre Raul Plus, escritor jesuíta francês e eminente formador de almas das décadas de 1930 e 40, dirigindo-se aos presbíteros nas páginas do periódico, convidava-os à reflexão sobre o seu dever de cultor de vocações, revelando uma pratica ainda muito operante no período:

> E eu? Tenho a preocupação de encontrar vocações, de arranjar futuros padres? Entre as crianças do catecismo, tenho tido o cuidado de descobrir germens? Falo-lhes muitas vezes da felicidade de ser padre, da grandeza do sacerdócio? Procuro escolher bem os coroinhas, educa-los, explicar-lhes a fundo o seu papel, exigir deles atitudes perfeitas, inculcar-lhes profunda estima pela dignidade do ajudante da Missa, que tão de perto participa do santo sacrifício, e mais que os outros, se aproxima da presença real? Sobretudo, prego-lhes com o meu exemplo, com a minha modéstia, com o meu recolhimento na Igreja? [...] E, si é necessário, tenho o cuidado de assediar os pais, de não desanimar perante as primeiras recusas, de lhes ensinar o desinteresse, de lhes mostrar a imensa honra que Deus faz a uma família quando escolhe nela um eleito?[222]

Embora a escolha pelo sacerdócio tenha partido mais de uma motivação pessoal por parte do menino Ernesto e de sua convivência estrita com o Cônego Ambrósio, como certa vez informara em depoimento[223] – para os pequenos neófitos auxiliares do culto, o padre-vigário funcionava como uma espécie de "mistagogo" (do grego *mystagogós*, que quer dizer, "condutor de mistérios"), responsável de ensinar-lhes as cerimônias e os ritos católicos, como também de

---

[221] BRANDÃO, Monsenhor Ascânio. O Padre e a Obra das Vocações Sacerdotais. **A Ordem**. Natal/RN, 16 de set. 1948. p. 05.

[222] PLUS, Raul (Padre). Aos sacerdotes: fomentar vocações. **A Ordem**, Natal/RN, 16 de jun. 1948. p. 05.

[223] Numa reunião de depoimentos coletados por Bianor Medeiros e publicados em formato de livro por ocasião do 40º Aniversário de morte do Cônego Ambrósio Silva, comemorado em 1997, assim se expressava o Padre Ernesto Espínola em alusão ao zelo e dinamismo com a qual o velho clérigo se dedicava ao trabalho pastoral: "Foi essa disponibilidade do Cônego Ambrósio que me despertou o desejo de ser padre". ESPÍNOLA, Ernesto da Silva (Mons.). Cônego Ambrósio Silva. In. MEDEIROS, Bianor. **Cônego Ambrósio Silva – 40º Aniversário de Morte** (Paróquia de Acari-RN). Brasília: Gráfica e Editora Brasil, [s.d]. p. 51.

iniciá-los nos conhecimentos básicos do latim litúrgico[224] –, a influência dos membros da família, de modo especial, de sua mãe, Dona Rita, é algo que merece atenção do historiador.

É conhecido, especialmente no domínio da literatura ficcional, o papel da mulher-genitora e dona de casa na tarefa de formar o caráter dos filhos, prepara-los para a vida social e de incuti-lhes o respeito pelas coisas sagradas, sendo a ela confiada a função de transmissora dos primeiros rudimentos de fé e piedade cristãs na sociedade patriarcal[225]. Jorilene da Silva Gomes, referindo-se a essa missão pedagógica das mulheres nos lares católicos da primeira metade do século XX no Brasil, relata que a obrigação da "boa mulher" era tornar o lar um ambiente sagrado onde o amor reinasse e a paz divina se fizesse presente, procurando realizar com as suas ações de mãe e esposa benevolente e piedosa a família cristã[226].

Muito ligada aos movimentos paroquiais, especialmente ao "Apostolado da Oração", associação formada por leigos, cuja principal finalidade era aumentar o fervor religioso nos fiéis, promover a frequência da "comunhão reparadora" e difundir a veneração ao Sagrado Coração de Jesus, devoção associada à mensagem apologética sobre o que a instituição católica considerava ser o amor e a compaixão sofridos do coração de Cristo em relação à humanidade pecadora (ideia do desagravo)[227], Dona Rita, desde muito cedo, buscou transmitir ao filho Ernesto os ensinamentos cristãos e imprimi-lhes o interesse e a admiração pelas coisas da Igreja e da religião, tornando-se a principal responsável por introduzi-lo no universo sagrado das missas, das rezas, das pastorais e das devoções.

Mulher formada nos rigores morais do catolicismo e orientada pela concepção de que ao sexo feminino estava reservada a obrigação de educar os filhos e formá-los "bons cristãos" com base nos princípios doutrinários da Igreja, sua convivência diária com a prole e o cuidado especial que esta lhe dedicava, serviram como um ponto de apoio para a decisão precoce do menino pelo sacerdócio, posição que este viria amadurecer através do contato direto com o Cônego Ambrósio e a Congregação Mariana. Kenneth Serbin, examinando os padrões de recrutamento utilizados pela hierarquia para a reprodução de seus quadros, relata que era comum a "vocação" ser incentivada pela mãe, vista pela hierarquia como a protetora da família, não sendo poucos os párocos que tentavam fazer das figuras maternas suas "cúmplices" para encorajar um potencial seminarista[228]. Soma-se ainda a esse fator, o grande prestígio social que

---

[224] Ver MARGERIE, Bertrand de. **Padres, profetas e mistagogos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1968. p. 42-44.
[225] Cf. FREYRE, Gilberto. **Dona Sinhá e o filho Padre**: seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
[226] GOMES, Jorilene Barros da Silva. **A Família Cristã Católica**: o movimento noelista na Paraíba (1931-1945). 164 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. p. 116.
[227] AZZI, Riolando, *op. cit.*, p. 469-470.
[228] SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 112.

gozava a figura do sacerdote no "lar dos Espínolas" e o desejo, especialmente nutrido pela genitora, de ver ordenado padre algum dos seus filhos. Essa circunstância, aliada a tradição familiar ainda muito estimada de se ter entre os membros da prole um filho padre, contribuía para que a carreira sacerdotal, na época, um dos únicos meios de ascensão social acessível às famílias pobres e uma porta garantida para a educação superior[229], fosse não apenas almejada pelos rebentos varões da família, mas também incentivada e valorizada pelos membros da parentela, caso bastante notável do sobrinho Gonzaga, que mesmo não tendo seguido a carreira eclesiástica, chegou a frequentar o Seminário na juventude, vindo posteriormente a se ordenar Diácono[230].

Um discurso muito comum na época, reproduzido por João Virgílio Tagliavini, reflete bem a importância representada pela figura do padre nos ambientes domésticos das pequenas cidades interioranas do país e a influência que esta exercia sobre a subjetividade dos garotos no "despertar" para o sacerdócio:

> Qual é a pessoa mais importante numa cidade? O prefeito, o juiz, o delegado...? Não, é o padre, porque o que ele ensina penetra na consciência. Se o povo tem moral, tem religião, o trabalho do prefeito, do juiz, será menor. Esses profissionais cuidam da saúde e da vida do corpo que morre, cuidam das coisas materiais. O padre cuida da saúde espiritual, da vida da alma que é eterna. Uma paróquia sem padre é presa fácil para o demônio e de todo tipo de desavenças...[231].

A interferência da Congregação Mariana no processo de maturação vocacional do menino Ernesto é algo ainda a ser levado em consideração. Arthur Rambo analisando as estratégias de ação implantadas pela Igreja católica na primeira metade do século XX no Brasil, cita a importância das Congregações Marianas na intensificação da vida religiosa e sacramental nas pequenas comunidades do país, como também na fomentação de vocações e na reprodução do clero. Revela o autor que ao adotar uma evidente preocupação pela formação, pelo cultivo da vida cristã por meio da prática sacramental e espiritual de seus associados, além de uma postura apologética e missionária, essas associações, que muitas vezes abrigavam em sua

---

[229] Cf. BRUNEAU. Thomas. **O catolicismo brasileiro em época de transição.** São Paulo: Edições Loyola, 1974. p. 113. Ver também SERBIN, Kenneth P., *op. cit*., p. 113.

[230] Bernardo Guimarães, em seu prestigiado romance de 1872, alude a esse comportamento familiar, típico da sociedade patriarcal brasileira, ainda muito aclamado na primeira metade do século XX, de se "fazer" padre um membro viril da prole: "Naquelas épocas de crença viva e piedade religiosa ter um filho padre era um prazer, uma glória, de que muito se ufanavam os pais e mães de família". GUIMARÃES, Bernardo. **O Seminarista**. 14 ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 21.

[231] Apud. TAGLIAVINI, João Virgílio. **Garotos no túnel**: um estudo sobre a imposição da vocação sacerdotal e o processo de condicionamento nos seminários. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1990. p. 41.

estrutura escolas comunitárias confessionais afinadas com o projeto educacional da Igreja, acabavam servindo de viveiro para a criação e desenvolvimento de vocações religiosas e sacerdotais[232]. Esta circunstância, é também observada por Pedro Américo Maia, o qual constata que em muitos lugares onde os Seminários eram inexistentes, estas ainda serviam de preparação para os candidatos ao sacerdócio[233]. Pio XII em sua Constituição Apostólica *Bis Saeculari Die* sobre as Congregações Marianas, de 27 de setembro de 1948, invocava a utilidade dessas associações pias, consideradas pelo pontífice como "verdadeiras escolas de santidade e apostolado", na consecução desse intento pedagógico na Igreja:

> Porém – o que é o principal – muito mais do que o número de membros, se hão de ter em conta as normas e leis que, por assim dizer, levam pelas mãos os congregados àquela excelência de vida espiritual que os habilita a subir os cumes da santidade, graças especialmente ao uso daqueles meios dos quais é sumamente útil [que] estejam munidos os perfeitos e cabais seguidores de Cristo [...] Tais meios, porém, não se reduzem a uma simples formulação de leis sapientíssimas, mas se concretizam felizmente na vida cotidiana das Congregações Marianas [...], pois onde quer que se estabeleçam, desde que observem à risca seus princípios e leis, logo vicejam e florescem a integridade dos costumes e uma observância da religião. Mais ainda, por divina inspiração, surgem com frequência, e até aos grupos, congregados que aspiram conquistar para si e comunicar aos demais a perfeição cristã, tanto no estado sacerdotal, como nos sagrados claustros[234].

Mais significativo a esse respeito são os números apontados pelo Anuário da Federação Mariana do Paraná para o exercício do ano de 1939, em que se registra a cifra de 25 vocações saídas das fileiras da Congregação com destino aos quadros do clero secular e regular da região. Referindo-se a essa missão particular assumida por essas associações piedosas nas muitas paróquias e dioceses do país, aferia a publicação em balanço publicado em 1940:

> As Congregações Marianas, sendo, como cumpre, associações formadas pela "elite espiritual", delas devem naturalmente promanar vocações sacerdotais e religiosas. A vocação despertada ou alimentada entre Marianos é índice de fervor e sinal evidente de que a Congregação Mariana conserva o genuíno espírito[235].

---

[232] RAMBO, Arthur B. Restauração católica no Sul do Brasil. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. 19, n. 36, p. 279-304, 2002. p. 294-298.

[233] MAIA, Pedro Américo. **Os jesuítas e o "catolicismo de influência" no Brasil Centro-leste**: uma crônica entre o sonho e a utopia. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. p. 261.

[234] PIO XII. Constituição Apostólica "Bis Saeculari Die" sobre as Congregações Marianas. In. ALBERTON, Valério. **Carta Magna das Congregações Marianas**: comemoração do 10º aniversário da Constituição Apostólica "Bis Saeculari" (Texto e Comentário). Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1958. p. 09-10. (Com algumas modificações do autor).

[235] Cf. **Anuário da Federação das Congregações Marianas do Paraná (1939-1940)**. Curitiba: Livraria Mundial, 1940. p. 73-74

Com o intuito de fomentar nos seus membros uma ardente devoção e amor filial a Virgem Maria e com base no seu exemplo formá-los "bons cristãos" e defensores audazes da santa Igreja católica, as Congregações Marianas contavam com uma regra comum própria, que impostas a todas as associações, serviam como uma espécie de exame preliminar para os meninos e adolescentes que se mostravam interessados em abraçar o estado clerical. O Manual dos Congregados Marianos reeditado e organizado oficialmente em 1949 pela Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil sediado no Rio de Janeiro e adotado como padrão em todo território nacional, nos dá uma noção definida do tipo de condicionamento a que eram submetidos esses garotos. Na seção "Dos deveres comuns" imputados a todos os membros da associação, assim prescreve o Manual em instrução do "bom congregado":

> O bom congregado deve ser acima de tudo um cristão exemplar, conformando perfeitamente sua fé e costumes com o que ensina a santa Igreja católica, louvando o que ela louva, e reprovando o que ela reprova, sentindo como ela sente em todas as coisas, não se envergonhando nunca, seja na vida particular, seja na vida pública, de proceder como filho obediente e fiel de tão santa Mãe[236].

Para se tornar um bom congregado e viver como um cristão exemplar, o "mariano" devia cumprir com diligência os exercícios de piedade prescritos, "que são sobretudo necessários para a vida de fervor": oração diária pela manhã, com meditação e invocação da Virgem Maria; quando possível, comunhão e assistência à Missa; entrega fiel e com reta intenção às ocupações cotidianas; recitação do terço à noite ou durante o dia; uso da saudação mariana e do distintivo do sodalício, prática da confissão ordinária a um confessor escolhido e oração da noite com exame de consciência. O Manual ainda recomendava aos congregados que fossem evitadas as amizades e conversações desnecessárias com pessoas más ou suspeitas, que se guardassem de leituras, espetáculos e divertimentos inconvenientes ou menos morais e que se evitassem as ocasiões que representassem algum perigo à própria alma, ou que pudessem servir de escândalo e desedificação ao próximo[237]. No que diz respeito à vida interna e externa da Congregação, orientava que fossem obedecidas "com vontade pronta e submissa às ordens e conselhos do Padre Diretor", função subsumida pela pessoa do vigário, quando se tratava de associação paroquial, e que se procurasse com frequência assistir as reuniões gerais do sodalício

---

[236] CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO BRASIL**. Manual dos Congregados Marianos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Indústria Gráfica Siqueira, 1949. p. 48.
[237] Idem, p. 71-72.

e ainda, quando possível, se exercitar com zelo nas práticas de misericórdia espirituais e corporais, como também nas obras de apostolado social, como o ensino da doutrina cristã, o bom exemplo e a visita regular aos enfermos, aos presos e aos pobres[238]. Aos congregados das secções de moços ou estudantes, recomendava-se ainda a inscrição nas "Academias", onde possam se exercitar "em trabalhos apologéticos, científicos, literários, artísticos, econômicos [...] que cultivam a inteligência e o espírito, formam e apuram o gosto, e orientam o critério de cada um, quer em matérias religiosas, quer em assuntos profanos"[239].

Ao lado dos exercícios espiritais, das práticas de piedade cristã e do apostolado, a apologética exercia uma dimensão especial na formação do congregado mariano, sendo bastante enfatizado nos discursos marianos a reprovação às doutrinas, novidades e erros ditos modernos (heresias) e o anátema aos proclamados "inimigos" da Igreja. Em um opúsculo destinado a instrução moral e doutrinária dos congregados, assim se dirigia o padre Paulo José de Souza aos membros dos sodalícios marianos:

> O congregado que pensa com a Igreja, não pactua com seus inimigos, não se aproveita de suas vantagens temporais, não tem ideias protestantes, maçônicas, comunísticas, liberais, existencialistas, divorcistas, modernísticas, não brinca com as coisas sagradas, não critica a disciplina da Igreja sobre o jejum, a abstinência, os hábitos dos religiosos e as batinas dos sacerdotes, não vai atrás de novidades perigosas ou não aprovadas como por exemplo os padres à paisana, certos modos e modas[240].

A introjeção da defesa militante da Virgem Maria, da sociedade, da Igreja e da doutrina católica, também era uma prática recorrente na formação dos congregados marianos, sendo bastante enfatizado no processo formativo o papel a esses reservados de combatentes denodados do "Reino do Cristo". Denominações como "Cavaleiros de Maria", "Soldados de Cristo" e "Arautos do Divino Rei", eram utilizadas como qualificativos de congregados marianos para ressaltar a atitude a ser assumida por estes em defesa da Igreja e da Pátria perante os ataques de seus "inimigos" e das investidas do "espírito mundano". Padre Walter Mariaux, Diretor do Secretariado Geral das Congregações Marianas em Roma, numa comunicação dirigida aos sodalícios de moços em 1941, conclamava os jovens confederados do Brasil a prestarem seus serviços no "grande exército mariano" e a servirem como "oficiais" nas "fileiras da Virgem Santíssima":

---

[238] Idem, p. 51; 74-76.
[239] Idem, p. 75.
[240] SOUZA, Paulo José de. **Vida Mariana**: a vida do congregado e da Congregação mariana à luz de suas regras e dos documentos de Pio XII. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1955. p. 33.

> Sê meu cavaleiro, assim te chama a Rainha Celeste, e luta pelo Reino do meu Filho. Podes acaso ver sem santa indignação, como os inimigos de Cristo dominam a vida das famílias e até a vida particular? Podes ver sem comoção, como dois mil anos depois da morte redentora do Salvador, milhares não conhecem o seu Evangelho e outros milhares que o conhecem vivem como os pagãos antes da sua chegada? Cristo, o Rei Divino, precisa de lutadores decididos, abnegados, generosos. A Igreja precisa em todos os países de apóstolos do Evangelho[241].

Dentre os declarados inimigos da Igreja, da Pátria e da religião, o comunismo e as "ideias bolchevizantes" gozavam de especial atenção por parte dos formadores marianos, sendo bastante endossados em suas palestras e alocuções como erros e males a serem rechaçados e combatidos por todo fiel católico e, de modo mais enfático, pelo congregado mariano, já que a ele, como certa vez se referiu Dom Sebastião Leme (1882-1942), Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, estava confiada a salvação do país[242]. O jesuíta Pedro Américo Maia como historiador das Congregações Marianas no Brasil, assinala o aspecto apologético como a marca registrada dessas associações devocionais, observando que de 1935 em diante, data da eclosão da chamada "Intentona Comunista" no país[243], a propaganda contra o comunismo será uma constante em seus discursos, atos e manifestações públicas e, de modo mais sistemático, em seus centros de formação[244]. No Rio Grande do Norte, palco de um dos mais dramáticos momentos desse acontecimento: a tomada do poder na capital pelos revoltosos, essa realidade também não será diferente.

---

[241] MARIAUX, Walter. **Cavaleiros de Maria**. Rio de Janeiro: Confederação Nacional das Congregações Marianas, 1941. p. 15. (1. Curso para a formação de "chefes" marianos).

[242] Cf. "As ameaças bolchevistas contrapomos a fita azul dos Congregados", disse o Em. Sr. Cardeal Dom Sebastião Leme à mocidade mariana do Brasil. **Legionário**. São Paulo/SP, 9 de mai. 1937. p. 01.

[243] A "Intentona Comunista", também conhecida como "Levante Comunista", "Insurreição Comunista" ou "Revolta Comunista", foi uma tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas realizado em 1935 por elementos militares insatisfeitos com a situação política nacional, em nome da Aliança Nacional Libertadora (AIB), com apoio do Partido Comunista do Brasil (PCB), e de membros da Internacional Comunista (Comintern). O levante eclodiu em diferentes locais do país, tendo início na cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, onde os revoltosos conseguiram tomar o poder e instalar um governo revolucionário provisório por um curto período (o "Comitê Popular Revolucionário"), seguido pela cidade do Recife e Rio de Janeiro. Devido ao impacto que causou na opinião pública conservadora da época, pois o fenômeno não se tratou apenas de uma rebelião comum, mas de uma tentativa armada dos comunistas de tomarem o poder, a "Intentona Comunista", termo depreciativo utilizado pelos estratos conservadores da sociedade para caracterizar a natureza desordenada e desestruturada da eclosão do movimento, foi a maior responsável pela disseminação e consolidação do anticomunismo no Brasil. Ver sobre os levantes comunistas de 1935 COSTA, Homero de Oliveira. **A Insurreição Comunista de 1935**. Natal: EDUFRN, 2015 e sobre a relação entre a "Intentona Comunista" e a propagação do sentimento anticomunista no Brasil SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 315 f. Tese (Doutorado em História Econômica). São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, outubro de 2011.

[244] MAIA, Pedro Américo. **História das Congregações Marianas no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 74.

Daniela Araújo Leirias, num estudo em que analisa a gênese do pensamento anticomunista católico no Estado, aponta as Congregações Marianas como um dos principais vetores de irradiação desse ideário na década de 1930, notando ainda que cabia aos congregados marianos a responsabilidade pelo apostolado da imprensa, como também pela veiculação das informações e produções intelectuais nesse campo, sobretudo, daquelas produzidas pelo "Centro Dom Vital" no Rio de Janeiro, na época o mais importante centro intelectual do catolicismo brasileiro e um dos principais responsáveis pela criação e difusão de um discurso e imaginário anticomunistas católicos no país[245]. Baseando-se nos estudos de Renato Amado Peixoto, a autora ainda observa que os principais membros da Congregação no estado, entre os quais, Otto de Brito Guerra, Ulysses de Góes e Francisco Veras Bezerra, também participavam do jornal *A Ordem*, mantendo relações e correspondências com os correligionários do interior e de outras seções do país, especialmente do Rio de Janeiro, além de serem adeptos da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento ultranacionalista, conservador, tradicionalista, corporativista, anticomunista e antiliberal católico inspirado no fascismo italiano e baseado na Doutrina Social da Igreja, amplamente difundido na Congregação Mariana de Natal e de outras localidades do estado (incluindo as seções dos municípios de Acari, Currais Novos e Caicó)[246].

Deste modo, articulando-se com a dinâmica e o pensamento católico produzidos em outras regiões do país e, de modo especial, na capital da República, a Congregação Mariana no Rio Grande do Norte, participava do mesmo dinamismo que impulsionava a espiritualidade e as atividades do movimento no Brasil, compartilhando, portando, da orientação anticomunista militante (e de modo menos enfático, antiliberal) que caracterizava o "pedagogismo mariano" em território nacional. Neste sentido, é ainda o padre Mariaux quem nos expõe com maior acuidade essa função pedagógica dos sodalícios marianos no Brasil e assumida formalmente pelas Congregações no Estado:

> Não devemos deixar vencer-nos pelos inimigos! Como os comunistas erigiram numa cidade da Rússia um monumento a Judas, o traidor, assim nós levantaremos nos nossos corações monumentos a Cristo-Rei; como eles preparam os propagandistas do Ateísmo nas suas universidades e escolas,

[245] LEIRIAS, Daniela Araújo. **"Louvado seja o Santíssimo Sacramento"**: o anticomunismo católico e a formação da identidade e da espacialidade norte-rio-grandense (1935-1937). 159 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2016. p. 33-34; 113-117.

[246] Idem, p. 29-34; 116. Sobre a relação entre a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Igreja Católica no Rio Grande do Norte, cf. PEIXOTO, Renato Amado. **A colusão entre o Catolicismo e o Integralismo no Rio Grande do Norte (1932-1935)**. In: *XVIII Simpósio Nacional de História*. Anais do XVIII Simpósio Nacional, 2015, Florianópolis-SC. Para uma melhor compreensão do movimento integralista no Rio Grande do Norte, ver CORTEZ, Luiz Gonzaga. **Pequena história do Integralismo no Rio Grande do Norte**. Natal: Clima, 1986.

> assim nós formamos fileiras de apóstolos da Verdade, oficiais e "chefes" do exército de Cristo nas nossas Congregações Marianas[247].

O "pedagogismo anticomunista" mariano não estava apenas limitado aos espaços das reuniões de formação, às palestras, cursos e programas de instrução para os jovens e às sessões de estudos para leituras e discussões de teses, atividades de praxe que alimentavam juntamente com os exercícios espirituais, o apostolado e as obras de piedade cristãs a vida das Congregações Marianas nas décadas de 1930 e 40, mas fazia parte de outras práticas protocolares e formativas dessas associações, como as magníficas manifestações púbicas de fé (paradas ou concentrações) que também caracterizavam o marianismo no Brasil[248].

Um episódio que merece ser destacado, ainda mais pela sua dimensão local, foi a "grande romaria e concentração religiosa" promovida pelo Cônego Ambrósio Silva, "com os aplausos e bênçãos" do Bispo Diocesano, Dom Marcolino Dantas, em maio de 1937, no monte de Nossa Senhora das Vitórias de Carnaúba, município do Acari. O jornal *A Ordem* que noticiou o acontecimento, enviando até o local um representante, relatou em suas páginas a finalidade do evento, que era "avivar cada vez mais no coração dos catholicos a repulsa pela nefanda doutrina communista e, ao mesmo tempo, congrega-los, crescentemente, em torno da igreja"[249], procurando ainda "obter do Céu a victória da Religião, da Família e da Pátria, contra a praga social dos nossos tempos – o communismo – que tantos males vem causando à humanidade (sic)". Na mesma oportunidade, o órgão diocesano justificava em apoio irrestrito ao certame, "que o povo brasileiro e portanto o povo do Rio Grande do Norte, precisa se convencer de que em vão se combaterá o perigo comunista e se pretenderá regenerar a sociedade, sem um profundo sentimento de espiritualidade, sem uma volta à prática consciente da religião", passando a comunicar em seguida o convite feito pelo vigário do Acari a todo povo católico do Seridó, para se fazer presente na "concentração anti-comunista"[250].

A "concentração", que contou com uma programação bem definida, incluindo uma "Grande Assembleia", "Missa Solene", "dança de creanças em torno da cruz", "Exercícios Marianos", entoação de cânticos litúrgicos e outras práticas religiosas, além de um almoço ("típica feijoada sertaneja") distribuído entre os "romeiros", reuniu no morro de Nossa Senhora das Vitórias, "ao pé do Cruzeiro de Carnaúba", onde também se encontrava erguida a ermida

---

[247] MARIAUX, Walter, *op. cit*., p. 31-32.
[248] Cf. MAIA, Antônio. As CC. MM. no Brasil. In. **Breve história das Congregações Marianas**. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1961. p. 73-75.
[249] A concentração religiosa do Seridó. **A Ordem**, Natal/RN, 22 de mai. 1937. p. 01.
[250] Uma grande concentração religiosa em Acary para o combate ao comunismo. **A Ordem**, Natal/RN, 14 de mai. 1937. p. 01.

da Santa, "milheiros de fiéis" das associações religiosas do Seridó, os quais sob a condução dos vigários paroquiais, vieram em romaria, "ostentando seus inúmeros estandartes", "pressurosos em demonstrar de público a sua repulsa ao communismo e o seu amor à Virgem das Victorias e a Jesus Christo Rei (sic)". Formando a "grande romaria", também seguiram os integralistas de Acari, Carnaúba e Cruzeta, além de uma "grande massa popular" e de várias personalidades políticas locais, entre as quais o Prefeito de Currais Novos, o senhor Thomaz Silveira, notando-se ainda a presença do missionário carmelita frei José Maria Casanova, grande amigo do Cônego Ambrósio, que se encontrando na região realizando os atos do mês de maio, tomou parte no "certame" como o principal celebrante[251].

No sentido militarista do evento, evidenciado, principalmente, na organização das delegações paroquiais em formato de "legiões", nas "barracas" dispostas na encosta do morro para a acomodação dos católicos, com as inscrições de suas localidades (acampamento romeiro), no uso aparatoso de estandartes pelas associações religiosas participantes (Apostolado da Oração, Cruzada Eucarística, Obra da Propagação da Fé e outras), na execução de hinos de entronização e na homenagem a "Virgem das Victórias" e a "Jesus Christo Rei", esta por si só carregada de simbologias guerreiras e de sentimento místico belicoso, é possível perceber o caráter de "campanha militar" que assumiu o acontecimento religioso.

Tão indicativo quanto a isso, talvez pela forte impressão que deve ter provocado na assistência, parece-me ter sido o "eloquente e substancioso sermão" pregado pelo padre Walfredo Gurgel, vigário de Caicó e principal líder integralista da região, em comentário ao evangelho da Missa, o qual fazendo um paralelo entre os fatos mais notáveis da vida pública de Cristo e o significado da cerimônia realizada no monte, terminou "por convidar o povo a prometer, deante da Cruz e da Virgem Santíssima, derramar o próprio sangue, se preciso, em defesa de Deus, da Pátria e da Família, o que realmente foi feito, collectivamente". Seguindo-se ao gesto do sacerdote, Frei Casanova, "recitou com a formidável multidão, o Credo, em solene profissão de fé", ouvindo-se à hora da "elevação" o "hynno nacional (sic)"[252]. Tudo parece ter sido programado com o intuito de provocar nos fiéis a impressão de que se movem em um campo de batalha e que o "inimigo", embora ainda não posto ao alcance dos olhos, poderá surgir a qualquer momento, com a desvantagem de encontrar preparado o "exército católico" ostensivo.

[251] A grande concentração religiosa do Seridó: o que foi esse extraordinário certame. **A Ordem**, Natal/RN, 27 de mai. 1937. p. 01 e 05.
[252] Idem, p. 05.

O quadro descritivo feito à guisa de explicação, serve bem para ilustrar, na ausência de fontes contíguas mais diretas, a "atmosfera ambiental" compartilhada pelo menino e, depois, pelo adolescente Ernesto, no interior da Congregação Mariana em Acari. Ele também é útil para demonstrar o perfil de católico a que se propunha formar a "escola da Congregação" e, portanto, os membros "vocacionados", no período de sua admissão como "aspirante" nas fileiras do sodalício, o que deve ter acontecido por volta de 1939 e 40[253]. No que se refere ao acontecimento religioso ocorrido na freguesia em maio de 1937, não se tem conhecimento se chegou a tomar parte como participante nos atos públicos. Nas poucas linhas que traçam o perfil biográfico do homem já sacerdote, nada consta em declaração a esse respeito. Porém, alguns indícios valiosos nos apontam para uma direção afirmativa. O fato de na época já se encontrar auxiliando o Cônego Ambrósio nas celebrações da missa em Acari, função que passou a desempenhar aos 9 anos de idade, e de ser uma prática muito comum os acólitos acompanharem os celebrantes em suas jornadas de ofício, me leva a crer que o diligente presbítero tenha visto no "grandioso certame" uma boa oportunidade para introduzir o seu "pequeno discípulo" no clima de combate e triunfalismo que impulsionava as ações do clero do período e ainda de suscitar no menino os valores e visões de mundo (lealdade, disciplina e obediência, especialmente) que a Igreja desejava ver incutidos nos seus futuros membros[254]. Atente-se ainda para o fato da grande influência que exercia o Cônego Ambrósio sobre a família Espínola, o que pode ter concorrido não somente para a ocorrência da situação anteriormente suposta, mas também para a adesão de outros membros da casa, inclusive de Dona Rita, mulher devotada às causas da Igreja e componente ativo do Apostolado da Oração da Paróquia. Essa circunstância se apresenta aqui como importante, porque nos dá uma noção, ainda que um pouco vaga, das "ideias" que circulavam no próprio ambiente doméstico onde se desenvolveu o menino Ernesto, e que de certa forma também contribuíram para a elaboração de sua concepção de mundo como sacerdote, indo além do âmbito das associações religiosas paroquiais.

Ainda no que diz respeito a Congregação Mariana e o jovem "vocacionado", não se pode menosprezar a importância que exerceu a organização na definição de sua escolha pelo

---

[253] É importante não confundir a "escola comunitária" dirigida pela Congregação Mariana, aberta a recepção de estudantes pobres, com a associação religiosa (sodalício), regida por regras próprias e destinada a arregimentação e formação de uma "elite espiritual", conforme anunciam os seus estatutos. Ao que tudo indica, a admissão do menino Ernesto na "Escola da Congregação", coincidiu com a sua admissão como "aspirante" no Sodalício, uma vez que a referida instituição só foi instalada oficialmente em Acari, em 27 de março de 1939, conforme informa o padre Ambrósio em comunicado publicado no jornal "A Ordem". Cf. Instalada Congregação Mariana da Paróquia de Acari. **A Ordem**, Natal/RN, 28 de mar. 1939. p. 01.

[254] Cf. SOUZA, Rogério Luz de. A Igreja Católica no processo de nacionalização. In. OTTO, Clarícia; SOUZA, Rogério Luz de (Orgs.). **Faces do catolicismo**. Florianópolis: Insular, 2008. p. 173-175. Ver também a respeito AZZI, Riolando. Os romanistas e o catolicismo autêntico. In. **A Neocristande**: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994. p. 62-79.

sacerdócio, uma vez que o ingresso no sodalício lhes possibilitou uma maior imersão no manancial de conhecimentos da Igreja e uma boa oportunidade para estreitar os laços com a instituição católica, abrindo as portas para a sua futura admissão no Seminário. Gozando de excelente reputação entre os formadores, dada à obediência e disciplina exigidas aos seus membros, não era raro os aspirantes ao estado clerical vislumbrarem nas Congregações Marianas um meio de acesso seguro às dependências internas do Seminário, o que justifica o fato de muitos párocos indicarem essas associações piedosas como primeira escola de formação para os futuros seminaristas[255]. Não é à toa que, uma vez saídos das fileiras da Congregação, esses jovens vocacionados já entravam na instituição seminarística respirando a atmosfera densa da Igreja, o que era, na verdade, mais uma estratégia, para serem bem aceitos no grupo e evitarem atritos com os superiores[256].

No que pesa à influência do sodalício mariano na moldagem da personalidade do futuro clérigo, não se pode negar que a este muito se deve o perfil de sacerdote aguerrido e militante com o qual iria se destacar, doravante, em defesa da reforma social agrária e das causas do homem do campo na região, o que significa supor que muita coisa mudou durante os tempos de estudos no Seminário, sobretudo, no âmbito das ideias.

Figura 10. Cônego Ambrósio Silva (1900-1957), ex-vigário de Acari e Cruzeta. Fonte: Acerto pessoal do autor.

[255] Ver KRETZER, Altamiro Antônio. Formação sacerdotal, seminário e práticas disciplinadoras. In. OTTO, Clarícia; SOUZA, Rogério Luz de (Orgs.), *op. cit*., p. 244-245.
[256] Idem, p. 245.

Os últimos anos que precedem o ingresso do jovem Ernesto no Seminário, foram dedicados aos estudos escolares e de formação, dentro e fora da Congregação, e aos serviços auxiliares na Igreja. Sebastião de Morais, em uma das poucas passagens que faz referência a esse período da vida do clérigo, relata que certo dia, quando estava de joelhos a rezar na Matriz do Acari, o senhor João Batista e Silva, conhecido por Seu Joãozinho, sabendo do interesse do menino em seguir a vida sacerdotal, perguntou se ele queria ser padre, o que prontamente respondeu que sim. Percebendo o entusiasmo do garoto, o benigno senhor, que também era congregado mariano, se prontificou a ajudá-lo a prosseguir com os estudos no Grupo Escolar Tomaz de Araújo, para que assim pudesse concluir o curso primário e avançar no sagrado intento. Tendo completado essa etapa de instrução escolar e cumprido os pré-requisitos de admissão, ingressou aos 16 anos de idade com o incentivo do padre Ambrósio e o empenho de sua mãe, no Seminário de São Pedro, em Natal, no dia 04 de fevereiro de 1944[257], cujo Reitor era o Cônego José Adelino Dantas, que depois seria nomeado Bispo de Caicó[258]. Em Natal fez o curso colegial no referido internato até 1949, quando então seria encaminhado para o Seminário Imaculada Conceição, em João Pessoa, na Paraíba, com a finalidade de cursar Filosofia e Teologia e concluir o Curso Preparatório ao Sacerdócio[259].

Em geral, a passagem pelo Seminário durava em média 13 anos e compreendia duas fases bem distintas que deviam ser percorridas pelo "vocacionado" até o ingresso no estado clerical (recepção do sacramento da ordem): a primeira, chamada de "Seminário Menor", que se iniciava com a 5ª série do primeiro grau e se completava com a 3ª série do segundo grau e a segunda de "Seminário Maior", com seus cursos de Filosofia e Teologia consecutivamente[260].

Uma situação que chama atenção nesse episódio da vida do padre Ernesto é o fato de ter ingressado já com uma certa delonga no Seminário, se considerarmos a circunstância de ter despertado precocemente para a "vocação" e de ser uma prática muito comum os aspirantes ao sacerdócio entrarem para estas casas de formação entre os 10 e 12 anos de idade, como

---

[257] Nos assentamentos do Seminário de São Pedro do ano de 1944, consta a inscrição de matrícula no 1º ano do Curso Preparatório para o Ginasial do jovem Ernesto Espínola, registrada sob o número 51 do alistamento. É muito provável que a escolha pelo Seminário de Natal, tenha-se dado pelo fato de na época a Diocese de Caicó ainda não contar com as instalações de um Seminário Menor em sua sede episcopal, o que só viria a ocorrer em 26 de julho de 1946, conforme noticiou o jornal "A Ordem" na edição do dia seguinte. Cf. Instalado o Seminário Diocesano de Caicó. **A Ordem**, Natal/RN, 27 de jul. 1946. p. 01.

[258] No que se refere ao período de mandato do Cônego Adelino Dantas como Reitor do seminário de São Pedro, sabe-se que este permaneceu na função de março de 1935 a junho de 1952, quando então foi nomeado bispo de Caicó. Cf. AZEVEDO, Aluísio. **Dom José Adelino Dantas**. Natal: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989. p. 21-22.

[259] MORAIS, Sebastião Arnóbio de. Monsenhor Ernesto da Silva Espínola – 50 anos de sacerdócio. O Seridoense. In. **Revista da festa**. 2. ed. Jardim do Seridó/RN: [s.n.], 2005. p. 09.

[260] Cf. FILHO, Adauto Guerra. **Lembranças do Seminário**. Caicó: [s.n], 2010. p. 125.

observou Tagliavini[261]. É muito provável, que diante das condições de privação na qual vivia a família, este tenha encontrado dificuldades, especialmente de ordem material e financeira, em dar continuidade aos estudos escolares, impossibilitando seu ingresso em tempo "habitual" na instituição seminarística[262]. Naquela época, para ingressar no Seminário, além das exigências canônicas requeridas pelos processos de habilitação *de genere, vita et moribus* (sobre a geração, vida e costumes), como as declarações de legitimidade de filiação, de batismo e confirmação (crisma), de boa índole e de sincera vontade de seguir o ministério eclesiástico, o candidato precisava comprovar idade mínima entre 10 e 11 anos, especificar as fontes de custeio ou manutenção (pensão ou mensalidade), devendo ainda certificar as habilidades básicas de leitura, escrita e contabilidade, o que geralmente era feita com a apresentação do atestado de conclusão do curso primário e de um "Exame de Admissão" ao Ginásio[263]. Só então, vencida essa etapa preliminar, era que o jovem aspirante podia cruzar o limiar da casa de formação e frequentar interno o estabelecimento como "seminarista"[264].

No que concerne ao período de experiência como seminarista do Padre Ernesto, muito pouca ou quase nenhuma informação se têm a respeito, o que tende a dificultar o trabalho de compreensão pelo historiador do processo de formação humanístico-religiosa recebido pelo clérigo e, portanto, do universo intelectual onde se formou e que lhe serviu de base para suas ações como vigário. Embora essa seja uma realidade um tanto desanimadora, um esforço de reconstituição dessa experiência em seus aspectos gerais mais significativos – o que interessa mais de perto para este estudo – se torna aqui importante, porque contribui para entender o papel social assumido pelo sacerdote no determinado contexto onde se encontra inserido, já que

---

[261] TAGLIAVINI, João Virgílio. **Garotos no túnel**: um estudo sobre a imposição da vocação sacerdotal e o processo de condicionamento nos seminários. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1990. p. 74-75.

[262] É interessante notar que no depoimento concedido por Dona Edilza Espínola, irmã mais nova do Padre Ernesto, para esta pesquisa, a memória que tenha ficado do momento de ida do irmão para o Seminário, revele uma idade inferior do que este realmente possuía na época (13 anos de idade, de acordo com a entrevistada), o que evidencia a impressão deixada pelo imaginário daquele tempo de se ingressar nessas instituições de formação desde a mais tenra idade.

[263] Consta nos Boletins de Notas do seminarista Ernesto da Silva Espínola, um Exame de Admissão ao Ginásio prestado em fevereiro de 1944, no Seminário de São Pedro, em Natal.

[264] Estes me parecem ter sido pré-requisitos comuns exigidos pelas Casas de Formação seminarísticas da época. Num aviso emitido pela Cúria Diocesana de Natal, em janeiro de 1945, em notificação da reabertura do Seminário de São Pedro após o período de recesso escolar de fim de ano, o expediente do bispado informava "às famílias que estão preparando meninos para ingressarem no Estabelecimento, que enviem os seus documentos: – a) Atestado de batismo; – b) Atestado de crisma; – c) Atestado comprovatório do Vigário da paróquia, notificando a situação da família e de índole e costume dos candidatos ao Seminário; – d) Atestado da escola frequentada; – e) Atestado de vacina e f) Atestado médico sobre a sanidade do candidato". CURIA diocesana – Expediente do Bispado. Aviso nº. 6: reabertura do Seminário Diocesano. **A Ordem**, Natal/RN, 24 de jan. 1945. p. 01. Sobre essa questão, cf. KRETZER, Altamiro Antônio, *op. cit*., p. 242 e também TAGLIAVINI, João Virgílio, *op. cit*., p. 91-92; 100-101.

todo papel é socialmente construído e passa por um processo interno de elaboração e adaptação institucionalmente mediado e instituído[265].

A entrada no Seminário de São Pedro, em Natal, no ano de 1944, assinalou um momento de novas experiências e descobertas na vida do jovem Ernesto. Para um adolescente nascido e criado numa pequena e pacata cidade sertaneja do Estado, sem, talvez, nunca ter conhecido nada muito além do seu pequeno mundo, o ambiente agitado da capital e a mudança repentina de rotina lhe deve ter causado uma profunda impressão. Além do sentido de um "sonho" arduamente conquistado, para o qual pelejou sua mãe dia e noite, providenciando-lhes com esmero o "enxoval" de admissão necessário[266], esse também era um momento decisivo na vida do jovem aspirante, porque significava uma posição de renúncia aos amigos, aos parentes, aos pais e às "liberdades mundanas", cujo ato se selava com a "investidura da batina", cerimônia presidida pelo padre Reitor na capela do educandário, uma semana após o ingresso, na qual o calouro na presença dos veteranos trocava suas vestis civis pelos trajes talares, num ritual de aclamada "morte" ao mundo[267]. Um contemporâneo do jovem seminarista, que mesmo não tendo divido com este a experiência do Seminário de Natal, mas que possivelmente compartilhou de impressões semelhantes, relatou esse momento introdutório num misto de encanto e estranhamento: era como se tivesse "entrando" num "outro mundo"[268].

Na época em que passou a frequentar interno a Casa de Formação sacerdotal, a cidade do Natal deixava de ser uma modesta capital nordestina para ganhar ares de urbe moderna e cosmopolita. Transformada, em decorrência de sua localização estratégica, em base militar norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e inserida na rota aérea internacional dos deslocamentos de batalha (Flórida-Natal-Dakar), a cidade provinciana se viu em pouco tempo invadida por milhares de soldados ianques e por centenas de migrantes sertanejos, os quais fugindo da seca e atraídos pelas frentes de trabalhos abertas em demanda

---

[265] Cf. BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 101-126.

[266] De acordo com José Melquíades, ex-aluno do Seminário de São Pedro e contemporâneo do Padre Ernesto, para o ingresso no educandário, exigia-se do calouro um "enxoval ritualístico" composto de 2 batinas, uma de brim, outra de casimira, 3 roquetes ou sobrepelizes, 1 par de sapatos, calças, camisas e um barrete. MELQUÍADES, José. **História do Seminário de São Pedro**. Natal: Fundação José Augusto/Departamento Estadual de Imprensa, 1999. p. 64.

[267] Idem, p. 64. Cônego José Adelino Dantas, Reitor do Seminário de São Pedro, em um livro dedicado a "formação de seminaristas", escrevia em 1947: "Que te diz tua batina? Ah! Que belas coisas ela te segreda! Que é o teu escudo, e tua defesa. Que deves respeitá-la e santifica-la. Que és um seminarista, sobre quem o mundo já nenhum direito tem. Que já não és um secularzinho pedante e vaidoso, escravo do espírito do mundo, tão incompatível com a gravidade e com o decoro da estamenha sacerdotal". ADELINO, Cônego José. **Formação do Seminarista**. 1947, Reimpressão, Natal: Sebo Vermelho, 2014. p. 36.

[268] ARAÚJO, Antenor Salvino de (Padre). A fundação: relato de um protagonista. In. FILHO, Adauto Guerra. **Lembranças do Seminário**. Caicó: [s.n.], 2010. p. 13.

dos esforços de guerra, passaram a se abrigar na periferia do centro urbano, gerando uma crise habitacional, sanitária e de abastecimento de gêneros alimentícios[269]. Motivados pela abundante circulação do dólar e pela possibilidade de enriquecimento rápido, também afluíram diversos comerciantes e aventureiros de outros Estados, muitos dos quais se instalaram nas áreas centrais da cidade (bairros Ribeira e Cidade Alta), provocando a expansão e o superaquecimento do comércio. Segundo as estimativas do período, calcula-se que a cidade tenha recebido em média quase 20 mil novos habitantes entre 1942 e 1944, dos quais somente 10 mil eram militares e civis norte-americanos[270], o que representaria um incremento de 60% da população existente na época[271].

Mobilizada pelo estado de guerra e pela maciça invasão estrangeira, os costumes dos moradores, a fisionomia da população e o cotidiano da cidade se modificam. Novos hábitos são adquiridos em virtude da presença dos norte-americanos, a atividade comercial se amplia e se diversifica; irradia-se se também a música estrangeira, o interesse pela língua inglesa e o uso dos anglicismos, dando passagem ao processo que padre José Marins chamou de "deslatinização" progressiva do modo de vida natalense[272]. A pequena capital potiguar, até então, insignificante no cenário cultural do país, torna-se trânsito de personalidades e artistas internacionais. Mudam-se também o vocabulário, os comportamentos, a bebida e o vestuário dos moradores; difunde-se os saraus musicais, as casas de jogos, os cafés, os cinemas e os prostíbulos[273]. De urbe provinciana sem vida noturna, que dormia as 21 horas, a cidade passa a ser movimentada pela "realização diária de eventos artísticos, culturais e esportivos, muitos deles organizados pelos clubes dos militares norte-americanos"[274]. Em meio a esse clima de efervescência cultural e econômica, ocorre um aumento substancial do custo de vida, de modo especial, no setor imobiliário, situação que passa a ser experimentada mais de perto pelas

---

[269] Cf. OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **A cidade e a guerra**: a visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial. 243 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. p. 188-208.

[270] A estimativa do contingente militar norte-americano existente em Natal durante o período da II Guerra Mundial não é oficial e consta nos registros de Câmara Cascudo e Lauro Pinto. CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do natal**. 3 ed. Natal: RN Econômico, 1999. p. 496. Ver também PINTO, Lauro. **Natal que eu vi**. Natal: Sebo Vermelho, 1971.

[271] De acordo com a estimativa divulgada pela imprensa local, a cidade do Natal já contava, em 1942, com aproximadamente 54 mil habitantes. Cf. OLIVEIRA, Giovana Paiva de, *op. cit*., p. 191

[272] MARINS, José. A história se faz antes de se escrever. In. **São Paulo do Potengi**. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 40. (Coleção: Renovação Paroquial 1).

[273] Cf. CUNHA, Carlos Henrique Pessoa. **Nos tempos do blackout**: cena musical, práticas urbanas e a ressignificação da Rua Chile, Natal RN. 209 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. p. 61-72. Ver também TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Editora do IFRN, 2010. p. 224-225.

[274] PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana**: carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945). Natal: Edufrn, 2005. p. 138.

classes médias urbanas e pelas populações pobres adventícias, que não podendo adquirir um imóvel próprio se veem impelidas para as margens da cidade, fazendo surgir novas zonas de ocupações periféricas.

Instalado à Rua Campos Sales, no adjacente Bairro do Tyrol, na época uma zona de expansão residencial da cidade, que vinha se consolidando como um novo espaço de moradia e lazer das elites locais, o Seminário de São Pedro, o mais importante centro de formação eclesiástica do Estado, não estava à parte desse processo, muito embora seus efeitos não se tenham feito sentir de imediato pela instituição. Os registros constantes no jornal *A Ordem* da Diocese de Natal, que traz importantes dados e informações a respeito da Casa de Formação durante os anos do conflito, revelam uma instituição um tanto alheia e distante do que se passava na cidade, deixando transparecer a ideia de que esta só em parte teria sido afetada pela "experiência de guerra". Afora alguns episódios provocados pela contingência do momento, como a crise de racionamento de água e de alimentação que se abateu sobre a cidade, em decorrência da alta dos preços e do aumento desordenado da população[275] e o acidente automobilístico envolvendo o veículo da Diocese, um caminhão do exército e um auto norte-americano, que quase vitimou o bispo diocesano, o Reitor do Seminário e um seminarista do educandário religioso[276], a instituição parece ter seguido o transcurso de sua normalidade[277].

A função social e jurídica a que se prestava o estabelecimento, isto é, um espaço voltado à formação de agentes especializados do clero, com sua saturada atmosfera sacramental, disciplinar, conventual e piedosa e seu denodado sentido de "desligamento" e "segregação" do mundo, talvez explique a condição de quase "isolamento" a qual vivia a instituição no período[278]. Uma personalidade eclesiástica referindo-se ao cotidiano do internato, comentava o

---

[275] Cf. ECONOMIA d'água. **A República**, Natal/RN, 13 de fev. 1944. Ver também, O TRANSPORTE de gêneros alimentícios para Natal: comentários do "Diário de Notícias" ao telegrama do Interventor Fernandes Dantas ao Presidente da Marinha Mercante. Agência Nacional *apud*. **A República**, Natal/RN, 27 de out. 1943. p. 08.

[276] O Sr. Bispo D. Marcolino Dantas foi vítima de um acidente de automóvel. Foram igualmente feridos o cônego José Adelino e o seminarista Heitor Sales. **A Ordem**, Natal/RN, 20 de abr. 1944. p. 01.

[277] Além dos fatos citados, um acontecimento que marcou profundamente o cotidiano do Seminário no período, foi a morte inesperada do Cônego Luís Gonzaga do Monte (1905-1944), estimado professor-residente da Casa de Formação e prestigiada figura do clero e dos meios intelectuais natalenses. Cf. FALECEU o Cônego Luís Monte. **A Ordem**, Natal/RN, 28 de fev. 1944. p. 01.

[278] Embora os seminários, em muitos aspectos, possam ser classificados como "instituições totais" no sentido atribuído por Erving Goffman, ou seja, como lugares onde as pessoas moram e trabalham separadamente da sociedade por longo tempo, sujeitas a administração formal, preferi não adotar o conceito em sua universalidade dada algumas condições especiais encontradas no Seminário de São Pedro. Para um melhor entendimento do conceito, cf. GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 15-108.

clima de placidez e reserva respirado no interior da instituição nos anos do conflito: a vida se processava em seu intramuros "como se não estivesse havendo a guerra"[279].

Regido por uma regra baseada nas disposições do Concílio de Trento, como os demais institutos de formação eclesiástica do período, o Seminário de São Pedro, possuía um repertório próprio de atividades fixado de acordo com o calendário cívico e com as estações litúrgicas (festas de padroeiro, celebrações e dias santos), mantendo ainda uma programação interna bem definida, que incluía orações diárias, meditações, missas, refeições, estudos, trabalhos, esportes e atividades recreativas, estas cronologicamente marcadas por um relógio pendular (o "Relógio do Seminário") e vigiadas atentamente pelos padres formadores[280]. Um ex-seminarista condiscípulo do Padre Ernesto, discorrendo sobre sua experiência no Seminário de São Pedro comentava o dia-a-dia dos internos do educandário e o "regime monacal" a que estavam submetidos:

> Os costumes do Seminário eram muito rígidos: uma disciplina de claustro. Só nos faltava o silício. Acordávamos às 5 da manhã. Em silêncio corríamos para o banheiro. Mesmo no tempo frio, tomávamos banho mais frio do que o tempo. Dir-se-ia que haveríamos de ser sacerdotes na Sibéria. Feito o asseio matinal, descíamos para a capela. Entre meditação e missa, consumíamos uma hora. Em plácido silêncio, íamos para o refeitório para o café, um quebra jejum muito frugal: um pão com manteiga e uma xícara de café chilro. Não conversávamos. O silêncio era sagrado. Terminada a parca refeição, seguíamos em forma para o recreio conduzidos pelo prefeito. Podíamos conversar durante 15 minutos. Novamente em forma, caminhávamos para o salão de estudos chamado "banca". Pouco tempo depois começavam as aulas[281].

Ao lado da formação moral e espiritual imposta e conduzida no sentido de infundir no seminarista o caráter pessoal do futuro clérigo – o modo de escolarização proposto pelo Seminário de São Pedro visava a constituição de um sacerdote "piedoso" e "instruído", que servisse de exemplo de integridade de costumes, de urbanidade verdadeiramente eclesiástica, de modéstia, de recato, de bom senso, de caridade e de operosidade laboriosa[282] –, a formação

---

[279] Informação concedida por Monsenhor Raimundo Sérvulo da Silva, ex-aluno do Seminário de São Pedro, hoje com 82 anos, no dia 3 de novembro de 2020. Embora o seu ingresso no Seminário de Natal tenha se dado em um período posterior à Segunda Grande Guerra, Monsenhor Raimundo traz algumas retentivas dessa época adquiridas através da convivência amistosa com seus colegas de sacerdócio, alguns deles ex-alunos do educandário nos anos do conflito, inclusive com o Padre Ernesto.

[280] Cf. MELQUÍADES, José. **História do Seminário de São Pedro**. Natal: Fundação José Augusto/Departamento Estadual de Imprensa, 1999. p. 61-64. Quanto aos "Padres formadores" ou "superiores", estes eram em número de 5 e estavam distribuídos entre as funções de Reitor, prefeito dos estudos, disciplinário, ecônomo e diretor espiritual, sendo o Reitor e o diretor espiritual as autoridades mais importantes.

[281] Idem, p. 74.

[282] Como observou Raylane Barreto, estas também eram características visadas pelos procedimentos de formação de outros educandários eclesiásticos brasileiros da época. BARRETO, Raylane Navarro. **A formação de padres**

intelectual gozava de especial atenção dos Superiores da instituição seminarística, sendo compreendida como parte inerente da "vocação" para o sacerdócio. Absorvendo a maior parte do dia útil do educandário, esta era orientada e estabelecida de acordo com programas previamente definidos de estudos, levando em consideração a divisão hierárquica dos conhecimentos, a praxe do ofício sacerdotal e "as exigências de cada época". "A tua banca, a tua estante é um doce retiro", escrevia o Cônego Adelino, Reitor do Seminário São Pedro, aos seminaristas, pois é dela que hás de "haurir os eflúvios da ciência humana e divina" tão necessária para "despertar a tua jovem mente para a realidade da luz"[283].

Fundamentado numa concepção pedagógica inspirada no "neotomismo", isto é, numa visão de educação voltada para a aquisição de conhecimentos e verdades permanentes e absolutas, em posse das quais o aprendiz, intelectualmente disciplinado, torna-se capaz de apreender gradualmente por meio do instrumental da fé (religião) e da razão (ciência) as "verdades" divinamente reveladas na realidade de seu próprio mundo[284], o modelo escolar de formação intelectual de jovens "levitas" do Seminário de São Pedro, obedecia a uma linha traçada pela "hierarquia" das chamadas "ciências humanas e divinas", na qual partindo dos saberes humanísticos elementares se buscava alcançar os conhecimentos mais "sublimes" ou "superiores", prosseguindo com os estudos de Filosofia e num plano mais elevado ainda, de Teologia. Só então, concluída essa escala, era que o candidato ao sacerdócio estava preparado intelectual e espiritualmente para receber as "sagradas ordens", dando termo ao seu processo de formação seminarística[285].

Nos componentes curriculares constantes dos boletins escolares do seminarista Ernesto, é possível se ter uma ideia das classes de saberes contempladas no Seminário de São Pedro, no período entre 1944 e 1948. A ênfase dada às matérias básicas das humanidades, como

---

no Nordeste do Brasil (1894-1933). 241 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2009. p. 99-100.

[283] ADELINO, Cônego José, *op. cit.*, p. 157; 161.

[284] Também conhecido como "neoescolasticismo", o *neotomismo* foi um movimento de retorno à filosofia de Tomás de Aquino (1225-1274) ou de revalorização do aristotelismo tomista, resgatada à luz de tendências intelectuais modernas e retomada especialmente a partir de 1879, por influência da encíclica *Aeterni Patris*, do papa Leão XIII. Compreendido como um movimento de reação as novas escolas de pensamento modernas como o Positivismo, o Cientificismo e o Marxismo, o neotomismo se caracteriza, em geral, pelo esforço de atualização constante e abertura ao diálogo com os novos problemas, objetos e interrogações vindos de todos os campos do conhecimento humano, sem, contudo, negar os princípios universais da fé e da revelação cristã. Basea-se numa teoria do conhecimento solidamente fundada, ao mesmo tempo, sobre a razão e a experiência e numa abstração mais aberta a todas as descobertas da ciência. Cf. ZILLES, Urbano. **Grandes tendências na filosofia do século XX e sua influência no Brasil**. Caxias do Sul: EDUCS, 1987. p. 17-24. Ver também VILLAÇA, Antônio Carlos. Tomistas de hoje e de ontem. In. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 267-280 e CAMPOS, Fernando Arruda. **Tomismo e Neotomismo no Brasil**. São Paulo: Grijalbo, 1968.

[285] No que concerne à "formação superior" dos candidatos ao sacerdócio do Seminário de São Pedro, essa geralmente se dava em algum Seminário Arquidiocesano da região (João Pessoa, Olinda ou Fortaleza, principalmente), já que naquela época somente as sedes arquiepiscopais podiam possuir um Seminário Maior.

História Geral e do Brasil, Geografia e Corografia, com destaque para o ensino das línguas (Português, Latim, Francês, Grego e Inglês, esta última lecionada em 1947, talvez em decorrência da influência norte-americana no período), além do estudo das ciências exatas (Matemática, Química e Física) e das matérias específicas (Religião e História Sagrada)[286], revela a intenção do educandário em dotar seus alunos-seminaristas de um arsenal de conhecimentos básicos científicos e de conferir-lhes neste domínio conhecimentos equivalentes aos da classe média intelectualizada, bem como de proporcionar-lhes elementos científicos necessários á fundamentação de certos postulados neotomistas, sem os quais estariam desabilitados para o trabalho catequético-religioso no seio da sociedade moderna contemporânea[287].

Infelizmente, no que se refere aos saberes ensinados no seminário de Natal, não se pôde coligir dados mais precisos e detalhados que pudessem indicar quais obras e autores eram lidos e quais os temas e conteúdos eram estudados no período aludido. Se tomarmos como indício o acervo da Biblioteca do Seminário "Cônego Luís Monte", instalada em maio de 1946, com a finalidade de prestar sustentação a formação intelectual dos seminaristas e servir de apoio e orientação aos cursos escolares, é possível deduzir que estes eram de natureza bastante "ecléticos", abrangendo um variadíssimo leque de assuntos, que incluíam leituras e estudos da Teologia dogmática e moral, Patrologia, Filosofia geral, Escritura Sagrada, Apologia científica e Ascética, Astronomia, Ciências Naturais, História, Etnologia, "preciosidades históricas" e "caridades científicas", além de literatura, artes e sociologia[288].

No tocante ao aprendizado dos conhecimentos linguísticos, é provável que este se desse através do estudo de gramática e antologias autorizadas – no acervo da referida Biblioteca do Seminário, constava ainda um estoque de livros para o ensino das línguas –, sendo também

---

[286] Os referidos componentes curriculares constam dos Boletins Informativos do Seminarista Ernesto da Silva Espínola, referente as disciplinas cursadas no Seminário de São Pedro, em Natal, no período de 1944 a 1948, hoje encontrados sob a guarda pessoal de Rita Eunice dos Santos, zeladora do patrimônio do falecido presbítero.

[287] Em 1947, escrevia Cônego Adelino Dantas em seu livro "Formação de Seminarista": "É que hoje, como ontem, a Igreja se esforça para que os seus Sacerdotes sejam os guardas legítimos da doutrina evangélica e humana. O seminarista não pode ignorar esse item seríssimo a que se há de condicionar o estado sacerdotal, tão sério e tão grave que, já na Antiga Lei, o senhor repelia de seu Sacerdócio os que desprezavam a ciência". Em outro trecho da obra aludida, constatava ainda o referido clérigo: "A formação intelectual do sacerdote obedece admiravelmente à linha traçada pela hierarquia das ciências divinas e humanas. As ciências humanísticas abrem caminho largo à Filosofia, do mesmo modo que esta conduz a mente ao terreno sagrado da Teologia, na qual a Fé vai buscar raízes profundas para se consolidar, a Fé que busca a luz de Deus, o Verbo Eterno, que ilumina a todo homem [...], principalmente àqueles aos quais Nosso Senhor há de confiar a missão nobilíssima de ser luz do mundo". ADELINO, Cônego José. **Formação do Seminarista**. 1947, Reimpressão, Natal: Sebo Vermelho, 2014. p. 155; 161.

[288] Os "saberes" aqui destacados foram mencionados de acordo com os "assuntos" apontados pelos diversos campos de conhecimentos que integravam o acervo bibliográfico da Biblioteca "Cônego Luís Monte" do Seminário de São Pedro. Cf. Biblioteca "Cônego Luís Monte" do Seminário Diocesano de São Pedro. **A Ordem**, Natal/RN, 3 de jun. 1946. p. 02.

empregada as obras de autores "clássicos" latinos (Cícero, Horácio, Tito Lívio, Virgílio e Ovídio, entre outros) na aquisição dos rudimentos do latim, como era usual em outros institutos congêneres do período[289]. Ainda no que diz respeito aos estudos empreendidos, há indicações dispersas de que autores como Plínio Salgado e Tristão de Atayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), também eram lidos como ensaístas políticos e críticos literários[290], além de uma vaga de consagrados escritores brasileiros (Monteiro Lobato, José de Alencar e outros). Ken Serbin, referindo-se à formação intelectual recebida pelos jovens nos Seminários Diocesanos do período, comenta:

> Os seminários aburguesavam os jovens, garantindo-lhes uma vida confortável e uma carreira segura e interessante numa sociedade que, dificilmente fornecia profissões fora da advocacia, a medicina e a política. [...]. Lá o aluno recebia o melhor da formação clássica, considerada idônea na educação brasileira, e integrava-se à elite intelectual do país. Dentro do processo de clericalização, aos jovens eram garantidas uma identidade e uma posição de prestígio na sociedade. Ao mesmo tempo, participavam da Igreja como instituição internacional[291].

Embora se apresentasse como uma instituição séria e austera e culturalmente "fechada", era comum, uma vez por ano, o Cônego Reitor presentear os estudantes do Seminário com um piquenique numa "praia deserta" da região, longe dos olhares femininos intimidadores[292], ou promover um passeio a alguma "ruína histórica" ou a outro "lugar de memória", como o Forte dos Reis Magos e os antigos engenhos de Cunhaú e Uruassú[293], estes últimos de forte significado emotivo e espiritual para os fiéis da Igreja, por ter servido de cenário para o "martírio" (massacre) dos católicos resistentes no contexto das invasões holandesas no

---

[289] Cf. BARRETO, Raylane Navarro, *op. cit*., p. 111-112. Embora a autora situe a sua análise no período da Primeira República no Brasil, sabe-se por meio de outros indícios, que esta também pode ser estendida a outras épocas imediatamente posteriores. Sobre o uso de autores clássicos latinos no ensino do Latim, cf. também MENDONÇA, Floriano. **À sombra da torre de Santa Teresa**. Salvador: Mensageiro da Fé, 1972. p. 118-126.

[290] Na obra "História do Seminário de São Pedro", de autoria de José Melquíades, ex-aluno do educandário, há uma referência à leitura comunitária da obra "Vida de Jesus" (1942) de Plínio Salgado. Cf. MELQUÍADES, José, *op. cit*., p. 70.

[291] SERBIN, Ken. Os seminários: crise, experiências e síntese. In. SANCHIS, Pierre. (Org.). **Catolicismo**: modernidade e tradição. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p. 93.

[292] Idem, p. 54.

[293] Os engenhos de Cunhaú e Uruassu estavam localizados (e ainda estão) respectivamente nos municípios de Canguaretama e São Gonçalo do Amarante, territórios situados no litoral potiguar. Durante muito tempo, estes foram locais de predileção para a visita e passeio dos alunos do Seminário de São Pedro, como ocorreu em outubro de 1941 por ocasião do "aniversário dos mártires de Uruassú", incursão que contou também com a participação do escritor Luís da Câmara Cascudo. Cf. HOMENAGENS aos mártires de Uruassú: Romaria do Seminário São Pedro – Outras solenidades. **A Ordem**, Natal/RN, 2 de out. 1941. p. 01.

Rio Grande do Norte ou como dizia na época os "formigões"[294] afinados nas lições do Padre Herôncio, dos "batavos hereges" (protestantes)[295].

Havia ainda ocasiões em que o estabelecimento abria as portas para receber seus "amigos mais íntimos" (os "protetores" ou "padrinhos" do Seminário), dentre os quais figuravam importantes nomes da intelectualidade leiga do Estado, como Ulisses de Góes, Otto de Brito Guerra, Elói de Souza e Luís da Câmara Cascudo, os quais atendendo ao convite do Cônego Reitor, se dirigiam à instituição com o propósito de tomar parte em conferências, pregar lições ou palestras e participar de festivais e concursos literários, estes realizados pelos clubes lítero-recreativos do educandário, como forma de exercitar a oratória entre os seus membros, desenvolver a arte poética e incentivar o "cultivo" das "letras" e dos "clássicos"[296]. Estes momentos de maior confraternização, que reuniam no salão nobre do educandário a chamada "gente de escol", contando ainda com a presença de eminentes "figurões" locais[297], geralmente se davam em caráter privativo, na "intimidade entre amigos", como sempre ocorriam com as festas do Seminário, muitas delas organizadas com o objetivo de angariar recursos para a manutenção de suas atividades.

As férias escolares, especialmente as do fim de ano, era outra ocasião em que os estudantes podiam deixar um pouco de lado a seriedade e até se divertir fora do ambiente cotidiano de recolhimento, oração e estudo[298]. Muito valiosa e significativa, foi a experiência inovadora e em muitos aspectos revolucionária, do "Seminário Ferial" introduzida em Caicó, na década de 1940, pelo então bispo diocesano, Dom José de Medeiros Delgado, com o objetivo de reunir durante as férias escolares os seminaristas da Diocese que estudavam em Natal e João Pessoa – só a partir de 1946 seria instalado o Seminário Diocesano de Caicó, passando os seus alunos a participar da experiência – para o desfrute de momentos de descanso, aprendizados, convivência e lazer. Nas intenções de Dom José, estava a preocupação com a constatação que já se fazia na época de que muitos estudantes provenientes da zona rural ou das pequenas

---

[294] Alcunha com a qual os populares denominavam os seminaristas nas ocasiões de passeio ou saída coletiva do Seminário, em decorrência das duas longas filas de batinas negras que formavam, produzindo um longo carreiro. Cf. MENDONÇA, Floriano, *op. cit*., p. 56.

[295] Refiro-me aqui a obra "Os Holandeses no Rio Grande" de autoria do sacerdote natalense Paulo Herôncio de Melo (1901-1963), muito divulgada nos meios católicos potiguares da época e bastante apreciada pelos estudantes do Seminário. Cf. HERÔNCIO, Paulo. **Os Holandeses no Rio Grande**. 1ed. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1937.

[296] É interessante notar que, muitos desses intelectuais, inclusive Câmara Cascudo, eram também congregados marianos e possuíam livre acesso às dependências internas do Seminário.

[297] Há registros de que personalidades como Teodorico Bezerra, poderoso fazendeiro e chefe político da região e Amaro Mesquita, importante comerciante local, também frequentavam os eventos da casa. Para uma consulta mais completa dos nomes desses "figurões", cf. PROTETORES do Seminário de São Pedro. **A Ordem**, Natal/RN, 2 de fev. 1946. p. 01.

[298] Também existia outro período de recesso que se dava no mês de julho.

cidades interioranas sob cuidados pastorais insuficientes, acabavam abandonando a "suposta" vocação após as férias, em decorrência de sua situação de "abandono" e de exposição aos "perigos do mundo encantador". Preocupado, além disso, com a constituição de um presbitério autêntico, tencionava o dinâmico bispo assentar as bases de um clero diocesano mais fraterno e unido, como também iniciar os pequenos discípulos no contato mais direto com o apostolado moderno[299].

Sediado na simpática localidade de Flores, hoje Florânia, cidade pacata, amena, rural e acolhedora situada entre serras, onde a Diocese possuía uma casa devidamente equipada para receber os seminaristas em gozo de férias – depois, outras localidades como Cruzeta, também começaram a ser envolvidas –, o Seminário Ferial tinha abertura na segunda quinzena do mês de dezembro, logo após o início do recesso escolar, quando os estudantes vindos dos mais variados lugares da região, começavam a chegar aos poucos em cima dos caminhões da feira, pois a existência de ônibus era rara e as dificuldades de acesso ao local eram frequentes[300]. Nessa excursão, que podia durar várias horas e até varar à noite, não era incomum ocorrer de alguém perder as malas, situação ocorrida em 1945 com o seminarista Ernesto, ou "ficar no prego" no meio do caminho, o que resultava quase sempre numa estreia dramática na temporada de férias[301].

Figura 11. Vista da fachada principal do Seminário Diocesano de São Pedro no ano de 1945.
Fonte: https://www.seminariosaopedro.org.br/.

[299] Cf. ARAÚJO, Ausônio Tércio. Seminário Ferial. In. FILHO, Adauto Guerra. **Lembranças do Seminário**. Caicó: [s.n.], 2010. p. 21-22. Ver também AGRIPINO, José. Uma experiência marcante. In. DELGADO, José de Medeiros. **Memórias da graça divina**. São Paulo: Edições Loyola, 1978. p. 173-175.
[300] FILHO, Adauto Guerra, *op. cit.*, p. 21.
[301] A passagem envolvendo o seminarista Ernesto consta dos registros da "terceira temporada" de férias lavrados no "1º Livro de Crônicas do Seminário Ferial de Caicó". Cf. GALVÃO, José Celestino (cronista). Terceira Temporada (1945-1946). In. DIOCESE DE CAICÓ. **Livro Primeiro de Crônicas do Seminário ferial de Caicó** (1943-1953). Caicó-RN. p. 7 (verso).

Figura 12. Estudantes do Seminário de Natal em momento de recreação numa "praia deserta" no ano de 1946. Ao centro (o quarto da direita para a esquerda) vê-se ainda o seminarista Ernesto. Fonte: Acervo particular de Dom Adelino Dantas.

Em geral, o Seminário Ferial de Florânia durava em média pouco mais de um mês, sendo suas atividades distribuídas numa programação bastante intensa e diversificada. Conduzidas diretamente pelo "senhor bispo", que durante o período de férias se juntava aos estudantes para compartilhar com estes dos momentos de lazer, o programa da temporada geralmente tinha início com a recepção calorosa dos "pequenos clérigos" pelos moradores da cidade, seguindo costumeiramente com a oferta de algum lanche. Terminada a acolhida e feita a acomodação dos novos visitantes, estava oficialmente instalado o Seminário Ferial da Diocese.

Os primeiros momentos da programação eram dedicados a organização do ambiente. Na manhã seguinte ao dia de abertura, café e arrumações; à tarde, preparação do campo de *foot-ball* para os primeiros jogos. Daí por diante, o dia se tornava pequeno e limitado para o cumprimento diário da extensa programação. Na execução do plano, vão surgindo as primeiras excursões ao campo ou a alguma localidade de escolha. Um caminhão é utilizado para transportar a alegre caravana de embatinados pelo circuito. Na passagem pelas vilas, povoados e cidades do itinerário mais comemorações, acolhidas, discursos, refeições e mimos, numa demonstração de cortesia e troca de afetos a que o antropólogo francês Marcel Mauss chamou de "dádiva"[302]. Em alguns casos, quando a viagem adentrava à noite e a localidade de acesso não era a de demora, o grupo se dividia entre algumas famílias da comunidade para pernoitar, continuando no dia seguinte o trajeto.

[302] Sobre o conceito de "dádiva" em Marcel Maus, cf. MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Nalf, 2003. 183-314.

Aportando no sítio ou na fazenda de destino, o programa anunciado era intenso: subida à serra ou ao morro mais próximo, passeio a cavalo (cavalgada), piquenique, "queda de corpo" (luta corporal), jogos de campo (*foot-ball* ou *volley*), banhos de açude regados a "licor", água de coco ou "moscatel", Missa, orações, música, boas palestras, leituras amenas e "Círculos de Estudos", cujos temas principais versavam sobre a Ação Católica ou algum tema da sociologia cristã. De volta à casa de férias, mais passatempos, missas, orações e convívio, programa muitas vezes realizado em consonância com o apostolado do bispo na cidade, como a assistência aos presos (visita a cadeia pública), aos pobres, aos trabalhadores rurais e às crianças do catecismo. Um caso importante envolvendo a assistência ao trabalhador do campo ocorreu em dezembro de 1944 no salão de jogos do Seminário Ferial, quando o bispo na presença do Conselho Estadual de Cooperativismo, fundou a Cooperativa Agropecuária de Florânia sob os auspícios dos seminaristas ali presentes[303]. Também, em circunstâncias oportunas, acontecia de se incluir na programação a participação dos estudantes em eventos públicos, como o que ocorreu em 1944 na Prefeitura de Flores, para a alteração do nome da cidade[304] e, em 1947, por ocasião das eleições gerais no Brasil[305].

Embarcando em sua reta final, o programa de férias assumia um tom mais "liberal" e "festivo", com direito a orquestra animada, conversas de calçada, "giros" pela cidade e até tomar uma "cervejada"[306]. Padre João Agripino, que viveu a experiência do Seminário Ferial de Florânia nos anos 40, assim expõe a importância desses momentos descontraídos, mas ricos de descobertas e aprendizados, para a abertura de novos horizontes entre os seminaristas da Diocese:

> Naqueles dias se nos deparou a oportunidade ímpar da abertura de novos horizontes. Vivíamos até então naquele ritmo das sociedades estáticas. No nosso pequeno mundo daquela época, tudo parecia ordem e hierarquia. A

[303] Cf. GALVÃO, José Celestino (cronista). Quinta Temporada (1947-1948). In. DIOCESE DE CAICÓ. **Livro Primeiro de Crônicas do Seminário ferial de Caicó** (1943-1953), *op. cit*., p. 13 (verso).
[304] GALVÃO, José Celestino (cronista). Primeira Temporada (1943-1944). In. DIOCESE DE CAICÓ. **Livro Primeiro de Crônicas do Seminário ferial de Caicó** (1943-1953), *op. cit*., p. 2 (verso). Com o fim do Estado Novo (1937-1946), o Presidente Getúlio Vargas proibiu, por decreto, que duas ou mais cidades brasileiras possuíssem o mesmo nome. E como já existia uma cidade com o nome de Flores em Pernambuco e outra no Rio Grande do Sul, cujas datas de emancipação precediam a onomástica potiguar, a partir de 1944, por Decreto-lei promulgado em sessão solene na Prefeitura Municipal, Flores do Rio Grande do Norte passa a se chamar Florânia.
[305] Refiro-me aqui ao comício realizado pela UDN (União Democrática Nacional), na cidade de Florânia, em 5 de janeiro de 1947, que contou com a participação de eminentes políticos norte-rio-grandenses, entre os quais José Augusto Bezerra, Floriano Cavalcante e Monsenhor Mata. Cf. GALVÃO, José Celestino (cronista). Quarta Temporada (1946-1947). In. DIOCESE DE CAICÓ. **Livro Primeiro de Crônicas do Seminário ferial de Caicó** (1943-1953), *op. cit*., p. 12 (verso).
[306] O Seminário Ferial da Diocese de Caicó, tinha término na penúltima semana do mês de janeiro, coincidindo com o período da Festa de São Sebastião de Florânia, padroeiro da cidade. Daí o tom domingueiro que este assumia nos seus últimos dias.

> disciplina enquadrava tudo nos moldes estreitos de estruturas pré-fabricadas. Tudo parecia pesado, medido e contado. O contato com a realidade viva da paróquia, nas suas diversas camadas e níveis, nos descobriu um novo mundo mais variegado, mais complexo e mais contraditório. Os problemas da vida real do mundo nos acordaram para uma nova dimensão da vida, não enquadrada nos estreitos limites da nossa vida seminarista[307].

No que diz respeito aos "círculos de estudos" orientados por Dom José, relata ainda a relevância de seus temas e questionamentos para o descerramento de novas visões de Igreja entre os seminaristas, contribuindo até mesmo para a mudança gradual de uma visão "tradicional" da instituição assentada essencialmente na dimensão jurídica:

> Os círculos de estudos dirigidos por D. José nos descortinaram novas perspectivas numa linha de espiritualidade e de Igreja. A pouco e pouco começamos a encarar as situações à luz da Revelação, do Evangelho. Lembro-me bem, entre outros, no círculo de estudos sobre a natureza da Igreja. Às indagações insistentes do Sr. Bispo sobre a essência da Igreja, respondíamos, invariavelmente, dentro da linha clássica e jurídica da Igreja Instituição. Víamos na Igreja apenas o aspecto Instituição, uma organização social. A sua dimensão sobrenatural, a sua vinculação essencial e profunda, a sua identificação com Cristo, o seu aspecto-sacramental era-nos de todo em tudo desconhecido[308].

Além da "descoberta" da "nova visão de Igreja", descrita por padre Agripino como "fascinante" e "profundamente extraordinária", o Seminário Ferial de Florânia também foi palco de uma outra revelação não menos importante deparada pelos seminaristas de Caicó nos anos 40: a "descoberta da dimensão social da fé". É novamente padre Agripino quem nos relata esse momento "marcante" e ao mesmo tempo "estranho e aparentemente inassimilável" para a "mentalidade habitual" do período, vivido naquela época com o sabor de algo "novo" e "profundamente revolucionário":

> Naquele tempo, a teologia das realidades terrestres era para nós um tema absolutamente desconhecido. Foram a pregação e a ação pastoral de Dom José que nos revelaram essa outra face da realidade. S. Exa. Pregava muito sobre o Cooperativismo, enquadrando-o numa perspectiva cristã de justiça e de fraternidade humana, como uma iniciativa a serviço dos irmãos, como uma vivência do Amor Cristão. A pregação aliou a ação prática e concreta. A doutrina social da Igreja surgia diante de nossos olhos com uma irradiação natural da Fé no plano das estruturas humanas e temporais. A Fé deixava de ser uma realidade confinada ao mundo do espírito e passava a ser para nós

[307] AGRIPINO, José. Uma experiência marcante. In. DELGADO, José de Medeiros. **Memórias da graça divina**. São Paulo: Edições Loyola, 1978. p. 174.
[308] Idem.

> uma realidade total e global que irradiava reflexos sobre todos os planos da vida humana[309].

Em um outro trecho em que interpreta a concepção social de Cristianismo proclamada e ensinada por Dom José em Caicó, comentava o aludido presbítero, destacando o seu aspecto prático a ser assimilado pelo futuro clérigo: "A realidade terrestre não era [para Dom José] uma realidade autônoma e independente, mas uma realidade que devia ser plasmada e modelada pelo projeto do Criador". E observava em seguida: "Com mais de dez anos de antecedência, ele já vivia, no plano teológico e pastoral, os problemas, visões e perspectivas do Concílio Vaticano II"[310].

Essas novas concepções teológicas do cristianismo reverberantes nas práticas pedagógico-pastorais do primeiro bispo de Caicó, eram já sementes germinadas de renovação, que amanhadas no Velho Mundo Europeu desde os dois últimos séculos[311] e recolhidas por distintos dignitários e sacerdotes brasileiros, que tiveram o privilégio de instruir-se ou completar seus estudos seminarísticos na Europa, dos quais Dom José Delgado foi um deles[312], começavam portentosa e naturalmente a se difundir nas mais diferentes e remotas dioceses do país por meio de seus prepostos mais avançados, até penetrar às instituições formativas eclesiásticas, de modo especial, os seminários diocesanos, influenciando na formação das novas gerações de pastores[313].

Concomitante à experiência do Seminário Ferial da Diocese de Caicó, tinha início em Natal o ministério pastoral do padre Eugênio de Araújo Sales.

---

[309] Idem, p. 175.
[310] Idem, p. 176.
[311] Cf. ÁVILA, Fernando Bastos de. **O pensamento social cristão antes de Marx**: textos e comentários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. Ver também CHÂTELLIER, Louis. **A religião dos pobres**: as fontes do cristianismo moderno (sec. XVI-XIX). Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
[312] Entre 1925 e 1927, Dom José Delgado, que na época era ainda seminarista, esteve em Roma para cursar teologia, fazendo parte do grupo privilegiado de jovens estudantes brasileiros que passaram pelo Pontifício Colégio Pio Latino-Americano e pela Pontifícia Universidade Gregoriana, com sede na cidade papal, na Piazza della Pilotta, importantes e prestigiadas casas de formação eclesiástica europeias irradiadoras das novas concepções teológicas cristãs do período. Cf. DELGADO, José de Medeiros. **Memórias da graça divina**. São Paulo: Edições Loyola, 1978. p. 19-20; 69.
[313] Ver a respeito MARIAE, Servus. **Para entender a Igreja no Brasil**: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968). Petrópolis: Vozes, 1994. p. 56-58.

CAPÍTULO 2.

A JUVENTUDE CATÓLICA E A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS NO TEMPO DO PADRE ERNESTO

2.1. A freguesia de Nossa Senhora dos Remédios de Cruzeta

No limiar da década de 1960, quando o movimento de "jovens rurais cristãos" cruzetenses dava seus primeiros passos e a festa surgia em sua forma ainda embrionária, o perímetro urbano de Cruzeta, isto é, sua sede municipal, se encaixava na categoria do que a sociologia moderna vinha chamando de "pequena cidade rural" ou "tradicional"[314]. Esse era um termo utilizado para caracterizar as cidadezinhas do interior do país, cujo ritmo do cotidiano e complexidade social e cultural se desenvolvia muito próximo ao do campo, ou nas palavras de Florestan Fernandes, para caracterizar as cidades brasileiras "que prendiam o homem ao horizonte cultural rústico e ao conservantismo prepotente como estilo de vida"[315]. Até 1950, véspera de sua emancipação, Cruzeta contava com 1.230 almas vivendo em seu centro urbano, representando no período a fração de 26,3% do total da população[316]. Dez anos após, esse número era de 1.991 moradores e de 38,2% do total[317], portanto, um centro urbano em contínua expansão.

Na passagem dos anos 1950 para os anos 1960, além dessa situação demográfica contrastante, vários outros aspectos vinham somar para o enquadramento da zona urbanizada do município na condição de "cidade rural" ou "tradicional"[318]. De acordo com o recenseamento de 1960, 69% das pessoas economicamente ativas do município (10 anos e mais, incluindo a população urbana e campesina) concentravam-se no ramo agropecuário e extrativista da economia, desempenhando atividades estritamente relacionadas à lide rural como o criatório, a caça e a pesca. Os 31% restantes se ocupavam em atividades distribuídas em outros ramos e categorias, incluindo os serviços públicos, as práticas comerciais e

---

[314] Ver FERNANDES, Florestan (Org.). A cidade tradicional. In. **Comunidade e sociedade no Brasil**: leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972. p.138-196.
[315] Idem, p. 141.
[316] IBGE. **Estado do Rio Grande do Norte:** censo demográfico, p. 77.
[317] IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte – Paraíba, p. 80.
[318] Ver discussão do conceito em QUEIROZ, Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro**: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

propriamente "industriais", com destaque para o ramo de produção de laticínios e artigos de couro e tecido, atividades associadas à dinâmica do mundo urbano[319].

Embora se possa perceber a partir dos dados censitários a existência de uma complexa especialização e divisão da mão-de-obra nas atividades urbanas, estas não estavam desvinculadas aos quefazeres do campo, imiscuindo-se muitas vezes nos trabalhos agrários ou se desenvolvendo de modo secundário a estes. Um bom exemplo que se pode dar é o do ramo "industrial", responsável pela absorção de 4,5% da mão de obra economicamente ativa do município[320]. Este setor, ainda muito incipiente e precário, se esteava nas pequenas indústrias domésticas de transformação de produtos alimentares e extrativos (café, arroz, algodão, milho, leite e couro), muitas delas abrigadas no interior de domicílios situados nas propriedades rurais. Estas manufaturas laboravam com processos artesanais ainda tradicionais, na maioria das vezes em regime complementar às fainas agrícolas[321]. Dos quatro estabelecimentos contabilizados pelo censo do período, três pertenciam a esse gênero de indústria[322].

Um caso interessante a notar me parece ser o das oficinas caseiras que empregavam teares rústicos. Nesses espaços produtivos regidos pelo labor familiar, as mãos femininas transformavam o algodão em fio para uso na confecção de artefatos de tecido (redes de dormir, lençóis, toalhas e alfombras) que depois seriam vendidos em feira livre e no comércio da cidade ou ainda exportados para outras praças mais próximas[323]. Esse feitio rudimentar dos processos manufatureiros revela a inexistência de um setor secundário estruturado, denunciando um outro aspecto da vida citadina: a ausência de um operariado urbano ocupado em funções exclusiva e nitidamente industriais ou fabris, dando as classes sociais urbanas uma feição acentuadamente rural. É verdade que na passagem da primeira para a segunda metade do século XX já se encontrava mais ou menos configurado um operariado rural cultivando o solo alheio em troca da percepção de algum salário e, em menor número, se dedicando à criação de animais. Mas este devia ser em proporção reduzida e como se pode imaginar, não habitava a cidade. Em 1959,

---

[319] IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte – Paraíba, p. 86.
[320] Idem, p. 86.
[321] Cf. GOES, Terezinha de Jesus Medeiros. **Noções de Geografia e História do município de Cruzeta**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1971. p. 23-25.
[322] IBGE. **Censo industrial de 1960**: Maranhão – Piauí – Ceará – Rio Grande do Norte, p. 118-119.
[323] Terezinha de Medeiros Goes em seu livro "Noções de Geografia e História do município de Cruzeta", constatou a existência de várias indústrias desse tipo funcionando na zona rural de Cruzeta, ainda em 1971: "Há teares na zona rural, onde o algodão depois de transformado pela mão feminina em fio, é industrializado na fabricação de redes de dormir, lenços, toalhas e outras peças". Referindo-se a outras "indústrias caseiras" ainda existentes nesse período, também registra: "Em couro, são confeccionadas roupas para vaqueiros, chapéus, selas, arreios, cintos, alpargatas, botinas. Muitos adornos são feitos com o aproveitamento da palha da carnaubeira e palitos da folha do coqueiro". GOES, Terezinha de Jesus Medeiros. **Noções de Geografia e História do município de Cruzeta**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1971. p. 24-25.

o montante gasto com pagamentos de salários por estes estabelecimentos produtivos chegou a Cr$ 3.995 (três mil novecentos e noventa e cinco cruzeiros). Um custo bem inferior às quantias gastas no mesmo período em arrendamentos, sementes e mudas, adubos e corretivos[324].

O setor terciário era ainda mais elucidativo das relações sinuosas entre campo e cidade. No período em questão, a cidade não possuía um comércio expressivo nem um ramo de serviços urbanos forte. Estes se desenvolviam à sombra do setor agropecuárioda de onde provinha o alento do mundo citadino. Apesar disso, este participava sorvendo 25,5% da mão de obra economicamente ativa do município, significando o segundo setor mais expressivo da economia local[325].

A praça comercial da cidade se achava substancialmente provida e ficava concentrada no centro mais ao sul do aglomerado urbano. Era lá que se encontravam ordenadas as principais casas comerciais cingindo em seu ponto mais fulcral o "majestoso" mercado público, uma ampla construção edificada em alvenaria destinada à comercialização dos mais diversos gêneros de mercadorias e também muito procurado pelos jovens para "flertar" e realizar seus passeios dominicais; aos domingos, servia de espaço para os sitiantes e vendedores ambulantes exporem seus artigos à venda em dia de feira. Nazareth de Azevedo, que viveu sua juventude em Cruzeta, entre os anos de 1950 e 60, chegando, inclusive, a integrar o movimento da JAC, assim relembra a importância que possuía o Mercado Público Municipal para a mocidade local, atestando seu prestígio como espaço de distração e sociabilidade para além de sua utilidade mercantil:

> Nos domingos à tarde era de praxe as moças bem arrumadas, saias rodadas, sapatos de salto fino, num conjunto de 4 ou 5, de braços dados, rodearem o mercado batendo papo, fletando com os rapazes que ficavam pelas esquinas e umas tentando roubar o namoradinho das outas; e assim davam voltas até o escurecer [com adaptações][326].

Até fins dos anos 1950, estavam instalados no centro comercial e em outros pontos da cidade, aproximadamente 24 estabelecimentos atuando no ramo do varejo, em função dos quais se ocupavam 35 comerciantes, entre proprietários e sócios, membros da família destes não remunerados e demais empregados, estes últimos em quantidade menor. No que diz respeito ao ramo grossista do comércio, não foram registrados nos censos do período nenhuma casa de venda que atuasse no ramo do atacado[327].

---

[324] IBGE. **Censo agrícola de 1960**: Ceará - Rio Grande do Norte, p. 173.
[325] IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte – Paraíba, p. 86.
[326] SOARES, Maria Nazareth de Azevedo. Homenagem aos Jovens Cruzetenses: uma Lembrança do passado (1985). O Estado. Cruzeta. **Sinopse de Cruzeta I**. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 90. (Datilografado).
[327] Cf. IBGE. **Censos comercial e dos serviços de 1960**: Maranhão-Piauí-Ceará-Rio Grande do Norte, p. 107; 109. Essa informação difere, por exemplo, da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, editada pelo IBGE, em

Em geral, as instalações comerciais se dividiam em diferentes arranjos. Dispostas no centro do comércio podiam-se encontrar, entre outras, as "bodegas" de seu Capucho, de seu Joaquim Varela e a de seu Gedeão Diniz, que forneciam aos moradores do campo e da cidade os mais diferentes sortimentos de primeira necessidade: carne de jabá, rapadura, arroz, aguardente, farinha, feijão-macáçar e de arranca, querosene para as lamparinas, goma seca para tapioca, macarrão, sal, açúcar, café em caroço, doce de lata, bolacha seca, broas e outros gêneros alimentares. Em alguns desses estabelecimentos ainda se podia achar arreios para animais, alpargatas, botinas e cintos fabricados de couro; apetrechos para caça e pesca (anzóis, varas de pescar, tarrafas, bornais, pólvora, cartuchos e baladeiras), além de bolsas, urupemas, cestos e vassouras confeccionados de palha da carnaubeira.

Havia os armarinhos de dona Chaguinha Vale e de seu Geraldo Lopes, onde se comercializavam tecidos, toalhas de mesa, chapéus de feltro, agulhas, linhas, botões e outros artigos para costura e vestuário em geral. No saguão do Mercado Público, expostas ao tempo e a ação dos insetos, ficavam a banca de carne fresca de seu José Alves e de outros marchantes; na lateral esquerda do edifício, em uma de suas dependências, o posto de combustível (bomba de gasolina) de seu Benedito Vale era uma exclusividade! Para quem se dirigia à praça do comércio a procura dos hortifrutigranjeiros ou ainda de folhas, cascas, chás, sementes e raízes para a preparação das "meizinhas caseiras", encontrava-as em maior variedade nas bancas de frutas de Seu Inácio Deolino e de Seu Antônio mangaieiro; os remédios de botica adquiriam-se na farmácia de "Seu Bila", o farmacêutico, única ali existente. Para o desjejum do café da manhã havia a padaria do "Seu Joaquim Baé" que fornecia o pão aquecido de cada dia.

Muito frequentado, especialmente em dia de feira pelos sitiantes, era o armazém do senhor Manuel Martiniano de Medeiros, "Seu Nequim Preá", um empório de quase meio quarteirão que ficava a poucos metros do mercado público na margem esquerda da Rua Joaquim José de Medeiros com o cruzamento da "24 de outubro". Para lá convergiam os pequenos e médios produtores rurais e agropecuaristas com o propósito de comercializar suas produções de algodão e couro, obter gêneros de primeira necessidade e adquirir os instrumentos e ferramentas necessários para o trato com a terra e os animais. Foices, machados, marretas, pás, enxadas, arados, cultivadores, capinadeiras; forragens e cangalhas para transporte de cargas; estribos e celas para montaria; silos e barris para armazenagem de grãos e cereais; pulverizadores, inseticidas e outros materiais para utilização na agricultura, podia-se adquirir ali à prazo a preço de venda, ficando o montante da dívida para ser saldado com o dinheiro

1960, a qual registra para o mesmo período a existência de apenas 1 (uma) casa comercial atuando na localidade no ramo do atacado. IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. v. XVII. Rio de Janeiro: 1960. p. 58.

arrecadado depois da colheita[328]. Também estavam alojadas na praça comercial da cidade as sapatarias de seu Gentil e de seu Oscar, muito procurada pela freguesia para as "prosas" vespertinas, e há alguns passos do centro mais movimentado do comércio, a carpintaria de seu Inácio Panema; um pouco mais afastado, na altura da antiga rua 31 de março, atual rua Antônio Sabino, ficava o armazém de peixes de seu Tomás Panema, onde se podia encontrar para o preparo da culinária sertaneja pescados das mais variadas sortes de água doce (piaba, curumatã, tucunaré, piau, cascudo, camarão e outros) adquiridos nos açudes e rios da região.

O empório local ainda estava conectado com as praças de Currais Novos, Caicó e Natal, no Estado, e com outras praças da Paraíba, Pernambuco, Bahia e do Sul do país[329]. Mantinham contato com elas os comerciantes estabelecidos na cidade, de maior empreendimento, e também feirantes oriundos de outras regiões, principalmente para abastecer-se de gêneros e produtos manufaturados não providos localmente, como tecidos, farinha de trigo, açúcar, bebidas, ferragens, louças e confecções[330]. Em dias de feira, como era de costume, adquiriam rapadura, amido, farinha de mandioca e fumo, artigos muito apreciados pelos consumidores locais, dos vendedores ambulantes vindos especialmente das regiões do Cariri e Brejo. Terezinha Goes, em seu estudo que trata da geografia e história do município de Cruzeta, registrava em 1971 a importância desses agentes mercantis e de suas relações com outros entrepostos comerciais para o abastecimento do comércio e da população locais: "Importamos o que consumimos por intermédio de negociantes ambulantes e comerciantes estabelecidos com armarinhos, casas de tecidos, farmácia, casa de de acessórios de automóveis, sorveteria, etc"[331].

A comunicação com os principais empórios da região e da capital do Estado fazia-se pela rodovia estadual que atravessava a pequena urbe num pequeno trecho urbano, ligando a pequena localidade às cidades de Acari, Jardim do Seridó, São Vicente, São José do Seridó e Florânea, ou ainda pela estrada carroçável que se estendia de Cruzeta ao município de Caicó seguindo mais ao sul pela Estação Experimental do Seridó, principais vias intermunicipais existentes no período[332]. Era por esses caminhos e suas sendas acessórias, que geralmente entravam na cidade, conduzidos de outros lugares, boa parte dos sortimentos alimentares que abasteciam o mercado local. De resto, a maior parte dos nutrientes e proteínas consumidos na

---

[328] Cf. AZEVEDO, Walclei de Araujo. **Fatos pitorescos de Cruzeta**. Natal: Editora do Autor, 2009. p. 133.
[329] GOES, Terezinha de Medeiros. **Noções de Geografia e História do município de Cruzeta**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1971. p. 22.
[330] IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**, p. 58.
[331] GOES, Terezinha de Medeiros, *op. cit.*, p. 22.
[332] DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. **Tábuas itinerárias do Estado do Rio Grande do Norte (1959)**, p. 7.

mesa dos cruzetenses, derivava das pequenas lavouras cultivadas nos roçados e vazantes dos pequenos sitiantes espalhados pela zona rural do município.

Figura 13. Fotografia de uma sapataria situada no ponto comercial de Cruzeta na década de 1960.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 14. Vista parcial do Mercado Público Municipal de Cruzeta, anterior a reforma de 1966. Fotografia sem marcação de data. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Mas era aos domingos durante a feira semanal que o comércio da cidade recebia um maior fluxo de fregueses e se notava uma maior circulação de pessoas, serviços, capitais e mercadorias. O movimento tinha início já no dia anterior com a chegada das primeiras caravanas dos vendedores ambulantes vindo de outros estados e regiões, trazendo suas arcas de artigos e os aviamentos de venda. Um visitante estrangeiro que estivera na região na década de 1950, assim descreve esse momento inaugural do despontar das caravanas dos mercadores:

> Das planícies muito habitadas e dos vales ao redor chegam procissões de *feirantes*, a cavalo, a burro, empilhados com seus produtos em caminhões, e muitos a pé, conduzindo seus animais levando suas cargas de cordas, os grandes volumes de feno cheios de cerâmica, e outros transportando cestos cheios contendo mercadorias da região, ou ainda carregando grandes bolsas de couro penduradas, cheias de batata-doce[333].

Os preparativos para a feira principiavam bem antes do romper do dia, quando paulatinamente se iniciava a armação das tendas, barracas ou tabuleiros nos arredores do Mercado Público e os sitiantes se aproximavam do centro da cidade conduzindo seus carregamentos de mercadorias transportados em lombos de jumentos, para serem comercializados. Ao despontar dos primeiros raios, começavam a surgir por entre as tendas erguidas, à oitiva dos pregões dos vendedores, as senhoras donas-de-casa portando balaios à cabeça ou guiando suas sestas de compras à cata dos melhores produtos da terra. Ali se podia encontrar um pouco de tudo: feijão, farinha, rapadura, pão, cocadas, bancas de miçangas e hortaliças, mangaios, cafezinhos com bolo preto e grude, artigos de confecção de tecido e couro, lamparinas, bijuterias, fumo em rolo e carne (no interior do Mercado Público), louça de barro, e outros artigos de necessidades mais básicas. Para comercializar os seus produtos cada feirante pagava ao poder público um imposto de licença incidente sobre a bancada (se armada no interior do mercado da cidade, em espaço escolhio) ou de cada gênero de mercadoria especificada (se a tenda fosse armada no exterior do mercado público). “Sobre cada banca ou espaço escolhido para vender mercadorias [...] dentro do mercado da cidade, [será cobrado] por dia .... Cr$ 2,00 [...]”, ordenava um decreto municipal datado de 1954, que orçava a receita e fixava a despesa do município para o referido ano de exercício. E determinava outros tributos:

> Fora do mercado:
> Estivas em geral 5,00
> Gelados ou caldo de cana, de frutas em geral 5,00
> Alpercatas ou artefatos de couro, borracha em geral 4,00
> Artefatos de couro ou borracha 2,00
> Selas, selins, silhões e carcnas 4,0
> Guloseimas ou massas alimentares diversas, com ou sem café 1,50
> [...][334].

O despacho ainda previa impostos sobre “vendendores retalhistas” nas feiras do município ou em épocas festivas e estabelecia alíquotas de arrecadação para cada caminhão de mercadorias expostos à venda na praça da cidade ou para cada carregamento de artigos

---

[333] BETHÔNICO, Mabe. **De como Mabe Bethônico percorreu a caatinga na Suíça, nos arquivos do autor viajante Edgar Aubert de la Rüe**... . Belo Horizonte: Edições Capacete, 2014. p. 69.

[334] Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Receita de mercado, feiras e matadouro. In. Decreto Lei nº 1, de 4 de março de 1954, que orça a receita e fixa a despesa do município de Cruzeta, para o exercício de 1954. **Registros de Decretos-Leis (1954-1955)**, Cruzeta, n. 35, p. 1-16, 1954. p. 13-15.

conduzido às feiras locais no lombo de animais e destinado ao comércio varegista ou grossista, sendo as quotas coletadas por dia de corretagem, em moeda corrente, e incidentes sobre o gênero do produto:

> [Quotas incidentes] sobre cada caminhão de mercadorias expostos nas feiras do município, sendo de:
> Rapaduras 10,00
> Frutas em geral 10,00
> Farinha de mandioca 15,00
> Rapadura, farinha e outros artigos em conjunto 15,00
> Pelos artigos não especificados nesse inciso 5,00
> Sobre cada volume entrado nas feiras do município, em dorso de animais, e expostos à venda a retalho ou por atacado, sendo de:
> Frutas em geral, inclusise cana de açúcar 1,50
> Cebola, alho, pimenta em grão e outros 1,50
> Sal grosso ou triturado 1,50
> Côcos 1,50
> Peixes de qualquer espécie 2,00
> Miúças, carne de qualquer espécie, assadas ou vísceras 2,0
> Gêneros alimentícios de qualquer espécie 1,00
> [...][335]

Em geral, a feira era efetuada principalmente com os produtos oriundos do próprio município, embora não fossem poucos os vendedores ambulantes vindos de outras localidades.

Os gêneros alimentícios (feijão, arroz, farinha e milho) eram calculados ou medidos em pequenos caixotes de madeira (litros) ou em "cuias" aferitórias, recipientes confeccionados do fruto maduro da cuieira (*Crescentia cujete***)** e utilizados como unidade de medida de "secos", notadamente de grãos, com a equivalência a 1/32 do *alqueire*[336], pois a existência de balanças era rara e de uso mais frequente entre os marchantes (vendedores de carne); aquilo que não podia ser medido vendia-se por unidade[337].

Um ponto muito movimentado da feira era o famoso "beco da troca", uma estreita via pavimentada de barro batido e cingida com cercados de velame e algumas edificações dispersas, que ficava situado por trás do armazém de seu Nequim Preá, na atual rua Leôncio Pires Galvão. Em dia de feira, era hábito entre os sitiantes se encontrarem nesse estreito corredor para negociar suas pequenas criações de cabras, ovelhas e galinhas ou realizar permutas e vendas dos bichos utilizados nos serviços de tração e montaria (jegues, cavalos e novilhos). Ali ficavam atados e descansando sob a sombra das algarobeiras os animais de carga e condução, trazidos da zona rural pelos feirantes, até a hora em que tinham que regressar carregados de víveres e

---

[335] Idem, p. 15.
[336] Antiga medida de capacidade para secos e líquidos (correspondente a 13,5 litros). Cf. PÂNDU, Pandiá. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Fase, 1981. vol I. p. 18.
[337] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta:** retalhos de sua história. [s.l.: s.n.], 2011. p. 34.

provisões adquiridos na feira ou nos empórios locais. O odor forte de esterco e urina deixados pelos excrementos dos animais, era um motivo que fazia com que muitos transeuntes evitassem transitar por essa via pública, sendo considerada pelos moradores como uma "zona imprópria" para os passeios dominicais.

O domingo de feira era um dia especial para os moradores do município, pois os residentes na zona rural e nas cidades vizinhas se encontravam na sede municipal para comercializar produtos e também "assistir à missa, realizar batizados, visitar familiares, entre outras formas de sociabilidade"[338]. Era ainda uma ocasião em que o setor dos serviços ganhava maior fôlego com o fluxo mais frequente de clientes em circulação pelos hotéis, botequins, casas de jogos e bodegas espalhados no centro da cidade. Em 1959, das dezesseis casas em funcionamento, existiam na praça comercial seis estabelecimentos atuando só nesse ramo de negócio em que se ocupavam aproximadamente oito pessoas do total de vinte, isto é, 0,65% da mão de obra economicamente ativa do município[339]. Nesse mesmo período, a margem de lucro obtida por esse setor específico com serviços de bar, alimentação, hospedagem e outras atividades acessórias foi de Cr$ 1.105 mil cruzeiros[340].

Muito procurado em dia de feira eram os famosos "hotéis" de Maria Augusta e de dona Maria Teixeira, ambientes regidos pelos códigos de boa conduta e respeitabilidade e frequentados tanto pela "gente de má fama" – havia os horários em que as "mulheres da vida" (prostitutas) podiam frequentar, estes geralmente marcados para as 18h da noite, quando as "moças de famílias" já se encontravam em grande parte recolhidas em suas residências –, quanto por aquela de boa reputação. Nesses espaços, os fregueses apareciam para fazer suas refeições, sorver alguma xícara de café, preparar um pequeno lanche ou apreciar um bom doce de coco. Para o forasteiro que procurava além do provimento do corpo um leito de alcova para pernoitar, havia a "Pensão Familiar" de seu João Esteves e de Dona Verônica, uma simples habitação com poucos cômodos nus, ou quase, situada na praça do comércio. As distrações e passatempos dominicais eram oferecidos na Casa de Jogos de seu Celso Paulino, um ambiente frequentado exclusivamente por indivíduos do sexo masculino, onde estes se reuniam para prosear entre amigos, jogar sinuca e praticar "jogos de azar" (roleta, baralho e dados). A presença de mulheres nesse recinto era moralmente proibida e um tanto desagradável, pois podia ser motivo de "falatórios" na comunidade e ensejo para as mexeriqueiras nas esquinas; por isso, muitas evitavam se aproximar do estabelecimento.

---

[338] Idem, p. 34.
[339] IBGE. **Censos comercial e dos serviços de 1960**: Maranhão-Piauí-Ceará-Rio Grande do Norte, p. 173.
[340] Idem.

O dia de feira semanal também era uma ocasião em que muitos moradores da roça e da cidade (pessoas do sexo masculino) reservavam um curto período das horas para cuidar um pouco da aparência e da higiene corporal. Com esse intuito era que muitos procuravam as barbearias de seu Chico Ângelo e de seu Zé Leão em busca das artes e segredos pessoais de um barbeiro. Mas eram os famigerados "gangos", casas de baixo meretrício (cabarés) que geralmente situavam-se a muitos metros da área de moradia familiar, pois a sua instalação no centro urbano era expressamente proibida – no período em apreço era particularmente conhecida a zona de prostituição, cujo acesso se fazia tomando a rua Cipriano Lopes Galvão que atravessava o meio centro da cidade seguindo a direção do Matadouro Público Municipal[341] –, que gozavam de um maior concurso e preferência de boa parte da clientela masculina[342]. Para lá afluíam muitos rapazes e varões em idade madura a fim de experimentar dos prazeres do álcool, da lascívia e do sexo. À tarde, no final da feira, muitos retornavam embriagados para suas casas deixando para trás rixas ocultadas, orgulho ferido e imprecações, que por vezes desaguavam em desordens e querelas. A memória social registrou inúmeros casos envolvendo prisões, mortes e mutilações por esfaqueamento, tornando o ambiente da feira um lugar de apreensão e medo no fim das tardes dominicais. Por essa razão, poucos ousavam se aventurar por ela em seus momentos finais. A feira também era um espaço onde se "acertavam contas" para além do sentido meramente comercial[343].

O aspecto físico da cidade e o cotidiano de seus moradores eram outros elementos que guardavam uma íntima relação com o mundo rural circudante. Edificada em "quarteirões", sobre um terreno situado nas margens sul do Açude Público Municipal concluído pela Inspetoria de Obras Contra as Secas (IFOCS) em 1929[344], a cidade não dispunha de um sistema

---

[341] De acordo com Terezinha Medeiros Goes, a construção do prédio do Matadouro Público Municipal se deu no ano de 1959, durante a gestão do prefeito Sílvio Bezerra de Melo (1954-1960). GOES, Terezinha de Medeiros, *op. cit*., p. 65.

[342] Um decreto executivo, expedido pelo Prefeito Municipal, em 4 de março de 1954, fazia a seguinte notificação taxativa: "Não será permitido o funcionamento de cabarés na zona urbana da cidade". Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Tabela explicativa da receita – imposto de licença. In. Decreto Lei nº 10, de 1º de janeiro de 1955, que orça a receita e fixa a despesa do município de Cruzeta, para o exercício de 1955. **Registros de Decretos-Leis (1954-1955)**, Cruzeta, n. 35, p. 40-44, 1954. p. 43.

[343] Sobre a feira como espaço de sociabilidade, cf. MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. Territorialidades e sociabilidades na Feira Livre da cidade de Caicó/RN. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia: v. 7, n. 17, p. 244-249, fev., 2006. p. 247.

[344] Em GOES, Terezinha Medeiros. **Noções de Geografia e história do município de Cruzeta**, p. 51, encontra-se: "A cidade é construída em quarteirões, sobre um terreno que foi demarcado pelo senhor Francisco Raimundo de Aráujo. Traçaram o 1º plano de urbanização, os engenheiros que dirigiram os trabalhos de construção do Açude Público". Ver ainda a respeito MEDEIROS NETO, Leonardo. Cruzeta. In. **Enxertos históricos, outros escritos e poemas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Livro lindo editor, 2020. p, 37-42.

de saneamento d'água nem de rede geral de esgoto até pelo menos 1967[345]. O suprimento de água era feito principalmente através do reservatório municipal, retirando manualmente o líquido e transportando-o em latas, *quartinhas*[346], potes, jarras e outros utensílios de barro, que uma vez cheios, o carregador, notadamente as mulheres, conduzia-o equilibrando-o sobre a cabeça com o apoio de uma rodilha (ou "rudia" na expressão do sertanejo da região)[347], ou ainda utilizando-se de um "galão" manejável, isto é, um mecanismo elementar que se fazia prendendo duas latas de flandes à dois grilhões de metal atados nas pontas de uma viga de madeira e que era conduzido suspenso sobre as espáduas do condutor, com o apoio ou não de um tecido grosseiro (molambo). Em casa, o líquido era despejado e armazenado em potes grandes de cerâmica adquiridos na venda da cidade, geralmente colocados na cozinha ou despensa da habitação apoiado num suporte ou forquilha (*cantareira*), ou depositado em tanques feitos de concreto para uso doméstico os mais diversos (banho, asseio pessoal, alimentação, limpeza da casa e etc.).

Existiam ainda os "botadores de água" ou "aguadeiros", espécies de comerciantes do recurso hídrico que distribuiam diariamente "de porta em porta" o serviço de provisão do líquido potável (água de beber) à custo de uma retribuição ajustada[348]. Esse líquido selecionado de forma mais criteriosa, geralmente era retirado de fontes mais límpidas e salubres localizadas nas imediações do perímetro urbano ou na zona rural do município (cacimbas, nascentes e açudes particulares) e armazenado em grandes tonéis de zinco ou de flandes, onde era transportado em carroças guiadas por muares ou ainda em barris e tonéis sobre o lombo de um jumento, para ser distribuído entre os consumidores na cidade. Era costume cada residência possuir reservado para esse fim, conservado tampado com um testo de tábua em alça, pelo menos um recipiente de cerâmica de maior capacidade (pote) para a conservação e usufruto da água potável. Também, na cidade, com essa finalidade, já se utilizava à contento a geladeira,

[345] De acordo com Terezinha Goes, os trabalhos de saneamento d'agua na cidade tiveram início em 1967 sob a responsabilidade do Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS) e só foram concluídos em 1969. GOES, Terezinha de Jesus Medeiros, *op. cit*., p. 70.

[346] O mesmo que moringa e bilha. Recipiente confeccionado de cerâmica utilizado para conservar água potável nas antigas residências. Cf. LAMARTINE, Oswaldo. As comidas e de como as guardavam. In. **Sertões do Seridó**. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1980. p. 58.

[347] Círculo, ou rosca confeccionada de pano, que os carregadores põem à cabeça, e nela assetam a carga, para os não molestar. Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Ediouro, 2003. p. 787

[348] Cf. AZEVEDO, Walclei de Araújo. **Fatos pitorescos de Cruzeta**. Natal/RN: Ed. do Autor, 2009. p. 80.

mas sua ocorrência era ainda muito rara e só existia nas residências das famílias mais abastadas[349].

O escoamento dos dejetos sanitários era feito através de um ducto aberto no solo ou por meio de um tubo que ligava o banheiro onde se encontrava a privada – este geralmente construído no quintal, há alguns metros da casa – até uma fossa artesanalmente aberta no terreno e recoberta de tijolos. Na cidade não era incomum o ato de defecar no quintal de casa ou no mato das proximidades, empregando-se no lugar do papel higiênico, de uso mais frequente entre as famílias com maior poder aquisitivo, sabugos de milho e pedras recolhidas do chão. Nos sítios, esse costume parece ter sido generalizado. Em 1960, dos 824 domicílios contabilizados no município, incluindo os localizados na zona rural, 303 possuíam uma fossa rudimentar, enquanto apenas 5 residências contavam com uma fossa séptica e 6 com outro tipo de escoadouro. Mais da metade das famílias do município ainda utilizavam o quintal e o mato para fazer suas necessidades fisiológicas[350].

Figura 15. Aspecto do centro urbano de Cruzeta com destaque para a Rua Juvenal Lamartine (1966).
Fonte: Arquivo pessoal de Céssio Pereira.

Na cidade e também nos sítios, as famílias usavam lenha para cozinhar – em 1960, 96% das residências do município a empregavam para o preparo dos alimentos[351] –, possuindo na cozinha da casa um fogão geralmente feito de tijolo e barro alimentado por esse combustível.

[349] Ver AZEVEDO, Walclei de Araújo, *op. cit.*, p. 65. De acordo com o senso demográfico de 1960, dos 824 domicílios informados para o município de Cruzeta/RN, apenas 11 possuiam geladeiras. Cf. IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte – Paraíba, p. 23.
[350] IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte – Paraíba, *op. cit*., p. 123.
[351] De acorco com o censo demográfico de 1960, dos 824 domicílios informados no período para o município de Cruzeta, 797 utilizavam fogão à lenha. Cf. IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte – Paraíba, p. 123.

Na maioria dos casos, obtinha-se a lenha basicamente de duas formas: apanhando-a diariamente em mato próximo e conduzindo-a para casa em feixes sobre a cabeça, ou adquirindo-a sob encomenda, já retalhada e pronta para o uso, de vendedores na rua.

Até 1966, o município de Cruzeta não dispunha de um sistema de rede elétrica permanente, sendo a energia existente produzida por um gerador movido a óleo diesel e adquirido na cidade do Recife, Pernambuco, da empresa Carvalho S/A, em 1955[352], que atendia a demanda de poucos logradouros e domicílios situados no centro urbano (apenas ¼ das residências possuíam iluminação elétrica de acordo com o censo de 1960)[353]. Este permanecia em funcionamento até pouco mais das 22 horas (no máximo), momento em que o motor de luz era acionado pelo operário da usina lembrando aos moradores que chegara a hora de se munirem de candeeiros e lampiões ou de buscarem o abrigo de suas casas, pois logo prevaleceria a escuridão[354]. Em dias de festejos tradicionais, como o último de maio, o São João e a Festa da Padroeira, o fornecimento de luz era garantido por mais tempo até que cessassem a pândega das ruas. O decreto municipal datado de 1954, que regulamentava o funcionamento da Usina Elétrica e regia as atribuições de seus funcionários, como também os direitos e deveres dos consumidores de luz, assim estabelecia os seus horários de atividade:

> I. 14:45 horas – verificação do maquinário, lubrificação e etc.
> II. 17:35 " – ligação da luz interna.
> III. 17:45 " – ligação da luz pública.
> IV. 22:45 " – 1º sinal de apagar (baixar a luz)
> V. 22:50 " – 2º sinal de apagar (baixar a luz)
> VI. 22:55 " – 3ºsinal de apagar (desligar rapidamente a luz)
> VII. 23:00 " – desligar a luz pública e particular[355].

Em outro ponto do regulamento que normatizava o fornecimento de luz e estatuía os direitos e deveres dos consumidores, o dispositivo ainda informava: "qualquer motivo que venha impedir o fornecimento de luz, será primeiramente avisado por edital". E comunicava em seguida: "Em caso de defeitos que impeçam o fornecimento da luz por mais de (5) cinco dias, se fará aos

---

[352] Consta nos arquivos da Prefeitua Municipal de Cruzeta, um recibo de pagamento referente ao transporte do motor de luz adquirido na cidade do Recife, Pernambuco, da empresa Carvalho S/A, e firmado pelo senhor Cícero Simão Bezerra, encarregado do transporte. Cf. RIO GRANDE DO NORTE – PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Processo nº 138, de 31 de dezembro de 1955. Pagamento despesas transporte motor Recife-Cruzeta. **Balancete 1955**. Cruzeta, 1955.

[353] Cf. IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte – Paraíba, *op. cit.*, p. 122.

[354] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit.*, p.32. Campos e Morais registra as 21 horas como o horário limite de fornecimento normal de energia pela usina de luz do município, porém optei por considerar o disposto nas diposições preliminares que regulamentavam o funcionamento da Usina Elétrica Municipal. Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Decreto executivo nº 1, de 5 de março de 1954 – Regulamento da Usina elétrica municipal. **Registros de Decretos**, Cruzeta, n. 36, p. 11-15, 1954. p. 12.

[355] Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Decreto executivo nº 1, de 5 de março de 1954 – Regulamento da Usina elétrica municipal, *op. cit*., p. 12.

consumidores os respectivos descontos"[356], o que não raras vezes ocorria, como demonstram as várias notas de pagamentos emitadas para o "conserto do motor de luz" ou do maquinismo da Usina, ainda conservadas nos arquivos da Prefeitura Municipal[357].

Nas noites costumeiras de penumbra as calçadas dos lares se tornavam num lugar de encontro entre os vizinhos que se reuniam em roda para conversar, contar estórias de Trancoso e assombração ou contemplar o empíreo estrelado sob o reflexo das lamparinas acesas nos interiores das habitações. A memória coletiva registra muitas dessas estórias compartilhadas nas calçadas das residências ou sob o ostracismo do ambiente familiar, que serviam para "dar" às prosaicas noites sertanejas uma "fantasia" de encanto[358].

Os divertimentos jovens eram poucos e espontâneos e se resumiam aos bate-papos nas calçadas da Igreja ou do grupo escolar Otávio Lamartine, pontos certos dos encontros juvenis, que duravam até o momento em que o motor de luz era acionado e a cidade se preparava para ficar às escuras. Nas noites enluaradas era costume alguns seresteiros saírem pelas ruas empunhando viola e fazendo serenatas, deixando as jovens acordadas até altas horas, no silêncio dos quartos ou olhando pelas frestas das portas, curiosas em saber para quem eles cantavam músicas tão românticas[359]. Só a partir de 1959 a cidade ganharia um espaço próprio destinado à recreação entre os jovens com a criação de um Clube social: o Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC).

Um problema enfrentado pelos moradores na cidade era a precariedade de suas vias públicas, pois estas eram geralmente malcheirosas dos esgotos que corriam a céu aberto e cobertas de areia e pedregulho – algumas eram de "chão batido" –, que de repente acabava com o solado dos calçados. Além disso, tinham ainda que dividi-las com jumentos, porcos, galinhas e outros animais que frequentemente eram vistos transitando livremente pelas vias urbanas, ou ainda com as manadas de bois que amiúde cruzavam pachorrentas a cidade, sob o aboio de vaqueiros, deixando para trás rastos de fezes e urina. Terezinha Goes, numa "carta aberta" para a redação de "O Cruzetense", em 1978, relambrava a situação da cidade no período anterior a

---

[356] Idem.

[357] Ainda em 1954, ano de instalação da Prefeitura Municipal, estipulava um exercício administrativo que dispunha sobre o plano de obras para o Município com recursos da quota federal, a importância de Cr$ 62.000,00 (sessenta e dois mil cruzeiros) para o "conserto do motor que fornece energia elétrica a cidade de Cruzeta". Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Decreto-Lei nº 4, que dispõe sobre o plano de obras para o Município, com recursos da quota federal, de 6 de agosto de 1954. **Registros de Decretos**, Cruzeta, n. 36, p. 25-26, 1954. p. 25.

[358] Dentre as "estórias de assombração" que gozavam de predileção entre as rodas noturnas de amigos, estavam as estórias de lobisomem, da mula-sem-cabeça, de almas penadas e de "pescadores". Para conferir algumas dessas estórias de circulação local, ver compilação feita por MACEDO, Ronaldo (Org.). Lendas locais. In. **Sinopse municipal comemorativa**: Cruzeta/RN (Centenário, 1920-2020). Cruzeta: [s.n.], 2020. p. 69-74.

[359] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*., p. 32.

pavimentação de seus principais logradouros: "Suas ruas, eram cobertas de pedregulho, que de repente acabava com as solas dos nossos sapatos..."[360]. Também Costa e Zeferino, se referindo as precárias condições urbanas dos logradouros públicos em tempos idos, registraram em sua coletânea de artigos: "pelas ruas de terra passavam bois, charretes, onde hoje são substituídos pelos eletrizados motores de automóveis"[361].

Desde a instalação do Município, as autoridades constituídas vinham mostrando-se preocupadas em solucionar a gravidade do problema. Uma autorização decretada ainda em 1954, pelo Prefeito Municipal, Sévulo Pereira de Araújo, estipulava uma "multa" e ordenava a apreensão de animais, caso fossem apanhados soltos ou vagando pelas ruas da cidade:

> Sobre cada animal que esteja solto e vagando pelas ruas da cidade e vilas, quando apreendido e recolhido ao curral da Prefeitura Municipal, só podendo ser retirado, mediante o pagamento da multa seguinte, que será pago pelo dono ou responsável, sendo:
> Bovino, muar, cavalar, ou suíno cada um ..... Cr$ 10,00
> Caprino, ou canigero, de cada um ..... Cr$ 5,00[362].

O decreto ainda previa os casos de reincidência, devendo-se cobrar do inflingente o dobro da multa aplicada na primeira ocorrência: "Nas reincidências, cobrar-se ao dobro da primeira multa aplicada, excetuando-se no que diz respeito a suíno que, na reincidência serão mortos pelos fiscais da Prefeitura, sem que caiba ao dono ou responsável, qualquer direito de reclamação ou indenização"[363].

Até por volta de 1960, apenas dois logradouros urbanos situados no centro da cidade – as ruas Joaquim José de Medeiros e a Juvenal Lamartine, que ligavam o largo da Igreja Matriz à praça do comércio – gozavam de melhor asseio e pavimentação[364]; aqueles que davam acesso à zona suburbana não possuíam quase nenhum melhoramento estético e muitos deles não apresentavam aspecto de rua edificada em consequência da descontinuidade nas construções,

---

[360] GOES, Terezinha de Jesus Medeiros. **Carta aberta enviada de Brasília/DF para a redação de "O Cruzetense"**, datada de 11 de novembro de 1978. 3. f. (Documento Mimeografado). p. 1.
[361] COSTA, Elis Betânia Guedes da; ZEFERINO, Maria dos Milagres (Org.). **Cruzeta, uma cidade repleta de memórias e poesias**. Currais Novos: Tipografia Padre Ausônio, 2008. p. 84.
[362] Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Multas. In. Decreto Lei nº 1, de 4 de março de 1954, que orça a receita e fixa a despesa do município de Cruzeta, para o exercício de 1954. **Registros de Decretos-Leis (1954-1955)**, Cruzeta, n. 35, p. 1-16, 1954. p. 15.
[363] Idem p. 15-16.
[364] Consta do Decreto-Lei nº 4, de 6 de agosto de 1954, assinado pelo Prefeito Municipal Sérvulo Pereira e que dispõe sobre o plano de obras do município, a importância de Cr$ 150.000,00 (Cento e cinquenta mil cruzeiros) destinada a "pavimentação da parte central da cidade de Cruzeta". Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Decreto-Lei nº 4, que dispõe sobre o plano de obras para o Município, com recursos da quota federal, de 6 de agosto de 1954. **Registros de Decretos**, Cruzeta, n. 36, p. 25-26, 1954. p. 26.

terminando com frequência em estradas de pedra ou areia. Inúmeras eram as casas que mantinham algum tipo de criatório no quintal conservando nos domínios da moradia um aprisco ou chiqueiro onde se criava porcos, galinhas, cabras, vacas e outros animais para o consumo doméstico ou extração, sem a observância de nenhuma salubridade. Nas ruas periféricas, os quintais eram geralmente cercados com fincas de madeira e arame farpado ou ainda com plantações de aveloz *(Euphorbia tirucalli)*, um tipo de arbusto de galhos verticilados pertencente a família das euforbiáceas que produz uma seiva leitosa acre e cáustica, que, conforme se acreditava, podia causar a cegueira, mas bastante utilizado pelos moradores da cidade e também pelos sitiantes na zona rural, para fazer cercamentos ou vedações ou para tratamentos de doenças[365].

No aglomerado urbano formado na área mais central da cidade as habitações eram bem caiadas, baixas, estreitas e alongadas, construídas de alvenaria e providas de um frontão retangular, abundando as construções de taipa à medida que se afastavam do núcleo citadino. Ali ficavam localizadas as principais instalações públicas com destaque para a Prefeitura e Câmara municipais; a Casa de Luz (usina elétrica), o Mercado e a Cadeia Pública, estes últimos localizados nas proximidades da margem sul do açude público. Havia ainda no centro da cidade uma Biblioteca mantida pela administração municipal, com 940 volumes[366], duas unidades escolares de ensino primário funcionando regularmente (o Grupo Escolar Otávio Lamartine e a Escola Dom José Adelino Dantas) e mais outra unidade na Estação Experimental do Seridó, distante 2,5 km da sede municipal, destinada a educação formal dos filhos dos funcionários da repartição. Os que podiam e desejavam continuar com os estudos tinham que se deslocar até as maiores cidades da região (Caicó e Currais Novos) ou ainda transferir-se para a capital do Estado (Natal), daí o motivo de muitos não optarem por avançar nos conhecimentos escolares, preferindo "levar a vida" na pequena hinterlândia sertaneja com os poucos rudimentos adquiridos. Essa situação estorvante, juntamente com as dificuldades de acesso ao conhecimento escolar, eram os principais fatores que contribuíam para o elevado índice de analfabetismo ou de pouca instrução encontradas na população local, sendo esse quadro ainda mais precário entre as massas rurais do município. De acordo com o recenseamento de 1960, existiam no município de Cruzeta 1.785 pessoas alfabetizadas, uma cifra que correspondia na época apenas a 43% da população total[367]. Ainda para o mesmo período foram contabilizados

[365] Ver a respeito CRUZ, Gilberto Luiz. **Dicionário das plantas úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 82-83.
[366] IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**, p. 59.
[367] IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte – Paraíba, p. 88-89.

776 estudantes matriculados em escola, escasseando o número de inscritos entre os grupos escolares com idade acima dos 16 e 17 anos[368], altura em que o estudante local estava concluindo o antigo primário ou já havia completado esse primeiro ciclo de estudos.

Grande importância cultural e educacional possuía o grupo escolar Otávio Lamartine, pois além de servir de espaço para as práticas educativas formais, também se prestava para a realização de bailes e apresentações de dramas teatrais, funcionando o seu pátio interno, por muito tempo, como cinema local. Alexandrina Campos, que integrara o corpo docente da instituição entre 1953 e 1962, deixou registrado em seu livro de memórias, o prestígio que gozava o estabelecimento educativo como um "reduto da educação e cultura da sociedade cruzetense" no período:

> O Grupo Escolar "Dr. Otávio Lamartine", base fundamental do saber de várias gerações cruzetenses, era uma escola que oferecia até o 5º ano primário. Entre os que estudavam nessa instituição, perpertuam-se lembranças: Quem esquecerá os imponentes degraus existentes no prédio, onde os alunos aguardavam sentados os sinais de entrada ou revisavam a matéria do dia? E, em sinal de respeito, levantavam-se cada vez que um professor adentrava? Quanta disciplina e respeito aos mestres... Era interessante ouvir-se o coro: Bom dia! Boa tarde! Na frente da escola, existiam uns batentes de forma oval que se destacavam pela sua bonita arquitetura; um mastro onde estava a Bandeira Nacional hasteada, especialmente em datas festivas. Nestes eventos, os alunos cantavam o Hino Nacional e recitavam poesias. As salas de aula eram grandes e espaçosas e uma delas era dividida por um tabique de madeira que era aberto todas as vezes que a escola se transformava em clube social para a realização de bailes ou apresentações de dramas[369]

A igreja matriz com sua torre sineira verticalizada era a construção edificada mais elevada da cidade e ficava situada no ponto mais fulcral do aglomerado urbano. Arquitetada e erigida num despojado estilo eclético, mescla do romano, do colonial e do gótico, o edifício religioso era constituído por capela-mor, naves, coro, batistério, campanário e sacristia, possuindo uma porta central, assentada em vão de arco pleno, ladeada por duas outras portas mais estreitas, em vãos de arco orgivais, todas com caixilho de massa. No altar-mor, de linhas simples, executado em pilastras de mármore de um róseo goiaba, denunciando a feitura de uma obra recente[370], se encontrava uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios, conclamada padroeira do lugar, de cerca de 1,70 de altura, flanqueada de outras duas imagens de dimensões menores (uma de São

---

[368] Idem.

[369] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*., p. 13-14.

[370] Segundo Renilda Pereira de Medeiros, pesquisadora, em 1956, o antigo altar-mor da matriz precisou ser demolido para acolher a nova imagem da santa padroeira da freguesia, de maior porte, dando lugar as formas simples de então. Cf. MEDEIROS, Renilda Pereira de. História da imagem de Nossa Senhora dos Remédios. In. **A ocasião faz o escritor**. Cruzeta: [s.n.], 2014. p. 18.

José Operário e outra do Sagrado Coração de Jesus). Exposto numa posição elevada, ornando a supina torre fronteiriça, avistava-se o relógio mecânico da matriz que fornecia as horas a toda população citadina[371].

Era no interior do templo que se celebrava semanalmente a liturgia da missa e outras práticas devocionais cotidianas, sendo ainda utilizado para a prática dos rituais sagrados associados às festividades do calendário litúrgico. A sua edificação remonta aos primórdios do povoado, tendo início pouco depois da celebração da primeira missa e realização da primeira feira, praticados como ato de fundação do lugarejo em 24 de outubro de 1920[372]. Conta Terezinha Medeiros Goes, em seu livro que versa sobre a história do município de Cruzeta, que o povo que já residia ali naquela época, "movido por uma santa piedade, organizava-se todas as tardezinhas em procissão e executava o carregamento do material que seria utilizado nos trabalhos de construção da capela. Este material (pedra, areia, barro, tijolos e telhas) foi trazido na cabeça de cada um, numa verdadeira romaria"[373]. O centro urbano também contava com um correspondente do "Banco do Brasil" e de uma "Agência Postal e Telegráfica", possuindo ainda uma cooperativa de crédito agrícola, denominada "Cooperativa Agropecuária de Cruzeta LTDA", em funcionamento na localidade desde 1949[374]. Na zona suburbana, a oeste do centro da cidade, foi construído em 1959, em substituição a uma edificação primitiva, um *matadouro* público destinado ao abate de animais[375].

A vida socioreligiosa dos moradores da cidade era regida pelo padre da freguesia e estava organizada em torno das associações e irmandades leigas, que eram responsáveis de reunir os fiéis para as rezas de terços, novenários e ladainhas, transmitir os valores religiosos considerados indispensáveis à vida espiritual da paróquia e à perpetuação da própria Igreja, como também prepará-los para a vivência dos sacramentos e outras atividades paralitúrgicas, como a realização de festas, leilões, quermesses e etc.

---

[371] De acordo com Terezinha Medeiros Goes, o "relógio da igreja" foi adquirido pelo senhor Antônio Alves da Cunha, o Seu Cunha, e colocado na torre da Matriz de Nossa Senhora dos Remédios em 1956 para "fornecer as horas a todos os cruzetenses". Para a aquisição do aparelho foi empregado a renda angariada com as exibições de filmes que fazia às quartas e domingos da semana com esta finalidade. Desta campanha filantrópica nascia, em Cruzeta, o "Cine Relógio" que funcionou durante algum tempo no Grupo Escolar Otávio Lamartine. GOES, Terezinha Medeiros, *op. cit.*, p. 65. Sobre o "Cine Relógio", ver também CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit.*, p. 59.

[372] GOES, Terezinha de Medeiros, *op. cit.*, p. 54-55.

[373] Idem. p. 54-55.

[374] Cf. IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**, p. 58. Sobre as origens da cooperativa de crédito agrícola em Cruzeta, ver GOES, Terezinha de Medeiros. **Noções de Geografia e História do município de Cruzeta**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1971. p. 61-62.

[375] GOES, Terezinha de Medeiros, *op. cit.*, p. 65.

A presença regular de um agente eclesiástico a partir de 1944, ano em que foi criada a Paróquia e o vigário passou a fixar residência na comunidade[376], concorreu para a existência de um maior controle institucional por parte da organização católica, que agora passava a administrar através da pessoa do sacerdote as atividades devocionais anteriormente confiadas aos cuidados leigos. É dessa época que se nota uma influência cada vez mais reiterada da instituição eclesial na vida social comunitária, por meio da administração frequente dos sacramentos, da orientação da catequese, da celebração do culto (liturgia da missa celebrada pelo vigário na igreja matriz, habitualmente no domingo de cada semana), da patoral sacramental e dos acontecimentos sociais que marcavam a vida coletiva do grupo (as festas e outras celebrações litúrgicas tradicionais, como o úlltimo de Maio, a Samana Santa, dia de *Corpus Christi*, Natal e Ano Novo). Não obstante, o maior controle eclesiástico, continuaram as associações leigas desfrutando de um forte conceito público, tendo umas se destacado mais que as outras. A que congregava o maior número de fiéis e possuía maior prestígio era a "Pia União das Filhas de Maria", uma associação formada por mulheres leigas que possuiam por devoção a Virgem Maria, tendo a senhora Chaguinha Vale como presidente, Belinha Vale como secretária e Angelita Brito como tesoureira[377].

Para tornar-se membro da congregação e ser aceita como uma "Filha de Maria", a jovem candidata passava por dois estágios propedêuticos: o primeiro chamava-se "Desejo" ou "Apresentação" e o segundo "Aspirante". O primeiro estágio "simbolizava o desejo que a adolescente manifestava de se tornar Filha de Maria, recebendo um lacinho verde com uma medalha de Nossa Senhora pendurada para usar nas cerimônias religiosas". Transcorrido certo período, a jovem era conduzida para o estágio de *Aspirante*, quando recebia uma fita com a medalha da associação para uso cerimonial. Só então vecidas essas etapas, era que se tornava uma Filha de Maria, ocasião em que passava a usar no pescoço uma fita azul claro e a portar uma faixa larga na cintura, do mesmo tom, nas cerimônias religiosas. Aquelas que compunham a diretoria da confraria usavam uma fita larga com uma medalha grande, sendo esse emblema um sinal de distinção entre as confrades.

---

[376] O primeiro vigário a fixar residência na localidade foi o Cônego Ambrósio Silva, presbítero natural do município de Bonito, estado de Pernambuco, que conduziu a Paróquia de Cruzeta por dois paroquiatos subsequentes: o primeiro de 1944 a 1947 e o segundo de 1950-1957.. Cf. MEDEIROS, Bianor. **Cônego Ambrósio Silva – 40º Aniversário de Morte**. Paróquia de Acari-RN. Brasília: Gráfica e Editora Brasil, [s.d]. p. 9. Ver também MACEDO, Ronaldo (Org.). Diversidade religiosa do município. In. **Sinopse municipal comemorativa**: Cruzeta/RN (Centenário, 1920-2020). Cruzeta: [s.n.], 2020. p. 29.

[377] Cf. GUERRA, Maria Albani. Lembranças da vida religiosa de Cruzeta na minha infância (2010). In. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta:** retalhos de sua história. [s.l.: s.n.], 2011. p. 78.

A passagem de um estágio para o outro dependia da postura piedosa e da boa conduta da jovem, como demonstrar visível veneração a Virgem Santíssima, manter uma atitude ilibada e irrepreensível diante da sociedade e ter boa frequência aos atos religiosos e as reuniões da confraria, "pois a Filha de Maria deveria ter um comportamento exemplar: não podia usar roupas sem mangas, não podia dançar, não podia frequentar lugares poucos recomendáveis; tinha que cumprir com as obrigações religiosas e, se fosse necessário, era repreendida pela presidente"[378]. A solenidade de recepção dos distintivos, se dava geralmente no último de maio, quando as jovens aspirantes se apresentavam na igreja matriz trajando um vestido branco e portando uma grinalda de flores na cabeça, com a intenção de receberem das mãos do vigário a insígnia talante e a faixa consagrada da congregação. Era nesse dia que também se celebrava no templo o encerramento do mês mariano e uma menina escolhida na comunidade por seus dotes físicos e vocais, coroava, fantasiada de anjo, a imagem da Virgem, – até a chegada do Padre Ernesto, era costume se escolher uma adolescente de pele clara (branca), selecionada dentre as famílias mais consideradas da cidade, para assumir o papel de anjo-presidente na cerimônia de "Coroação de Nossa Senhora" – [379], enquanto entoava do alto do altar ornamentado para essa ocasião, o "recebe também Maria esta coroa de flores..."[380]. Estes distintivos, que marcavam o efetivo ingresso da jovem na confraria religiosa e lhes facultava as honrarias de membro ativo[381], eram devolvidos pela congregada quando esta cometia alguma falta grave, ou quando se casava, pois as Filhas de Maria deveriam ser "puras" e castas e, por isso, permanecer solteiras[382].

Uma outra associação religiosa que gozava de destaque na comunidade era a Congregação Mariana, um sodalício que reunia fiéis do sexo masculino, fossem esses solteiros ou casados, autodenominados "marianos", que procuravam seguir melhor a religião cristã

---

[378] Idem, p. 78-79.

[379] Informação retirada do depoimento concedido pela senhora Maria Daguia Vale para esta pesquisa, no dia 27 de março de 2020.

[380] Refrão de antigo e piedoso hino mariano com o qual se coroava na freguesia a imagem veneranda de Nossa Senhora no último dia de cada mês de maio. Cf. MACEDO, Ronaldo (Org.). Diversidade religiosa do município. In. **Sinopse municipal comemorativa**: Cruzeta/RN (Centenário, 1920-2020). Cruzeta: [s.n.], 2020. p. 34.

[381] Dentre os privilégios e honras que gozavam as associadas ativas da Pia União das Filhas de Maria, estava o direito de votar e ser votada nas eleições plenárias e o dirieto de desfrutar das indulgências papais *in perpetuum*. Cf. FEDERAÇÃO MARIANA FEMININA. Estatutos da Pia União das Filhas de Maria. In. **Manual da Pia União das Filhas de Maria**. 12. ed. São Paulo: Ambrosiana, 1961. p. 27-28.

[382] Cf. GUERRA, Maria Albani, *op. cit.*, p. 79. Nos Estatutos da Pia União das Fihas de Maria em vigor na época, encontrata-se: "São consideradas *culpas graves*: a) toda culpa grave quando pública e escandalosa; b) desobediência grave e formal ás ordens dos superiores; c) injurar gravemente as Associadas; d) zombar e escarnecer das práticas da Pia União; e) proceder de maneira indecorosa e frequentar lugares e ambientes moralmente condenáveis; f) habitual e incorrigível desobediência ao regulamento da Pia União; g) faltar obstinadamente a várias reuniões seguidas em dar justificativa da falta". Cf. FEDERAÇÃO MARIANA FEMININA. Estatutos da Pia União das Filhas de Maria. In. **Manual da Pia União das Filhas de Maria**. 12. ed. São Paulo: Ambrosiana, 1961. p. 37-38.

através de uma vida consagrada à Mãe de Deus, a Virgem Maria[383], e existente na localidade desde o final da década de 1930[384]. Usavam uma insígnia pendente de uma fita azul à volta do pescoço, semelhante as Filhas de Maria, e eram frequentemente vistos trajando branco nas cerimônias litúrgicas. Nas procissões e cortejos públicos, como as de *Corpus Christi* (Corpo de Cristo), festa solene que se celebra no catolicismo romano a instituição da Sagrada Eucaristia e muito observada pelo católico como dia santo de guarda, costumavam formar as primeiras colunas do acompanhamento protocolar, guiando pelo trajeto cerimonioso (o primeiro de cada fileira) os "tocheiros" processionais[385]. Embora ao membro da Congregação fossem exigidas boa conduta e assiduidade aos atos religiosos e às reuniões da confraria, como ocorriam com os membros sócios de sua congênere feminina, a Pia União das Filhas de Maria, as exigências com relação ao comportamento social eram mínimas, sendo as faltas cometidas por seus sócios punidas com menor rigor e intransigência[386].

Além dessas duas associações de maior projeção e destaque, existiam outras que desfrutavam de forte apelo e aceitação entre os segmentos sociais de destino:

- O "Apostolado da Oração", uma pia união destinada à senhoras leigas, cuja principal finalidade era promover a frequência da "comunhão reparadora", aumentar o fervor religioso entre os fiéis e difundir a veneração ao *Sagrado Coração de Jesus* na Paróquia. Seus membros possuíam uma regra e festa próprias e usavam à volta do pescoço uma fita vermelha com a medalha do orago de devoção – o "Santísismo Coração de Jesus"[387];

---

[383] Vide páginas 72 a 81 deste estudo.

[384] A edição do jornal *A Ordem*, de 4 de novembro de 1939, traz o seguinte comunicado emitido pelo recém-empossado secretário do sodalício em Cruzeta: "Cruzeta, 14 de outubro de 1939. [...] Ilmo. Sr. Diretor da A ORDEM. Natal. Comunico-vos que, no dia 8 de Setembro próximo passado, foi instalada a Congregação mariana de Moços, nesta Vila, com um número de 13 congregados e 5 aspirantes, sendo protetores Nossa Senhora dos Remédios e São Francisco de Assis. Igualmente comunico-vos que, na Assembleia realizada hoje, foi eleita e empossada a diretoria que dirigirá a Congregação no período de 14 de outubro de 1939 a 14 de outubro de 1940, constituída dos seguintes congregados: Nicéforo Dantas, presidente; Antonio Emídio da Silva, secretário; Adauto Guerra, tesoureiro; Manuel Aureliano de Gois, instrutor; Napoleão Pereira, José Etelvino de Medeiros, Sérvulo Apolinário de Oliveira e Francisco de Assis Amorim, consultores; Antonio Othon Filho, orador". Cf. Fundada uma Congregação Mariana em Cruzeta. **A Ordem**, Natal/RN, 4 de nov. 1939. p. 2.

[385] Também chamada de "lanterna processional", o *tocheiro* é um tipo de luminária ou lanterna de mão, içada sobre uma haste, que possui um receptáculo para vela, geralmente confeccionada de vidro e latão, utilizado na procissão e em outras cerimônias católicas para acompanhar o Santíssimo Sacramento ou Viático. Apresenta-se em pares e possuí normalmente decoração religiosa. Cf. CORDONA, Paula Cristina Machado. Procissões sacras: arte e equipamentos no universo das confrarias. **Revista da faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Patrimônio**. Porto: s. 1, v. 7-8, p. 127-149, 2008-2009. p. 137. Ver também LESAGE, Robert. **Vestes e objetos litúrgicos**. São Paulo: Flamboyant, 1959. p. 35-38.

[386] GUERRA, Maria Albani, *op. cit.*, p. 79.

[387] Sobre o Apostolado da Oração, cf. **Manual do Coração de Jesus para os associados do Apostolado da Oração**. 31 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1965. Ver também a respeito AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. t. II/3-2 – Terceira época (1930-1964). p. 469-470.

- A “Confraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”, uma irmandade religiosa também destinada apenas à senhoras leigas, que se reuniam semanalmente com o objetivo de exercer trabalhos de caridade e piedade, rezar pela saúde dos doentes e necessitados e, principalmente, pelas vocações sacerdotais, religiosas e missionárias. Usavam uma fita azul pendente de um medalhão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a santa pretetora da entidade. Sua existência na Paróquia remonta às missões dos Padres Redentoristas (Congregação do Santíssimo Redentor) na localidade, confraria religiosa fundada por Santo Afonso Maria de Ligório, no século XVIII, em Scala, no Sul da Itália, e responsável pela difusão do ícone devocional onomástico no Ocidente[388].

- a “Pia União de Santa Terezinha”, uma associação devocional voltada para mulheres solteiras de todas as idades e que tinha como principal objetivo aumentar o fervor religioso entre os fiéis católicos, trabalhar pelas vocações religiosas, missionárias e sacerdotais, levar seus membros a uma vida guiada pelos ensinamentos da santa carmelita de Lisieux e divulgar na Paróquia a sua espiritualidade. Portavam uma fita marrom como distintivo e festejavam anualmente na comunidade a festa da santa padroeira da confraria (26 de novembro).

- a “Cruzeda Eucarística”, uma piedosa união que reunia adolescentes de ambos os sexos (meninos e meninas), surgida como secção infantil do Apostolado da Oração e regida pelos Estatutos da mesma, cuja finalidade era desenvolver entre os seus associados uma ardente devoção ao Santíssimo Sacramento, promover a Comunhão frequente das crianças e semear nos pequenos o espírito missionário. Possuia como patrono São Tarcísio, aclamado padroeiro dos Coroinhas e acólitos, e exigia dos seus membros a confissão mensal (geralmente numa quarta feira de cada mês, logo após uma sessão de catecismo com a presença do Padre), e também a frequente participação na Santa Missa. Adotava como distintivo um lacinho amarelo que se usava atado à indumentária protocolar[389].

---

[388] A data de fundação da *Confraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorr*o em Cruzeta me é desconhecida. Porém, optei por considerar como data provável de criação o ano de 1957, período em que se registra a passagem dos Missionários Redentoristas pela localidade. Cf. MACEDO, Ronaldo (Org.), *op. cit*., p. 35. Sobre as origens da Congregação Redentorista e da importância de seus padres missionários para a difusão no Ocidente da devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cf. CHIOVARO, Francesco (Org.). **História da Congregaçao do Santíssimo Redentor**: as origens (1732-1793). 1. ed. São Paulo: Editora Santuário, 2019.

[389] Cf. GUERRA, Maria Albani, *op. cit*., p. 79.

Havia épocas em que ocorriam "Missões" religiosas na região e a Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios recebia clérigos e religiosos vindos de Recife/PE, especialmente da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, ou do Convento Santo Antônio, em Natal. Eram temporadas em que as associações devocionais e os moradores mais engajados com os serviços litúrgicos da paróquia, tinham que se dedicar a angariar recursos para prover os custos com a estadia e condução dos religiosos e destinar ajuda financeira às ordens e congregações religiosas mandatárias. Por este motivo, além da elevada aura de misticismo profético-apocalíptico e de fervor religioso que provocavam e da maior mobilização de fiéis e de frequência aos sacramentos – as Missões eram acontecimentos piedosos importantes que se celebrava com rezas, procissões, casamentos, confissões, aconselhamentos, catequese, palestras e novenas e mobilizava homens, mulheres e crianças de todas as idades e sexos – as "paradas" missionárias também implicavam em momentos de grande movimentação financeira na freguesia, onde eram colocados à venda, nas barracas armadas ao redor do templo, instrumentos de devoções populares, esculturas sacras, livrinhos de orações e cânticos e outras "Lembranças das Santas Missões"[390]. O Padre Ernesto Espínola, vigário paroquial, que vinha encabeçando um movimento de revonação pastoral junto com a juventude católica e acolhera na freguesia uma dessas "missões populares", quando da passagem na localidade dos missionários Redentoristas, em abril de 1962, registrou em livro de assento as impressões deixadas pelo grande acontecimento religioso:

> Foi um espetáculo encantador para a história religiosa de Cruzeta. Todos os paroquianos, mesmos os mais afastados, buscaram as grades do confessionário, destruindo o homem velho e edificando o homem novo [...], na vivência dos sacramentos. Foram muitos daqueles cujas vidas se extinguiam, cuja fé se apagava, que as reavivaram pelo manancial da graça emanada do Cristo místico. O movimento religioso, durante as missões, na paróquia de Cruzeta, bateu "Record", com um número de 9.850 comunhões[391].

Em atendimento ao ordenado pelo Código de Direito Canônico, havia anualmente a "visita pastoral" ou "canônica" à cidade, por vezes também chamada "visitação", quando o Bispo da Diocese de Caicó munindo-se de "báculo" ou "cajado"[392], se deslocava de sua cátedra

---

[390] Idem, p. 79-80. Ver também a respeito SANTOS, Luciano Aciolli Rodrigues dos. **O Santo, o demônio e a Besta-fera**: modernidade e imaginário apocalíptico no sertão do Seridó. Memória e escatologia em Cruzeta/RN (1950-1970). 215 f. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. p. 167-168; 171-178.

[391] Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993)**. Cruzeta-RN. p. 41.

[392] Também chamado de "bastão pastoral", o báculo é a insígnea episcopal e também de jurisdição, utilizada pelos Bispos nos atos pontificais e nas marchas processionais dentro do território de sua diocese, que simboliza o seu

episcopal até a freguesia de Cruzeta, na companhia de alguns padres e seminaristas, num gesto de reiteração ao ato prístino dos *Apóstolos* de visitar com regularidade as comunidades cristãs por eles fundadas[393]. A visitação, que geralmente durava uma semana e contava com uma programação bem definida, tinha início com a acolhida oficial do pastor diocesano na matriz, momento em que o bispo, na porta da igreja, em *capa magna*[394], beijava o crucifixo lhe apresentado por um dos seus ajudantes, recebia água benta e era incensado, se deslocando em seguida até o *presbitério*[395], onde depois de se ajoelhar sobre o som de um hino prescrito, e já posto no altar, concedia aos paroquianos a sua bênção episcopal solene, seguido de um sermão e da exposição do objetivo da visita[396]. Concluído o ato cerimonioso, partia-se, por fim, para a parte prática do programa, o qual era realizado com encontros, catequeze, reuniões com os jovens, crianças e as associações religiosas, além da certificação dos bons encaminhamentos da paróquia, incluindo a insperção dos lugares sagrados, dos ornamentos litúrgicos, dos livros paroquiais e outros bens. Período de grande fervor religioso e de forte participação da sociedade nos interesses da freguesia, em geral, era também nas ocasiões de visitas pastorais que ocorria a celebração do sacramento da "crisma" ou "confirmação", sendo a cerimônia religiosa presidida pelo bispo[397].

Bastante autoridade exercia sobre os comportamentos morais da comunidade aquelas senhoras muito reservadas e religiosas ("beatas"), em geral, viúvas e solteironas, e de sobremodo afeitas aos trabalhos de zelo e ornamentação da igreja, controlando por meio de suas críticas contundentes as relações entre homens e mulheres ou sendo consultadas sobre os assuntos relacionados à moral cristã. Uma antiga moradora do município de Cruzeta, hoje com 68 anos de idade e residente na capital do Estado, relata um caso envolvendo uma dessas personagens consideradas da cidade, ocorrido nos primórdios dos anos 1960, quando ainda era aluna primária da "Escolinha da Estação", um pequeno grupo escolar situado no raio residencial da Estação Experimental do Seridó e que servia de estabelecimento de ensino para os filhos dos

---

poder e previlégio de Pastor. Possui a forma de um cajado reto com uma curvatura em sua extremidade, ricamente trabalhada, geralmente confeccionado de madeira, de metal dourado ou prateado, ou simplesmente coberto de cobre. Cf. LESAGE, Robert. Vestes e insígnias episcopais. In. **Vestes e objetos litúrgicos**. São Paulo: Flamboyant, 1959. p. 112-113.

[393] Cf. PACKER, James I. et al. A Igreja Primitiva. In. **O mundo do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 1994. p. 143-168.

[394] Grande e solene manto, provido de longa cauda levada por um clérigo denominado caudatário. Desde 1952, a Sagrada Congregação dos Ritos ordenou que se diminuísse o comprimento dessa cauda, permitindo, todavia, o uso das capas antigas. É sempre roxa, mesma quando o bispo tenha batina preta. LESAGE, Robert, *op. cit.*, p. 106.

[395] Recinto na igreja reservado aos presbíteros (sacerdotes) e que precede o altar-mor; hoje o mesmo que capela-mor. Cf. MAIA, Antônio. **Pequeno Dicionário católico**. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1966. p. 162.

[396] Ver cerimonial completo no **Pontificale Romanum**. Rome: Typis Congregationis de Propaganda Fide, 1845. p. 426-432.

[397] GUERRA, Maria Albani, *op. cit.*, p. 79.

operários da repartição[398], na época regido pelo professor Abílio Córdula. Conta a ex-moradora, que certa vez, instigada pela curiosidade infantil e pela excitação da descoberta, resolveu compartilhar com um coleguinha da turma uns pequenos rabiscos do corpo humano masculino. E qual não fora a sua surpresa e pertubação ao ser surpreendida pelo professor diligente, que escandalizado com a "imoralidade" do desenho, não lhes tardou de passar um rigoroso sermão, fazendo chegar ao conhecimento do padre e de uma senhora muito católica da cidade, a prova cabal do indecoroso "escândalo"[399].

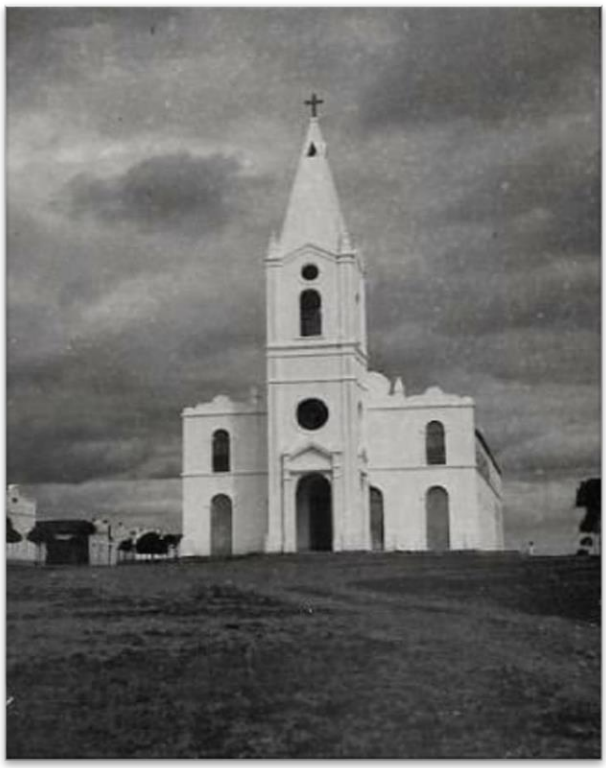


Figura 16. Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, com vista para sua torre fronteiriça. Primeira metade da década de 1950. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 17. Aspecto de antiga coroação de Nossa Senhora, ocorrida no mês de maio no interior da Matriz. Década de 1940. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Até o final dos anos 1950, era costume os homens e mulheres da freguesia "assistirem" ao culto católico (missa) dispostos em bancos separados na igreja, em observação aos valores morais canônicos defendidos – os assentos situados na nave central da matriz eram destinados às mulheres e aqueles localizados nas laterais dos altares, aos homens[400].

---

[398] Segundo Campos e Morais, a "Escolinha da Estação", foi instalada em 1945, na residência particular de Adauto Guerra, funcionário da repartição, sendo sua primeira professora Angelita Brito. Cf. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Diniz, *op. cit*., p. 55.

[399] Relato concedido pela senhora Ana Lúcia Rodrigues dos Santos para esta pesquisa, no dia 28 de março de 2021.

[400] GUERRA, Maria Albani. Lembranças da vida religiosa de Cruzeta na minha infância In. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta**: retalhos de sua história. [s.l.: s.n.], 2011. p. 78-82.

Durante as celebrações da missa, era exigido das mulheres que trajassem roupas compostas (saias ou vestidos compridos e blusas pouco decotadas com mangas, pois era impedido o uso de calças compridas pelas mulheres no templo) e conservassem as cabeças cobertas com um véu a que chamavam de "mantilha" – se casada o adorno devia ser preto, se solteira, branco –, devendo ainda portar-se na igreja sempre com modéstia e em silêncio. Aos homens, exigia-se também a modéstia na vestimenta, sendo muito corrente a calça comprida e a camisa de linho ou de algodão branco, a qual era agregado um paletó de casimira nas ocasiões festivas. O culto, que seguia os protocolos da "Missa Tridentina" ou "tradicional" e delegava aos fiéis um papel de comedidos expectadores[401], começou a ser modificado com a chegada do Padre Ernesto na comunidade, que animado pela gradual reforma da liturgia católica, iniciada ainda no Pontificado de Pio XII[402], e seguindo as novas recomendações conciliares do Vaticano II (1962-1965), passou a propor novas formas de participação do laicato nos rituais litúrgicos na paróquia, embora continuasse exigindo das mulheres o uso de roupas compostas e comedidas na missa e aplicando-lhes o interdito do uso da calça comprida nas cerimônias religiosas[403].

As principais celebrações do calendário festivo eram, a um tempo, "profanas" e "religiosas", inexistindo aquelas "puramente" seculares. A maior delas, a Festa de Nossa Senhora dos Remédios, que ocorria (e ainda ocorre) no mês de outubro de cada ano, em homenagem à santa homônima que é padroeira do lugar, era uma momento em que a cidade recebia um aparato todo especial e os moradores engalanavam suas residências da "rua" com um colorido especial e preparavam as melhores iguarias da terra para receber os parentes, amigos e visitantes que afluíam do campo e de outras localidades da região a fim de rever os familiares e conhecidos, vivenciar a festa e "matar saudades". "A vivência do clima da festa começava bem antes dos dias ditos festivos. Sentimentos de ansiedade, inquietação e alegria invadiam os paroquianos, sedentos dos festejos que os uniam no tão esperado momento de confraternização e, ao mesmo tempo de agradecimento ao Criador"[404].

---

[401] A *Missa Tridentina* ou *Tradicional* é a liturgia da Missa do rito romano contida nas edições típicas do Missal Romano, oficialmente publicados de 1570 até 1962. Chama-se tridentina por ter sido promulgada em 1570, pelo Papa Pio V, como parte das reformas do Concílio de Trento, daí o qualificaivo, com o objetivo de padronizar a liturgia, que havia incorporado variações vindas de tradições locais, e de protegê-la da introdução de qualquer erros protestantes. Possuía como língua oficial o latim, ficando o celebrante quase todo tempo voltado para o altar e de costas para a assistência, que o acompanhava em silêncio e em oração, as vezes sem entender muito bem o que ali se passava. Ver BERGMAN, Lisa. **Tesouro da tradição**: guia da Missa Tridentina. Trad. Nestor Forster Júnior. Campinas: Eclesiae, 2015. p. 13.

[402] Cf. a respeito BUGNINI, Annibale. **A reforma litúrgica (1948-1975)**. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

[403] Informação retirada do depoimento concedido pela senhora Maria Daguia Vale para esta pesquisa, no dia 27 de março de 2020

[404] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Diniz, *op. cit.*, p. 32; 22-26.

Nos dias que antecediam a celebração, a cidade era tomada por um certo frenesi, que modificava a dinâmica do cotidiano. ¨Era um corre-corre das modistas que tinham pouco tempo para dormir, assoberbadas com a tarefa de bem vestir a sociedade e preocupadas com a confecção dos belos trajes que seriam estreados no decorrer da festa"[405]. A igreja, por sua vez, começava a ser preparada e ornamentada para sediar as celebrações religiosas, que constituíam o núcleo essencial das festividades de outubro. E até a velha serafina guardada no coro da Matriz começava a ser afinada para acompanhar os cânticos em louvor a Virgem Maria nos noitários de novena, que tinha início com o hasteamento da bandeira e se prolongava até a noite principal, a véspera da celebração. "A cidade transpirava alegria. Todos sonhavam com os grandes festejos dedicados à padroeira, que por sua vez, se estendia aos eventos sociais. Tudo era intensamente vivido e o mais simples gesto tinha um valor imensurável", relatou Alexandrina Campos e Ione Morais em seu livro de "memórias"[406].

Um episódio que assinalava o início da "Festa-mor" era a chegada do parque de diversões nos dias que antecediam a abertura da celebração na comunidade que, ao ser armado no centro da cidade, já contagiava as pessoas, ao espalhar seus ares festivos. Notadamente no dia da festa, este era um divertimento procurado especialmente pelas crianças que disputavam a primazia do acesso aos brinquedos em busca do prazer e da distração. Sobre esse acontecimento que sinalizava o início da grande festa religiosa na freguesia, registrava Campos e Morais em seu livro "Cruzeta: retalhos de sua história":

> A chegada do parque assinalava uma realidade irrefutável: realmente, a festa já começara! O tão esperado e querido parque era constituído de um velho e animado carrossel, um juju (para crianças menores), algumas canoas e uma onda (grande roda que girava, subindo e descendo). Porém, o que mais despertava interesse no parque de diversões era o carrossel. Por não ser motorizado, era empurrado a muque, pelo cidadão conhecido como Antonio Oião, pois tinha olhos muito grandes e ostentava uma musculatura bastante desenvolvida. O carrossel exalava um horrível cheiro de carbureto e óleo queimado, usados como combustíveis. Seu interior era iluminado por enormes lamparinas abastecidas a óleo queimado. Para abrilhantar o movimento do carrossel, no seu interior ficava um conjunto musical, composto por uma concertina, um pandeiro e um triângulo, tocados por Cícero Marcelino, Venceslau Duque de Boêmio e outros artistas do ramo, com o objetivo de deixar mais animado aquele ambienta de diversão. Infelizmente, como o cheiro exalado pelos combustíveis era desagradável, muita gente saía do carrossel passando mal, com crises de vômito e mal-estar.
> Mas, apesar de todo aquele desconforto, o pessoal dirigia-se ao parque, a qualquer hora, especialmente no dia da festa. Nem mesmo o calor insuportável

[405] Idem, p. 23.
[406] Idem.

> do sol de outubro impedia a ida das pessoas àquele delicioso ambiente que proporcionava diversão[407].

A chegada das famílias numerosas na cidade que vinham dos seus sítios e fazendas para participar da celebração em honra à padroeira, desde a antevéspera da festa, era algo que causava empolgação. "Elas chegavam a pés ou de cavalos. Vinham passar o tríduo da festa nas suas casas da rua. Na igreja [...] [encontravam-se] muito bem vestidos, com a característica que lhes era peculiar de austeridade e respeito, os considerados patriarcas [...]. No leilão, da véspera da festa, lá estavam eles, arrematando os prêmios que na maioria eles mesmos haviam doado", registrava Terezinha Goes numa correspondência epistolar, em 1978[408].

A parte social da celebração era outra atração empolgante, pois a comunidade paroquiana era estimulada a vivenciar os divertimentos coletivos preparados para a ocasião. Para esse fim era montado no largo da igreja um pavilhão onde funcionavam duas barracas, criadas por representantes da sociedade, que recebiam nomes específicos e levavam a população a tomar partido por uma delas. Nas barracas trabalhavam rapazes, moças, crianças e senhoras assumindo funções como serventes, estafetas, ciganas dentre outras, cada qual exercendo seu papel cuja finalidade era envolver a sociedade local no movimento de arrecadação de recursos financeiros para a manutenção da paróquia[409]. A disputa entre elas era realizada com muito entusiasmo e rivalidade e até divertimentos como o da "Cigana Ana" que ficava em sua tenda enquanto as ciganinhas jovens iam trazendo os cavalheiros para o conhecimento da sorte através da leitura de sua mão, ou dos "estafetas" que faziam circular telegramas entre os casais de namorados, visitantes e autoridades recebendo um pagamento em troca da revelação do conteúdo da sua correspondência, eram vivenciados com muito gáudio[410]. Aquela que no final do festejo apresentasse a maior renda sairia vitoriosa. Em outubro de 1962, registrava o vigário paroquial em atenção aos redimentos obtidos pela movimentação nos pavilhões da festa: "A parte social da festa, funcionou com duas barracas: Ouro e Platina. A Platina fez um total de Cr$. 141.000,00 [saindo vencedora] e a Ouro fez um total de Cr$. 94. 320,00, perfazendo uma soma de Cr$. 235. 320,00"[411].

---

[407] Idem, p. 24.
[408] GOES, Terezinha de Jesus Medeiros. **Carta aberta enviada de Brasília/DF para a redação de "O Cruzetense"**, datada de 11 de novembro de 1978. 3. f. (Documento Mimeografado). p. 2.
[409] Idem, p. 1.
[410] ALMEIDA, Isaura Medeiros de. A Festa da Padroeira N. S. dos Remédios – "Ontem e Hoje". **Nova Aurora** (Jornal da Festa de Nossa Senhora dos Remédios). [s.l.: s.n., s.d.].
[411] Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993).** Cruzeta-RN. p. 42.

Uma prática acintosa e um tanto desagradável, que frequentemente envolvia a atmosfera jocosa dos pavilhões da festa, era o tom de emulação e rivalidade, bezuntado de partidarismo político, instigado desde épocas pregressas pelos promotores da celebração festiva. Conta Alexandrina Campos e Ione Morais que, enquanto esteve à frente da Paróquia de Cruzeta, o Cônego Ambrósio Silva, sacerdote muito afeito à vida política e que regera a freguesia de Nossa Senhora dos Remédios de 1944 à 1947 e de 1950 à 1957, ano de seu falecimento, costumava fazer questão de prevalecer o partidarismo no contexto das festas de padroeira na comunidade, estimulando a formação de duas barracas contendoras como Azul e Encarnado, Paz e Amor, Agricultura e Comércio, Esperança e Caridade, com o intuito de obter maiores rendimentos para a igreja, chegando mesmo a tomar partido por uma delas, para deixar os ânimos ainda mais acirrados[412]. Essa estratégia, que muitas vezes acabava abrindo espaço para desavenças e apelações litigiosas, dando ensejo à intrigas intestinas, vinha sendo alvo de censuras e retificações por parte do novo vigário paroquial, o padre Ernesto da Silva Espínola, que ao assumir o governo pastoral da freguesia, em substituição ao vigário falecido em 1957, dera início a um trabalho de renovação dos velhos *façons de faire* da paróquia, procurando orientá-la dentro de um novo espírito cristão de unidade, cooperação e família. Em 1963, por ocasião do encerramento das festividades da padroeira na freguesia, registrava o vigário Ernesto, em consideração ao novo "espírito comunitário" comunicado nos pavilhões da festa:

> Nas noites de 12 e 13 do mês em curso, teve lugar na "praça do comércio", o movimento social da festa, com as Barracas – "Caça" e "Pesca", que por algumas horas, dentro da noite, entreteu a comunidade **num verdadeiro espírito de família**. Este movimento social deixou para a paróquia um saldo líquido de Cr$ 946. 069,00, o qual será empregado na mesma paróquia, em coisas de verdadeira necessidade, como o Salão Paroquial [grifos do autor][413].

Muito esperado pela comunidade local era o baile da festa que geralmente ocorria no dia do encerramento das festividades depois de terminada a parte religiosa. O baile tinha espaço no salão do grupo escolar Otávio Lamartine que abria as suas portas "para tornar-se o clube anfitrião da nobreza local e sociedade circunvizinha". A animação era feita pela banda de música da cidade do Acari, pois não havia conjuntos musicais, nem orquestras de outro tipo. Em geral, tocavam-se músicas de vários ritmos como bolero, samba canção, valsas, marchas e outras. "As moças e senhoras trajavam-se a rigor; guardavam seus melhores vestidos para esta ocasião. Os homens só entravam no recinto do baile de terno e gravata"[414].

---

[412] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*., p. 37.
[413] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993).** Cruzeta-RN. p. 44 (verso).
[414] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*., p. 25; 32.

Paralelo ao baile social, o velho palanque erguido desde os tempos de Vila em um ponto central da cidade, se arrumava para o baile de feição mais popular. Aqueles que não tinham acesso ao salão nobre do Otávio Lamartine dirigiam-se aquele espaço constituído por uma espécie de quadra com 20m² de área construída, onde um conjunto formado por concertina, violão, pandeiro e triângulo tocavam e faziam a diversão do povo[415]. O envelhecido palanque ornado para os períodos festivos gozava da preferência dos rapazes e moças mais humildes vindos da zona rural do município, pois muitos não gostavam de frequentar o "baile social" por temer que sua presença se tornasse motivo de motejo entre os jovens da cidade, que se recusavam a dançar com os jovens da zona rural, e geralmente eram vistos se relacionando em "grupinhos fechados"[416]. Em muitos casos, essa circunstância acabava resultando em contenda e confusão no recinto, já que o rapaz em seu orgulho ferido não guardava a "ofensa" recebida ao ter seu pedido recusado por alguma moça. No interior desse conflito, estava um sentimento de "urbanidade" incorporado principalmente pelos jovens citadinos, entendido como sendo o privilégio de pertencer à cidade e compartilhar de seus códigos sociais e culturais vistos como mais civilizados. Esse sentimento, que colocava o habitante do campo como inferior, como um pária, se desenvolveu ao lado de uma conotação preconceituosa criada em torno das populações sitiantes, identificadas nos aspectos estereotipados representados na figura do "matuto"[417].

Figura 18. Procissão de encerramento da Festa de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de Cruzeta. Fotografia sem indicação de data. Fonte: Acervo pessoal do autor.

[415] Idem, p. 32.
[416] Informações retiradas do depoimento concedido à esse autor por Alexandrina de Oliveira Campos, funcionária pública aposentada e ex-militante da JAC, no dia 25 de setembro de 2007, para a realização do "Inventário da Festa da Colheita do Município de Cruzeta".
[417] Cf a respeito SANTOS, Luciano A. Rodrigues dos; ROCHA, Mirella Rafaela. O "tipo popular" como objeto de investigação para uma micro-história do Seridó. In: II Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades, 2., 2012, Caicó. **Anais**... Caicó: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, 2012. p. 740-759.

Encarnada na visão um tanto quanto deformada e preconceituosa do homem citadino que se reconhecia já com uma dose de "superioridade" frente aquele "outro" sujeito tido como "menos civilizado" que habitava a cidade ou a zona rural, ser "matuto" ou "beradeiro" era não acompanhar a moda vigente, trajar-se inadequadamente nas ocasiões e ambientes apropriados, portar modos e costumes grosseiros ou ainda não observar os códigos de boa conduta e decência. Assim, o rapaz do sítio, na visão dos jovens da rua, era aquele que não se vestia à moda e não andava galante, não sabia conversar e nem flertar as moças com garbo; era um beberrão, "briguento" e "não levava jeito para dançar" nem se comportar com civilidade nos bailes sociais, e o pior de tudo, "cheirava a curral e a estrumo". Do mesmo modo eram as moças pobres dos sítios que trajavam seus "vestidinhos de chita" e usavam "penteados à antiga" nos bailes da cidade, provocando o riso e o escárnio das moças "distintas" da rua[418]. Este modo de pensar o homem do campo trouxe um certo distanciamento nas relações entre os moradores da zona rural e os da cidade, principalmente no meio jovem, circunstância que teria forte motivação na criação e idealização da JAC, em 1959, e da Festa da Colheita, em 1961.

2.2. A Paróquia rural em movimento

Até fins de 1959, as ações pastorais do padre Ernesto em Cruzeta estiveram voltadas, principalmente, para a assistência espiritual e religiosa da comunidade, através dos atos litúrgicos (missas, devoções, festas religiosas e dias santos), da administração dos sacramentos (batizados, casamentos, comunhões, confissões e unções dos enfermos) e do "ministério da cura de almas" (catequese ou ensino da doutrina cristã, pregações, admoestações dos fregueses e missa dominical). Essas atividades, em sua grande maioria, regidas pelo vigário ou realizadas estritamente sob seu controle, concentravam-se na sede paroquial, ou seja, na Igreja da cidade, onde eram ministradas aos fregueses.

Os apontamentos constantes no Primeiro Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, trazem várias passagens que revelam as preocupações de um pároco com o cumprimento das determinações canônicas de seu ofício e com a manutenção e perpetuidade da fé devocional dos seus paroquianos e dos ritos e preceitos católicos. Com esse espírito, foi que me parece ter se decido pela procrastinação, em 1958, da tradicional Festa da Padroeira da freguesia (Festa-Mor do município), que estava sendo celebrada na comunidade,

[418] Informações retiradas dos depoimentos orais coletados *in loco* para essa pesquisa.

por ocasião da morte de Pio XII, ocorrida no dia 9 de outubro do corrente ano. Sobre esse episódio registrara o reverendo pároco:

> O mundo católico, recebeu com grande pezar a notícia da morte do Santo Padre Pio XII. Todas os sinos soaram as notas tristes, que anunciaram a morte do grande Pontífice, Papa da Paz. O vigário, ao receber a notícia, convidou a todos os fiéis para a missa "In die obitus" que foi celebrada no dia seguinte, com uma grande assistência. O povo sentia profundamente, com a Igreja (sic).

E anotara em seguida em alusão ao ocorrido: "A festa da Padroeira que estava sendo celebrada, foi adiada para o mês de dezembro"[419].

O zelo apostólico no serviço ministerial da Paróquia, também pode ser percebido nas ocasiões das festividades da natividade de Cristo, tradicionalmente iniciada a meia noite do dia 24 para o dia 25 de dezembro e prosseguindo pela madrugada, daí o sentido da expressão "Missa do Galo" utilizada para se referir a essa solenidade festiva[420], pois tendo que atender a demanda das várias comunidades sob sua jurisdição, sucedia de muitas vezes celebrar os atos litúrgicos na Igreja da cidade já em horas bastante avançadas (geralmente, entre as 2h30 e 3h da madrugada, como revelam os registros de tombo paroquiais), situação que acabava se tornando propícia para a ocorrência de incidentes envolvendo a pessoa do vigário, o que não era muito raro acontecer, dadas as condições precárias das estradas, agravadas ainda mais nas estações chuvosas.

Um episódio envolvendo o padre Ernesto, ocorreu na noite de Natal de 1963, ano de boa invernada, quando estando a caminho de Cruzeta, em companhia de seu auxiliar, depois de ter celebrado na Capela de São José do Seridó, a pouco mais de 11 km da cidade, acabou sendo surpreendido na estrada por um acidente, tendo o seu veículo tombado na vala de um "mata-burro"[421]. Diante do ocorrido, a Missa do Natal que estava sendo aguardada para as 2h30, só foi celebrada às 10h30 do dia 25, quando, finalmente o sacerdote chegou na cidade (sem o

---

[419] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS, *op. cit*., p. 32.

[420] De acordo com o Dicionário Litúrgico organizado por Frei Basílio Röwer, a expressão "Missa do Galo" vem do período medieval e deriva do vocábulo latino *ad galli cantus* (a hora que o galo canta), utilizado para significar a primeira Missa de Natal celebrada a meia noite, nos países frios, na hora em que o galo canta a primeira vez. RÖWER, Basílio. **Dicionário Litúrgico**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1941. p. 147.

[421] Tipo de ponte com formato de estrado, geralmente construída em madeira, ferro ou concreto ao lado da porteira ou na entrada das propriedades rurais, com o objetivo de obstruir a saída de animais e deixar a passagem livre para os veículos. Antigamente, por ser a madeira o material mais empregado na construção dessas estruturas, as mesmas tendiam a possuir pouca resistência em razão dos efeitos da irradiação solar e da chuva que provocavam a sua rápida degradação.

veículo). Apesar de todo o transtorno provocado, "o povo não deixou de tomar parte ativa no santo sacrifício da missa, mesmo o pessoal dos sítios", registrou o vigário[422].

A Semana Santa, festa do calendário litúrgico católico que celebra os mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, era outra ocasião em que o vigário se redobrava em esforços e diligências para assistir os paroquianos nos seus deveres sagrados de cristãos. Essa estação do ano, por ser um dos períodos "quentes" de vivência religiosa em toda a Igreja e tradicionalmente celebrada nas comunidades paroquianas com a observância de muitos ritos, acabava se tornando em uma época de grande azáfama para o sacerdote, que não podendo contar com o auxílio de outros clérigos, em decorrência da escassez de padres, nem sempre conseguia cumprir diligentemente com todos os atos religiosos na freguesia, levando-o, assim, a priorizar periodicamente uma de suas Paróquias. Á propósito dessa circunstância aventada, registrou o vigário Ernesto por ocasião das solenidades da Semana Santa de 1958: "Por motivo de falta de padre para ajudar o Vigário, [...] não foi possível fazer-se os atos da Semana Santa, aqui em Cruzeta. Contudo, não deixou o Vigário de celebrar a missa de ramos [...] e a missa da Ressurreição, com a procissão de N. S. Ressuscitado"[423]. Essa situação voltaria a se repetir novamente em 1960, tendo, porém, o povo realizado na "Sexta-feira Santa" a procissão do Nosso Senhor Morto, "com grande piedade, como é de costume"[424].

Os últimos dias que precediam a "Semana Santa" e encerravam a "Quaresma", tempo litúrgico que se inicia na "Quarta-feira de Cinzas"[425] e se estende até o "Domingo de Ramos", assim, denominado por rememorar os quarenta dias em que Cristo permaneceu no "deserto" em jejum e oração, se preparando para o momento de sua "Paixão", como narram os evangelistas, era ainda outra época de intenso trabalho para o vigário, devido à grande procura pelos paroquianos dos bens santificantes de salvação, especialmente, do sacramento do altar, da Penitência ou Confissão. Um mandamento da Igreja, muito observado na época pelos católicos cruzetenses, aconselhava aos fiéis a "comungar pelo menos pela Páscoa da ressurreição", o que significava na prática uma passagem antecipada pelo confessionário do

[422] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS, *op. cit.*, p. 45. Os detalhes do episódio foram retirados do depoimento do Senhor Manuel Maurício de Medeiros (Medeirinhos), concedido no dia 28 de março de 2020. Quando jovem, Medeirinhos passou a integrar o movimento jacista em Cruzeta, chegando a assumir a função de Tesoureiro da Paróquia de Cruzeta durante o segundo paroquiato do Padre Ernesto.
[423] Idem, p. 31 (verso).
[424] Idem, p. 34.
[425] Chama-se "Quarta-feira de cinzas" a quarta-feira do primeiro domingo da Quaresma e que encerra o Carnaval, festa "secular" e originalmente pagã, mas ligada ao cristianismo. "O nome vem das cinzas que nesse dia são bentas e impostas na cabeça dos fiéis, como símbolo da vida efêmera e passageira e estímulo para a penitência". Cf. RÖWER, Frei Basílio, *op. cit.*, p. 194.

padre, pré-condição para a ablução no mistério divino[426]. O vigário Ernesto em comentário sobre a Semana Santa celebrada na Matriz de Cruzeta, em 1959, registrava a grande movimentação religiosa observada no período, tendo se aproximado da mesa Eucarística 2. 028 pessoas, sendo 463 homens e 1. 565 mulheres[427].

Mais indicativo me parece ser um documento exarado pela Cúria Diocesana de Caicó, que informa o movimento religioso da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios ocorrido no período entre março e abril de 1959, meses em que se celebra no catolicismo romano os ritos da Quaresma e da Semana Santa, onde se arrola a distribuição de 4. 800 comunhões, entre homens e mulheres, 9 viáticos, 8 extrema unções e 15 confissões, somente aos enfermos[428], um quadro considerável se comparado com outras épocas do ano de intensa movimentação religiosa na freguesia, como os meses de maio e junho, o primeiro dedicado à Virgem Maria (mês mariano) e o segundo assinalado pelos festejos juninos[429].

2.3. Juventude agrária: a emergência de um ator social

De todos os capítulos que ainda faltam ser escritos sobre a história cruzetense, aquele que toma como tema a juventude, seus anseios, ideários e atitudes diante da vida e do mundo é hoje um dos mais necessários. Durante muito tempo a juventude permaneceu como um agente social invisível, um ator secundário sem um rosto próprio, sendo mesmo negligenciado nos estudos que versam sobre a história local[430]. Só muito recentemente, e mesmo instigado pela memória daqueles que foram jovens no passado, é que o tema tem adquirido alguma importância por parte dos pesquisadores, fazendo sua entrada decisiva na historiografia cruzetense[431].

---

[426] O Catecismo Católico editado pela editora Herder, em 1960, assim prescreve: "Para estimular os negligentes a cumprirem o preceito de Cristo ordena a Igreja que todos os fiéis que tiverem chegado ao uso da razão recebam o SS. Sacramento ao menos uma vez ao ano, a saber, no tempo pascal". Cf. **Catecismo Católico**. 3 ed. São Paulo: Herder, 1960. p. 154.

[427] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS, *op. cit*., p. 32 (verso).

[428] Dá-se o nome de viático (*viaticum*, em latim) a sagrada comunhão levada aos fiéis enfermos em perigo de morte. MAIA, Antônio. **Pequeno dicionário católico**. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1966. p. 215.

[429] Cf. DIOCESE DE CAICÓ/RN. **Mapa Estatístico do ano de 1959:** Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios. Cruzeta, 27 de abril de 1959. (Encadernado). Para conferir os números relativos ao exercício dos meses maio e junho, ver mapa estatístico referente a esse período.

[430] Um marco na historiografia cruzetense é a obra "Noções de Geografia e História do município de Cruzeta", publicada em 1971, pela Companhia Editora de Pernambuco (CEPE). De autoria da professora Terezinha de Jesus Medeiros Goes, a obra faz pouca referência a participação dos jovens no cenário público local, mencionando apenas de forma lacônica a sua colaboração no trabalho de criação e organização da primeira Festa da Colheita em 1961 e de fundação do Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC), em 1959, sobre os quais falaremos mais adiante.

[431] Um exemplo disso é a obra "Cruzeta: retalhos de sua história", publicada em 2011, de autoria das professoras Alexandrina de Oliveira Campos e Ione Rodrigues D. Morais, onde as autoras fazem referência a diversas ações

Espaço privilegiado do protagonista adulto e refletido, a história local não era lugar de jovens, muitas vezes identificado com o sujeito imaturo, inábil, subserviente e restivo e que, por isso, muito mais tendente a aprender que a ensinar com suas atitudes, vindo estes a assumir aí, quando muito, um papel de ator marginal. História solene e séria, pois que, também, protagonizada por homens exemplares e honrosos e de conduta austera (o varão católico, o cidadão notável e "chefe de família", de cujos feitos e ações as gerações futuras deviam aprender e imitar), a história local permaneceu por muito tempo uma trama de velhos e adultos. E mesmo quando o personagem mantinha com o grupo dos mais jovens uma vinculação etária, era sempre com os valores do mundo adulto que este estava identificado. Assim, desconsiderados como agentes ativos de transformação social, os jovens ficaram, na maioria das vezes, relegados às margens do processo histórico, ou mesmo ficando excluídos desse.

Essa posição marginal conferida aos agentes juvenis nos processos da história, era definida especialmente pelo lugar que estes ocupavam na estrutura social. Colocados sob a mira do olhar vigilante e admoestador de uma sociedade conservadora e patriarcal, que pouco ou nenhum espaço reservava ao protagonismo juvenil[432], aos jovens estava vedada sua atuação voluntária e criativa na cena pública, não passando esta de um "apêndice" da atividade adulta. Por esse motivo os jovens não tinham história, porque, também, não "faziam" (ou não podiam "fazer") história[433].

Mas, se a entrada da juventude na cena da história cruzetense é algo que se diga ainda recente, sua emersão no cenário público local antecede a esse fato pelo menos em uma década. Isso se pode afirmar com alguma propriedade se tomarmos como referência a obra "Noções de Geografia e História do município de Cruzeta", de autoria da professora Terezinha de Jesus Medeiros Goes, publicada em 1971 pela Companhia Editora de Pernambuco (CEPE). Foi Terezinha Medeiros Goes em sua referida obra, a primeira a atribuir a "juventude" o estatuto de sujeito histórico, ao fazer referência a atuação dos jovens no cenário da história local. Entretanto, embora se deva a autora os primeiros registros sobre a ação dos jovens na sociedade

promovidas pela juventude local, no cenário social, cultural e educacional cruzetense, entre as décadas de 1960 e 70.

[432] Sobre o conceito de "protagonismo juvenil", cf. IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Juventude: construindo processos – o protagonismo juvenil. In. FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Jorge A. Silva. (Org.). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003. p. 54-75.

[433] Essas constatações me parecem estar em afinidade com as observações feitas por Daniel Fabre ao analisar o "lugar" da juventude numa aldeia da região francesa do Languedoc, a partir da posição assumida pelos jovens no interior da "festa local", a *majeure*. Cf. FABRE, Daniel. Ser jovem na aldeia. In. LEVI, Giovani; SCHMITT, Claude. (Org.). **História dos jovens.** A época contemporânea. Trad. Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 49-82. v. 2

cruzetense, sua contribuição se restringe ao labor de algumas poucas citações, não chegando o tema a se constituir aí num objeto maior de preocupação.

Todavia, seria necessário mais algumas décadas para que a "juventude" alcançasse alguma posição de destaque nos estudos que versam sobre a história local, ainda que em nenhum deles o tema tenha figurado como objeto específico de investigação[434]. Esse capítulo vem, em grande medida, preencher a lacuna deixada por esses estudos anteriores. De qualquer forma, apesar do pouco esforço dedicado ao tema, o "Noções de Geografia e História do município de Cruzeta" nos serve como marco importante para a delimitação de dois momentos distintos: o primeiro em que a juventude emerge como sujeito e experiência social na comunidade cruzetense e o outro em que ela surge como sujeito histórico nos escritos da história local. De um marco a outro, um período de mais ou menos uma década se passou. Esse interstício de dez anos, que abrange todo o decênio dos anos 1960, foi um dos mais ricos e fecundos em termos de práticas e experiências juvenis não só em nível local, mais também em plano nacional e até internacionalmente[435]. No tocante à realidade local, esse período é ainda mais significativo, pois compreende o momento do despontar da juventude como movimento de jovens, marcando o início de sua existência enquanto fenômeno social. Porém, antes de adentrar nessa questão, se faz necessário fazer uma breve discussão teórica quanto ao conceito de juventude empregado neste estudo e suas implicações sobre o tema abordado.

Um dos problemas que nos cerca quando tratamos de estudar a juventude é aquele relacionado a busca de uma definição mais precisa para esse fenômeno social. Refletindo sobre essa questão, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983) diz que "a juventude é apenas uma palavra", fazendo lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias, variando de acordo com o tempo e as diferentes culturas, não sendo a juventude e a velhice dados da natureza, mas categorias socialmente construídas na luta entre jovens e velhos. É neste sentido que ele lembra que "somos sempre o jovem ou o velho de alguém"[436]. Com isso, Bourdieu procura criticar o termo juventude quando empregado genericamente para designar os jovens como uma unidade social ou grupo constituído, dotado de interesses comuns ligados a uma idade biologicamente definida, preferindo utilizá-lo de forma relativa, já que para ele existiriam várias ou pelo menos

[434] Aqui faço referência ao estudo realizado pelas professoras Alexandrina Campos e Ione Morais, citado anteriormente em nota de rodapé.
[435] Sobre a experiência juvenil no cenário nacional e internacional dos anos 1960, ver BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Momentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 1990.
[436] BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-113.

duas juventudes, a burguesa e a das classes populares, que teriam entre si diferenças cruciais, em todos os setores de suas vidas.

Essa abordagem "relativista" que toma a juventude como uma "categoria social" ou "construção social", é hoje, talvez, a mais difundida nas ciências ditas sociais, ganhando um maior destaque nos estudos acadêmicos, sobretudo a partir da segunda metade do século XX[437]. Nesse trabalho, busco analisar os jovens a partir dessa concepção teórica, procurando ainda percebê-los, conforme o entendimento de Luís Antonio Groppo (2000), como "representação sociocultural e situação social"[438].

De acordo com Groppo, a juventude pode ser definida como uma "concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de componentes e atitudes a ela atribuídos"[439]. Neste sentido, Groppo concebe a juventude com base em dois critérios principais não conciliares, isto é, o critério etário, não relativista, herdeiro das primeiras definições fisiopsicológicas, que delimitava o sujeito jovem de acordo com as faixas de idade e o critério sociocultural, relativista, que enfatiza que "a juventude, o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional e regional"[440], existindo, portanto, uma dupla relação no conceito que significa tanto a transição quanto o elo de uma condição etária para a outra. Essa concepção adotada por Groppo, nos ajuda a entender a juventude como uma categoria vinculada a seus condicionantes históricos e materiais, indo além de sua percepção como "construção cultural" separada de outras condições. No entanto, o termo juventude possui uma complexidade em sua definição, sendo caracterizado por diversas variantes, que merecem um maior aprofundamento teórico.

Para Marialice Foracchi, que também compartilha a percepção da juventude como construção e condição sociais, esta seria "ao mesmo tempo, uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de existência"[441], sendo que cada sociedade constrói o jovem a sua própria imagem. Ela ainda argumenta que a noção do conjunto dos jovens enquanto categoria histórica e social, se impõe no momento em que este se afirma como produto histórico, ou seja, como "movimento de juventude", pois o conceito de juventude seria uma elaboração da própria

---

[437] CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato e Sousa Porto. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p. 11.
[438] GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 7.
[439] Idem, p. 7-8.
[440] Idem, p. 9.
[441] FORACCHI, Marialice Mencarini. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Nacional, 1965. p. 302.

sociedade moderna[442]. Por essa razão, seria necessário conhecer a juventude para compreender melhor as diversas características dessa sociedade, já que ela participa do processo histórico e social de construção da modernidade. Foi refletindo sobre essa situação do fenômeno juvenil, que Groppo afirmou que a própria "criação das juventudes é um dos fundamentos da modernidade", defendendo a ideia de que não se pode trabalhar com um único conceito de juventude, mas com o termo "juventudes" para entender a pluralidade de condições e experiências juvenis presentes na sociedade brasileira[443].

Essa condição da juventude frente aos processos sociais contemporâneos abre caminho para a introdução de uma discussão importante, que geralmente costuma permear o debate em torno desse tema, qual seja, o da juventude e mudança social. Talvez, tenha sido Karl Mannheim o primeiro a destacar esse aspecto nos estudos sociológicos sobre essa temática. Na perspectiva de Mannheim, existiria um potencial de mudança social inerente na juventude em decorrência da originalidade apresentada por uma nova geração, pelo fato de não estar totalmente envolvida no *status quo* da ordem social e também por esta chegar aos conflitos da sociedade moderna "vindo de fora". É esse fato, que segundo Mannheim, "faz da juventude o pioneiro predestinado de qualquer mudança da sociedade", tornando-a mais apta a simpatizar com movimentos políticos, sociais, culturais e religiosos, em consequência de sua insatisfação com o estado de coisas existente[444]. Em vista disso, Mannheim identifica na mocidade "um agente revitalizador da vida social" e "parte importante das reservas latentes que se acham presentes em toda sociedade", dependendo em grande parte das influências orientadoras e diretoras vindas de fora, ou seja, do contexto histórico pelo qual passa a juventude, saber se essa potencialidade será suprimida ou se será mobilizada e integrada em um movimento, tendo em vista a engendrar para a sociedade uma "nova saída"[445].

Assim, enquanto as "sociedades tradicionais" depositam o prestígio e o poder nos mais velhos, além de relutarem "em encorajar novas forças latentes dos jovens", as "sociedades dinâmicas" buscam contar com a cooperação dos mais jovens quando procuram mudar sua filosofia social e política, utilizando as potencialidades dinâmicas e espirituais desses agentes "estranhos" de revitalização para ajustar a sociedade à circunstâncias em rápida mudança ou completamente novas[446]. Não querendo afirmar a existência de um caráter inato de

---

[442] Cf. FORACCHI, Marialice Mencarini. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972. p. 12.
[443] GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 18.
[444] MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 41-42.
[445] Idem, p. 41-42.
[446] Idem, p. 39.

transformação social presente nas gerações mais novas, Mannheim defende que "a juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade"[447]. Foi nessa direção que Albert Camus declarou que "a juventude é uma soma de possibilidades"[448] e Foracchi aduziu que "juventude e história são entidades que se confundem enquanto manifestação do novo"[449]. Esse ponto de vista adotado por Mannheim, nos serve para pensar o papel da juventude no processo de renovação paroquial vivido num plano mais local, embora também sirva para lançar luzes sobre a participação do segmento juvenil na dimensão mais ampla desse mesmo processo.

Historicamente, a juventude foi vista pela Igreja Católica como um mero receptáculo para os seus ensinamentos e tradições, negligenciando ou mesmo inibindo suas energias vitais renovadoras. Os trabalhos pastorais que envolviam a mocidade eram genéricos, sem uma metodologia própria e voltados para dentro da própria Igreja, não existindo trabalho com a "juventude", mas, sim, com os jovens. Esses ao ingressarem nos movimentos da Igreja, tornavam-se apenas expectadores, ficando sua organização e coordenação a cargo dos adultos, diante dos quais lhes deviam inteira submissão. A essa prática de integração dos jovens na instituição católica, pertenciam as Congregações Marianas, a Associação Cristã de Moços, as Filhas de Maria, os Jovens Vicentinos e a Legião de Maria, organizações religiosas com forte representação nessa categoria, que até o início do século XX mantinham uma postura conservadora na forma de tratar com o jovem leigo[450].

É a partir do final do século XIX e, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, quando a Igreja sente a necessidade de uma mudança, de uma renovação, pois percebia que estava perdendo sua credibilidade e hegemonia na sociedade, em decorrência da expansão de novas ideologias concorrentes, como o cientificismo, o liberalismo, o materialismo e o comunismo, tornando-se uma força subalterna nessa nova realidade, que o leigo, e de modo especial, a mocidade leiga, passa a ser vista pela instituição como uma potencialidade eclesial inovadora, capaz de reverter para seus quadros essa situação constrangedora. É nesse contexto, em que a Igreja se ver ameaçada e criticada por todos os lados por essas novas correntes ideológicas, além de ver diminuído o seu espaço de relação privilegiado com o Estado, que surge o movimento de Ação Católica, como forma de proporcionar uma maior aproximação da

[447] Idem, p. 41.
[448] CAMUS, Albert. **O primeiro homem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 114.
[449] FORACCHI, Marialice M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Nacional, 1965. p. 303.
[450] OLIVEIRA, Rogério de. **Pastoral da Juventude**: e a Igreja se fez jovem. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 14

hierarquia com os leigos, buscando, com isso, obter um maior controle de suas ações no intuito de direcioná-las para o fortalecimento da instituição eclesiástica na sociedade[451].

Lançado pelo Papa Pio XI em 1929 e defendido por este como urgente e insubstituível, a AC chega ao Brasil na década de 30, "com o objetivo de envolver os leigos na ação evangelizadora como apóstolos oficiais", abrindo espaço privilegiado para a participação das mulheres e da juventude na estrutura da Igreja[452]. Com o nome de Juventude Feminina Católica, a Ação Católica Brasileira (ACB) é reconhecida como movimento oficial no Brasil, em 1932[453], sendo implantada uma década depois na Diocese de Caicó/RN, como comprova a "Ata de Instalação da Junta Diocesana de ACB", assinada pelo então bispo diocesano, Dom José Delgado, em 24 de maio de 1942[454].

Na própria recomendação de Pio XI ao episcopado brasileiro, estava explicitada a necessidade do movimento, justificada como sendo imperiosa em decorrência da "escassez do clero" e dos "perigos de todo gênero que ameaçam sempre mais a Fé e a integridade dos costumes no povo cristão"[455]. Em sua carta de recomendação, ele ainda afiança que a melhor maneira de se atingir o objetivo da AC era "fazer de cada indivíduo um apóstolo de Cristo no ambiente social em que a Providência o colocou", aconselhando que uma maior atenção fosse dada "em favor das classes humildes", especialmente operários e lavradores, uma vez que estes estavam mais suscetíveis às aflições geradas pelos "grandes perigos espirituais a que os expõem infames e subversivos pseudo-postulados de ciência tão fartamente divulgados entre a gente simples"[456].

Assim, com o objetivo de colaborar com o apostolado hierárquico da Igreja e ajudá-la na tarefa de "recristianização" do mundo, a juventude católica será convocada e enviada para evangelizar as massas no seio da sociedade moderna, num momento em que parecia vir dela em grande parte as "promissoras esperanças da Igreja e da Pátria"[457]. Nesta nova cruzada missionária, a mocidade alcançará maior destaque sob o signo da Ação Católica Especializada (ACE), nas décadas de 1950 e 1960, quando ocorre uma reorientação metodológica no interior do movimento e o alvo principal de sua ação deixa de ser o caráter formativo do leigo para se

---

[451] Ver SOUZA, Pe. Ney de. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, v. 14. n. 55, p.39-59, Abr/Jun, 2006. p. 44-48.
[452] Cf. SOFIATI, Flávio Munhoz. **Juventude Católica**: o novo discurso da Teologia da Libertação. São Carlos: EDUFSCar, 2012. p. 38-39.
[453] Idem, p. 39.
[454] Cf. **Ata da sessão de instalação da Junta Diocesana da Ação Católica Brasileira (ACB)**, Caicó, 24 de maio de 1942.
[455] AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA. **Estatutos e Regulamentos**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1946. p. 9.
[456] Idem, p. 13-14.
[457] Idem, p. 11-12.

voltar para o próprio ambiente onde o jovem se encontra inserido, numa perspectiva de transformação social[458]. A partir da ACE, a juventude passa a ser organizada de forma específica por setor social, compondo seus círculos com "apóstolos" retirados do próprio ambiente de vida: a Juventude Agrária Católica (JAC), para o meio rural, a Juventude Estudantil Católica (JEC), para o meio estudantil, a Juventude Operária Católica (JOC), para o meio operário, a Juventude Universitária Católica (JUC), para o meio universitário e a Juventude Independente Católica (JIC), para os demais setores não enquadrados nos anteriores[459].

Esses movimentos especializados de jovens, "tinham como preocupação principal a formação de seus membros com aprofundamento da fé e da espiritualidade", desenvolvendo um método de trabalho específico que buscava despertar no jovem a consciência crítica de sua própria realidade de vida, para, assim, provocar nele sua ação transformadora no mundo[460]. É neste quadro de mudança de perspectiva no interior da Ação católica, que a "juventude camponesa" desponta como força promissora no meio rural. Porém, como se verá, alguns fatores foram determinantes para a emergência desse ator social nesse dado momento histórico.

Até o final da Segunda Guerra Mundial (1940-1945), o Brasil se mantinha como uma nação essencialmente rural, com cerca de 70% de sua população vivendo no campo. Suas principais atividades econômicas estavam associadas à exportação de produtos agrícolas, dentre os quais o algodão, o cacau e o café[461]. Os impulsos industrializantes impetrados nos anos 1930, concorreram para uma maior dinamização do setor secundário da economia, favorecendo o surgimento de alguns polos industriais diversificados, em volta dos quais se desenvolveram centros urbanos modernos, especialmente no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, enquanto em outras áreas do país, notadamente no Nordeste, as estruturas econômicas permaneciam atreladas aos interesses mercantis das velhas elites agrárias.

No campo político, o fim da ditadura do Estado Novo (1937-1945), deu ensejo ao processo de redemocratização nacional, fazendo surgir diversos partidos políticos, entre os quais a União Democrática Nacional (UDN), formada por setores das classes médias e alta, o Partido Social Democrático (PSD), composto por antigos coronéis e interventores nos estados, e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), constituído por líderes sindicais ligados ao Ministério do Trabalho, além do Partido Comunista do Brasil (PCB), que atuando na clandestinidade desde

---

[458] Cf. SOFIATI, Flávio Munhoz, *op. cit*., p. 39-40. Ver também MAIA, César Portantiolo; PINTO SALES, Lilian Maria. Ação Católica e modernidade religiosa: um debate sobre a autonomia do leigo. **Debates do Núcleo de Estudos da Religião (NER).** Ano 19, n. 34, p. 155-182, ago./dez., 2018.

[459] Cf. BETIOTO, Mário Antonio. **Da Ação Católica à Pastoral de Juventude**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 37-41.

[460] SOFIATI, Flávio Munhoz, *op. cit*., p. 41.

[461] FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 391-393.

1935, voltou a ser legalizado, porém, por um curto período de tempo[462]. Com o objetivo de reger o novo sistema político, uma nova Constituição foi elaborada e promulgada em agosto de 1946. Considerada a quinta constituição brasileira e a quarta do período republicano, a Carta constitucional de 1946, garantia o direito de greve aos trabalhadores, extinguia a figura dos deputados classistas e assegurava o voto a todas as mulheres, mas continuava mantendo a restrição do sufrágio aos analfabetos, que na época compunha quase metade da população brasileira.

A partir de 1945, houve por parte de algumas nações uma forte tomada de consciência da crise de alimentos, que condenava à fome crônica e a subnutrição quase dois terços da humanidade. Refletindo sobre esse grave problema a Organização das Nações Unidas (ONU), criou em outubro de 1945 a Organização para Alimentação e Agricultura (FAO, sigla do inglês *Food and Agriculture Organization*), instalando sua sede na cidade de Roma, na Itália. No Brasil, começou-se a questionar a estrutura fundiária arcaica e o nível tecnológico obsoleto da produção agropecuária e acentuou-se o processo de migração das regiões menos desenvolvidas para as regiões mais ricas e industrializadas, sobretudo, na década de 1950, com os novos investimentos governamentais nas áreas de energia, indústria de base, transporte e infraestrutura urbana, como parte da política de industrialização adotada pelos governos de Getúlio Vargas (1951-1954) e Juscelino Kubitschek (1956-1960). Como consequência disso, o êxodo rural se intensificou, pois os camponeses privados do acesso a serviços essenciais de educação, saúde, moradia, saneamento básico e lazer, migravam para as cidades em busca de melhores condições de vida, provocando, com isso, o inchaço das periferias dos grandes centros urbanos e o aumento significativo dos números de favelas[463].

Logo após o conflito mundial, os Estados Unidos criaram o Plano Marshall com o objetivo de reconstruir os países da Europa Ocidental duramente atingidos pela Guerra, e assim impedir que esses passassem para a zona de influência da então União Soviética (URSS). O Brasil, tendo participado diretamente do conflito ao lado das "Nações Unidas", propôs aos norte-americanos que se criasse um plano análogo para a modernização da América Latina. Como resposta, o governo norte-americano se propôs a modernizar a agricultura brasileira, conforme o Ponto IV do Plano de ajuda destinado aos países não europeus. O acordo tomou forma e se concretizou através da ampliação do Ministério da Agricultura, com a organização

[462] SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 72-109.
[463] LUCCHETTI, Ângela Neves [et. al.]. 1 ed. **História e organização de jovens camponeses cristãos**: 1947-1972. Rio de Janeiro: Abrace um aluno escritor, 2012. p. 12.

do Serviço de Informação Agrícola (SAI), e da criação da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), com estrutura específica em cada região. No caso do Nordeste, por exemplo, foi criada a Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCAR)[464].

Os novos estímulos modernizantes injetados na economia brasileira, vieram acelerar o processo capitalista no Brasil, que se refletiu na construção de grandes obras públicas e na expansão do crédito fornecido às várias atividades econômicas, em nome do desenvolvimento. Essa modernização teve sérias repercussões no setor agrícola, uma vez que provocou a valorização das terras e estimulou a capacidade de produção das indústrias de beneficiamento de produtos agrícolas, provocando a expansão da atividade agrária e a sede de terras por parte das empresas. Esse avanço capitalista sobre o campo, gerou uma política de espoliação dos trabalhadores rurais e a consequente reação destes, que se vendo expulsos de suas terras ou transformados em assalariados, passaram a se organizar politicamente em sociedade[465].

Em meio a essa situação agravante, se disseminam pelas áreas rurais do país os focos de lutas e revoltas camponesas, que cada vez mais tomando a expressão de uma resistência política de classe, vão tornando notórias as reivindicações dos camponeses[466]. É nesse momento que ocorre no Brasil a "descoberta do campo e da questão agrária", e o campesinato até então distante do cenário das decisões públicas, torna-se uma novidade na cena política brasileira[467]. Buscando obter o controle, a organização e o reconhecimento das massas camponesas, alguns agentes políticos entram em defesa de suas lutas e reivindicações, apresentando-se como suas porta-vozes autorizadas e legítimas. O primeiro a levantar a bandeira do movimento camponês foi o PCB, ao incluir em seus planos para a tomada do poder, a organização de um movimento operário-camponês[468]. A partir daí o partido começaria a deslocar quadros para atuação no campo, despertando apreensão nos setores conservadores da sociedade.

Ainda em 1945, nas áreas periféricas do Recife, capital de Pernambuco, e em alguns municípios do interior do Estado, foram organizadas numerosas ligas camponesas aglutinando plantadores de legumes que se viam ameaçados de expulsão das terras arrendadas que

---

[464] Idem, p. 12-13.
[465] Cf. ANDRADE, Manuel Correia de. **Lutas camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 1986. p. 20-21.
[466] MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1995. p. 62-80.
[467] Cf. GRINSZPAN, Mario; DEZEMONE, Marcus. As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas Camponesas, comunistas e católicos (1950-1964). In. FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. (Org.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 213.
[468] ANDRADE, Manuel Correia de, *op. cit*., p. 25.

cultivavam, com a participação de militantes comunistas[469]. Anos depois, no Paraná, Maranhão e em Goiás, onde se formou o território livre de Tromba-Formoso, eclodiram levantes camponeses estimulados e assistidos por membros do Partido[470].

Temerosa com a penetração comunista no meio rural e na organização camponesa, a Igreja Católica passou a preocupar-se também com o problema agrário, dando ensejo a várias iniciativas que objetivavam aproximá-la dos trabalhadores rurais, de modo a erguer barreiras contra a ação dos grupos de esquerda[471]. É em meio a esse cenário de disputa e apreensão, que a juventude rural surge como um importante aliado da hierarquia nos seus planos de "redenção" das massas camponesas.

Numa redação sobre "os Problemas rurais", veiculada em outubro de 1947 pelo jornal "A Ordem" da Arquidiocese de Natal (RN), um articulista comentava em primeira página a aflição que seria para o Brasil "se apenas os comunistas estivessem vivamente interessados na solução de seu grave problema rural". E continuava dizendo que por felicidade, havia uma outra força, "altamente construtiva", ciente da emergência de se dá "uma solução para os nossos problemas do campo", que era "a ação social católica", no meio da qual figuram organizações como a LAC (Liga Agrária Católica) e a JAC (Juventude Agrária Católica), "as quais muito poderão fazer, na transformação de mentalidades e no apostolado do meio pelo próprio meio, método por excelência da Ação Católica, infelizmente ainda tão pouco conhecido e praticado, mesmo entre os católicos, mas de resultados tão excelentes"[472].

Incluindo a ação de jovens camponeses cristãos nos seus planos de recuperação do "mundo rural", a partir da década de 1950, a Igreja Católica daria início a várias iniciativas que visavam atingir de forma mais articulada e incisiva as populações rurais. Dentre essas iniciativas, tiveram destaque as "Semanas Ruralistas", promovidas pelas dioceses em parceria com o poder público estadual, municipal e federal, através das secretarias de Agricultura, das prefeituras municipais e do Ministério da Agricultura. Segundo Ângela Neves Lucchetti, a finalidade das semanas ruralistas consistia em "conjugar esforços para sensibilizar proprietários, técnicos, professores rurais e estudantes, levando-os a conhecer a problemática rural da região e, ao mesmo tempo, a perceber a necessidade de melhorar seus conhecimentos

---

[469] Idem, p. 26.
[470] Sobre as revoltas camponesas no Brasil, ver FERNANDES, Bernardo Mançano; MEDEIROS, Leonilde Servolo de; PAULILO, Maria Ignez. (Orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas**: condições, dilemas e conquistas. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. v. 1.
[471] Ver PAIVA, Vanilda. (Org.) **Igreja e questão agrária**. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 15.
[472] A Igreja e o mundo rural. **A Ordem**, Natal/RN, 14 de out. 1947. p. 01.

agropecuários e a promover a qualidade de vida das famílias rurais"[473]. Dessas promoções, tornou-se nacionalmente conhecida a semana ruralista realizada em Caxambu, Minas Gerais, em 1950. Dela participaram em torno de 60 párocos rurais, 250 fazendeiros, mais de 270 professoras rurais, além de religiosas e religiosos representando os estabelecimentos de ensino secundário, onde a maioria absoluta de alunos provinham da zona rural[474].

A Semana foi realizada pela diocese de Campanha (MG), por iniciativa de Dom Inocêncio Engelke, bispo diocesano, com a colaboração do Serviço de Informação Agrícola (SIA) do Ministério da Agricultura[475]. Neste evento estavam presentes padre Helder Câmara, na época assistente geral da ACB, Ligia Barcelos, responsável pela LAC feminina, João Gonçalves de Souza, dirigente da LAC masculina e Ângela Neves, delegada da Juventude Agrária Católica Feminina (JACF), como representantes do Secretariado Nacional de Ação Católica Rural[476]. Em conclusão a esta Semana, foi publicada uma Carta Pastoral, intitulada "Conosco, sem nós ou contra nós se fará a reforma rural", que se tornaria um marco da entrada da Igreja Católica na questão agrária no Brasil[477]. Nela, como declarou Aspásia Camargo, "delineia-se uma visão pioneira, que prenuncia a nova Igreja"[478]. No referido documento, o bispo de Campanha chamava a atenção dos fiéis para a situação delicada do homem do campo, esperando que de sua diocese se estendesse para todo o país um grande movimento de Ação Católica Rural (ACR). Segundo o prelado mineiro, agitadores estavam chegando à área rural, aproveitando-se das péssimas condições de vida que ali predominavam, para insuflar a revolta em seus moradores. Como resultado dessa ação, a Igreja poderia acabar afastada dos camponeses, da mesma forma como acreditava já ter ocorrido com os operários nas cidades. Urgia, pois, que ela e os proprietários se antecipassem à revolução no campo, promovendo a melhoria das condições de vida de suas populações e aprimorando o trabalho de apostolado e formação cristã de sua gente[479].

---

[473] LUCCHETTI, Ângela Neves [et. al.]. 1 ed. **História e organização de jovens camponeses cristãos**: 1947-1972. Rio de Janeiro: Abrace um aluno escritor, 2012. p. 30.
[474] Cf. ENGELKE, Dom Inocêncio. Conosco, sem nós ou contra nós se fará a Reforma Rural. In. CNBB. **Pastoral da terra**. 2 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. (Estudos da CNBB, 11). p. 43.
[475] LUCCHETTI, Ângela Neves [et. al.], *op. cit*., p. 30-31.
[476] Idem, p. 31.
[477] MARTINS, José de Souza, *op. cit*., p. 88. Ver também, CARVALHO, Abdias Vilar de. A Igreja Católica e a questão Agrária: alguns elementos para a análise dos pronunciamentos do episcopado brasileiro no período de 1945-1964. In. PAIVA. Vanilda. (Org.). **Igreja e questão agrária**. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 78-81.
[478] CAMARGO, Aspásia de Alcântara. A questão agrária: crise de poder e reformas de base (1930-1964). In. FAUSTO, Boris (Dir.) **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Republicano. Sociedade e política (1930-1964). São Paulo: Difel, 1985. vol. III, tomo III. p. 145.
[479] ENGELKE, Dom Inocêncio, *op. cit*., p. 44-49.

Defendendo como sendo inadiável um programa mínimo de ação social a ser seguido por uma reforma social de base, Dom Inocêncio preconizava que em certas paróquias este podia ser executado como parte das tarefas estritas da Ação Católica, enquanto que em outras poderia funcionar simultaneamente como trabalho direto do apostolado especializado para o campo[480]. Ainda em sua mensagem pastoral, aconselhava que a reforma social fosse feita com base no pensamento social da Igreja, visando, antes de tudo, à seleção e à formação de líderes rurais cristãos "sobre cujos ombros repouse a tarefa da recuperação desse imenso proletariado dos campos", pois, "só assim, apoiado na ação e na palavra de elementos tirados de seu meio, nos quais deposita toda a sua confiança, o homem do campo poderá defender-se contra as perigosas seduções daqueles que enxergam nele um caldo de cultura fecundo para o bacilo das agitações e das revoluções violentas"[481].

A Semana Ruralista de Campanha (MG) e o documento pastoral dela resultante, logo se tornaram referências para iniciativas semelhantes em outras dioceses e paróquias do território nacional. Em 1951, seguindo o exemplo mineiro, seria a vez da Arquidiocese de Natal, no Rio Grande do Norte, onde o padre Eugênio Sales vinha liderando um trabalho pioneiro de ação social junto as populações interioranas, promover a primeira semana rural do Estado, congregando no mesmo evento representantes de suas duas dioceses sufragâneas: Caicó e Mossoró[482].

Realizada na Escola Agrícola de Jundiaí, em Macaíba, sob a direção do Serviço de Assistência Rural (SAR) da Juventude Masculina Católica (JMC) de Natal, entre os dias 22 e 27 de janeiro, e tendo como tema central "A recuperação do homem do campo", a "I Semana Ruralista do Rio Grande do Norte" contou com a participação de técnicos do Ministério da Agricultura e de outros órgãos federais e estaduais, além da presença de Dom José de Medeiros Delgado, bispo de Caicó, Dom João Portocarrero Costa, bispo de Mossoró e Dom Marcolino Dantas, bispo de Natal. Um grande número de criadores e agricultores do interior do Estado, como também de professores rurais, sacerdotes e seminaristas, compareceram ao certame. Representando a equipe de assistentes rurais do Secretariado Nacional da Ação Católica, também estiveram presentes Monsenhor Helder Câmara, Lígia Barcelos, Presidente da LAC e Iolanda Bittencourt, Presidente da Juventude Católica Feminina (JCF)[483].

---

[480] Idem, p. 47-48.
[481] Idem, p. 50.
[482] Cf. AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2 – Terceira época (1930-1964). Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. p. 362.
[483] Extrato das conclusões da I Semana Rural do Rio Grande do Norte. **A Ordem**, Natal/RN, 29 de jan. 1951. p. 01.

Uma "Carta Pastoral sobre o problema rural", foi redigida e publicada como resultado do encontro. Nela, os prelados norte-rio-grandenses realçavam que a melhor maneira de resolver o problema agrário, era vê-lo de maneira solidária e orgânica, de modo a coincidir com a adesão do todo, eclesiástica e civilmente[484]. Defendendo o princípio da subsidiariedade como ponto a ser levado em consideração nessa tarefa, argumentavam a importância de aplicá-lo de forma imperiosa, ainda mais, como intuíam, "em nosso tempo de marcha surda para o coletivismo vermelho e branco, dos ímpios o primeiro, e dos "sine intellectu" o segundo"[485].

Em sua mensagem pastoral, os bispos potiguares ainda orientavam que o trabalho de recuperação das massas camponesas, tivesse início a partir do aproveitamento das forças existentes no meio rural, estimulando-as para que iniciem em conjunto com a hierarquia o apostolado mais urgente. Para isso, sugeriam como sendo oportuno, "começar a atividade rural com o entrosamento de quantas Associações já existam na Paróquia e Diocese". De acordo com eles, "estas Associações formarão como a Ação Católica Geral, na linguagem de alguns hoje em dia", ao lado das quais se constituiriam, pouco a pouco, "as Associações chamadas fundamentais e, sobretudo, as seções especializadas das mesmas".

Convencidos de que o melhor caminho para se atingir a unidade orgânica nos movimentos de organizações católicas era o da inteligente convocação de quantas forças organizadas já existirem nas paróquias e dioceses do Estado, argumentavam não ter justificativa o protelamento de tal medida de ação, uma vez que "nem é preciso mais do que utilizar a facilidade da direção do apostolado externo privativo dos que representam a hierarquia, [...] quando os problemas, na expressão da Pastoral do Senhor Bispo de Campanha, nos colocam na dolorosa disjuntiva: conosco, sem nós ou contra nós serão resolvidos"[486].

Nas "Conclusões" resultantes da "I Semana Rural do Rio Grande do Norte", os bispos reunidos em Jundiaí, ainda recomendavam, além de outras determinações, que se instalassem "com máxima urgência", nas dioceses do Estado, a "Missão Rural Ambulante", a qual deveria abranger serviços de assistência religiosa e moral, médico-dentário, educacional e diversional, com o objetivo de elevar a educação do homem do campo e o bem-estar das comunidades rurais. Ao par desse trabalho missionário, os prelados também aconselhavam que se fundassem nas cidades e vilas, povoados ou mesmo fazendas, a JAC e a LAC, e onde fosse possível, Círculos e Núcleos Operários Rurais, por iniciativa dos párocos ou em coordenação

---

[484] Pastoral sobre o problema rural – Como consequência da Semana Rural realizada em 1951 que congregou as três Dioceses norte-rio-grandenses: Natal, Mossoró e Caicó. In. CNBB. **Pastoral da terra**. 2 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. (Estudos da CNBB, 11). p. 55.
[485] Idem, p. 60.
[486] Idem, p. 61.

com os mesmos, orientando para que assim fosse feito em ligação com a Junta Diocesana de Ação Católica e a Federação dos Círculos Operários do Estado[487].

A I Semana Rural do Rio Grande do Norte causou uma forte impressão na sociedade potiguar e além de Jundiaí, também foram realizadas semanas ruralistas em Pau dos Ferros (setembro de 1951)[488], e em Caicó (dezembro de 1952)[489]. Promovidas pelas Dioceses da região e pelo SAR de Natal, com o apoio do SIA, essas semanas ruralistas contaram com o forte desempenho do cônego Eugênio Sales, que assumiu a direção dos eventos. Em Caicó, onde alguns grupos jacistas vinham atuando de forma isolada na região desde o final da década de 1940[490], além da já iterada presença de Monsenhor Helder Câmara, que agora participava como bispo auxiliar do Rio de Janeiro e assistente nacional da Ação Católica, o certame contou com a participação de João Gonçalves de Souza, representante do Brasil na FAO e de Ângela Neves, presidente nacional da JAC. Nesta, como em outras semanas ruralistas, objetivando "atingir e sensibilizar o maior número possível de pessoas da comunidade", foram realizadas reuniões com agricultores e também com jovens e mulheres, "sempre de acordo com os problemas e interesses da região"[491]. Reunindo-se com os jovens jacistas da diocese, Ângela Neves deu início a um programa de conhecimento das diferentes experiências de JAC que começava a surgir no Brasil, sobretudo no Nordeste[492]. No final do certame foram votadas as "conclusões" e indicada como resolução a realização na Província Eclesiástica do Rio Grande do Norte, da primeira semana jacista do país, uma vez que cabia à JAC, na visão dos semanistas de Caicó, uma "grande responsabilidade neste movimento ruralista que empolga o Rio Grande do Norte"[493].

Realizada ainda em dezembro de 1952, no centro de treinamento de Ponta Negra, com a participação de representantes da Arquidiocese de Natal, Caicó, Mossoró e Limoeiro do

---

[487] Carta Pastoral dos Bispos do Rio Grande do Norte sobre o problema rural. **A Ordem**, Natal/RN, 2 de jun. 1951. p. 06.
[488] FERNANDES, Antônio Martins. Semana Rural de Pau dos Ferros. **A Ordem**, Natal/RN, 15 de out. 1951. p. 02.
[489] III Semana Rural do Rio Grande do Norte: de 8 a 12 de dezembro, na cidade de Caicó. **A Ordem**, Natal/RN, 12 de nov. 1952. p. 01.
[490] Consta do relatório da associação paroquial "Imaculada Conceição de Senhoras de Ação Católica", de Caicó, publicado pelo jornal "A Ordem", da Arquidiocese de Natal, a seguinte informação: "Para terminar o período de férias, registramos com satisfação o comparecimento ao convite amistoso das estagiárias de A.C. em Timbaúba, a 16 de Março [de 1947], afim de assistir a instalação da Liga Agrária Católica e Juventude Agrária Católica, contando a LAC com elementos bem disposto e preparados, ficando assim constituída a diretoria: presidente, Santina Araújo – secretaria, Bertina Araújo – tesoureira, Rita Araújo – circulista – Lutgardes Batista". Ação Católica Brasileira. Relatório da SAC – Caicó. **A Ordem**, Natal/RN, 06 de dez. 1947. p. 04.
[491] LUCCHETTI, Ângela Neves [et. al.]. 1 ed. **História e organização de jovens camponeses cristãos**: 1947-1972. Rio de Janeiro: Abrace um aluno escritor, 2012. p. 23.
[492] Idem, p. 23-24.
[493] GUERRA, Otto. Conclusões da Semana Rural. **A Ordem**, Natal/RN, 20 de dez. 1952. p. 01.

Norte (CE), a Primeira Semana Jacista do Brasil, contou com a presença de 35 jovens oriundos de doze Paróquias do Estado, entre as quais, Acari, Currais Novos, Caicó, Parelhas, Santa Cruz e São Paulo do Potengi, sendo 29 moças e 6 rapazes, o que ilustra a predominância da JACF no meio rural potiguar. Representando a JAC de Limoeiro, estiveram presentes o padre José Freire Falcão, na época assistente diocesano do movimento, e que depois se tornaria cardeal-arcebispo de Brasília, e a professora Odete Castelo Branco, diretora da Escola Normal Rural do município.

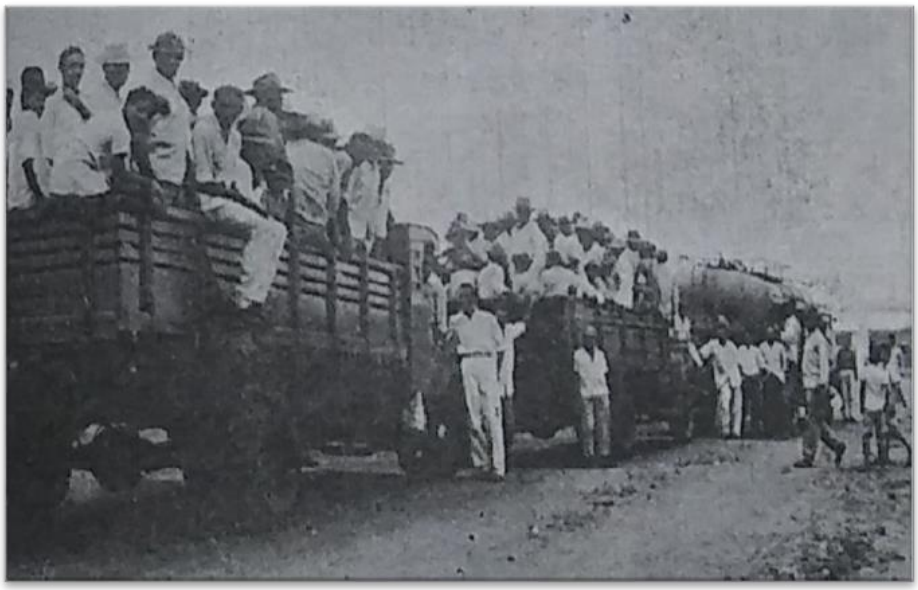


Figura 19. Aspecto de Semana Ruralista realizada no Rio Grande do Norte na década de 1950.
Fonte: JOSÉ MARINS, 1965.

Visando preparar elementos para uma maior difusão da ACR no meio agrário norte-rio-grandense, a 1ª Semana Jacista do Estado abordou temas como "o líder, o militante, o desenvolvimento jacista e a espiritualidade da Juventude Agrária", incluindo em sua programação, além de debates, aulas práticas, círculos de estudos e assembleias gerais com os representantes das paróquias e dirigentes locais, atividades religiosas e também recreativas. Entre os expositores da semana estavam Monsenhor Alzir Vilar, o cônego Eugênio Sales, padre Nivaldo Monte e Ângela Neves, do Secretariado Nacional da Ação Católica[494].

Em poucos anos o movimento jacista atingiu todo o território do Rio Grade do Norte, graças ao apoio dos bispos diocesanos do Estado, e de Dom Eugênio Sales, em Natal, como bispo auxiliar, alcançando ainda os Estados da Paraíba, Pernambuco e Ceará, onde também ocorreram semanas ruralistas, nos princípios dos anos 1950[495]. Ainda na condição de

[494] PRIMEIRA Semana Jacista alcançou pleno êxito. Encerramento ontem em Ponta Negra. **A Ordem**, Natal/RN, 22 de dez. 1952. p. 01.
[495] LUCCHETTI, Ângela Neves [et. al.], *op. cit*., 32-35.

simples padre, Dom Eugênio Sales havia iniciado com outros sacerdotes um trabalho pastoral e de melhoria das condições humanas da população periférica de Natal, do qual se originaria o SAR, abrangendo, posteriormente, toda a arquidiocese[496]. Ao lado do SAR, a JAC se tornaria um elemento muito importante no trabalho de renovação pastoral e de promoção humana no espaço potiguar, colaborando também com a hierarquia na tarefa de "renovação paroquial" nas comunidades rurais paroquianas.

Em Cruzeta, paróquia pertencente à diocese de Caicó (RN), a JAC faria sua incursão somente no final da década de 1950, como desdobramento desse amplo movimento de renovação eclesial vivido pela Igreja no Nordeste, e de modo especial, no Rio Grande do Norte.

2.4. O movimento de jovens cristãos cruzetenses e o "problema" do registro documental para a história local

A história da JAC em território cruzetense é ainda muito pouco estudada e conhecida e os únicos escritos que se tem a respeito trata-se de um pequeno texto lacônico com a extensão de duas páginas, incluído numa publicação de cunho mais "memorialístico", com o título de "Juventude Agrária Católica (JAC): um movimento idealista", de autoria de Alexandrina Campos e da professora Ione Morais[497].

Durante mais de cinco décadas o movimento jacista esteve associado estritamente à memória daquela que parece ter sido sua maior realização em solo cruzetense, ao se constituir na única ou quase única via de transmissão por onde esse se fazia lembrado: a "Festa da Colheita do Município de Cruzeta", uma celebração de cunho sociorreligiosa comemorada ainda hoje na comunidade e incorporada ao calendário sociocultural e religioso do município[498]. Isso me parece ser certo, e mais ainda se considerarmos para efeito de silogismo apenas os documentos impressos publicados, porque, a despeito das escassas fontes bibliográficas que fazem menção diretamente ao movimento, é sempre em alusão ao passado "memorável" da festa que a JAC aparece no registro bibliográfico local.

---

[496] Idem, p. 32-33.

[497] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta:** retalhos de sua história. s.l.: Gráfica Fernandes, 2011. p.26-27.

[498] Tradicionalmente, a cada ano, a festa da colheita ou do agricultor é celebrada no município de Cruzeta/ RN. Apesar de não possuir uma data fixa rígida, nos últimos anos, essa celebração vem ocorrendo com maior frequência no mês de julho, coincidindo com a época da colheita e do ciclo agrícola na região. Em 2010, por ocasião da comemoração de seu cinquentenário de fundação na cidade, os cruzetenses a festejaram com uma programação especial, incluindo a escolha da Rainha cinquentenária da festa.

A contar da primeira edição do pequeno volume da professora Terezinha Medeiros Goes, datada de 1971, onde a autora se restringe a registrar a participação do movimento local na fundação e organização da "Festa da Colheita" e a constar sua ocorrência passada dentre as associações paroquianas[499], talvez as referências bibliográficas mais antigas que se tem conhecimento sobre a organização dos jovens rurais cristãos cruzetenses[500], até a publicação do livro "Fatos pitorescos de Cruzeta", do historiador Walclei de Araújo Azevedo, em que a memória da JAC surge ainda imbricada com a recordação da festa, mas matizada pela "crônica humorística"[501], esse balanço não parece ter sofrido mudanças substanciais.

De resto, seria necessário a revelação do relato de Campos e Morais já mencionado aqui anteriormente – o escrito consta na obra "Cruzeta, retalhos de sua História" lançado pelas autoras em 2011, quase cinco décadas depois da desativação do grupo local –, para que a JAC se revestisse de uma trajetória própria desvinculada da memória da festa. É verdade, como pude verificar recentemente, que mesmo antes da referida publicação, a JAC já tinha sido alvo de interesse acadêmico por parte de outros pesquisadores locais, como o caso do estudo desenvolvido por Marluce Rodrigues de Almeida, no âmbito da graduação em Pedagogia do Centro de Ensino Superior do Seridó, apesar da pouca ênfase dada pela autora ao movimento.

Ainda que esse estudo não possua o mesmo peso de importância para a construção da memória histórica da organização, se comparado ao trabalho das autoras supracitadas – o fato de permanecer restrito a esfera do mundo acadêmico tem dificultado o acesso de leitores não universitários ao seu conteúdo –, a pesquisa traz novos subsídios à história da JAC em solo cruzetense ao abordar a contribuição dos jovens jacistas para a promoção dos quadros educacionais do município nos anos 1960, a partir do marco de criação da escola cenecista de 2º grau, a qual muito contribuíram para sua implantação na localidade[502].

Estabelecida em Cruzeta desde pelo menos finais dos anos 1950 como leva a deduzir alguns apontamentos paroquiais que constam no primeiro Livro de Tombo da Paróquia

---

[499] Cf. GOES, Terezinha de Medeiros. **Noções de História e Geografia do município de Cruzeta**. Recife/PE: Companhia Editora de Pernambuco, 1971. p. 72; 74-75.

[500] Em 2017, uma nova edição mais ampliada do volume seria lançada pela autora, sem, contudo, apresentar informações adicionais sobre a organização de jovens rurais cristãos da paróquia.

[501] AZEVEDO, Walclei de Araújo. **Fatos pitorescos de Cruzeta**. Natal/RN: Ed. do Autor, 2009. Cf. principalmente as crônicas "As astúcias de Didi Cardoso" (p. 29-30) e "Festa da Colheita" (p. 127-28) do autor. Por crônica humorística, compreendo o relato objetivo de acontecimento dentro de sua sequência de tempo (ano, anais ou ânua), constituindo assim um gênero histórico, que apela para o humor como forma de entreter o leitor. Cf. MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1988. p.131-133.

[502] ALMEIDA, Marluce Rodrigues dos Santos. **A história da CNEC**: sua importância para a educação de Cruzeta. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2001. Ver do estudo especialmente o tópico "O nascimento da CNEC: concretização do ideal de um grupo de jovens cruzetenses" (p. 24-29).

de Nossa Senhora dos Remédios e alguns relatos orais de antigos membros do movimento, a data de fundação ou de início das atividades da JAC em território cruzetense não é documentalmente precisa.

A documentação que pôde ser coligida para análise nos coloca diante de um movimento de "jovens camponeses cristãos" – o termo é controverso e embora surja na historiografia, ele se abre para uma delongada discussão– cujos membros não tinham a preocupação em documentar por escrito os assuntos tratados em pauta nas reuniões ou de fazer o registro de suas atividades cotidianas e das ações realizadas na comunidade.

Em um depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, uma ex-integrante do grupo, que em sua juventude chegou a assumir a função de "dirigente diocesana" do movimento, essa mesma constatação é apresentada. De acordo com a depoente, o motivo para tal desinteresse entre os jovens jacistas estava na falta de orientação recebida de seus "superiores" paroquianos, que não davam tanta importância ao trabalho de registro das ações da organização na paróquia, nem se punha isso como exigência ao funcionamento regular do grupo, de modo que não se desenvolveu o hábito de se redigirem atas de reuniões ou relatórios de atividades, nem de se produzir qualquer outro documento de cunho mais administrativo ou de interesse particular da coletividade.

Os poucos documentos produzidos, como os planejamentos e roteiros de atividades utilizados como guias práticos nas "ações de meio" – entre os membros do movimento estas tarefas eram geralmente elaboradas e esquematizadas mentalmente e depois discutidas em comum – não costumavam receber nenhum cuidado especial no sentido da conservação, seja pela pouca importância dada a esses documentos, seja pela ausência de uma consciência de sua utilidade futura (valor histórico) para a construção da memória social do grupo. Por esse motivo, logo que perdiam sua utilidade imediata, estes escritos eram em seguida descartados. Em seu depoimento, Alexandrina Campos diz ainda não saber que destino teria levado o acervo composto de boletins informativos e outras correspondências que o núcleo paroquial da JAC recebia regularmente do Secretariado Nacional da organização localizado no Rio de Janeiro. Ela supõe que com a decadência do movimento local e a dispersão de seus membros esse material também tenha se perdido[503]. O que se sabe seguramente é que essa documentação não se encontra sob a guarda da Secretaria Paroquial de Cruzeta, como pude constatar pessoalmente durante a fase de coleta de dados para esta pesquisa, circunstância esta que vem reforçar a opinião levantada acima pela depoente.

[503] Informação retirada do depoimento concedido pela Sra. Alexandrina de Oliveira Campos, 80 anos, no dia 04 de maio de 2018.

Isso explica a escassa produção documental produzida pela organização ao longo dos quase dez anos de vigência na paróquia de Cruzeta, restando apenas para seus futuros estudiosos os parcos apontamentos paroquiais (poucas linhas redigidas de próprio punho pelo vigário paroquial em Livro Tombo da Paróquia) e aqueles documentos sob a posse de seus antigos membros (como velhas fotografias guardadas de momentos especiais, relatos e anotações do próprio punho ou batidos à máquina para ser lido em público, pequenos escorços de discursos, um livrinho de cânticos especiais e um opúsculo contendo o programa anual da JAC para o ano 1959-60), além dos vestígios que se venha a encontrar numa localidade e outra ou os dados que se possam recuperar dos relatos orais e memorialísticos mencionados, estes de muito valor para o trabalho de reconstituição histórica do movimento no município. Além disso, nas poucas vezes que a JAC é mencionada nos apontamentos paroquiais – o "Primeiro Livro de Tombo" é o único documento eclesiástico em posse da Paróquia de Cruzeta que faz menção direta ao movimento na localidade – ela é referida de modo sobrestado, desaparecendo quase completamente dos registros eclesiásticos no período ulterior a 1964.

Esse quase vazio documental encontrado nos registros tombo da Paróquia pode ser explicado por alguns motivos. O primeiro leva em consideração a natureza formal e utilitária do documento. O Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa define a palavra tombar como "fazer o tombo de, inventariar, arrolar, registrar"[504]. Portanto, Livro Tombo é o mesmo que livro de registro, porém com algumas especificidades. Escrito em forma cronológica e em punho no estilo de redação de cada pároco, o Livro Tombo é um livro tipicamente canônico-eclesial, onde são lançados os acontecimentos de significado histórico, como o decreto de criação ou desmembramento de novas paróquias, os atos e fatos mais importantes e os procedimentos administrativos de maior relevância. Ele não se confunde com uma Ata de assunto econômico e de acontecimento diário da paróquia, o que justifica o fato das ocorrências mais ordinárias e cotidianas relativas à vida das organizações paroquianas estarem ausentes de seus dados. Além disso, cada pároco ou administrador paroquial é responsável de manter atualizado o fluxo contínuo de suas informações que tende a se alterar com o egresso ou a provisão de um novo vigário na paróquia. Assim, um administrador mais atento, meticuloso e envolvido com as atividades e assuntos de interesse de sua freguesia tenderá a conferir uma maior importância à manutenção desses dados.

É curioso que durante a fase exploratória da pesquisa se tenha constatado uma total omissão dos episódios de fundação e declínio da JAC em Cruzeta nos registros do clero, fatos

[504] PÂNDU, Pandiá. **Dicionário brasileiro da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Fase, 1981. vol. IV. p. 468.

estes que seriam por si só de significado relevante para a vida comunitária paroquiana, ainda mais em se tratando de um movimento de jovens que desempenhou uma forte atuação na comunidade nos anos 1960, deixando inclusive marcas perenes em alguns acontecimentos de caráter coletivo, como a "Festa da Colheita" ainda hoje celebrada.

Talvez, uma razão para essa ausência esteja tanto em questões propriamente históricas quanto conjugadamente pessoais. Se os registros paroquiais são silenciosos quanto aos rumos que teria tomado a JAC no decorrer da década de 1960 em Cruzeta, as memórias orais de seus antigos membros situam a repercussão negativa que a repressão política pós golpe de 1964 exerceu sobre o movimento regional sinalizando o início do declínio das atividades da organização na paróquia.

De fato, a repressão política que se abateu sobre os movimentos de Ação Católica no Brasil, dentre os quais a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), estudados por Scott Mainwaring (1983) e José Oscar Beozzo (1984), respectivamente[505], acabaria selando de forma paulatina e definitiva o destino traçado do grupo no município, de sorte que em seus últimos anos as atividades da equipe jacista já se encontravam bastante enfraquecidas na comunidade, repercutindo negativamente nos próprios registros do clero. Soma-se a isso o desligamento do padre Ernesto da Silva Espínola, em dezembro de 1964, da Paróquia de Cruzeta, que também acabou concorrendo para essa situação descensional do movimento, implicando desfavoravelmente na prática do registro documental, já que este tinha em sua presença chegada e dirigente um assistente eclesiástico muito atento, entusiasmado e dinâmico. Somente em janeiro de 1966 ele voltaria a assumir a administração da Paróquia e, mesmo assim, por um curto período de tempo. Por esse período a JAC já se encontrava em sua fase aguda de decadência em solo cruzetense.

De qualquer forma e apesar das lacunas deixadas por essa documentação, os rastos deixados pelas referências ao movimento nos registros do clero se revelam de muita importância para essa pesquisa, já que nos possibilita estabelecer o entrecruzamento de informações para a compreensão dos mais diversos aspectos da organização. Nesse sentido, os registros tombo paroquiais possibilitam conhecer mais que o "rosto" dos que conformaram o movimento local no horizonte da freguesia ou da paróquia, mas também e especialmente as "artérias" por onde pulsaram suas energias vitais, embora sejam pouco sintomáticas quando se tratam de revelar o olhar e as sensibilidades tácitas dos jovens sobre o próprio movimento que lideraram.

---

[505] Cf. BEOZZO, José Oscar. **Cristãos na Universidade e na política**: História da JUC e da AP. Petrópolis: Vozes, 1984 e MAINWARING, S. **A JOC e o surgimento da Igreja nas bases (1959-1970)**. Petrópolis: Vozes, 1983.

A despeito dos conteúdos substanciais encontrados nos registros de tombo paroquiais, interessa especialmente os apontamentos clericais constituídos de relatos "objetivos" assinalando fatos e eventos marcantes ocorridos na comunidade, como visitas pastorais, encontros eclesiais e celebrações festivas, que também fazem menção direta ao movimento de "jovens camponeses cristãos".

Uma impressão que se sente ao se lançar um primeiro olhar sobre a JAC nessas fontes é a de que se trata de uma associação de igreja sem ampla atuação ou com uma dinâmica fechada. Longe disso! Uma das particularidades assumidas pelo movimento em Cruzeta que a diferenciava das outras organizações do laicato paroquial, era a de se constituir em um "organismo" não estruturado em formato de associação ou congregação leiga com finalidades piedosas, assistenciais ou caritativas, que na época se constituía a maior parte das organizações religiosas existentes na comunidade. Diferentemente dessas associações pias surgidas dos quadros tradicionais do laicato católico, a JAC se esmerava por manter uma postura mais ativa junto aos setores específicos da comunidade, agindo com uma dinâmica própria e operando com métodos específicos orientados, fruto já de um catolicismo renovado e em processo de renovação e de uma igreja docente reformista e aberta a novas formas de relação com o mundo[506].

A primeira menção que essa documentação faz a Juventude Agrária Católica cruzetense é datada do início dos anos 1960 e surge em meio ao relato de uma visita pastoral realizada pelo então bispo diocesano de Caicó, D. Manuel Tavares de Araújo, a paróquia de Cruzeta, na ocasião da qual realizou-se na zona rural do município uma "desobriga"[507] assistida pela equipe feminina da JAC[508]. Portanto, em um momento em que o movimento de jovens rurais católicos já se encontrava estabelecido na comunidade. As demais referências a organização aparecem no interior de outras descrições que relatam eventos de algum significado para a comunidade paroquiana, sem, contudo, chegar a se constituir no objeto central da narrativa. A única exceção a isso trata-se do relato que narra o "Encontro Paroquial da JAC" ocorrido em Cruzeta no ano de 1961, deixado pelo Padre Ernesto da Silva Espínola, então vigário paroquial na freguesia e figura de proa do movimento jacista local e diocesano.

---

[506] Sobre a ideia de catolicismo renovado e de Igreja reformista cf. MAINWARING, Scott. A Igreja reformista, 1955-1964. In. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

[507] Diz-se do cumprimento do preceito da Igreja no período da Páscoa (no Brasil entre o domingo da Septuagésima, até o dia 16 de julho, dia de Nossa Senhora do Carmo). Cf. MAIA, Antônio. **Pequeno dicionário católico**. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1966. p. 67.

[508] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993).** Cruzeta-RN. p. 39-40.

Datam, portanto, do primeiro paroquiato desse presbítero à frente da Paróquia de Cruzeta, os documentos eclesiásticos mais antigos que se tem acesso e conhecimento na localidade e que fazem alusão ao movimento de jovens rurais cristãos cruzetenses, estes em sua totalidade legados do próprio punho do referido clérigo. Curiosamente, também nos chega da pena do mencionado presbítero já em posse de seu terceiro paroquiato, a primeira referência ao movimento jacista após o grupo ingressar em seu período de inatividade na paróquia[509].

Esse quase vazio documental deixado pelo movimento jacista cruzetense não parece ter sido uma realidade apenas local. De fato, ele reflete uma outra realidade presente no domínio da historiografia brasileira no que tange ao assunto: muito escassa é ainda a produção historiográfica que trata do movimento de jovens rurais cristãos tanto em nível local quanto nacional, diferentemente de outros movimentos de Ação Católica, como a JOC e a JUC, especialmente, cuja participação no cenário sociopolítico e religioso brasileiro mereceu maiores atenções por parte de especialistas e historiadores. Essa quase invisibilidade dada a JAC na historiografia nacional parece estar associada a uma outra questão que convém explicitar aqui. Seu pouco destaque está associado a menor importância que o espaço geográfico de atuação do movimento, ou seja, a paróquia rural, ocupa nos processos históricos mais recentes do país, já que a história brasileira, como certa vez revelou José de Souza Martins com certa atualidade, ainda é uma história urbana[510]. Daí a reserva com o qual foi tratado, em comparação aqueles outros movimentos de juventude, não-paroquiais, de atuação destacadamente urbana.

Um outro motivo que explica a pouca relevância dada ao movimento de jovens camponeses cristãos nos estudos históricos brasileiros, se encontra na ideia bastante difundida, sobretudo nas pesquisas sociológicas, de que o fenômeno juvenil é algo notadamente urbano, sendo a juventude rural um fato muito recente e pouco significativo, já que nas regiões rurais as relações sociais se apresentam bastante diversas se comparadas às urbanas, não havendo a valorização dos períodos intermediários entre as fases infantil e adulta, o que faz da juventude nessas áreas um fenômeno peculiar que precisaria ser mais estudado, como observou Afrânio Catani e Renato Giliolli[511]. Com efeito, até pelo menos meados dos anos 1960, como revelou os jovens jacistas reunidos em Itaparica, Salvador (BA), em maio de 1965, a JAC permaneceu

---

[509] A referência à JAC consta em registro que relata os efeitos da "13ª Festa da Colheita" e da celebração da "Páscoa dos Trabalhadores Rurais" realizada na paróquia de Cruzeta em julho de 1976. Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993).** Cruzeta-RN. p. 82-83.

[510] MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 26-27.

[511] CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

como o único movimento de juventude rural do Brasil[512], o que revela a sua recente irrupção como fenômeno histórico no país. Esse capítulo, embora não tenha a pretensão de fazer um apanhado geral do movimento, buscará sempre que for possível estabelecer conexões entre os fatos que marcaram a trajetória dos jovens rurais cristãos cruzetenses e aqueles que balizaram o curso da organização num plano mais regional e nacional. Para isso, foram de significativa importância os estudos descerrados por outros pesquisadores.

É verdade, como pude constatar, que nos últimos anos alguns pesquisadores renderam esforços na tentativa de escrever uma história nacional do movimento como foi o caso do trabalho organizado pela ex-militante da JAC, Ângela Neves Luchetti com a participação de outros militantes jacistas, intitulado "História e organização de jovens camponeses cristãos: 1947-1972" (2012), ainda muito pouco conhecido pelos historiadores, o qual serviu de importante fonte de informação para esta pesquisa[513].

Significativo, também, é a monografia de Rogério Chaves da Silva (2017) que trata da trajetória da Juventude Agrária Católica no município de Alagoa Grande (PB), produzida no âmbito da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sinalizando o interesse por parte dos "historiadores de profissão" pelo tema[514]. Esses trabalhos, embora apresentem a questão sob o enfoque particular da trajetória histórica do movimento, desvinculando-o de um plano mais amplo de renovação paroquial, coisa que busco desenvolver no presente estudo, são importantes na tarefa de dar maior visibilidade ao movimento, surgindo num período em que se observa uma ascensão do protagonismo juvenil na esfera social e política no Brasil, tanto no campo como na cidade[515].

Eles são ainda importantes, porque lançam luzes sobre a atuação de "jovens camponeses cristãos" em regiões diferentes do país, contribuindo para a construção da memória histórica do movimento também em nível mais local, como é o caso do município de Cruzeta (RN), onde a organização juvenil se desenvolveu já tardiamente, se comparado a outras paróquias da região, aí se inserindo no contexto de maior desenvolvimento e declínio do movimento em plano regional e nacional[516].

---

[512] IV CONSELHO NACIONAL DA JAC/F. **Informe Moral da JAC/F do Brasil – 1965**. Itaparica-Salvador-Bahia, 6 a 25 de maio de 1965. p. 09-10.

[513] LUCCHETTI, Ângela Neves. [et. al.]. 1 ed. **História e organização de jovens camponeses cristãos**: 1947-1972. Rio de Janeiro: Abrace um aluno escritor, 2012.

[514] SILVA, Rogério Chaves da. A Juventude Agrária Católica, surgimento, organização, expansão e declínio. In. **A Juventude Agrária Católica em Alagoa Grande-PB (1954-1964)**. 50 fls. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017.

[515] Cf. GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, Salvador, vol.31, n.82, p.117-133, jan./abr. 2018.

[516] Além das referências bibliográficas mencionadas, um estudo interessante, embora bastante conciso, é a publicação intitulada "Da JAC à PJR", que reúne entrevistas com Raimundo Caramuru Barros e Pe. João Bosco

Muito oportuna é também a constatação da inexistência de um estudo mais detalhado sobre a atuação da JAC em território seridoense, uma vez que já se sabe ter sido nessa região do país onde primeiramente o movimento abrolhou[517]. Esta pesquisa, mesmo não tendo a pretensão de estudar o movimento numa perspectiva regional ou diocesana, vem em grande medida preencher o vazio historiográfico deixado por essa ausência, já que o movimento de Cruzeta não se restringiu apenas a dimensão local do município, como se verá. Um estudo nessa perspectiva, além de fornecer rudimentos gerais para o entendimento da ação da JAC na região, proporcionaria um mergulho nas raízes históricas do movimento no Brasil, abrindo novas possibilidades de interpretação sobre essa organização no país.

Urge ainda apresentar a importância que o acervo documental da JAC do Brasil, hoje sob a custódia do arquivo histórico da Arquidiocese de Natal, possui para o estudo e pesquisa sobre o movimento em nível nacional. Passando a integrar o acervo histórico arquidiocesano desde 2015, o fundo documental da JAC do Brasil consta de documentos, como o estatuto e regulamentos da organização, boletins informativos, relatórios anuais e programas do movimento, além de planos de ação e exemplares do Jornal "Correio Rural", uma publicação em edição mensal, editada e distribuída pela Secretaria Nacional da JAC, sediada no Rio de Janeiro. Essa documentação, embora já esteja disponível para consulta e pesquisa, tem sido muito pouco explorada pelos estudiosos, sendo ainda, em grande medida, ignorada pelos historiadores. Apesar de conter dados mais gerais acerca do movimento nacional, essas fontes possibilitam um olhar mais crítico e acurado sobre os diversos movimentos locais, à medida que favorecem uma interpretação mais contextual desses coletivos juvenis de base.

No tocante ao movimento jacista cruzetense, esse acervo tem sido de muita importância para o seu estudo e compreensão, já que também favorece a abordagem comparativa com a experiência regional e nacional do movimento. Embora reconheça a particularidade local dessa experiência, procurarei sempre quando for possível estabelecer as conexões históricas com outras dimensões territoriais do movimento, buscando proporcionar com isso uma interpretação mais estrita de sua manifestação local.

Schio, ex-assistentes nacionais e latino-americanos da JAC. Cf. **Da JAC à PJR**: entrevista com Schio e Caramuru assistentes nacionais e latino-americanos da JAC. 1 ed. São Paulo: CCJ, 1991.

[517] Ver estudo de LUCCHETTI, *op. cit*., p. 21-24. Ver também PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL – (PJR) BRASIL. **Breve história da PJR**. Disponível em: <https://pjrbrasil.files.wordpress.com/2017/03/historia-pjr-30-anos.pdf>. Acesso em 28 jul. 2019.

CAPÍTULO 3.

JUVENTUDE E FÉ: O MOVIMENTO JUVENIL CRUZETENSE SOB A TUTELA DA PARÓQUIA

Reza e trabalha
Nutre e agasalha
A terra e o céu.

Se a JAC lavra,
Nova missão,
Lança a palavra
Da salvação.
Jacista em prece,
Semeador,
Prepara a mesa
Do salvador.

(Hino da Juventude Agrária Católica – JAC).

3.1. Juventude Agrária Católica: despontar, organização, expansão e declínio em Cruzeta

Em 1958, quando o padre Ernesto chegava a florescente comunidade de Cruzeta para dar início a seu ministério pastoral, a JAC enquanto organização de jovens camponeses cristãos no meio rural brasileiro, começava a entrar em sua fase aguda de expansão e maior funcionamento no país, deixando para trás suas modestas origens embrionárias. Por essa época, uma década já havia se passado desde que o movimento de juventude tinha sido implantado em solo seridoense por Dom José de Medeiros Delgado (1905-1988), primeiro bispo diocesano de Caicó, como parte integrante de um plano de renovação pastoral desenvolvido em sua Diocese, onde o homem era visto como sujeito de seu próprio desenvolvimento[518]. Ali, motivados pela nova visão de Igreja em que a JAC era entendida como um movimento capaz de educar e promover a juventude rural e tendo como suporte os princípios da Doutrina Social da Igreja, vieram a se

[518] LUCCHETTI, Ângela Neves. [et. al.]. 1 ed. **História e organização de jovens camponeses cristãos**: 1947-1972. Rio de Janeiro: Abrace um aluno escritor, 2012. p. 21.

formar, em 1947, os primeiros grupos de base ou secções jacistas do Brasil, sendo a secção de Timbaúba[519] a primeira a se organizar no país[520].

Tomando como base o modelo de Ação Católica italiana, mais clerical e de maior difusão na época, Dom Delgado procurou organizar a ACR em sua diocese dentro dos quatro ramos fundamentais: homens, mulheres, rapazes e moças, sendo os primeiros grupos de JAC no Seridó apenas femininos e voltados a realização de um trabalho de cunho mais religioso, embora não estivesse ausente a dimensão social[521]. Somente a partir de 1950, quando a hierarquia eclesiástica institui a Ação Católica Especializada no Brasil, com base no modelo belga-francês voltado a formação de grupos e militantes representativos por categorias sociais, é que a JAC passaria a ser organizada como segmento especializado para o meio agrário, com o objetivo de difundir os ensinamentos da Igreja Católica nas zonas rurais[522]. Esse modelo de ACB introduzido no Brasil em substituição ao modelo italiano, seria aquele implantado pelo padre Ernesto em Cruzeta no início de seu ministério paroquial na comunidade.

Do primeiro impulso dado por Dom Delgado em solo seridoense, o movimento se expandiu para outras localidades da região e aos poucos foram se organizando secções jacistas em São Fernando, São João do Sabugi, Cerro Corá, Carnaúba dos Dantas, Jardim do Seridó e Lagoa Nova, atingindo inicialmente filhos de pequenos agricultores e jovens dos povoados e das pequenas cidades da região[523]. Segundo Ângela Lucchetti, nessa fase inicial, a JAC do Seridó viveu sua experiência de forma isolada, pois ainda não existia uma coordenação nem a

---

[519] Fundado povoado de Caicó em 1929 com a construção da Capela de São Severino Mártir, Timbaúba passou à distrito em 1958, sendo elevada à categoria de Município em 10 de maio de 1962 pela lei estadual nº 2.774, com a denominação de "Timbaúba dos Batistas". MORAIS, Ione Diniz Rodrigues. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. Caicó, RN: Ed. Do autor, 2005. p.232-233.

[520] LUCCHETTI, Ângela Neves, *op. cit.*, p. 21. Segundo Rogério da Silva, em seus primeiros anos, a secção de Timbaúba, era dirigida pela professora rural Beatriz Torres de Araújo e por Yara Rocha Diniz que a convite de Dom Delgado se tornou a primeira dirigente diocesana. Nessa época, Yara, que já pertencia a movimento de Ação Católica, assumiu a coordenação diocesana da Juventude Agrária Católica Feminina (JACF), vindo muito a contribuir para a organização das primeiras jovens que passaram a integrar os grupos de base jacistas femininos em várias paróquias da Diocese. Cf. SILVA, Rogério Chaves da. A Juventude Agrária Católica, surgimento, organização, expansão e declínio. In. **A Juventude Agrária Católica em Alagoa Grande-PB (1954-1964)**. 50 fls. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017. p. 26.

[521] Cf. BARROS, Raimundo Caramuru. A Juventude Agrária Católica: de suas origens até 1964. In. **Da JAC à PJ.** ed. 1. São Paulo: CCJ, 1991. p. 5. De acordo com Ângela Lucchetti (*op. cit.*, p.21.) a primeira secção masculina da JAC só veio a se organizar no início da década de 1950, em Lagoa Nova, capela pertencente a paróquia de Caicó, graças ao trabalho do padre João Penha Filho.

[522] LUCCHETTI, *op. cit.*, p. 18-19. Segundo Raimundo Caramuru Barros, é a partir de 1950 que o episcopado brasileiro passa a assumir definitivamente os movimentos especializados (JOC, JEC, JUC e JAC), que haviam sido introduzidos ao longo dos anos 40, como Ação Católica, sob o ordenado da hierarquia. BARROS, Raimundo Caramuru. A Juventude Agrária Católica: de suas origens até 1964. In. **Da JAC à PJ.** ed. 1. São Paulo: CCJ, 1991. p. 9.

[523] Os dados foram retirados do estudo realizado por Ângela Lucchetti (2012), os quais não levam em consideração os termos de emancipação política dessas localidades. Cf. LUCCHETTI, Ângela Neves. [et. al.]. 1 ed. **História e organização de jovens camponeses cristãos**: 1947-1972. Rio de Janeiro: Abrace um aluno escritor, 2012. p. 21-22.

nível estadual nem nacional[524]. Em Cruzeta, entretanto, os jovens só viriam a se organizar depois de mais de uma década de experiência jacista em solo seridoense, e assim mesmo, já em uma nova fase de desempenho do movimento na região, agora funcionando com uma articulação cada vez mais forte a nível nacional, com programa de reuniões mensais, encontros e publicações especializadas, a exemplo do "Correio Rural", um jornal publicado em edição mensal pelo Secretariado da JAC no Rio de Janeiro, que chegava às secções de base mais distantes por meio de suas centrais diocesanas[525].

Não se sabe ao certo a que razões se devem tal retardamento, mas é provável que estas estejam relacionadas a questões principalmente clericais. De 1944 a 1957, com um curto interregno de apenas dois anos[526], a paróquia de Cruzeta esteve sob a administração eclesiástica do Cônego Ambrósio Silva (1900-1957), presbítero que deixou marcas profundas na memória social cruzetense pelo zelo administrativo e rigor disciplinar com que tratava e impunha a ordem entre os seus paroquianos[527].

De cariz autoritária e conservadora e temperamento intransigente bem ao estilo dos "padres romanizados" de seu tempo, padre Ambrósio, como era mais conhecido entre os seus fregueses, parecia não ser muito adepto da ideia de um laicato católico assumindo funções apostólicas que tradicionalmente haviam sido confiadas ao clero, motivo pelo qual, talvez, não chegou a implantar movimento de Ação Católica Especializada na paróquia[528]. Só no final dos anos 1950 e início dos anos 60, com a renovação pastoral iniciada e levada adiante pelo padre Ernesto Espínola na freguesia, é que os jovens viriam a se organizar, já às vésperas do Concílio Vaticano II.

Isso corrobora a constatação feita por João Bosco Schio de que a JAC, no início, onde veio a se estabelecer, foi fruto do trabalho isolado de paróquias e bispos de visão mais "progressistas"[529], entendimento que também parece ser compartilhado por José Nicolau de

---

[524] LUCCHETTI, *op. cit.*, p.23.

[525] BARROS, Raimundo Caramuru. A Juventude Agrária Católica: de suas origens até 1964. In. **Da JAC à PJ.** ed. 1. São Paulo: CCJ, 1991. p. 10-11.

[526]

[527] Cf. GUERRA FILHO, Adauto. Cônego Ambrósio Silva, o inolvidável. In. MEDEIROS, Bianor. **Cônego Ambrósio Silva – 40º Aniversário de Morte**. Paróquia de Acari-RN. Brasília: Gráfica e Editora Brasil, [s.d]. p. 46-49.

[528] Dele certa vez chegou a comentar um dos seus biógrafos em alusão a sua postura de sacerdote conservador: "a lei do vigário era duríssima, mas ele desejava, apenas, muita ordem no cumprimento dos deveres dos componentes das associações religiosas. "Nada de anarquia, tudo em seu lugar", dizia o manso, mas severo padre vigário". MEDEIROS, Bianor. **Cônego Ambrósio Silva – 40º Aniversário de Morte**. Paróquia de Acari-RN. Brasília: Gráfica e Editora Brasil, [s.d]. p. 16.

[529] SCHIO, João Bosco. História da Juventude Agrária Católica (JAC) do Brasil. In. **Da JAC à PJ.** ed. 1. São Paulo: CCJ, 1991. p. 21-22.

Souza[530]. Em muitas paróquias e comunidades rurais do país, "os adultos e alguns padres, ao verem os jovens se organizarem por conta [própria], se escandalizavam", o que demonstra o significado de "novidade" que esses movimentos juvenis adquiriam nessas localidades[531]. Nesses espaços cingidos pelo campo e marcados pelas distâncias e por um tipo de vida mais tradicional, onde também predominava o ministério apostolar de um clero mais conservador e reacionário as novas formas de comportamento jovem, os movimentos de juventude católica levaram mais tempo para fazer sua "entrada", sendo recebidos com duras críticas e provocando um profundo impacto, pois era algo completamente novo para seus moradores[532].

Ao mesmo tempo em que os primeiros grupos jacistas iam se firmando na diocese de Caicó, o padre Hélder Câmara, que era Assistente Geral da ACB, começava a se preocupar com a urgência de se iniciar um trabalho de Ação Católica no meio rural em nível nacional, passando a reunir forças e a promover encontros com o intuito de discutir os problemas do campo e promover a organização dos jovens rurais. Nesse ínterim, mereceu destaque a III Semana Nacional de Ação Católica realizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1948. Na ocasião, participaram vários agentes delegados de outros Estados envolvidos com a questão rural, dentre os quais o padre Eugênio Sales da Arquidiocese de Natal-RN, depois bispo auxiliar arquidiocesano e Ligia Barcelos, da LAC, movimento criado na diocese de Caicó-RN, onde pela primeira vez num evento nacional de Ação Católica se discutiu os problemas do meio agrário[533].

Ainda na primeira metade da década de 1950 é organizado no Rio de Janeiro, capital da República, o Secretariado nacional da JAC, com a finalidade de auxiliar as Dioceses e Paróquias na implantação do movimento nas diversas regiões do país e orientar na condução dos objetivos, mística e método de trabalho, dentro da identidade de grupo de ACE. As divisões regionais e estaduais da JAC foram surgindo à medida que o movimento foi se difundindo e se firmando pelos Estados brasileiros, chegando em 1958 a atingir 20 dioceses do país[534]. A região Nordeste assumiu o posto de vanguarda nesse processo, seguida pelo Sul do país, passando a

---

[530] Em estudo no qual se reporta ao trabalho desenvolvido pela Igreja Católica junto as comunidades rurais do Rio Grande do Norte no final da década de 1940 e inícios dos anos 1950, o autor tece o seguinte comentário: "além de Dom José Delgado, muito poucas pessoas no Brasil acreditavam na possibilidade de uma JAC com elementos representativos do próprio meio". SOUZA, José Nicolau de. **As lideranças comunitárias dos movimentos de educação popular em áreas rurais**: uma "questão" desvendada. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1988. p. 90-91.

[531] SCHIO, João Bosco, *op. cit*., p. 21.

[532] Idem

[533] SILVA, Rogério Chaves da. A Juventude Agrária Católica, surgimento, organização, expansão e declínio. In. **A Juventude Agrária Católica em Alagoa Grande-PB (1954-1964)**. 50 fls. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017. p. 27.

[534] BETIATO, Mário Antônio. **Da Ação Católica à Pastoral de Juventude**. Petrópolis: Vozes, 1985. p.38

sede da ‘regional’ a ser instalada na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco e importante centro econômico e cultural nordestino na época[535].

Figura 791. Dom José de Medeiros Delgado, precursor da JAC no Brasil.
Fonte: Cúria Diocesana de Caicó.

O que explica tal dinamismo, é o interesse por parte dos chamados “bispos nordestinos” por um trabalho de renovação pastoral e pela busca de soluções para os graves problemas do homem rural da região, uma vez que era no Nordeste brasileiro onde estes se faziam mais crônicos[536]. Dentre as ações dos prelados nordestinos, mereceu destaque o esforço pastoral empregado pelo bispo Dom Eugênio Sales no Rio Grande do Norte junto ao SAR da arquidiocese de Natal. Através do SAR, Dom Eugênio, que o ajudou a criar em 1949 ainda na condição de simples padre, passou a incentivar um trabalho de formação de cooperativas, sobretudo artesanais, e depois de escolas radiofônicas e de sindicalismo rural, no qual muitos

[535] De acordo com o “Informe Moral da JAC/F do Brasil” do ano de 1965, “de 1961 a 1962 foram criadas as regionais nordeste e sul, para se atender com mais eficiência e poder dar uma cobertura maior, visto que o movimento, nessa fase, assumia um papel importante nos diversos aspectos da vida do jovem”. Informe Moral da JAC/F do Brasil – 1965. **IV Conselho Nacional da JAC/F**. Itaparica-Salvador-Bahia, 6 a 25 de maio de 1965. p. 03.

[536] LUCCHETTI, Ângela Neves. [et. al.]. 1 ed. **História e organização de jovens camponeses cristãos**: 1947-1972. Rio de Janeiro: Abrace um aluno escritor, 2012. p. 32.

jovens jacistas estavam envolvidos[537], vindo, com o tempo, a instalar nas dependências físicas do referido departamento o escritório estadual da JAC. Se estendendo por todo território norte-rio-grandense e se alastrando para todo o Nordeste brasileiro, a experiência de trabalho social promovida pelo SAR, veio a se constituir num elemento muito importante no esforço de renovação pastoral e de promoção humana no meio rural potiguar, chegando a inspirar o trabalho e a organização de muitos grupos jacistas no interior do Estado.

Da secção de Lagoa Nova organizada pelo padre João Penha Filho (1926-2011) no início dos anos 1950, ainda sob o bispado de Dom Delgado em Caicó, partiria para Cruzeta, quase uma década depois, os primeiros impulsos inovadores da experiência local, agora insuflados pelos novos ventos trazidos pelo "Movimento de Natal", cuja orientação começava a apontar para o sindicalismo rural e a educação de base, numa perspectiva de mudança social[538]. No entanto, é necessário não sobrelevar a importância que teve esse Movimento de expressão nacional no surgimento e organização da JAC em Cruzeta, uma vez que sua repercussão local se deu principalmente por intermédio pessoal do padre Ernesto Espínola, o qual mantinha com o clero arquidiocesano, boas relações de afinidade, como observou uma ex-jacista cruzetense: "o padre Ernesto era muito bem relacionado com o clero do Estado; era uma pessoa muito atuante dentro da Igreja e tinha ligação com o pessoal do SAR. Isso motivou a organização da JAC em Cruzeta"[539].

Ao mesmo tempo em que o padre Ernesto começava seu trabalho de ação pastoral junto à comunidade de Cruzeta, tinha início no chão do Seridó o ministério apostolar de Dom Manuel Tavares de Araújo (1959-1978), terceiro bispo diocesano de Caicó, e um dos precursores do Movimento de Natal, ao lado de Dom Eugênio Sales, Dom Nivaldo Monte, Monsenhor Pedro Rebouças de Moura e Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros, vigário mentor da "Paróquia Piloto de São Paulo do Potengi"[540]. Este, procurando atuar de forma integrada com a nova concepção de Igreja em ascensão no Estado e no Nordeste, inicia um trabalho de renovação pastoral e de desenvolvimento humano, passando a apoiar e a implementar em sua diocese

---

[537] Cf. CRUZ, Dalcy da Silva. Igreja Católica no RN: participação política e social nos anos 1960. In. ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. (Org.). **Igreja e política no RN**: momentos de uma trajetória. Natal: Z Comunicações; Sebo Vermelho, 2000. P. 41-92.

[538] CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. História e Estrutura do Movimento de Natal. In. **Igreja e desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, Ed. Brasileira de Ciências, 1971. p. 65-74.

[539] Informação retirada do depoimento concedido pela senhora Jurandir Cardoso, 76 anos, no dia 12 de janeiro de 2019.

[540] Cf. COLLARD, Padre Alberto Eugênio. **O Nordeste na encruzilhada dos Caminhos M.E.B.R.A**. Bélgica: Dumanche, 1964. p. 82-83.

importantes ações de transformação social, dentre as quais, o projeto de educação das massas camponesas através do rádio[541].

Essa experiência de alfabetização e também de evangelização radiofônica, já vinha sendo desenvolvida pelo SAR de Natal desde 1958, sendo transformado, dois anos depois, no programa piloto do MEB (Movimento de Educação de Base)[542]. Por essa época, inicia ainda o apoio aos movimentos de apostolado jovem, os quais vinham declinando na Diocese, passando também a incentivar a criação e a expansão de grupos organizados em várias paróquias[543]. Ainda no início de seu episcopado, voltaria a atenção para o sindicalismo rural e a formação de líderes camponeses cristãos na região, procurando com o apoio dos párocos e dos movimentos paroquiais, coligir esforços em prol da luta dos trabalhadores do campo[544]. Isso tudo se daria em meio ao contexto mais amplo do debate político nacional travado entre líderes católicos, partidários e governamentais, em torno do modelo de reforma agrária a ser adotado e implementado no país[545].

No Seridó, as iniciativas motivadas pela Igreja na pessoa de Dom Tavares e incrementadas nas paróquias da Diocese pelo clero diocesano, em parceria com os órgãos e instituições públicas locais, além de visarem o desenvolvimento do homem campesino, numa perspectiva modernizadora da vida rural, também tencionavam manter afastadas de suas bases religiosas as influências "comunistas" em marcha no Estado e nas regiões vizinhas. Em maio de 1961, no fluir do debate sobre a "Questão Agrária" na região, o jornal "A Fôlha", editado pela diocese de Caicó, emitiria uma nota pela lavra do padre Balbino, chamando a atenção para o "cuidado com Julião" e a necessidade de prevenir as populações locais contra a "semente venenosa de sua revolução socialista e anticristã"[546].

---

[541] Rádio Rural de Caicó. **A Fôlha**, Caicó/RN, 5 de nov. 1960. p. 01.

[542] De acordo com Cândido Procópio Ferreira de Camargo, as primeiras escolas radiofônicas voltadas a educação de base surgiram ainda em 1958 na arquidiocese de Natal, mas só a partir de 1960 é que se transformam num movimento mais amplo de alcance nacional, o MEB – Movimento de Educação de Base. CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Igreja e desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, Ed. Brasileira de Ciências, 1971. p. 71.

[543] Essa constatação pode ser verificada num registro de tombo exarado pelo punho do padre Ernesto Espínola por ocasião do "Encontro Paroquial de JAC" realizado em Cruzeta, em 1961, no qual subtrai-se os seguintes termos: "Nos três últimos dias do encontro tomou parte, o Sr. Bispo, D. Manuel Tavares de Araújo, dando todo o seu apoio ao movimento que *começou a levantar-se na Diocese*". [Grifos nossos]. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944 – 1993).** Cruzeta-RN. p. 39-40.

[544] Essa posição pode ser conferida na edição do dia 6 de janeiro de 1961 do jornal "A Folha", no qual se encontra veiculada uma matéria expressando o interesse da Diocese em incentivar a criação de "Sindicatos Rurais" na região. Cf. Sindicatos Rurais. **A Fôlha**, Caicó/RN, 6 de jan. 1961. p. 01.

[545] Cf. MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **Reforma Agrária**: concepções, controvérsias e questões. Fórum Alternativas para a agricultura brasileira - Rede Interamericana Agricultura e Democracia (Cadernos Temáticos). Rio de janeiro: 1994. Ver também STEDILE, João Pedro (Org.). **A questão Agrária no Brasil**: programas de Reforma Agrária – 1946-2003. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

[546] BALBINO, Padre Antônio. Cuidado com Julião. **A Fôlha**, Caicó/RN, 13 de mai. 1961. p. 05.

Francisco Julião (1915-1999), era um advogado e político pernambucano alinhado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), e desde 1955 vinha liderando nos Estados de Pernambuco e Paraíba a criação de Ligas Camponesas, sociedades civis com o objetivo de lutar pela distribuição de terras e os direitos dos camponeses, sendo por isso chamado de "agitador" e "comunista" pelos que o combatiam[547]. No litoral potiguar, o PCB vinha intensificando sua atuação junto aos sindicatos dos trabalhadores urbanos de Natal, Areia Branca, Mossoró e Macau, demonstrando interesse em estender seu campo de influência sobre os milhares de camponeses que emigravam para a região das salinas à procura de trabalho nesse setor[548], e as Ligas Camponesas, através de agentes simpatizantes locais, já davam sinal de penetração acanhada no Estado, intentando competir com as ações da Igreja, a primazia das massas rurais[549]. É nesse clima de mobilização comunitária, em que a Igreja local se dirigi às massas rurais, buscando organizá-las e promove-las comunitariamente nas bases, visando também resguardá-las dos riscos políticos dos "agitadores" e de suas ideologias políticas, que nasce e se desenvolve em Cruzeta o movimento dos "jovens camponeses cristãos".

De acordo com os depoimentos de ex-integrantes, a JAC surgiu em Cruzeta em 1959 através da iniciativa do Padre Ernesto Espínola, quando este já estabelecido como vigário paroquial, passou a manifestar entre os jovens mais engajados na paróquia o desejo de organizar um "movimento de juventude" na comunidade[550]. Este tomando como base a experiência desenvolvida pela JAC em Lagoa Nova, Capela na época pertencente a paróquia de Currais Novos (RN), onde chegou a atuar como "vigário cooperador" no início de seu ministério sacerdotal[551], procurou inicialmente a senhorita Maria Nazareth de Azevedo com quem tratou pessoalmente da proposta de fundar um movimento de juventude católica na Paróquia, buscando contar com a adesão da jovem.

---

[547] PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. A fabricação de um revolucionário. **Dé pétalas e pedras**: a trajetória de Francisco Julião. 299 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. p. 24-64.

[548] Cf. SOUSA, Francisco Carlos Oliveira. O Sindicalismo no Rio Grande do Norte. In. **Das salinas ao Sindicato**: a trajetória da utopia salineira. Natal: CEFET/RN, 2007. p. 46-66. Sobre o movimento sindical no Rio Grande do Norte, ver também OLIVEIRA, Geraldo Sabino de. **História do sindicalismo no Rio Grande do Norte**. Natal: Clima, 1985.

[549] Política. **Diário de Natal**. Natal/RN, 7 de nov. 1961. p. 6; Ligas crescem. **A Fôlha**, Caicó/RN, 3 de jun. 1961. p. 01.

[550] O ano de fundação da JAC em Cruzeta permanece ainda impreciso, embora as fontes orais o situem entre o final da década de 1950 e início de 1960. Em observação aos fatos analisados nos depoimentos de antigos membros e simpatizantes da JAC, preferi considerar o ano de 1959 como o de provável fundação do movimento em Cruzeta.

[551] Cf. MORAIS, Sebastião Arnóbio de. Monsenhor Ernesto da Silva Espínola – 50 anos de sacerdócio. O Seridoense. In. **Revista da festa**. 2. ed. Jardim do Seridó/RN: [s.n.], 2005. p. 09. Chama-se vigário cooperador ou coadjutor o sacerdote auxiliar nomeado pelo bispo diocesano para trabalhar com o Pároco de uma freguesia. Cf. MAIA, Antônio. **Pequeno dicionário católico**. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1966. p. 216.

Descendente de família tradicional e possuidora de uma educação exemplar para os padrões da sociedade cruzetense da época – seu pai Celso Clementino de Azevedo (1905-1949) havia sido um homem de muito prestígio público no passado e também um progenitor preocupado com a instrução da filha, tendo inclusive a enviado muito nova para estudar na Escola Doméstica de Natal, capital do Estado, onde teve que interromper os estudos em decorrência da morte deste[552]–, Nazareth, devia contar nessa época com aproximadamente 24 anos de idade e fazia poucos anos que chegara de Catolé do Rocha, estado da Paraíba, para onde tinha ido estudar no Colégio Francisca Mendes, um consagrado educandário feminino regido por freiras franciscanas alemãs destinado à formação de jovens normalistas do alto sertão paraibano e de regiões circunvizinhas. Esta, em resposta ao apelo do vigário, se dispôs a convidar outras moças destacadas da comunidade, com as quais veio a formar uma pequena equipe precursora, dando início ao movimento na paróquia[553].

Num depoimento em que se reporta aos fatos de fundação da JAC em Cruzeta, Alexandrina Campos relata que já conheceu o movimento através das jovens Maria Nazareth Azevedo, Maria da Paz Dantas e Maria Almira de Góes, hoje já falecidas, depois que estas retornaram do município de Cerro Corá, estado do Rio Grande do Norte, para onde tinham ido participar sob a determinação do Padre Ernesto de um encontro diocesano da JAC ocorrido no distrito de Lagoa Nova, passando a comunicar a novidade nos círculos de amigos[554]. Ela narra que nessa época mantinha relações profissionais e amistosas com as jovens, pois eram professoras primárias preocupadas com o desenvolvimento comunitário e compartilhavam do mesmo ambiente de trabalho, e que chegaram na cidade noticiando que um movimento de juventude estava se erguendo na diocese e buscavam sob a liderança do vigário da paróquia reunir forças locais em prol dessa ação na comunidade, conquistando logo o interesse de alguns jovens paroquianos[555].

É bem provável que nos dias que antecederam ao evento, o padre Ernesto tenha primeiro procurado a senhorita Nazareth de Azevedo em virtude da posição de moça polida e reputada que gozava perante a sociedade cruzetense – sua atuação como lente do ensino primário do

---

[552] Celso Tiago de Azevedo, ou Celso Clementino como era mais conhecido entre seus conterrâneos, faleceu em 1949 na capital do estado onde se encontrava em tratamento de saúde contra a tuberculose. Figura pública de muita notoriedade, chegou a representar o distrito de Cruzeta na Câmara Municipal de Acari e foi o primeiro a cuidar da eletrificação da vila, sede distrital, assumindo também por muitos anos a função de Tesoureiro da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios. A ele também se deve o prestígio por ter doado um altar a Igreja Matriz e contribuído com sua parcela de orientação nas obras de construção de sua torre. GOES, Terezinha de Medeiros. **Noções de geografia e história do município de Cruzeta**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1971. p.86-87.

[553] Informações retiradas do depoimento concedido pela Senhora Isaura Medeiros, 79 anos, no dia 08 de julho de 2018, para esta pesquisa.

[554] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 80 anos, no dia 04 de agosto de 2018.

[555] Idem.

principal grupo escolar da cidade (o Otávio Lamartine) e postura estimada de "Filha de Maria"[556], deviam fazer dela uma jovem bem-conceituada socialmente – e só depois, por intermédio desta, tenha travado contato com as outras jovens e assim comunicado o seu desejo de fundar o movimento de Ação Católica na paróquia. Sobre essa primeira iniciativa tomada pelo vigário paroquial, lembrou uma ex-jacista cruzetense: "Eu sei que antes de dar início ao movimento ele [o padre Ernesto] se sentou com Nazareth de Azevedo para dar as orientações e pediu que ela convidasse as pessoas para compor a equipe inicial"[557]. Assim, nestes primeiros contatos, ele deve ter despertado nas jovens o interesse em conhecer melhor a JAC falando sobre sua finalidade e método e procurado obter destas o seu apoio à causa, informando-lhes ainda a respeito do encontro de jovens jacistas a ser realizado em breve na diocese, em vista do qual haviam sido cotadas para participar, dando início a um trabalho de "nucleação" na paróquia. "Nuclear" era a maneira de ir ao encontro do "jovem rural" para despertar e conscientizar apresentando-o as propostas elementares da JAC[558]. Para tanto, se buscava manter inicialmente alguns contatos esporádicos com um ou mais jovens da localidade e só depois, num segundo momento, é que se formava um "grupo" ou "núcleo" jacista.

Essa interpretação me parece ser mais procedente, porque foi especialmente após a participação das jovens no encontro de Lagoa Nova que se começou a propagar entre a mocidade mais envolvida com as atividades da igreja e com a promoção social a ideia de se organizar um movimento de juventude rural católica na comunidade sob a assistência participativa do vigário paroquial. Em virtude dessa atitude pioneira, Padre Ernesto é lembrado pelos ex-jacistas cruzetenses como o fundador da JAC em nível local, contributo também recordado por Campos e Morais em seu livro de memórias[559].

---

[556] Chamava-se "Filha de Maria" a integrante da "Pia União das Filhas de Maria", uma associação formada por mulheres leigas católicas as quais tinham por devoção a Virgem Maria. Durante as cerimônias religiosas as associadas costumavam trajar sempre uma roupa branca, portando um véu sobre a cabeça e ostentando uma fita azul no pescoço a qual pendia uma medalha com a esfinge de Nossa Senhora. Se reuniam regularmente e tinham por obrigações ações caritativas. Uma Filha de Maria deveria ter um comportamento exemplar, como não usar roupas sem manga, praticar certos divertimentos e frequentar ambientes poucos recomendados. Cf. GUERRA, Maria Albani. Lembranças da vida religiosa de Cruzeta na minha infância (2010). In. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta**: retalhos de sua história. s.l.: s.n., 2011. p.78-82. Em um panegírico datado de 1986 no qual homenageia a juventude cruzetense do passado, relatou a ex-jacista morta em 06 de março de 2016: "Lembro-me que no ano de 1956 foi retirada a minha fita de Filha de Maria pelo simples fato de ter sido Rainha da Festa. Mas não revoltei-me com isso; pois sabia da energia do Cônego Ambrósio e nada podia dizer, pois foi ele depois da morte do meu pai um batalhador do prosseguimento dos meus estudos e pessoa a quem devo especial atenção". SOARES, Maria Nazareth de Azevedo. Homenagem aos Jovens Cruzetenses: uma Lembrança do passado. O Estado. Cruzeta. **Sinopse de Cruzeta I**. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 91. (Datilografado).

[557] Depoimento concedido pela Senhora Isaura Medeiros, 79 anos, no dia 08 de julho de 2018.

[558] BETIATO, Mário Antônio. **Da Ação Católica à Pastoral de Juventude**. Petrópolis: Vozes, 1985. p.48-49.

[559] O livro referido trata-se da obra "Cruzeta: retalhos de sua história" já mencionado anteriormente. Cf. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta:** retalhos de sua história. [s.l.; s.n.], 2011. p.26-27.

Alexandrina Campos em aclaramento sobre os fatos relata que foi durante o encontro de Lagoa Nova que as jovens tomaram conhecimento mais aprofundado sobre a JAC, receberam maiores instruções e participaram de cursos intensivos de formação onde também estavam presentes delegações da Diocese de Natal e de outras paróquias da Diocese de Caicó, além de representantes do clero católico envolvidos com o movimento na região[560]. O encontro que teria ocorrido em 1959 com duração de mais de um dia, tinha a finalidade de preparar equipes que seriam incumbidas de estabelecer secções de base em suas respectivas localidades, expandindo as atividades de Ação Católica Especializada para as paróquias e freguesias da diocese[561].

Figura 1857. A jovem Nazaré Azevedo, uma das precursoras da JAC em Cruzeta. Fonte: Acervo virtual de José Leto Medeiros.

Neste ponto é importante ressaltar que a participação do Padre Ernesto nessa etapa inicial do grupo não se resumiu aos contatos travados com as jovens no sentido de estabelecer com a juventude local um primeiro diálogo com respeito ao movimento. Sua convivência diária com a mocidade paroquiana, também serviu de conduto para a divulgação dos ideais jacistas no meio dos jovens mais comprometidos com as causas comunitárias e com os "trabalhos de igreja", buscando despertar neles o interesse pelo movimento. Recordando a atuação do Padre Ernesto no trabalho de nucleação da JAC em Cruzeta, revelou uma ex-jacista cruzetense que também pertencera a "Cruzada Eucarística" antes de entrar para a militância na equipe:

[560] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 79 anos, no dia 05 de maio de 2018, para esta pesquisa.
[561] Idem.

> Ele [o padre Ernesto] era um vigário que estava sempre em contato com a gente. E como eu já tinha sido de Cruzada Eucarística e de movimento de igreja – eu, comadre Alexandrina, comadre Nazareth e outros –, ele nos incentivou a participar do movimento [...] Éramos uma turma de jovens participativos e, por isso, o Padre Ernesto queria muito bem a nós[562].

A "Cruzada Eucarística" ou "Cruzadinha", como também ficara conhecida, era uma das associações paroquianas existentes em Cruzeta no tempo da JAC que se distinguia por reunir em seu interior crianças e adolescentes na faixa etária dos oito aos catorze anos, de ambos os sexos, com o objetivo de acompanhar a sua formação na vida cristã, no lar e na comunidade. Seu marco histórico remonta ao ano de 1916, no pontificado de Bento XV, quando surgiu como secção autônoma do Apostolado da Oração, sendo uma das primeiras organizações católicas vocacionadas para aquela faixa etária[563]. Em 1933 o movimento cruzadista das crianças passaria a ser reconhecido pelo Papa Pio XI como "a escola primária da Ação Católica e a sua primeira pedagogia", já que era nesta instituição educativa que as crianças eram instruídas na virtude e no senso de sacrifício por um ideal nobre e no gosto pela disciplina e compreensão dos deveres da vida nobilitada pela fé[564]. No que tange a experiência local, chama a atenção o fato de muitos jovens que militaram na JAC, terem recebido na infância parte de sua formação religiosa nesta associação pia.

A organização da primeira secção de base jacista na Paróquia teve início com o retorno das jovens cruzetenses do Encontro de Lagoa Nova, quando estas juntamente com o Padre Ernesto começaram a convidar outros jovens da comunidade para compor a equipe precursora do movimento. Estas atendendo ao pedido do vigário, iniciam um trabalho de motivação entre os jovens paroquianos, especialmente entre aqueles pertencentes aos seus círculos de amizades, obtendo o apoio e a adesão de muitos deles, como nos relata Alexandrina Campos:

> [...] quando as três chegaram de Lagoa Nova começaram a nos convidar, inclusive a mim [...] E eu aceitei porque éramos muito amigas. Elas me convidaram e falaram sobre o assunto. Conversamos a respeito e achei interessante [...] Naquela época já existia um grupo de amigos muito coeso, o qual eu e as três participavam e lideravam junto com eles: Herli Ernani, Manuel Dantas (Coquinha), Jurandir Cardoso (Didi), Isaura Medeiros... Então formos nos interessando e colocando o movimento adiante [...] Éramos aquele

---

[562] Depoimento concedido pela Senhora Isaura Medeiros, 79 anos, no dia 08 de julho de 2018.
[563] MEJ. **História do Movimento Eucarístico Juvenil**. Documento do MEJ Internacional. Por ocasião dos 100 anos do MEJ. Disponível em: <www.apmej.net>. Acesso em: 02 set. 2018. Ver também GURGEL, Francisco das Chagas Neves. Instituições educativas da Igreja Católica: Cruzada Eucarística, escola primária da Ação católica. **A Ordem**. Natal/RN, 25 de jun. 1943. p. 1-2.
[564] Idem. p. 5.

> grupo que estava pronto para todas as decisões e tínhamos aquela preocupação muito grande com tudo que fosse de melhor para Cruzeta [...]. [565]

O "grupo de amigos" a que se referiu a ex-jacista em seu depoimento fazia parte de uma pequena vanguarda juvenil que vinha despontando há algum tempo no cenário sociopolítico e cultural da comunidade e que se destacava pela forte atuação de seus membros. Estes jovens além dos laços de afeto que os uniam, muitos dos quais forjados ainda na infância, especialmente no espaço escolar e no cotidiano da vida do pequeno aglomerado urbano do interior – a Vila e depois cidade de Cruzeta –, estavam unidos pelos anseios e ideais de transformação comunitárias. Possuíam ainda um vínculo corporativo através do Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC), principal espaço de encontro e protagonismo juvenis da cidade organizado nos moldes de um clube social e recreativo, onde atuavam e lideravam. Alguns deles mantinham também vínculos profissionais, circunstância mais presente entre as jovens da turma, pois eram quase todas professoras primárias e compartilhavam do mesmo ambiente onde lecionavam: o Grupo Escolar Otávio Lamartine, primeira instituição de ensino edificada no centro urbano do município, notabilizada por ser a única a oferecer até o antigo 5º ano primário. Destacados por seu espírito de liderança e atuação esses jovens passariam a integrar a primeira equipe jacista da Paróquia, criando seus primeiros núcleos de base locais e assumindo diante destes uma postura de militância, tornando-se, por assim dizer, as suas "almas de elite"[566]. Assim, apoiado por essa mocidade paroquiana comprometida em levar adiante os ideais jacistas na comunidade, padre Ernesto funda o movimento e inicia o engajamento de seus primeiros membros, como informa a senhora Isaura Medeiros: "Depois de fundar o movimento a ideia do Padre Ernesto era a de que fôssemos pensando em quais jovens convidar para colocá-lo em funcionamento"[567].

O critério de seleção dos jacistas era feito seguindo algumas exigências básicas: primeiro se procurava identificar os jovens que possuíssem alguma postura de liderança na comunidade e que estivessem na faixa etária entre os 17 e 20 anos de idade aproximadamente, embora esse não fosse um requisito rígido; deviam apresentar um certo grau de maturidade ou instrução e não podiam ser cônjuges (viver maritalmente com outrem). Em seguida deliberava-se a respeito

[565] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 82 anos, no dia 04 de agosto de 2018, para esta pesquisa.
[566] O termo "almas de elite" surge em um documento datado de 1942 que funda a Ação Católica na Diocese de Caicó e faz referência à vanguarda dos "apóstolos leigos" em seu ministério de ação. Cf. **Ata da sessão de instalação da Junta Diocesana da Ação Católica Brasileira (ACB)**, Caicó, 24 de maio de 1942, fl. 4.
[567] Depoimento concedido pela Senhora Isaura Medeiros, 76 anos, no dia 08 de julho de 2018.

da escolha junto a dirigente e ao assistente paroquial da JAC; em geral, aquela uma jovem com forte poder de liderança selecionada entre os membros do grupo, quando este já se encontrava estabelecido, e aquele subsumido na figura do vigário.

Enquanto não houve núcleo organizado, a responsabilidade de escolha dos futuros membros recaiu sobre o vigário da Paróquia e os jovens de sua prévia confiança e familiaridade, a qual se fazia a partir de contatos e encontros eventuais mantidos entre os mais chegados e amigos. Uma vez acatada a indicação, o jovem aspirante era convidado a participar das reuniões do grupo para ir tomando conhecimento a respeito do movimento e ganhando experiência do trabalho especializado de JAC. Com o tempo, criou-se também o grupo de "pré-jacistas" destinado a formação e preparação para o serviço do apostolado leigo no campo de adolescentes entre os 14 e 16 anos de idade, seguindo uma sistemática semelhante de seleção de seus congêneres de moças e rapazes. Estes acompanhavam e auxiliavam os "maiores" em algumas tarefas, mas não atuavam no meio diretamente com eles. Em algumas ocasiões, participavam das reuniões de trabalho dirigidas pelos mais expertos com o intuito de obter maiores rudimentos e instruções. Estavam sob a tutoria dos militantes jacistas[568].

Feitos, desse modo, os contatos iniciais e processada a seleção dos jovens, chegava o momento de formalizar a nova organização na paróquia e reunir a distinta turma de aspirantes. A ex-jacista Jurandir Cardoso, em seu depoimento, cita uma reunião presidida pelo padre Ernesto, realizada por volta de 1959, provável ano de fundação da JAC em Cruzeta, que se poderia chamar de "reunião fundadora" do movimento, em que estavam presentes além dela, outros jovens paroquianos convidados para tomar parte na ocasião. Ali, reunido àquela mocidade católica seleta, o reverendo pároco proferiu a sua arguição em defesa da importância de se implantar uma organização do gênero na paróquia e falou sobre o sentido de ser "jacista" para os jovens presentes, chegando muitos deles a se empolgar e a tomar partido pelo movimento[569]. Dessa reunião inaugural, não se lavrou nenhum registro[570].

Inicialmente, abraçaram o movimento local aproximadamente 12 jovens, entre rapazes e moças, todos residentes na cidade. Na ausência de um documento oficial que nos forneça dados mais precisos, Campos e Morais nos revela a contabilidade e a identidade prováveis de cada um deles: Maria Nazareth de Azevedo, Alexandrina Maria de Oliveira, Maria da Paz Dantas,

[568] Por ter sido a "Pré-JAC" um movimento menos expressivo em Cruzeta, farei incursões a ela apenas ocasionais.
[569] Informações retiradas do depoimento concedido pela Senhora Jurandir Cardoso, 76 anos, no dia 10 de agosto de 2018, para esta pesquisa.
[570] Como já foi pontuado anteriormente, não era hábito entre os jovens jacistas cruzetenses se redigir Ata ou se exarar outro registro do gênero nos encontros e reuniões da equipe. Sobre esse acontecimento, também não se encontrou anotação em livro de tombo paroquial.

Jurandir Cardoso (Didi), Isaura Medeiros, Avani Guerra, Maria Almira de Góes, Herli Araújo, Manuel Dantas (Coquinha), os irmãos Manuel e José Ângelo (Melé) e José Simão[571]. De acordo ainda com as autoras foram 5 jovens que no início aderiram a Pré-JAC, todos do sexo feminino: as irmãs Jaci e Maria Cardoso, Aparecida Bezerra, Maria Auxiliadora (Cilinha), Dorinha Góes e Maria Júlia (Julinha)[572]. Campos e Morais ainda relatam que além dos jovens que se uniram e se engajaram na JAC, muitos outros passaram a seguir e a apoiar o movimento local, contribuindo para a sua implementação. Dentre os adeptos e simpatizantes mencionados pelas autoras estavam Manuel Maurício de Medeiros (Medeirinhos), que anos depois se tornaria prefeito municipal, e José Nilton da Silva (Zé Nilton), futuro presidente do "Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cruzeta"[573].

Liderados pelo padre Ernesto a nível local coube a este enquanto assistente paroquial da JAC e também vigário da freguesia, fazer inicialmente o trabalho de "engajamento" e "preparação" desses jovens em face das exigências básicas do movimento, conforme relata a ex-jacista Alexandrina Campos:

> Os primeiros jovens a se engajarem na JAC, como no meu caso, no caso de Jurandir Cardoso, Maria da Paz Dantas e outros, foi trabalho do padre Ernesto. Foi ele quem trouxe para Cruzeta o movimento e nos preparou, porque a gente já tinha uma ligação com ele, mesmo sem ser através da JAC. E ele sabia da nossa liderança junto aos jovens da comunidade. Nós éramos já muito íntimos dele, muito próximos e amigos. Éramos um grupo organizado e muito unido e ele via isso em nós. [...]. Estávamos sempre presentes em tudo e ele também sempre presente em tudo que nós fazíamos[574].

A preparação dos primeiros jacistas cruzetenses se fez por meio de encontros de estudos e orientações dirigidos pelo assistente paroquial e tinha como principal objetivo preparar militantes para o apostolado da ação, dentro de um clima de equipe. Os encontros geralmente tinham espaço em lugar reservado da Casa Paroquial, a residência oficial do pároco, ou menos frequentemente no interior da Igreja Matriz. Às vezes, também se davam em recinto do grupo escolar de melhor acesso da comunidade, o Otávio Lamartine, mas essas eram ocasiões menos frequentes. Nessas reuniões, o assistente eclesiástico procurava aprofundar as linhas mestras do

---

[571] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*., p.26.
[572] Idem.
[573] Além de Manuel Maurício de Medeiros e José Nilton da Silva, Campos e Morais mencionam como simpatizantes do movimento jacista cruzetense: Paulo Crispim de Almeida, Hilton Medeiros, Moacir Dantas, Anaíza Monteiro, Inês Góes e Maria Sérvula (Dra. Sérvula). Em decorrência do maior envolvimento daqueles dois personagens com as questões agrárias no município, optei por lhes dar uma maior relevância neste estudo. Cf. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta:** retalhos de sua história. s.l.: Gráfica Fernandes, 2011. p.26.
[574] Depoimento concedido pela Senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 80 anos, no dia 13 de setembro de 2018.

movimento com base na doutrina, na espiritualidade e no apostolado da Ação Católica a fim de instruir os jacistas e militantes para uma ação conjunta e especializada no "meio". Essa era uma noção familiar ao apostolado leigo cristão desde sua especialização, que não tinha a significação trivial e corrente de um dicionário, nem o sentido de um dado imanente, mas que era utilizada para traduzir o conjunto das relações ao qual o homem está preso e que continua a criar com suas atitudes e que em troca, também o determina[575]. Depois partia-se para o planejamento da ação e distribuição das tarefas, seguindo com o exercício do conhecimento das áreas e esferas de atuação, etapa que se fazia com visitações programadas às comunidades rurais paroquianas. Visando uma melhor execução desse trabalho, com o tempo foram criados os setores masculino e feminino da JAC, o primeiro formado por rapazes e o segundo por moças da comunidade, a Juventude Agrária Católica Feminina (JACF), além de uma seção destinada aos adolescentes (a pré-jac). Cada setor ou núcleo tinha sua equipe de militantes e cada militante formava uma equipe de irradiação, "que era o jeito de levar os ideais da JAC para os demais jovens e assim influenciar o meio"[576]. Os membros das equipes de irradiação eram chamados de "equipistas" e operavam em uma esfera de ação predefinida que podia ser uma comunidade rural congregante de um maior número de jovens ou que apresentasse uma maior necessidade de trabalho pastoral[577]. A ex-jacista Jurandir Cardoso que chegou a conduzir uma dessas unidades em Cruzeta, recorda o exemplo de uma comunidade rural que foi tomada como área privilegiada de atuação da JAC pelo fato de apresentar maiores casos de conflitos familiares envolvendo pais e filhos[578].

Os jacistas cruzetenses possuíam uma rotina própria de atividades. Cada núcleo ou secção realizava ao menos uma reunião por mês, mas as equipes de militantes se reuniam mais seguidamente. Nestas reuniões, a exemplo do que ocorria em outros lugares, era costume se formar círculos de estudos, "onde todos participantes eram incentivados a partilharem suas experiências por meio de depoimento, na revisão de vida e no estudo e reflexão de textos bíblicos, que eram aplicados no cotidiano de cada um e nos problemas da comunidade, como

[575] Cf. GARRONE, Monsenhor. **A Ação Católica**: sua história, sua doutrina, seu panorama, seu destino. São Paulo: Flamboyant, 1960. p. 68.
[576] COORDENAÇÃO ESTADUAL DE PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL (RS). **Pastoral da Juventude Rural**. Petrópolis: Vozes, 1985. p.14.
[577] Informação retirada do depoimento concedido pela senhora Jurandir Cardoso, 76 anos, no dia 9 de setembro de 2018.
[578] Idem.

também na programação, execução e avaliação das atividades desenvolvidas pelo movimento"[579].

Figura 2796. Jovens jacistas cruzetenses posam para foto em 1961 depois uma sessão de trabalhos.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Para as reuniões de núcleo e as reuniões de militantes, a JAC contava com os programas anuais de ação das dioceses baseados nos "Planos Anuais da JAC Nacional". Através desses, a organização procurava formar dirigentes (lideranças) e ao mesmo tempo, conscientizar o conjunto da juventude rural, e mesmo toda comunidade campesina em que estava inserida[580]. Utilizados como instrumentos de formação da militância leiga entre os jovens, os programas eram elaborados com forte participação das bases, que se reuniam anualmente em encontros diocesanos, regionais e nacional e depois impressos e distribuídos pelo Secretariado Nacional da JAC com sede no Rio de Janeiro. "Para cada ano era escolhido um tema, depois de consultar os núcleos, e dentro deste tema eram organizados assuntos para reuniões. Estes assuntos eram publicados num livreto que cada núcleo recebia e este era o material que os jovens usavam em suas reuniões, cada mês tendo um assunto para refletir, dentro de um objetivo para o ano todo"[581].

---

[579] SILVA, Rogério Chaves de. **A Juventude Agrária Católica em Alagoa Grande-PB (1954-1960)**. 50 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades, Guarabira, 2017.
[580] Cf. BARROS, Raimundo Caramuru. A Juventude Agrária Católica: de suas origens até 1964. In. **Da JAC à PJR**. 1. ed. São Paulo: CCJ, 1991. p.10.
[581] COORDENAÇÃO ESTADUAL DE PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL (RS). **Pastoral da Juventude Rural**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 14.

Elaborado para servir de manual prático sobre como proceder em cada reunião de equipe, realizar os aprofundamentos teóricos e planejar as atividades do grupo, o Programa era identificado por um dístico a ser desenvolvido e explorado em um ciclo anual de atividades, devendo o núcleo ou secção de base adapta-lo a seus objetivos e necessidades. Para isso, era comum organizar-se logo no primeiro mês de atividades um acampamento de estudos com a equipe de militantes onde se ajustava o recurso à realidade local. A ex-jacista Jurandir Cardoso ainda guarda um desses impressos. O exame mais detalhado do documento contribui para entender como as ideias religiosas propagadas pela Igreja institucional buscaram motivar o comportamento político dos jovens, fazendo exercer por meio deles seu poder de influência sobre o meio social.

O programa organizado para o ano 1959-60, tem como lema "Nosso mundo, o mundo Rural" e está estruturado basicamente em duas partes: as "Reuniões" e os "Recolhimentos". Publicado em solicitude do I Congresso Internacional da JAC a ser realizado em Lourdes, na França, onde se aguarda a reunião de 25.000 jovens rurais do mundo todo para debater o problema da fome no mundo, a edição visava, dentre outros objetivos, "levar os jovens rurais a descobrirem a verdadeira união que deve haver entre todos os jovens rurais do seu lugar e do mundo inteiro", bem como "despertá-los para o sentido de classe que os une"[582].

Para melhor ser seguido, o programa foi dividido em duas grandes fases, cada qual envolvendo os assuntos a serem tratados e discutidos nas reuniões mensais de militantes. Na primeira fase, designada pelo título do livreto, se buscou chamar a atenção dos jovens para os seus mais graves problemas, caracterizando "a fase de preparação espiritual e de propaganda para o Congresso"[583]. Assuntos como trabalho, cooperativismo, lazer e educação no contexto campesino foram inseridos como bases das reflexões das equipes com a finalidade de trazer o jovem para a realidade de sua condição social de grupo e promover o sentimento de pertencimento à "classe rural". Nesse sentido, instruía o redator aos receptores do Programa sobre a importância de se pertencer a "classe" dos trabalhadores do campo:

> Nós, agricultores, jovens trabalhadores da zona rural alimentamos o mundo. Que seria da humanidade se lhe faltassem os produtos da terra? A agricultura é uma profissão tão nobre e tão importante quanto às outras, e, talvez, a mais necessária. Mas os jovens rurais desconhecem o valor do seu trabalho e os da cidade desprezam-no. Precisamos nos convencer de que: NOSSO TRABALHO VALE MUITO[584].

[582] JAC. **Programa 1959 a 1960**: Nosso mundo o mundo rural. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 4.
[583] Idem
[584] Ibidem, p.12, *grifo do autor.*

Na etapa seguinte, definida pelo lema "Um por todos, todos por um", enfatizou-se a importância da caridade, da amizade e da solidariedade cristãs para a resolução dos problemas e dilemas do "mundo rural" apresentados, assinalando a época das campanhas financeiras em prol do grande Congresso[585]. Procurou-se com a discussão desses temas aguçar nos jovens "a consciência de que pertencem a uma classe; e que a elevação dessa classe depende do esforço de cada um e da união de todos", como destaca o prospecto[586]. Tencionando convencê-los sobre a necessidade da autopromoção social do "homem do campo", declarava o articulista do programa:

> Todos juntos formamos a maior classe do mundo, ao mesmo tempo **somos a classe mais abandonada**. A maioria das pessoas acha que ser agricultor é ser, necessariamente matuto e atrasado. MAS **está na hora de modificar essa ideia**. O jovem rural é alguém que tem o direito de se instruir, de melhorar seu sistema de trabalho, de vestir-se decentemente, de ter uma casa confortável, boa alimentação, divertimentos sadios e educativos, numa palavra: **ocupar seu lugar no mundo e na sociedade**[587].

E advertia logo em seguida: "Não podemos elevar a classe rural se ela não se unir e se organizar"[588]. Era nesse projeto mais amplo de renovação pastoral e de transformação social do mundo agrário, no qual a paróquia rural se projetava como seu centro de irradiação e ordem, que a JAC estava sendo convocada e preparada para atuar como colaboradora da hierarquia em sua missão apostólica. E havia muita coisa a ser feita.

Além de se reunirem para discutir o assunto de cada mês, realizar o planejamento das ações e distribuir tarefas, os jacistas e militantes também se encontravam para planejar assembleias e eventos, como o dia do Agricultor ou festa da colheita, e realizar "inquéritos" com os jovens locais. Os inquéritos tinham por finalidade uma busca sistemática dos problemas enfrentados pela juventude campesina a fim de se conseguir dar uma resposta programada e otimista às necessidades surgidas. Estes eram feitos a partir da aplicação de pequenos questionários e produzidos especialmente para esse fim, contendo perguntas tais como: "Quais as suas diversões preferidas?"; "Está satisfeito com a vida que leva? Por quê?"; "Ganha o

[585] Ibidem, p. 4.
[586] Ibidem, p. 37.
[587] Ibidem, p. 38, *grifo do autor*.
[588] Ibidem, p. 39.

suficiente para viver?"; "Vai à Missa aos domingos?"; "Frequenta mais vezes os sacramentos?"[589], geralmente elaborados de acordo com o tema e sugestões do Programa anual.

Uma vez por mês em local mais retirado e pacato da cidade, havia uma manhã ou tarde de "Recolhimento", onde os jovens se encontravam para participar de palestras ou aulas de doutrina ministradas pelo assistente paroquial, visando "um aprofundamento de vida cristã" de seus membros[590]. Em cada recolhimento formava-se círculos de estudos, onde se procurava refletir "à luz das imagens, comparações e parábolas" dos textos bíblicos, um assunto relacionado a um tema central sugerido anualmente para exame. A edição do programa para o ano jacista em análise, traz como tema básico "a Igreja como família, que se reúne em torno do mesmo Pai"[591]. Partindo da noção de que a "Igreja significa comunidade, isto é, a reunião de todos os cristãos" e que a "Paróquia é a Igreja do nosso lugar" e como tal "não é apenas um território delimitado onde vivem cristãos, tendo como chefe o pároco", mas "também e principalmente uma família, onde todos vivem como irmãos"[592], buscou-se através dos recolhimentos "despertar" os jovens para a compreensão e vivência do "mistério da Igreja", dentro da realidade paroquiana do meio rural, motivando-os para que busquem construir essa "comunidade de amor e perdão" no lugar onde vivem[593]. Numa passagem do programa suscitada para o recolhimento de Agosto, assim o articulista se dirigia aos jovens em tom provocador: "Você também faz parte da Igreja: não são apenas os bispos e padres, mas você também e seus companheiros fazem parte dessa comunidade, são seus membros ativos e têm nela um papel importante e insubstituível a desempenhar"[594].

O papel do jacista e do militante dentro dessa "comunidade de igreja", devia ir além do "serviço" prestado em apoio à ação do pároco. Como "irmãos de uma mesma família" e "ovelhas de um mesmo rebanho", cabia aos jovens da JAC, seus "membros ativos", contribuir com esse projeto de construção eclesial começando pelos limites de sua própria paróquia. Usando das metáforas do "rebanho" e do "pastor" para representar esse ideal de Igreja a ser assumido pelos jovens militantes em sua própria comunidade, comentava o redator do programa:

---

[589] Ibidem, p. 9.
[590] Ibidem, p. 45.
[591] Ibidem, p. 39.
[592] Ibidem, p.46.
[593] "Igreja – comunidade de Amor" e "Igreja – comunidade de perdão" foram temas dos assuntos tratados nos recolhimentos de agosto de 1959 e fevereiro de 1960, respectivamente. Cf. JAC. **Programa 1959 a 1960**: Nosso mundo o mundo rural. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 46; 51.
[594] Ibidem, p. 46.

> A Igreja é como um rebanho: nós somos as ovelhas e Cristo é o Pastor [...]. Quando faz frio as ovelhas se ajuntam para se aquecerem umas nas outras. Assim, no meio da indiferença, da descrença, do desânimo nós nos unimos para criar coragem, aquecidos pelo mesmo amor e pelo mesmo ideal cristão. E quando as ovelhas estão cansadas nos caminhos pedregosos, apoiam-se umas nas outras para suportarem o caminho. O cristão não pode viver isolado. Somente unido e apoiado nos outros é que ele consegue vencer os problemas e dificuldades da vida[595].

O elo que unia cada cristão e cada jacista a esse ideal de igreja, assemelhava-se à disposição dos membros em um corpo vivo, onde cada qual possuía uma função a desempenhar em benefício do todo, como instruía o Programa: "No organismo cada membro tem a sua função e todos são importantes para a vida do corpo. Na Igreja cada cristão tem seu papel a desempenhar"[596]. O desenvolvimento e o bom funcionamento desse "corpo místico" – o vínculo que une o cristão à igreja é sagrado – dependiam do desempenho de cada membro, por mais irrelevante que aparentasse ser, pois "às vezes, os mais humildes e obscuros são os que mais contribuem para o progresso da Igreja"[597]. Assim, como ocorre com o corpo humano quando um de seus membros se paralisa e deixa de funcionar, prejudicando todo o organismo[598], o mesmo ocorria com a Igreja quando o cristão deixava de desempenhar o seu papel no mundo[599]. Tomando como ensinamento o próprio organismo humano, onde todos os membros contribuem de alguma forma para a recuperação daquele que adoece, o militante jacista devia estar sempre pronto a ajudar qualquer cristão, principalmente àqueles que lhe estão mais próximos, empregando todos os esforços "para que eles sejam membros vivos do corpo Místico de Cristo"[600], a "igreja-paróquia" da qual também é parte.

Sendo Cristo ainda o "Bom Pastor" da Igreja que deseja continuar com essa missão no meio rural, cada jacista e principalmente cada militante, devia se esforçar para imitá-lo em sua função pastoral cuidando para que toda "ovelha" o reconheça como o seu "pastor" e nenhuma venha a se perder do "rebanho". Assim como o Bom Pastor da parábola do Evangelho que deixou em lugar seguro as 99 ovelhinhas e foi procurar aquela que se perdeu do rebanho e só descansou ao encontra-la, "também o militante se preocupa mais com os jovens transviados e não descansa até entrar em contato com eles para depois reconduzi-los a Cristo"[601], comentava

---

[595] Ibidem, p. 47. (*Adaptado*).
[596] Cf. JAC. **Programa 1959 a 1960**: Nosso mundo o mundo rural. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 58.
[597] Ibidem. Idem.
[598] Ibidem. Idem.
[599] Ibidem, p. 54.
[600] Ibidem.
[601] Ibidem, p. 48.

o articulista do programa. Numa outra passagem em que chama a atenção da juventude jacista para os perigos e inimigos que o cercam, indagava aos jovens em tom sério e provocador: "O mercenário quando vê o lobo abandona as ovelhas porque elas não lhe pertencem. Nós jacistas temos a coragem e vigilância para defender os jovens companheiros contra o assalto dos inimigos que traiçoeira e sedutoramente nos ameaçam?"[602]. E elucidava depois numa glosa: "As minhas ovelhas me conhecem. Todas as ovelhas vêem em Cristo seu verdadeiro Pastor. Todos os jovens devem ver em mim, militante, seu verdadeiro Pastor [sic]"[603]. Em seguida voltava a provocar: "Quais são os perigos que ameaçam os jovens do lugar? [...]. Que fez você para defende-los?"[604]. Eram tempos alvissareiros para a JAC do Brasil e do Mundo, mas a Igreja brasileira e, especialmente, a Igreja nordestina, tinham seus motivos para interpelar a juventude rural sobre a identidade local de seus "inimigos".

A eclesiologia ou o estudo da doutrina católica fazia parte do processo de formação dos militantes e jacistas. Em muitos casos, para o jovem do meio rural, o seu envolvimento com a JAC, significava o primeiro contato com os ensinamentos doutrinários da Igreja. Para formar os jovens, a JAC contava com um jeito próprio que chamava de "método", o qual era empregado em suas secções ou núcleos de base espalhados por diversas dioceses do país. O método jacista, também adotado por todo movimento de Ação Católica no Brasil, se baseava na diretiva da "revisão de vida" que se assentava no trinômio "Ver, Julgar, Agir", cada qual sinalizando uma etapa geral a ser seguida de modo gradual, respeitando a sua ordem. Este se firmava no preceito pedagógico de que a melhor formação se dava na ação, abraçando a ideia de que era agindo que se aprendia o melhor jeito de se fazer as coisas[605].

Criado pelo padre belga Joseph Léon Cardijn (1887-1967), o fundador da JOC (Juventude Operária Cristã), na década de 1920, fruto do seu trabalho pastoral junto aos jovens operários da paróquia de Laeken, no subúrbio de Bruxelas, a "revisão de vida" se caracterizava por ser um método teológico pastoral que visava "levar a uma união profunda entre a fé professada e a vida concreta" dos jovens[606], se utilizando para isso de um "caminho de vivência espiritual autêntica"[607]. Este se baseava no entendimento sustentado por Cardjin de que sendo o homem em grande parte produto do meio, não podia haver reforma espiritual profunda dos indivíduos

[602] Ibidem.
[603] Ibidem.
[604] Ibidem, p. 49.
[605] COORDENAÇÃO ESTADUAL DE PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL (RS). **Pastoral da Juventude Rural**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 16.
[606] CASTELHANO, João N. F. Marques. **O método de Cardijn**: Ver, Julgar e Agir. A sua vivência e aplicação na Acção Católica Rural. 70 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2017. p. 34. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/22955>. Acesso em: 10 nov. 2018.
[607] Idem, p. 33.

sem que também houvesse reforma do meio em que vivem e labutam[608]. Partindo, pois, da análise intensa da realidade sensível do homem, orientando para o estudo conjunto dos seus problemas e procurando que se chegue em conjunto à solução para os mesmos, o método de Cardijn buscava ser um caminho de comunhão e superação do divórcio moderno operado entre fé e vivência cotidiana e ainda um vetor de transformação da vida pessoal e coletiva, já que também procurava ir ao encontro do outro, não pretendendo ser um ato isolado e fechado para o mundo[609]. Seu caminho visava conduzir o homem ao encontro com Cristo para uma experiência "face a face" com ele, procurando recolocar sua vida no desígnio de Deus e seus atos e decisões no evangelho, levando-o a lembrar que "só se é cristão quando o evangelho encarna na vida pessoal e opera nesta uma mudança autêntica"[610]. Almejando, portanto, alcançar a unidade entre a fé e o agir, entre aquilo que se professa e aquilo que se vive, a revisão de vida se conformava em um "método indutivo" que apontava para o interior e para o concreto, pois partia de uma situação tangível da vida, e a partir das ideias gerais e universais deduzia o que se devia fazer[611].

Em Cruzeta, coube inicialmente ao padre Ernesto, que também era o assistente paroquial da JAC, aplicar o método "ver-julgar-agir" na formação dos primeiros jacistas, empregando-o sistematicamente nas reuniões de estudo e trabalho das equipes de base. Sob sua orientação eclesiástica, cada reunião de grupo ou reunião de militante procurava seguir a estrutura básica do método, atentando para que cada fase fosse realizada na sua ordem e coerência. Esse procedimento recorrente nas reuniões de grupo de militantes locais, também era adotado por secções do movimento de outras paróquias e dioceses brasileiras. Para procedê-la, os jovens costumavam consultar o Programa Anual contendo as orientações sobre como executá-lo em conjunto, a fim de se conseguir tirar o melhor proveito do exercício realizado. O fragmento de texto abaixo retirado de um pequeno "manual de orientação" para as lideranças dos jovens do campo, relata com propriedade como o "método da revisão de vida" era aplicado entre os jacistas cruzetenses:

> Tudo começava com o *ver* a realidade que cercava o jovem e as causas dos acontecimentos. Para melhor conhecer a realidade os jacistas faziam até pesquisas entre os demais jovens, com outras pessoas que eles chamavam de 'inquéritos", para melhor conhecer a realidade. Depois de *ver* a realidade vinha o *julgar*, que era baseado na Bíblia, na doutrina da Igreja. Era o critério

[608] Cf. PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Câmara**: entre o poder e a profecia. Rio de Janeiro: Ática, 1997. p. 165.
[609] CASTELHANO, João N. F. Marques, *op. cit*., p. 34.
[610] Idem, p. 33.
[611] Idem.

> cristão para *julgar* o que está bom e o que não está conforme o plano de Deus dentro da realidade que se estava vivendo. No *julgar* a realidade, que era um processo constante que aos poucos ia fazendo parte da vida toda do jovem rural, ele ia percebendo mais claramente o que o Evangelho, o que Deus queria dele dentro de sua realidade. É preciso saber escutar para perceber os apelos de Deus. Daí vinha o *agir*. Cada reunião devia levar a um compromisso de cada um, do grupo e da equipe de militantes. Agia-se no sentido de melhorar, de acordo com o apelo do Evangelho, a realidade que fora analisada na reunião[612].

Outro ponto importante na formação do jovem jacista cruzetense era a "Revisão". Esta era uma prática recorrente entre as equipes de base locais e também de outros movimentos alhures. Aplicada no Brasil com base na experiência da Juventude Católica Francesa (JCF), a revisão geralmente ocorria em dois níveis. O primeiro nível era a "Revisão da Ação" ou "Revisão da Prática" (RdP), que em geral tinha espaço após a execução dos planos de trabalho. Nesse nível, "se revisava o que se tinha feito, como era feito, em que se acertou, onde se errou e o que poderia melhorar, tendo sempre como critério o Evangelho"[613]. Esse exercício de revisão buscava levar ao jovem a consciência cada vez mais aprofundada sobre o trabalho concreto que realizou, servindo como base para o *ver* no seguimento normal do método usado pelo grupo.

O segundo nível era a "Revisão de vida" (RdV). Para avançar como jacista ou militante não bastava revisar a ação praticada. "O próprio jovem precisava olhar para si mesmo e revisar conjuntamente como estava assumindo seus compromissos, quais os problemas que sentia, como convivia, como se sentia no grupo, como rezava e como se relacionava na família"[614]. Nas revisões de grupo os jacistas procuravam se ajudar com muita abertura e sinceridade, compartilhando com os companheiros muitos aspectos de sua vida pessoal e de equipe.

No Programa utilizado para o ano de 1959-60, está delineado alguns critérios de como era trabalhado em grupo esse expediente. Em geral, procurava-se na reunião de lançamento e término de cada programa ou de mudança de fase fazer um "balanço" anterior de como foi a "vida de militante" vivida por cada jovem de modo individual e em equipe, levando-o a refletir sobre o que isso mudou em sua vida espiritual e familiar, no meio dos companheiros e na paróquia. Feita a reavaliação, passava-se a examinar os pontos mais falhos identificados, diante

---

[612] COORDENAÇÃO ESTADUAL DE PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL (RS). **Pastoral da Juventude Rural**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 16.
[613] Idem, p. 17.
[614] Idem.

dos quais os jovens eram motivados a assumir uma postura retificadora[615]. Numa passagem proposta para revisão em grupo, inquiria o Programa à guisa de instrução: "Ninguém dá o que não tem. Se não nos esforçarmos por sermos militantes de verdade, como poderemos fazer alguma coisa pelos nossos irmãos?"[616]. Em seguida convidava cada jovem a refletir sobre o que mudou em sua vida com as experiências passadas e o que se precisava ainda aperfeiçoar[617]. Associada ao método "ver, julgar e agir" de J. Cardijn, "a revisão de vida e da ação" da JCF, se constituiu no dispositivo pedagógico essencial do movimento jacista local, passando a ser assumido pelos jovens também como uma "filosofia de vida".

Partindo da vida e buscando ser fiel às exigências do presente histórico, o método ver – julgar – agir, "levava os jovens a participar ativamente na transformação da realidade em que estavam inseridos", o que era coisa rara e difícil no meio rural, conservador nos costumes e religião, como observou João Bosco Schio[618]. Aplicado pela JAC em sua perspectiva de trabalho, o método contribuiu para despertar entre os jovens rurais a dimensão política da fé, colaborando também para o desenvolvendo entre eles do espírito crítico. Não raramente, acontecia de muitos jovens que militaram no movimento, acabar enveredando pelo campo da política, como foi o caso do cruzetense Herli Ernani. Assim, propondo ao jovem uma atuação mais concreta em seu próprio meio de vida e buscando fazer dele um protagonista de sua própria história, esse método de ação acabou tendo uma grande repercussão no seio da juventude católica, gestando na Igreja o protagonismo juvenil[619].

A formação dos primeiros militantes jacistas cruzetenses foi resultado do trabalho pastoral conduzido pelo padre Ernesto. Com a escolha ulterior dos dirigentes paroquiais de cada secção, estes passaram a atuar como uma espécie de "instrutor" e "conselheiro" do grupo, prestando orientações às equipes nas reuniões programáticas e na ausência do assistente eclesiástico, o que era algo muito comum, tendo em vista o número considerável de paróquias e capelas assistidas pelo padre-vigário, em decorrência da escassez de presbíteros na Diocese. Esse era um fator cruciante que tornava necessária a ação dos leigos na paróquia[620].

---

615 JAC. **Programa 1959 a 1960**: Nosso mundo o mundo rural. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 7.
616 Idem.
617 Idem.
618 SCHIO, João Bosco. História da Juventude Agrária Católica (JAC) do Brasil. In. **Da JAC à PJ.** ed. 1. São Paulo: CCJ, 1991. p. 20.
619 SOFIATI, Flávio Munhoz. **Juventude Católica**: o novo discurso da Teologia da Libertação. São Carlos: EDUFSCar, 20012. p. 41.
620 O Papa Pio XII, em discurso no "II Congresso do Apostolado dos Leigos", fazia a seguinte constatação: "um dos motivos dêsse apelo ao laicato é, sem dúvida, a falta atual de sacerdotes [...] Acontece que a falta de sacerdotes é, hoje, particularmente sensível e ameaça vir a sê-lo ainda mais...O trabalho dos leigos não é senão mais necessário". Discurso de S. S. Pio XII ao II Congresso do Apostolado dos Leigos (5 de outubro de 1957). In.

Liderança de destaque, o dirigente assumia um papel importante dentro da equipe de militantes, pois a ele era incumbida a tarefa de orientá-los para uma atuação mais centrada no método da "revisão de vida" responsável por fazer a sutura entre a formação e a ação dos jovens e da militância leiga no meio rural. Em Cruzeta, os primeiros dirigentes jacistas foram designados em 3 de julho de 1961 durante a assembleia de encerramento do "Encontro Paroquial de JAC" ocorrido na cidade. A escolha foi formalizada através de nomeação conferida pelo então bispo diocesano de Caicó, D. Manuel Tavares de Araújo, que "nos últimos três dias do encontro [...] tomou parte dando seu apoio ao movimento que começou a levantar-se na Diocese"[621]. Na ocasião, foram nomeados pelo prelado caicoense o jovem Manuel Ângelo e a senhorita Jurandir Cardoso para a função de dirigente paroquial da JAC em suas secções masculina e feminina e formalizada a nomeação da jovem Alexandrina Maria de Oliveira para o posto de "dirigente diocesana" do movimento. A esse laço formal que ligava um movimento de Ação Católica e seus emissários à Igreja hierárquica, de quem recebia os direitos e garantias, chamava-se de "mandato"[622]. Ainda nessa mesma oportunidade, foi proferida solenemente por D. Tavares de Araújo a designação do padre Ernesto para a função de "assistente diocesano" da JAC na diocese de Caicó, passando a paróquia de Cruzeta a ser considerada a sede diocesana do movimento[623]. Contribui para explicar o ato de acastelamento local o fato da sede episcopal, a cidade de Caicó, não possuir um grupo jacista ativo organizado[624] e da JACF de Cruzeta já ser considerada por essa época "a melhor da Diocese", como menciona registro clerical datado de 1960[625].

O evento que teve uma duração de 10 dias e contou com a orientação do vigário paroquial e três elementos da regional da JAC oriundos de Natal, capital do Estado, foi marcado por rotinas de estudos, trocas de ideias e experiências e ainda figuras demonstrações de trabalho de

---

GARRONE, Monsenhor. **A Ação Católica**: sua história, sua doutrina, seu panorama, seu destino. São Paulo: Flamboyant, 1960. p.134.

621 Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944 – 1993).** Cruzeta-RN. p. 39-40.

622 GARRONE, Monsenhor. **A Ação Católica**: sua história, sua doutrina, seu panorama, seu destino. São Paulo: Flamboyant, 1960. p. 62.

623 Campos e Morais em sua obra já citada anteriormente, também mencionam a cidade de Cruzeta como sede do movimento diocesano da JAC sem, contudo, apresentar o motivo pelo qual isso aconteceu, nem a data de investidura do núcleo. Cf. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione R. Diniz, *op. cit.* p. 26.

624 Esse ponto de vista é defendido pela ex-jacista Alexandrina Campos, então com 80 anos, em depoimento concedido no dia 5 de maio de 2018 para essa pesquisa.

625 O reconhecimento foi feito durante o "Encontro dos Seminaristas maiores da Diocese de Caicó" ocorrido no período de 10 a 13 de julho de 1960, na cidade de Cruzeta. Na manhã do último dia do tríduo, foi proposto aos padres e seminaristas presentes um encontro com as moças da JAC para trocas de ideias, experiências e demonstrações figurativas do trabalho desenvolvido pelas jovens no meio. "Todos ficaram satisfeitos com depoimentos apresentados (...) e afirmaram ser a JACF de Cruzeta a melhor da Diocese". Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944 – 1993).** Cruzeta-RN. p. 38.

JAC no "meio". Deste participaram todas as equipes jacistas da paróquia, além de simpatizantes e membros da pré-jac, os quais "aproveitaram bastante, firmando mais os seus conhecimentos"[626]. Apesar de ter sido um encontro paroquial, partilharam ainda desse momento, a convite do vigário, alguns jovens das freguesias de Ouro Branco e Carnaúba dos Dantas, "com a finalidade de serem incentivados para o movimento"[627]. O gesto fazia parte da intenção do vigário de expandir para outras paróquias e freguesias de sua atuação o movimento de Ação Católica Especializada em ascensão na Diocese. Contando com o apoio dos militantes cruzetenses, este estenderia o movimento às localidades de Ouro Branco, Carnaúba dos Dantas e São José do Seridó, onde viria a dar início a formação de um pequeno núcleo jacista. Destes, apenas a secção de Ouro Branco chegaria a prosperar, pois o trabalho iniciado em equipe logo seria interrompido em virtude da repressão política sofrida pelo movimento após 1964, como relata a ex-militante e dirigente diocesana da JAC Alexandrina Campos:

> Nós estávamos em fase de organização desses núcleos de base quando não foi possível mais continuar e tivemos que parar. Nessa época São José do Seridó era uma sementezinha que estávamos lançando. [...]. Dos núcleos que foram fundados o que perseverou mais tempo foi Ouro Branco. [...]. Nós tivemos até de fazer encontros por lá e visitarmos. Era uma equipe mais atuante. [...]. Então veio 64 e a repressão e tivemos que interromper as atividades[628].

Ao dirigente da JAC cabia a maior responsabilidade de expandir o Movimento, pois além de planejar, organizar e dividir tarefas, "qualidades indispensáveis a um bom dirigente, a uma boa dirigente", como já destacava o Programa[629], a este competia também a missão de conseguir bons colaboradores e trabalhar pela conquista de novos "elementos"[630]. Dos dirigentes jacistas que se destacaram em Cruzeta por seu espírito de liderança e engajamento, podemos citar a jovem Alexandrina Maria de Oliveira.

Alexandrina de Oliveira, nasceu em 1937 na Estação Experimental do Seridó, repartição pública subordinada ao Instituto Agronômico do Nordeste (IANE), depois transformado em Instituto de Pesquisas Agropecuário do Nordeste (IPEANE)[631], situada a pouco mais de 2 km

---

[626] Ibidem, p. 39.
[627] Ibidem, p. 40.
[628] Informação retirada do depoimento concedido pela senhora Alexandrina Campos, 80 anos, no dia 28 de outubro de 2018.
[629] JAC. **Programa 1959 a 1960**: Nosso mundo o mundo rural. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 27.
[630] Idem.
[631] O Instituto de Pesquisa Agropecuárias do Nordeste (IPEANE), originariamente denominado de Instituto Agronômico do Nordeste (IANE), foi criado pelo Decreto Lei nº. 6.155, de 31 de dezembro de 1943 e instalado em janeiro de 1951 no município do Recife. Foi o órgão do Ministério da Agricultura responsável pela pesquisa e experimentação agronômica na região Nordeste do Brasil no período de 1943 a 1973. Cf. OLIVEIRA, Luiz Bezerra

do centro urbano de Cruzeta, na época apenas uma florescente povoação. Quarta filha de uma prole de 12 irmãos criados pelo casal Ana Amélia de Jesus e Antônio Vicente, ela doméstica e ele funcionário público, a jovem viveu toda a sua infância no campo, compartilhando do ambiente da "Estação" onde seu pai prestava serviço como operário de eito nos campos experimentais de algodão. Ali, apesar das dificuldades e privações que eram comuns numa família numerosa e de poucos recursos, teve uma infância livre e feliz, banhando-se nos riachos e cacimbas das redondezas, ajudando o progenitor nas plantações do roçado e colhendo milho e feijão com os irmãos, pois era uma criança muito "curiosa".

Aos 7 anos de idade inicia os estudos na "Escolinha da Estação", aprendendo a ler e a escrever suas primeiras letras com dona Angelita Brito, professora contratada para instruir os filhos dos operários da repartição. Avançando em poucos meses as "cartilhas de A B C", precisou ser transferida para o grupo escolar da Vila, o Otávio Lamartine, onde cursou até a quarta série do ensino primário, pois na época não havia maiores oportunidades de progredir nos estudos. Como nessa época os estudantes da zona rural não contavam com transporte público para se locomover, fazia diariamente o percurso a pé, percorrendo uma distância de cerca de 3 km, até o estabelecimento de ensino.

Aos 16 anos de idade, ainda cursando o 5º ano primário e diante da dificuldade de se agenciar professores qualificados para lecionar na sede distrital, foi convidada pela diretora do educandário para substituir uma professora de licença-gestante, dando início a sua trajetória no magistério público. Por alguns meses, seu dia-a-dia esteve dividido entre as rotinas da adolescente educadora e da aluna "aplicada"; uma situação embaraçosa para os olhos do homem de hoje, mas para a época algo muito comum.

Em 1953, com apenas 17 anos de idade e somente com o nível primário concluído, ingressou no magistério público estadual por recomendação do Cônego Ambrósio Silva, vigário paroquial, que pertencendo a base governista do Estado, o Partido Social Democrático (PSD), obteve a nomeação da jovem para lecionar no Grupo Escolar Otávio Lamartine. Por essa época, tendo em vista as necessidades de trabalho, passou a viver entre o campo e a cidade, vindo depois a fixar residência na sede municipal.

Já como professora primária, conheceu a JAC ainda no início do movimento, através das amigas e também colegas de profissão, Maria Nazareth Azevedo, Maria Almira de Góes e Maria Da Paz Dantas, passando a se engajar ativamente na organização. Para isso, muito contribuiu sua boa convivência com o meio rural desde os tempos da infância e o ideal de

---

de. [et. al.]. **IPEANE**: uma história da pesquisa agropecuária no Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Embrapa Solos; Aracaju: Embrapa Tabuleiro Costeiros, 2011. p. 24-25.

integração social do homem do campo na cidade, pois não concordava com a forma indiferente com que este era tratado no centro urbano, como chegou a revelar em seu depoimento. Nomeada dirigente diocesana da JAC em 1961, passou a representar a diocese de Caicó nos encontros regionais e nacionais do movimento, como os ocorridos na cidade de Assú (RN), nesse mesmo ano e em Nazaré da Mata (PE), no ano seguinte, esse último sob a sigla do 2º Congresso Nacional da JAC, acontecimento do qual trouxe novas experiências para serem implantadas no meio rural[632]. No encontro de Assú, foi responsável juntamente com o padre Ernesto de elaborar os primeiros esboços da festa da colheita do município de Cruzeta.

Ainda em 1961, é convidada pelo então prefeito municipal, Joaquim Lopes Pequeno (1892-1971), mais conhecido como "Seu Baé", para assumir a Secretaria Municipal de Administração, proposta que acatou com certo receio, pois "não se via fora de uma sala de aula", julgando por bem encerrar, após dez anos de exercício, a sua carreira no magistério público[633]. Procurando atender à necessidade básica de instrução da população residente no município, à frente da nova função, foi responsável juntamente com outros jovens jacistas e do poder público municipal, pela implantação local da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) e da abertura de pequenas unidades escolares na zona rural, muitas das quais posteriormente se transformavam em projeto de lei[634]. Sua militância na JAC, porém, duraria até o ano de 1964, quando encerraria fileira em decorrência de sua união conjugal com o jovem operário cruzetense Cícero Campos.

Via de regra, o matrimônio era uma interdição à militância no movimento, uma "porta de saída", como chegou a declarar a ex-militante da JAC[635]. E sua contratação significava o afastamento da jovem da vanguarda de atuação, uma vez que se constituía num rito de passagem para a vida adulta. Essa medida, também correspondia a uma exigência dos próprios movimentos de juventude do apostolado leigo da Igreja, pois, antes de tudo, eram considerados "jovens" aqueles que desfrutavam do estado civil de "solteiros"[636]. Impedida de continuar à frente do movimento, a jovem Alexandrina seria substituída na missão por uma de suas companheiras de luta, a senhorita Jurandir Cardoso, que assumiria a direção do grupo já em sua

---

[632] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*., p. 27.
[633] Idem, p. 39.
[634] Data de julho de 1963, um documento subscrito pelo prefeito municipal, Joaquim Lopes Pequeno, encaminhando para as "devidas apreciações" da Casa Legislativa, "o projeto lei que opta pela criação de uma escola rural no sítio FECHADO, e uma escola noturna para adultos na zona onde fica situado o sítio QUIMPORÓ", certificado da aprovação do referido projeto [sic]. Cf. Prefeitura Municipal de Cruzeta, 19 de julho de 1963. **Encaminhamento de projeto lei ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Cruzeta**. Arquivo da Câmara Municipal, pasta de ofícios recebidos.
[635] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 79 anos, no dia 04 de agosto de 2018.
[636] Cf. AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA. **Estatutos e Regulamentos**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1946. p.23.

fase de decadência na Diocese. Por essa época, a JAC cruzetense já podia se gabar de ter posto em prática em sua "comunidade-sede" a "mística" do movimento: "ser fermento no meio"[637] e viver "uma espiritualidade encarnada no humano"[638], firmada num "trabalho em conjunto"[639].

Figura 3434. Congresso Nacional da JAC ocorrido em Nazaré da Mata/PE, no ano de 1962. Ao centro, em destaque, vê-se a jovem Alexandrina Maria de Oliveira, representante do movimento diocesano de Caicó. Fonte: Acervo pessoal do autor.

É desse período anterior a eclosão da crise política deflagrada em 1964, que data o início da mobilização, organização e orientação dos trabalhadores rurais em território cruzetense no sentido de promover a sindicalização rural, o treinamento e a formação de líderes cristãos, como também a promoção social do homem do campo, obras de ação social lideradas pela Igreja, com a colaboração local dos jovens da JAC e de outras entidades governamentais.

2.2. "Como um bago de trigo que floresce": a Ação Social e a "mística jacista" em Cruzeta

Assim como outros movimentos de Ação Católica Especializada, a JAC também tinha sua "mística" própria, se entendermos por isso aquela força invisível e interior que anima,

[637] JAC. **Conclusões do IV Conselho Nacional**, 1965/1967. p.8.
[638] Informe Moral da JAC/F do Brasil – 1965. **IV Conselho Nacional JAC/F**. Itaparica-Salvador-Bahia, 6 a 25 de maio de 1965. p.4.
[639] Num trecho de um informe produzido pelo "IV Conselho Nacional da JAC/F" realizado em 1965 no estado da Bahia, o articulista menciona a ausência de uma "mística de trabalho em conjunto com outros organismos, que também se preocupam com a promoção do meio rural". Informe Moral da JAC/F do Brasil – 1965. **IV Conselho Nacional JAC/F.** Itaparica-Salvador-Bahia, 6 a 25 de maio de 1965. p. 9.

sedimenta e impulsiona a caminhada e o compromisso de grupos e pessoas. Leonardo Boff, que juntamente com Frei Betto, é um dos poucos intelectuais a tentar teorizar sobre a mística, a define como "o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam pessoas e movimentos na vontade de mudanças" e "inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam as esperanças face aos fracassos históricos"[640]. Ele sustenta que "não há militância sem paixão e mística, não importando a natureza da causa, seja religiosa, humanística ou política"[641]. Boff ainda declara, que "na mística político-social age sempre a utopia", entendida como "aquela capacidade de projetar, a partir das potencialidades do real, novos sonhos, modelos alternativos e projetos diferentes de história", geralmente encontrados nos "grupos oprimidos"[642]. Entre os militantes jacistas cruzetenses, essa "força misteriosa" e "animadora", tinha sua causa na luta pela promoção comunitária da "classe camponesa" e pela defesa de sua integração social no mundo citadino, especialmente do jovem rural, ideal a ser conquistado com o apoio da coletividade paroquiana por meio de um viés cristão.

Em muitos casos, essa energia geradora encontrava ensejo na própria experiência pessoal do jacista, já que muitos deles migravam da zona rural para a zona urbanizada do município em busca de melhores condições de vida e trabalho, e se deparavam com a forma segregaria e preconceituosa com que o jovem do campo era tratado na cidade, visto como "matuto" e "beradeiro"[643] pelos jovens citadinos e sendo excluídos dos círculos de sociabilidades juvenis; algo muito curioso, tendo em vista as marcadas características rurais que revestiam e animavam o centro urbano do período. Consciente disso, muitos jovens buscaram romper com esse estado de isolamento e marginalização vivido pelo jovem campesino, passando a militar em prol de sua emancipação social, pois "a vez que ele tinha era só a de plantar, colher e trazer mercadoria para ser vendida na feira e não possuía ninguém que fosse por ele"[644].

A mística jacista se revelava especialmente na ação social e evangelizadora praticada pelos jovens militantes junto às bases comunitárias, aquilo que era chamado no período de "pastoral de meio"[645] ou "pastoral construtiva"[646], e buscava atingir os cristãos indiferentes e

---

[640] BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 24.
[641] Idem, p. 26
[642] Idem, p. 24.
[643] Expressão do dialeto local. Significa o mesmo que tolo e imbecil; indivíduo sem boas maneiras, de mau gosto e de costumes rudes, que fala errado e possui pouca cultura formal.
[644] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 79 anos, no dia 05 de maio de 2018.
[645] Cf. JAC. **Conclusões do IV Conselho Nacional**, 1965/1967. p. 07.
[646] De acordo com Schurr, a "pastoral construtiva" é aquela que "abrange o homem inteiro, inclusive seu ambiente" e "é exercida também pelos leigos, e tem um cunho missionário". Ela "é construtiva porque penetra o mundo, vai até onde a vida tem seu impulso dinâmico e onde o novo mundo está sendo edificado". SCHURR, Víctor. **Pastoral construtiva**: comunidade e missão. São Paulo: Edições Paulinas, 1968. p. 13.

afastados da Igreja em seu ambiente de vida (família, profissão, instituições, lugares de trabalho e diversão), com o intuito de formar leigos ativos e conscientes para transformar através deles as estruturas da sociedade temporal. Esta se dava por meio de diversas ações missionárias, sistematicamente organizadas, que incluíam visitas pastorais previamente agendadas às comunidades rurais, as quais eram feitas em companhia do vigário e sob a sua supervisão eclesiástica. Uma canção da época utilizado pelos militantes jacistas da Paróquia revela esse ideal missionário a que se prestava o movimento na comunidade, como também o espírito de conquista e combate que animava o trabalho apostólico desses jovens em suas jornadas catequéticas pelas fazendas e sítios da localidade:

A nossa JAC tem uma missão
É conquistar o meio rural.
Nela os jovens é que estão
Vivendo sempre o ideal.

Como é sublime ser jacistas
E cultivar toda virtude
De corpo e alma dá-se ao trabalho
Do meio agrário a juventude.

Como é sublime!
Levar Jesus aos vastos campos
Nobre missão entre sacrifícios mil.
E os jacistas vão levando os vastos campos
Os verdes campos, os campos verdes do Brasil.

Quanta alegria nos traz a vitória
De melhorar o meio rural
Jamais é findo o nosso combate
Que sempre aviva o nosso ideal[647].

A jornada missionária tinha início em frente da Igreja Matriz ou da Casa Paroquial, onde a "caminhonete do padre" aguardava a chegada do vigário e dos jovens da JAC, que distribuídos em equipes de moças e rapazes, seguiam em missão às fazendas e sítios das redondezas, acompanhados, não raras vezes, por um ou mais adultos que iam auxiliá-los no apostolado. No caminho, cânticos e orações eram entoados pelos jovens missionários para animar o trajeto, por vezes muito longo entre a sede municipal e a localidade rural de destino. Um desses cânticos ainda conservados em um velho manuscrito, fala da importância do jovem camponês ouvir a

[647] JAC DE CRUZETA – DIOCESE DE CAICÓ. Como é sublime ser jacista (Música Cisne branco). In. **Caderno de cânticos**. Cruzeta-RN: [s.n.], 1961. p. 3. (Manuscrito).

mensagem da JAC, do encanto e do regozijo de se tornar jacista, de se deixar guiar por sua "bela missão" e de conquistar para Deus "as almas ardentes dos amigos"[648].

Ao abordar à comunidade, o grupo dirigia-se ao pouso de acolhida, as vezes a residência de um chefe de família católico com melhores condições de instalação, ou a capela da fazenda, quando esta existia, onde um aglomerado de moradores já aguardava a chegada da comitiva. Feito o acolhimento, partia-se para a distribuição de tarefas: enquanto o vigário tratava com os adultos do meio, as equipes masculina e feminina da JAC se reuniam, cada qual, com os rapazes, moças e crianças da comunidade.

Reunidos em grupos por "setor", fazia-se então a leitura e discussão em comum do Evangelho, buscando situá-lo nos desafios da realidade concreta da vida no campo, e se discorria sobre temas de formação espiritual, moral e cívica, incluindo palestras que visavam a preparação das crianças, jovens e agricultores para a vivência dos sacramentos (batizado, primeira eucaristia, crisma e matrimônio) e para a prática de civismo e cidadania, momento em que se buscava provocar no homem rural a reflexão sobre sua importância para a sociedade urbana e também orientá-lo para a necessidade de organização de sua "classe", a qual devia ser feita sob as bênçãos da paróquia, como forma de superar os desafios da vida campesina.

Havia ainda ocasiões em que se comemorava as datas especiais do calendário litúrgico, como a "páscoa do agricultor" e se rezava novenas[649]. Concluídas as tarefas propriamente apostólicas, improvisava-se um altar sob a copa de uma árvore frondosa, quando não se dispunha de capela edificada, e fazia-se a celebração da missa com a participação de toda comunidade rural reunida.

Uma dessas jornadas catequéticas que se tem registro escrito, ocorreu ainda em maio de 1960, por ocasião de uma visita pastoral realizada pelo então bispo diocesano de Caicó, Dom Manuel Tavares de Araújo, à paróquia de Cruzeta. O documento que faz referência ao ocorrido, revela o estado festivo com que este foi recebido pelo "povo" na cidade, "que fez uma grandiosa manifestação ao seu Pastor"[650]. A ação pastoral, porém, só teve início no dia seguinte às "orações rituais" de descerramento, quando o bispo em companhia do vigário iniciou a "desobriga" pelos sítios e fazendas situados na circunscrição da Paróquia, sendo auxiliados pela equipe feminina da JAC e pelo chefe da Estação Experimental do Seridó, o senhor Valter

---

[648] JAC DE CRUZETA – DIOCESE DE CAICÓ. Jovem houve a JAC (Música de índio), *op. cit.*, p. 8.
[649] CAMPOS, Alexandrina; MORAIS, Ione Diniz, *op. cit.*, p. 27.
[650] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944 – 1993).** Cruzeta-RN. p. 35.

Dantas Cortez, que palestrou sobre técnicas agrícolas de reflorestamento, "prestando um grande serviço de orientação aos agricultores".

Enquanto os religiosos batizavam e ministravam os sacramentos da penitência e confirmação (crisma), as jovens jacistas tomavam "a parte do catecismo das crianças e o contato com as moças do campo", com "o vigário sempre orientando todos os trabalhos"[651]. O padre Ernesto Espínola, que dirigiu as ações pastorais por onde a comitiva passou distribuindo os ministérios apostólicos costumeiros, deixou suas impressões a respeito das "moças da JAC", comparando-as a "verdadeiras Cirineu no trabalho apostolar"[652], numa referência ao personagem bíblico, que segundo o evangelista, foi compelido a levar a cruz de Cristo no momento de sua caminhada pela via dolorosa[653].

Era através do trabalho especializado realizado na zona rural, que a JAC entrava diretamente em contato com os jovens do campo e ficava sabendo de suas necessidades espirituais e materiais, experiência a partir da qual buscava elaborar suas estratégias e planos de ação. Assim, quando se certificava que em determinada comunidade rural existia um número considerado de jovens e crianças que não tinha acesso a instrução formal, uma das primeiras atitudes tomadas pela JAC era encontrar meios de se conseguir alguma professora para a localidade e de se abrigar um grupo escolar na residência de um dos moradores locais, já que também existia entre os jovens jacistas "a preocupação com o desenvolvimento intelectual do homem do campo"[654].

Os problemas de ordem moral constatados, como a existência de discórdias entre pais e filhos ou entre proprietários de terras e trabalhadores, também serviam de tema especial para as prédicas dos jovens, por meio das quais buscavam sempre orientá-los para um desfecho harmônico e pacífico. Essa função social da JAC, foi bem representada na figura do "bago" de trigo cingindo a Cruz pátea ou Templária, que compõe o seu Brasão de Armas e traduz a identidade do grupo, já que o militante jacista, à semelhança da "espiga de trigo", que simboliza o verdadeiro cristão e o alimento espiritual salutar ("o pão da vida"), conforme a tradição cristã, devia se esforçar para produzir em seu meio os frutos de fidelidade, amor, mansidão e paz, em contraposição ao "joio", ou seja, aos apóstatas da fé, aos degenerados e aos que vivem distantes de Deus, cujos frutos são a infidelidade, a desavença, o ódio, a perturbação e o caos[655]. Não é

---

[651] Ibidem, p. 35-36.
[652] Ibidem, p. 37.
[653] BÍBLIA. N. T. Evangelho de São Marcos. In. BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Trad. Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim/RS: Edelbra, 1979. p. 915.
[654] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 82 anos no dia 05 de maio de 2018.
[655] Cf. LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. 2 ed. Trad. João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 2006. p. 245-246.

por acaso, que em face do perigo dos "agitadores vermelhos", a hierarquia da Igreja recomendaria a "mística jacista" como forma de "contrabalançar e superar a mística comunista" no campo[656], uma vez que o trabalho de JAC também era o de exortar a solidariedade cristã e promover a união das famílias e das classes camponesas como expediente para as dissidências grupais.

Figura 3741. Brasão de Armas ou Escudo da JAC.
Fonte: Arquivo Metropolitano da Arquidiocese de Natal.

Um caso interessante relativo a isso, ocorreu no "sítio do Sr. Felix Pereira", ainda durante a "desobriga" realizada na paróquia, em 1960, onde se notou uma "pequena aproximação dos homens à mesa eucarística, ocasionada pela ausência dos donos da casa, que não foram os primeiros a dirigir os seus moradores"[657]. O vigário Ernesto, que lavrou o registro em livro, relata que durante a missa celebrada pelo bispo na residência dos proprietários, "fez-se notar, o pequeno número de assistentes", pois "os homens simples não penetraram no meio que não era seu"[658]. Embora não mencione o motivo de tal comportamento por parte dos moradores locais, o relato deixa implícito uma situação de conflito envolvendo os chefes da casa e os agregados

[656] "Declaração da Comissão Central da CNBB – A Igreja e a situação do meio rural brasileiro". In. Estudos da CNBB – 11. **Pastoral da terra**. 2 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. p. 125.
[657] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944 – 1993).** Cruzeta-RN. p. 36.
[658] Idem. (*Adaptado*).

da fazenda. Também pode ter influído no caso, à propósito da propalada reforma agrária liderada pela Igreja e defendida nos púlpitos[659], o já crescente "boato" de que alguns "padres comunistas" pretendiam tomar as terras alheias e atear desavenças entre patrões e trabalhadores[660], o que contribui para entender a ausência dos donos da fazenda na presença do bispo e do vigário no ato da "missa" e mais ainda o fato de alguns moradores terem confundido o barrete cardinalício do prelado com o gorro rubro do "comunista"[661]. No final, em atenção a circunstância divisada, "foi feito o trabalho de catequese pela JAC, que procurou dar o que estava ao seu alcance"[662].

Uma outra situação que chama atenção, agora envolvendo a equipe feminina da JAC e as jovens sitiantes, ocorreu na "Capela da Estrela do Norte", durante o mesmo ato apostólico referido, onde "fez-se notar muita ignorância religiosa, mas do que nas demais fazendas", sobretudo, por parte dos "principais chefes" das propriedades próximas. Sobre o ocorrido, o registro menciona o "grandioso trabalho" realizado pela JAC nessa localidade rural, a qual também constatou "muitas dificuldades na catequese e mesmo no contato com as moças"[663].

Como revelou mais tarde a ex-jacista Alexandrina Campos, no início, houve muita resistência por parte dos jovens rurais ao trabalho da JAC, pois entre eles existia uma certa "desconfiança" em relação aos jovens da cidade, que só se relacionavam em "grupinhos fechados" e não se "misturavam" com os jovens do campo, por considerá-los "grosseiros" e "ignorantes" e, portanto, pessoas de menor valor humano[664]. Com o tempo, foi-se criando um "elo de coesão" entre as duas "esferas" juvenis, para o qual serviu de arbitragem o trabalho de ação social e de evangelização desenvolvido pela JAC, tanto no meio rural quanto no espaço citadino.

Na cidade, o ambiente do Mercado Público funcionava como um "campo de ação"[665] para algumas atividades de intervenção pastoral promovidas pelas "equipes de irradiação" da JAC, como tecer contatos informais com os jovens do sítio, fazer convites programáticos, marcar visitas, divulgar celebrações e assembleias, a exemplo da Festa da Colheita, e realizar "inquéritos", uma vez que esse se constituía num importante ponto de concurso da mocidade

---

659 NÓBREGA, Dewet S. Reforma Agrária liderada pela Igreja. **A Fôlha**, Caicó/RN, 21 de janeiro de 1961. p. 02.
660 BALBINO, Padre Antônio. Esse padre é comunista. **A Fôlha**, Caicó/RN, 19 de agosto de 1961. p. 05.
661 Informação retirada do depoimento concedido pela Senhora Maria Letícia dos Santos, 69 anos, no dia 25 de setembro de 2018.
662 PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, *op. cit*., p. 36.
663 Idem
664 Entrevista concedida por Alexandrina de Oliveira Campos a esse autor, no dia 25 de setembro de 2007, para a realização do "Inventário da Festa da Colheita do Município de Cruzeta".
665 Chamava-se de "campo de ação" ou "faixa ambiental", o espaço humano habitual onde se exercia o apostolado leigo. Cf. JAC. **Conclusões do IV Conselho Nacional, 1965/1967**. p.7.

rural e urbana e também da população em geral, que para lá se dirigia no dia de feira livre ou nas tardes domingueiras. Mas era através do clube social e recreativo que a juventude jacista atingia a comunidade juvenil como um todo.

2.3. "Ser fermento na massa": A JAC e o Clube Social em Cruzeta

Entre 1959 e 1960, quando a JAC já vinha despontando no cenário sociorreligioso local, o Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC) ou simplesmente o "Grêmio", já era uma realidade concreta entre os jovens citadinos, embora ainda se constituísse numa "novidade" no meio destes. Criado em 1959, para servir de "clube social" destinado a recreação do público jovem, o GLEC surgiu da necessidade sentida pela população juvenil da cidade, sobretudo, entre aqueles mais preocupados com o progresso comunitário, de se conquistar espaços de lazer e entretenimento cultural, estimulados pelas referências do desenvolvimento humano que ocorriam em outras plagas e que chegavam até Cruzeta por meio dos jovens mais abastados que estudavam em outros centros urbanos mais dinâmicos.

Nessa época, os divertimentos juvenis eram escassos na cidade, se resumindo aos bate-papos nas calçadas da Igreja e do "Otávio Lamartine", ponto certo dos encontros nas horas de ócio noturnas, sendo notável entre o público jovem, especialmente no meio da juventude mais inquieta, o desejo de acesso a ambientes de leitura, salões de dança e recintos para práticas esportivas. Muitos jovens que se viam compelidos a permanecer na localidade, sem muitas expectativas de vida, nem meios de prosseguir nos estudos lá fora, passaram a reclamar por melhores espaços de socialização e participação na sociedade, já que "se terminava o antigo primário e mais nada restava para fazer, a não ser folgar nos timezinhos de futebol"[666]. Foi nesse clima de expectativas e vontade de inovar, que surgiu a ideia de fundação de um clube sócio recreativo baseado nos grêmios estudantis de Natal, onde já estudavam Sérgio Cunha, Milton Simão Bezerra, Lúcia Araújo, Wildon Góes, Eliane Santos, Neci Bezerra, Jecy Bulhões, Albani Guerra e outros jovens cruzetenses, muitos dos quais também militantes do movimento de Juventude Estudantil Católica (JEC). A partir das novas experiências vivenciadas na capital do Estado, esses jovens estudantes, durante um período de férias em que se encontraram na terra natal, passaram a incentivar de forma organizada a criação de um "clube-grêmio" em

[666] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 82 anos, no dia 27 de maio de 2018.

consonância com outros jovens já atuantes na localidade, atendendo a necessidade já sentida pela mocidade local[667].

Para que o Grêmio pudesse se adequar às condições da sociedade local, foram feitas algumas adaptações. O estatuto da nova entidade foi elaborado e em seguida abonado em reunião. Também foram realizadas eleições para a escolha de uma diretoria, a qual seria composta por um presidente e vice, um tesoureiro e secretário, tendo sido eleito para a presidência o jovem Milton Simão Bezerra. Como não se tinha um espaço próprio para as reuniões, estas eram feitas em locais improvisados, gozando da preferência dos jovens o "banco" do hotel de Dona Maria Teixeira, situado na praça do comércio da cidade, local procurado pela vizinhança para as "prosas" vespertinas[668]. Terminada as férias, com o retorno dos estudantes para os lugares onde estudavam, assumiu a presidência da agremiação o jovem Herli Ernani de Araújo[669].

Como dirigente do Grêmio, Herli se destacou por seu espírito de liderança, organização e zelo administrativo[670]; "era amante dos livros e gostava de incentivar os jovens à prática da leitura", mantendo, inclusive, em sua casa, uma biblioteca particular que era colocada à disposição de quem dela quisesse fazer uso[671]. Com tendências políticas, elegeu-se vereador e depois vice-prefeito de Cruzeta, para um "mandato tampão" de três anos (1970-1973), na chapa única do prefeito eleito Cícero Simão Bezerra, pela a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), o partido político brasileiro criado em 1965 com a finalidade de dar sustentação política ao regime militar[672]. Relata Campos e Morais que obteve vitória nos pleitos eleitorais "sem participar de nenhuma campanha política"[673]. Também foi um enérgico militante jacista[674]. Os demais membros da Diretoria eram Manoel Dantas (Coquinha), Alexandrina Maria de Oliveira, Jurandir Cardoso de Medeiros (Didi Cardoso), Maria da Paz Dantas, Manoel Maurício de Medeiros (Medeirinhos) e Moacir Maurício Dantas[675], jovens que depois passaram a militar pela JAC ou a colaborar de perto com o movimento.

---

667 CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*., p. 32. Cf. também GOES, Terezinha de Medeiros. **Noções de geografia e história do Município de Cruzeta**, *op. cit*., p. 65-66.
668 Informação retirada do depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, no dia 17 de julho de 2018.
669 CAMPOS, Alexandrina; MORAIS, Ione Diniz, *op. cit*., p. 32.
670 Informação retirada do depoimento concedido pela senhora Jurandir Cardoso, 76 anos, no dia 05 de fevereiro de 2019.
671 CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*.**,** p. 40.
672 Cf. CRUZETA/RN. **Sinopse de Cruzeta II**. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 11. (Datilografado).
673 CAMPOS, Alexandrina de Oliveira.; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*., p. 41.
674 Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 82 anos, no dia 17 de julho de 2018.
675 CAMPOS, Alexandrina de Oliveira.; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz, *op. cit*., p. 32.

Fundada a sociedade, tratou-se, então, de se conseguir um espaço para o início das atividades sociais, passando a primeira sede do Grêmio a funcionar provisoriamente numa garagem situada nos fundos da casa do Senhor Celso Azevedo, nas imediações do largo da Igreja Matriz, atual praça João de Góes, depois transformada em residência do casal Nazareth Azevedo e Pedro Vital. Com o passar do tempo, a sede foi transferida para um prédio localizado na rua José Celestino de Medeiros nº 146, no cruzamento com a atual rua Dr. Felix Pereira de Araújo, hoje em estado degradante e, finalmente, sua última sede foi a Associação Educadora de Cruzeta (Clube Municipal), onde veio a se extinguir[676].

Inicialmente, o Grêmio contava com poucas atividades, sendo as mais importantes os encontros para as práticas de leitura e discussões literárias, jogos de mesa improvisados (damas e dominó) e os "soirées" ou reuniões sociais dançantes, realizados aos sábados à noite, onde as moças que sabiam dançar ensinavam aos rapazes e vice-versa; isso era motivo de espanto e falatórios por parte de algumas pessoas da sociedade, como relatou a ex-jacista e também sócia fundadora do clube, Alexandrina Campos:

> No início, a sociedade não entendia a proposta do Grêmio; achava horrível aquelas moças e rapazes se reunirem a noite até para dançar lá dentro dessa sedezinha. Para muitos, aquilo não passava de um cabaré [...]. Falavam mal. Diziam que a 'galera' vivia 'dançando lá no canto'; chamavam 'nomes'. Não acataram. [...] Apesar da reprovação por parte de certa camada da sociedade, tínhamos o apoio do padre e das autoridades públicas. [...]. Com o tempo, [...] foi-se mudando a mentalidade e as pessoas foram percebendo que existia um respeito e que não era aquilo que pensavam[677].

Para dá início aos "soirées", o Senhor Joaquim Lopes Pequeno (Seu Baé), na época prefeito municipal, solidário com a iniciativa, fez a doação de uma velha radiola para servir de conjunto musical entre os jovens, pois "era um prefeito muito atualizado"[678]. Os discos e um microfone, foram adquiridos posteriormente[679].

A fim de inaugurar os jogos de mesa na sede, o jovem José Maria de Almeida (Zé Maria), um dos sócios fundadores do clube, em posse de uma velha janela ignorada, confeccionou um tabuleiro de madeira. Para introduzir as práticas de leitura, alguns membros do clube fizeram a concessão de alguns livros, depois de previamente selecionados pela diretoria. Não raramente,

---

[676] Idem, p. 32-33. Além dos lugares já mencionados, o GLEC também chegou a funcionar, por um tempo, na sede do "Clube de Mães", situada à rua Emílio Vale, na esquina com a atual avenida Dr. Sílvio Bezerra de Melo, como informou a ex-jacista e ainda sócia fundadora do clube juvenil, Jurandir Cardoso, em entrevista concedida para essa pesquisa, no dia 09 de fevereiro de 2019.
[677] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 82 anos, no dia 17 de julho de 2018.
[678] Idem.
[679] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira.; MORAIS, Ione R. Diniz, *op. cit.*, p. 33.

acontecia de se recorrer ao padre da paróquia a fim de ter sua opinião ouvida a respeito de algum título. Em geral, lia-se, principalmente, as obras de literatura brasileira e estrangeira, com destaque para autores de reconhecimento nacional, como José de Alencar, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz, ou aquelas que fossem classificadas como de "boa leitura", isto é, que não atentassem contra os princípios morais e religiosos estabelecidos. Também eram lidas nas "mesas de leitura", algumas revistas de circulação nos grandes centros urbanos, como "O Cruzeiro", as quais chegavam a sede da entidade através das assinaturas dos sócios. Mas tarde, com o propósito de colaborar com as atividades do Grêmio, a senhorita Maria Almira, que vinha acompanhando de perto o desempenho dos amigos, cedeu para o clube uma máquina de costura de seu uso laboral, da qual se improvisou uma mesa de ping-pong. A bola e as raquetes do jogo, foram adquiridas através de doação na capital paulista, graças à boa vontade de um conterrâneo ausente.

O Grêmio funcionava com uma programação bem definida. Durante a semana, a sede era aberta para a realização dos trabalhos propriamente administrativos, como elaborar planejamento, fazer a leitura dos relatórios das atividades e produzir os balanços financeiros ou realizar reuniões entre os associados quando necessárias; aos sábados, facultava-se o acesso ao público jovem. Às vezes, apareciam "de visita" alguns "espiões", geralmente adultos, que desconfiados com as atividades da "casa", não relutavam em conferir com os olhos o que já se comentava nas esquinas, ou mesmo ainda para dar "pitacos"[680].

À medida que o número de sócios majorava, ia crescendo também a necessidade de incrementação e diversificação das práticas recreativas. Foi assim que surgiu a ideia de se realizar uma grande campanha de aquisição de livros com o intuito de incentivar a leitura e o desenvolvimento intelectual dos membros do clube, num esforço que resultou na organização da biblioteca do Grêmio. Muitos títulos e coleções bibliográficas foram adquiridos nas livrarias de Natal, onde alguns jovens cruzetenses já tinham acesso, através de doações generosas. Neste impulso, foram surgindo outras atividades e divertimentos, como os jogos de mesa (dominó e xadrez) e de salão e as discotecas noturnas. Várias campanhas foram feitas na intenção de obter material educativo e recreativo para o desenvolvimento sociocultural da cidade[681]. Com a finalidade de se incrementar as partidas esportivas, foi adquirida uma mesa de *ping-pong* profissional para uso nas competições realizadas na sede. Também havia ocasiões em que eram

[680] Informações retiradas dos depoimentos concedidos pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, ex-sócia fundadora do Grêmio, no dia 27 de maio de 2018 e pelo senhor José Maria de Almeida (Seu Dedeca), ex-sócio fundador do Clube, no dia 11 de março de 2019.
[681] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione R. Diniz, *op. cit*., p. 33.

proferidas palestras educativas aos jovens, nas quais tomavam parte como conferencistas o vigário da paróquia e alguns educadores locais. Tudo era feito de forma programada e organizada pela equipe administrativa.

Com a intenção de contribuir com a receita da entidade, o senhor Antônio Alves da Cunha (Seu Cunha), após terminar a campanha do relógio da torre da Matriz, cedeu para o Grêmio a concessão do "cinema", cujos filmes eram trazidos de Natal pelo senhor Moisés Elias para serem exibidos no Grupo Escolar Otávio Lamartine, às quartas feiras e aos domingos da semana, em horário noturno[682]. Por muito tempo, o operador da máquina cinematográfica foi o senhor Manoel Lourival dos Santos, mas conhecido como Louro de André Lucas, jovem simpatizante comunista que protagonizaria na cidade uma querela com as forças repressivas do Estado, resultando em sua prisão por subversão em 1964[683]. Em virtude da saída de Louro, o encargo passou para José Maria de Almeida (Zé Maria), auxiliado por João Valdivino e Manuel Dantas (Coquinha), membros sócios do clube[684].

Além da programação semanal realizada no Otávio Lamartine, também eram feitas exibições de filmes em algumas cidades limítrofes (São José do Seridó, São Vicente, Florânia e Acari), com o intuito de angariar fundos para a locação de uma sede permanente para o clube[685]. Com a transferência das instalações do Grêmio para o prédio da rua José Celestino de Medeiros, mais amplo e de melhor acomodação, os filmes também começaram a ser exibidos na nova sede, com uma programação semanal voltada mais para o público jovem. Como não existia estrutura física apropriada para as exibições cinematográficas, os espectadores formavam a plateia levando cadeiras de suas próprias residências, enquanto as moças que possuíam namorados levavam duas[686]. Esse costume existente entre os casais de namorados, acabava ensejando "no escurinho do cinema" ocasiões oportunas para a fuga secreta da intimidade amorosa reprimida, o que era motivo na cidade para a circulação de fofocas depreciativas. Alexandrina Campos, ex-sócia e fundadora do Grêmio, relata um caso interessante envolvendo os jovens e o cinema, no qual também tomou parte como protagonista

---

[682] Cf. GOES, Terezinha de Medeiros. **Noções de geografia e história do município de Cruzeta**, *op. cit.*, p. 65. Ver também CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta**: retalhos de sua história. [S.l.: s.n.], 2011. p. 33 e AZEVEDO, Walclei de Araújo. **Fatos pitorescos de Cruzeta**. Natal: Editora do autor, 2009. p. 24.

[683] INQUERITO da subversão comprovou, no Rio Grande do Norte: sublevação das massas para implantação de uma República Socialista, no país. **O Poti**, Natal/RN, 20 de setembro de 1964. p. 1-2; 4-5.

[684] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira.; MORAIS, Ione R. Diniz, *op. cit.*, p. 33.

[685] Informação retirada do depoimento concedido pelo senhor José Maria de Almeida (Seu Dedeca), ex-sócio fundador do Clube, no dia 11 de março de 2019.

[686] CAMPOS, Alexandrina de Oliveira.; MORAIS, Ione R. Diniz, *op. cit.*, p. 59.

da trama. Apesar de longa, a narrativa merece citação por não poupar os detalhes sutis da intriga:

> Certa vez foram enredar ao juiz que estava havendo muita imoralidade no cinema, pois quando as luzes se apagavam, as moças começavam a agarrar e a beijar os rapazes e os namorados dentro do recinto. Sei que nós fomos convocados a comparecer perante o juiz. Foram uns cinco ou seis, não sei quantos. Quando acontecia qualquer coisa para resolver, a gente ia, mas quando chegava a hora de falar ficávamos jogando a vez para o outro. Mesmo eu não sendo a presidente [do Grêmio], diziam assim: 'ei, você é quem vai falar', acenando pra mim. E eu rebatia: 'eu não, por que não você?' E ouvia depois: 'Não, você é quem vai falar'. E ficávamos nessa... Sei que saí dizendo que não ia falar [...]. Quando nós chegamos lá – a sede do poder judiciário funcionava nos fundos da Prefeitura, onde hoje está instalada a Câmara Municipal –, o juiz já estava nos esperando. Era um cara jovem. Entramos e falamos com ele. De vez em quando todo mundo acenava para o meu lado, como que dizendo 'fale agora!' Então ele perguntou: 'É o Grêmio?' Eu fui dizendo: 'Sim! Somos nós, os representantes do Grêmio. Fomos intimados e aqui estamos. Sabemos o que o senhor tem para nos falar. Estamos aqui para ouvir e até se preciso for, para fazer a nossa defesa'. Ele falou que estava tudo bem e pediu para que sentássemos. E aí nos falou que tinha recebido essa reclamação assim, assim... Então eu disse: 'Doutor, eu acho sem fundamento, eu acho ignorância do povo ainda – o senhor vá desculpando as minhas expressões. Nós estamos justamente trabalhando com a finalidade de educar esse povo. E se existe isso, a mim não consta e a nenhum de nós. A não ser que tenha alguns casais de namorados que... Eu disse até assim: 'claro que tem, no mundo de hoje!' 'No cinema, tem as moças que levam duas cadeiras: uma pra ela e outra para o namorado. E se eles se aproveitam o momento que a luz se apaga para um beijo, uma coisa assim, eu não vejo nada demais. Sabe por quê doutor? Por que nunca vi uma moça engravidar de um beijo. Falar não! Não sei se o senhor sabe! Eu mesmo não sei'. Aí ele abriu uma risada e continuei com a defesa: 'o que vejo aí, talvez seja uma oportunidade que eles não têm em outro espaço... 'Agora' – eu disse até assim – 'nunca vi um menino nascer de um beijo'. Ele se controlou para não rir e aí foi dizendo: 'tá certo! Vocês têm razão. Continuem!' [...][687]

O acesso aos divertimentos do Grêmio se dava pelo sistema de associação, através do qual os jovens interessados com idade superior a 14 anos se transformavam em membros (sócios) do clube. Estes consistiam na sua maioria em "filhos de funcionários públicos pobres", provenientes da classe média urbana do município, embora, também se observasse a ocorrência de jovens oriundos da zona rural, que mesmo não sendo frequentadores assíduos, costumavam aparecer nos dias de feira livre ou quando se encontravam na cidade.

Para tornar-se membro sócio do clube, o jovem interessado se dirigia à sede da agremiação portando duas fotos 3x4, uma para constar no cadastro individual (no livro dos associados) e outra para figurar na "carteirinha" de sócio, a qual era entregue a cada membro

[687] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 82 anos, no dia 5 de maio de 2018.

associado para servir de documento de identificação pessoal. Depois respondia uma ficha com alguns dados próprios, informando nome completo, endereço residencial e data de nascimento[688]. Os jovens de vida desregrada ou desordeira não eram aceitos na entidade e aos ébrios contumazes era-lhes facultado o acesso somente em estado de sobriedade e mesmo assim sob advertência de mudança de conduta. Aqueles que causassem desordem no recinto ou mesmo nas vias públicas eram punidos com suspensão, o que acabava gerando um certo "mal-estar" entre os contraventores e a direção do clube, caso, por exemplo, ocorrido com um jovem comerciante da cidade, que por motivo de confusão provocada no estabelecimento devido a seu estado alterado de embriaguez, teria recebido 90 dias de suspensão do clube[689]. Um pequeno valor em pecúnia ("mensalidade") ainda era cobrado aos sócios a cada mês, sendo-lhe bloqueado o acesso em caso de atraso infundado. Lembra um antigo sócio do clube que houve um período em que se chegou a pagar Cr$ 5,00 (5 cruzeiros) de mensalidade[690]. Também houve uma época em que a associação recebia uma modesta ajuda financeira (verba) da Prefeitura para a manutenção das atividades sociorecreativas[691]. A arrecadação dos associados e a renda dos filmes deixavam para a instituição uma receita suficiente para muitas promoções sociais[692], como a realização de folguedos do calendário sociorreligioso municipal, dos quais os mais importantes eram o "São Pedro" e o "São João" dos jovens. Dos livros de registro administrativos e contábeis da entidade nada restaram. Nem se tem conhecimento da existência do estatuto que regia a sociedade[693].

O Grêmio ainda tinha participação ativa na organização de outras celebrações comunitárias, como a "Festa da Colheita" criada pela JAC em 1961 e de "Nossa Senhora dos Remédios", padroeira do município, além de atuar no setor educacional da comunidade, não se constituindo, por isso, numa instituição unicamente destinada a práticas recreativas. Da luta pela melhoria do quadro educacional do município, assumida, sobretudo, por um grupo de jovens reunidos no Grêmio, muitos dos quais também jacistas, surgiria em nível local a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), resultando em 1964 na criação de um

---

688 AZEVEDO, Walclei de Araújo. **Fatos pitoresco de Cruzeta**, *op. cit.*, p. 108.

689 Informação retirada do depoimento concedido pelo senhor José Maria de Almeida (Seu Dedeca), ex-sócio fundador do Clube, no dia 11 de março de 2019.

690 Depoimento concedido pelo senhor José Maria de Almeida (Seu Dedeca), ex-sócio fundador do Clube, no dia 11 de março de 2019,

691 Informação retirada do depoimento concedido pelo senhor Manuel Maurício de Medeiros, ex-sócio e presidente do GLEC, no dia 24 de maio de 2018.

692 CAMPOS, Alexandrina de Oliveira.; MORAIS, Ione R. Diniz, *op. cit.*, p. 33.

693 A mesma observação em forma de indagação foi feita por Campos e Morais em seu livro já mencionado e também confirmada pelo senhor Manuel Maurício de Medeiros (Medeirinhos), ex-presidente e sócio do Clube juvenil, em entrevista realizada no dia 24 de maio de 2018. Cf. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira.; MORAIS, Ione R. Diniz, *op. cit.*, p. 33.

curso ginasial promovido pela "Escola Cenecista", uma vez que em termos de instrução escolar, a escolaridade se restringia até o 5º ano do antigo Primário[694].

Embora se tratasse de uma entidade privada, sem fins lucrativos, voltada para a promoção de atividades de ordem temporal, o GLEC atuava de modo paralelo com o movimento jacista, pois enquanto aquele "exercia um trabalho mais social" entre o público jovem, "a JAC desenvolvia um trabalho mais de Igreja"[695]. Essa frente de ação podia ser observada entre os próprios agentes que formavam a diretoria do clube, esta geralmente constituída por militantes jacistas ou simpatizantes do movimento.

Figura 3841. Festa junina organizada por jovens da JAC e do GLEC em 1962.
Ao centro, em destaque, vê-se Alexandrina de Oliveira e Herli Ernani, líderes jacistas em Cruzeta.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Um documento do período que relata a importância dos clubes para a união e organização dos jovens rurais, colocava como sendo oportuna a atuação da JAC dentro dessas entidades juvenis, sugerindo aos militantes que já atuavam nas agremiações a procurar motivar a juventude para aprofundar ou criar novas experiências de organização dos jovens nas

694 Ver estudo de ALMEIDA, Marluce Rodrigues dos Santos. **A história da CNEC**: sua importância para a educação de Cruzeta. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2001.
695 Informação retirada do depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, 82 anos, no dia 5 de maio de 2018.

comunidades[696], recomendação que também era seguida pelos militantes jacistas cruzetenses, como demonstra as ações realizadas pelo movimento no setor da cultura e da educação locais. Assim, enquanto o Grêmio atuava no sentido de criar meios para facilitar o desenvolvimento cultural e educacional dos jovens e sua participação na sociedade cruzetense, a JAC buscava ajudar os militantes a refletirem a sua ação no meio e consequentemente dentro do clube, dando a essa uma dimensão mais evangélica[697], já que, como se afirmava nos círculos do apostolado leigo, "os jovens rurais são os primeiros apóstolos dos jovens rurais"[698].

Outro fator importante nesse sentido, era a influência que o padre Ernesto Espínola, vigário paroquial e também assistente eclesiástico da JAC, exercia sobre as ações deliberativas do Grêmio, auferindo junto à organização juvenil o papel de "grande defensor, aliado e guia espiritual"[699]. Diferentemente do seu predecessor paroquiano, padre Ernesto não exercia sua autoridade eclesiástica fazendo impor "de fora" a força do seu poder e de sua vontade sobre o leigo e as organizações paroquiais, como ocorria no modelo clerical tridentino, mas procurava imprimi-la pelo conselho, pela persuasão e pela amizade em busca de um horizonte comum, como se pode notar na fala de uma ex-sócia do Grêmio: "Em todas as nossas dificuldades a gente corria para ele. [...] Ele era um padre que nos apoiava. Tudo era com ele, embora nos desse inteira liberdade"[700]. Essa forma mais cordial e afetiva de impor a autoridade presente no vigário Ernesto, era já um componente inovador introduzido por sua "pastoral comunitária" e elemento importante na constituição de seu "carisma"[701], já que também contribuía para a subsunção de sua personalidade numa espécie de "líder religioso camarada", atraindo para suas fileiras o entusiasmo dos jovens. Reportando-se a essa maneira mais afetiva de lidar com os jovens paroquianos recordava uma ex-jacista: "padre Ernesto queria muito bem a nós, pois éramos um grupo de jovens que ele estava sempre em contato [...]. E aí me convidou [para participar do movimento] e eu logo aceitei. Então comecei o trabalho de JAC"[702].

---

[696] PAIVA, Eridante. Clubes – organização de juventude. In. JUVENTUDE AGRÁRIA CATÓLICA – JAC. **Conselho Nacional da JAC do Brasil (19 a 29 de setembro)**. Rio de Janeiro, 1966. p. 10-14. (Datilografado).

[697] Essa também era a posição adotada pelo "Conselho Nacional da JACF", o qual sugeria a criação de Clubes "onde a juventude em geral possa assumir mais o aspecto educativo, enquanto as militantes aí atuariam dando a dimensão Evangélica a essas atividades". Cf. III CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE AGRÁRIA CATÓLICA – JACF. **Conclusões**. Rio de Janeiro, 21 de abril a 1º de março de 1964. p. 04.

[698] JAC. **Programa 1959 a 1960**: Nosso Mundo o Mundo Rural. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 04.

[699] Cf. CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione R. Diniz, *op. cit*., p.33.

[700] Trecho retirado do depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, no dia 5 de maio de 2018.

[701] Por carisma, entendo aqui conforme acepção concebida por Max Weber, como "uma qualidade pessoal considerada extracotidiana e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos, ou, então se a toma como pessoa enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como líder". Cf. WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991. vol. 1. p. 158-159

[702] Depoimento concedido pela senhora Isaura Medeiros, 79 anos, no dia 08 de julho de 2018.

Ao lado dessa conduta "camarada" do sacerdote, algo, portanto, novo nas relações entre padre e leigos na paróquia, subsistia a imagem "paterna" do vigário, ainda que menos marcada pelo sentido verticalizado do poder característico das sociedades patriarcais, como se depreende do depoimento da ex-jacista e militante da JAC, Alexandrina Campos, onde a imagem do "amigo" conferida ao sacerdote, surge sobressalente a figura do "pai": "Decidido era o padre, como conselheiro, amigo e pai; aquele que a gente podia chorar no ombro dele se precisasse [...], mas era também aquele que podia chamar a atenção [...], repreender e reprovar se fosse preciso. Mas era antes de tudo aquele 'amigão'"[703].

Embora o modo de exercer o poder da autoridade religiosa já fosse algo novo em padre Ernesto, o "carisma paternal" que lhe era atribuído pelos jovens, tinha sua raiz na profunda vida cristã comunitária, encontrando respaldo na presumida paternidade espiritual do padre-vigário. Era o vigário que consagrava o recém-nascido através da bênção da pia batismal, ato pelo qual se incorporava um novo membro à comunidade paroquiana, exercendo pelo rito sacramental da regeneração sua paternidade espiritual na qualidade de "pai educador" (aquele que aconselha) para a vida cristã. O antigo costume existente entre as crianças e os adultos de "tomar a bênção" ao "padrinho de batismo", hoje já muito em desuso entre os cruzetenses, revela o significado deste vínculo simbólico de maior intimidade estabelecido em torno da figura do padre (pai) vigário[704].

Não é por acaso, que esse liame de identidade esteve durante muito tempo na base do edifício simbólico que associava a pessoa do vigário a uma figura soturna de compleição vetusta e patriarcal, diante da qual o paroquiano se voltava com "temor reverencial", estado de coisas que começou a ser modificado com a chegada do padre Ernesto na paróquia. Esse modelo de relação entre clérigos e leigos, sacerdotes e seculares, onde a "dominação" passa a ser exercida sem a "força do poder", era algo novo na Igreja brasileira, sendo resultado das inúmeras transformações processadas em seu interior desde o advento da Ação Católica, motivadas especialmente pela necessidade de se atribuir ao leigo funções mais altivas nos misteres da hierarquia[705]. Referindo-se a participação do vigário nos trabalhos do Grêmio, comentava uma

[703] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, no dia 23 de fevereiro de 2019.
[704] No ritual de batismo, tomando o recém-nascido sobre os braços no templo, diziam os padrinhos em entoação com o vigário, enquanto selavam na fronte da criança a marca ungida do novo liame: "E este sinal da Santa Cruz que nós traçamos em sua fronte, tu, demônio maldito, nunca ouses violar". Cf. MARTINS, Hildebrando. **Pequeno ritual romano latino-português**. Rio de Janeiro: São Paulo Editora, 1958. p. 7.
[705] AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: ensaios de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2 – Terceira época (1930-1964). Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. p. 519-520.

ex-jacista e também membro da diretoria do clube: "a gente tinha muito apoio do padre Ernesto. Tudo que a gente fazia era com o apoio dele"[706].

A influência do vigário Ernesto junto ao Grêmio ia além do prestígio público que gozava de cura de almas e chefe da paróquia local, atuando como uma espécie de tutor e preceptor dos jovens, já que também era visto como o seu principal líder e conselheiro, como expôs Alexandrina Campos, ex-sócia fundadora do clube: "Padre Ernesto era presente e atuante em tudo que a gente fazia. [...]. Tudo que a gente não conhecia vinha dele. [...] Ele era quem nos ajudava a resolver e a solucionar os problemas. Era quem nos orientava. Enquanto a sociedade 'batia em cima', não aceitava e nos criticava, ele permanecia forte. Era um grande líder"[707].

A participação do presbítero nas atividades do Grêmio não se resumia aos atos de aviso e orientação nas ocasiões mais úteis, mas se fazia também por meio de encontros e conferências regulares, onde buscava discutir com os jovens temas relacionados ao cooperativismo e ao associativismo juvenis, visando mostrar sua importância para a superação das condições de atraso e carência em que viviam a juventude rural, como lembra a ex-jacista Jurandir Cardoso (Didi), que também chegou a compor a diretoria do clube:

> Padre Ernesto era um vigário que sempre procurava apoiar os movimentos juvenis, dando aquele auxilio, fazendo palestras, incentivando o máximo que podia. Ele estava sempre dando incentivo a nós, mostrando como era importante a organização dos jovens. Me lembro que ele dizia muito que os jovens unidos jamais seriam vencidos [...] e que somente com a união a gente conseguiria mudanças, pois só assim os jovens se fortaleceriam[708].

Com a saída do padre Ernesto da paróquia, essa atividade passou a ser desempenhada pelo padre Talvaci Salustino Soares, que o sucedeu nos trabalhos pastorais na freguesia e se revelou interessado pelas causas sociais, abraçando ainda a luta pela educação dos jovens[709]. Dele, chegou a comentar uma ex-sócia do Grêmio, que costumava frequentar assiduamente a sede da agremiação para conversar e fazer conferências com os jovens[710].

Essa presença da Igreja por meio do laicato oficial e de seus agentes institucionais no meio dos clubes juvenis não era uma realidade que se dissesse apenas local, mas uma experiência que vinha se ampliando e se intensificando no âmbito estadual e mais além deste, sendo inclusive incentivada pelo clero católico arquidiocesano, especialmente por parte daquele

[706] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, no dia 27 de maio de 2018.
[707] Depoimento concedido pela senhora Alexandrina de Oliveira Campos, no dia 05 de maio de 2018.
[708] Depoimento concedido pela senhora Jurandir Cardoso, no dia 05 de fevereiro de 2019.
[709] CAMPOS, Alexandrina; MORAIS, Ione Diniz, *op. cit*., p. 39.
[710] Depoimento concedido pela senhora Maria Cardoso Medeiros Almeida, no dia 11 de março de 2019.

concentrado em torno dos trabalhos do SAR. Em 1966, só a nível da arquidiocese de Natal, contabilizavam-se 60 entidades desse gênero organizadas pelo Serviço arquidiocesano, o qual também se responsabilizava em liberar agentes para movimentar e orientar os jovens associados. Embora fossem mais voltados a produção artesanal com fito na comercialização de artigos como cestas, tapetes, bolsas e bordados, atingindo mais diretamente as moças, os clubes também funcionavam com um departamento cultural e outro recreativo e em alguns deles um padre ainda desenvolvia a parte de espiritualidade[711]. Os militantes da JAC atuavam de forma expressiva, contribuindo para o melhor intercurso dos jovens nas atividades da entidade, além de ajudar "a juventude a descobrir os valores de comunidade e das organizações existentes como: MEB, cooperativas, escolas de admissão, campanhas de alfabetização e outras"[712].

Nos estados de Sergipe, Maranhão e Bahia, também foram registrados nesse mesmo ano a ocorrência de experiências evolvendo a participação de militantes jacistas e clubes de jovens, como o caso de Capinzal, no Maranhão, onde a iniciativa de fundação de um clube do gênero partiu de um jovem oriundo da JAC e se encontrava funcionando com 4 departamentos: cultural, recreativo, profissional e religioso, a exemplo da prática desenvolvida pelo SAR de Natal[713].

Na Diocese de Feira de Santana, sufragânea da arquidiocese de Salvador, um dos clubes ali organizados recebiam a colaboração dos estudantes da Escola de Agronomia, que se comprometiam em ministrar aulas para os jovens associados, objetivando aumentar seus conhecimentos de agricultura e técnicas agrícolas[714]. Em Sergipe, onde a JAC era um movimento recente e havia surgido por ocasião do lançamento dos Clubes, salvo algumas nucleações mais antigas na Paróquia de Malhador, a experiência constada foi de 15 organizações do tipo, embora nenhuma fosse registrada. Na fundação e organização das entidades, os permanentes da JAC procuravam descobrir entre a juventude local, os jovens de maior destaque e mais comprometidos com as questões sociais e os interesses juvenis da comunidade, para iniciar um trabalho mais efetivo de engajamento no meio. Formado o pequeno grupo, este passava a se reunir separadamente para refletir o tipo de presença que teria nos Clubes e para aprofundar sua linha de ação[715]. Experiências inaugurais também foram verificadas nesse mesmo período nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, onde já

[711] PAIVA, Eridane. Clubes – organização de juventude. In. JUVENTUDE AGRÁRIA CATÓLICA – JAC. **Conselho Nacional da JAC do Brasil (19 a 29 de setembro)**. Rio de Janeiro, 1966. p. 12.
[712] Idem.
[713] Idem, p. 10-12.
[714] Ibidem, p. 12.
[715] Ibidem, p. 11.

existiam clubes sociais administrados por adultos, sem a efetiva participação dos jovens na organização das entidades[716].

Como se pôde averiguar, essas experiências de "Clubes de jovens" voltadas a prestação de serviços educativos, religiosos e recreativos à juventude rural, vinham sendo incentivadas desde pelo menos a última década, como parte de um programa mais amplo de ação social promovido pela Igreja Católica em várias regiões do país, que colocava como sendo prioridade a valorização do elemento humano e a elevação do nível de vida das populações campesinas. Na Diocese de Caicó, onde o movimento jacista deu seus primeiros passos no Brasil, essas experiências de clubes, se verificou ser mais antigas, remontando ao final dos anos 1940, com a instalação da primeira secção jacista de "Timbaúba". Ali, estas vieram a florescer a partir do incentivo de Dom José Delgado, como prática complementar ao trabalho religioso realizado pela JAC, a qual já se preocupava com o aprimoramento da educação dos jovens, a organização do lazer e o ensino dos trabalhos manuais[717].

Um tanto contemporânea das ações desenvolvidas por Dom José Delgado em Caicó, foi a experiência de "Pastoral de juventude" implementada pela arquidiocese de Natal a partir do trabalho iniciado por Dom Eugênio Sales em conjunto com outros sacerdotes. Em seu programa pastoral o serviço de assistência social prestado aos jovens, era visto como de singular importância para o crescimento profissional, moral e espiritual da juventude, mas também como "mola de arranque" para o desenvolvimento econômico da região frente as novas estruturas político-econômicas e sociais, além de contribuir para o maior prestígio da instituição eclesiástica junto a esse extrato social[718].

Essa atenção dada pelo clero católico brasileiro ao jovem rural, notadamente presente nos setores eclesiásticos mais preocupados com o problema agrário no país, tinha base numa visão de "juventude" concebida não mais apenas como um mero receptáculo de valores morais e religiosos, os quais o sujeito etário devia reproduzir, mas como uma "fase da vida" com estilos e características próprias de existência e uma "força social renovadora", onde o jovem passava a ser entendido em sua dimensão humana mais "integral" e complexa, seguindo uma tendência em ascensão nas sociedades ocidentais do pós-guerra[719].

---

[716] Ibidem, p. 11-12.
[717] Cf. LUCCHETTI, Ângela Neves. [et. al.]. 1 ed. **História e organização de jovens camponeses cristãos**: 1947-1972. Rio de Janeiro: Abrace um aluno escritor, 2012, p. 21; 23.
[718] Cf. ARAUJO SALES, Monsenhor Eugênio. **Uma experiência pastoral em uma região subdesenvolvida**. Natal – Brasil: [s.n.; s.d.]. p. 01-04. (Mimeografado).
[719] Cf. SAVAGE, Jon. O ano zero: o teenager triunfante. In. **A criação da Juventude**: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX, p. 487-498. Sobre o jovem na sociedade moderna, ver também estudo de FORACCHI, Marialice M. **A Juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

É verdade que essa nova postura clerical no tocante aos jovens, devia-se tanto em parte a disseminação das novas formulações da Psicologia e da Sociologia modernas, empregadas pela Igreja como ciências auxiliares em seus trabalhos pastorais, quanto das próprias atitudes dos jovens em face da consciência de sua condição no mundo. Também não se pode negar que na reorientação desse novo comportamento, também concorreu a influência do "maritanismo", isto é, do pensamento de Jacques Maritain, especialmente do conceito de "humanismo integral" criado pelo filósofo francês de orientação católica, por meio do qual advoga o primado da pessoa humana, e consequentemente, dos jovens, sobre as coisas e sobre os processos sociais, concebendo-os como uma totalidade que não pode ser reduzida às suas variadas dimensões (econômica, social, cultural, religiosa e etc.)[720]. Dom Eugênio Sales, em comunicação que sintetiza os principais aspectos de sua ação pastoral junto a arquidiocese de Natal, expressava essa nova visão da Igreja em relação aos jovens, percebendo a juventude como uma fase de transição para a vida adulta, marcada por conflitos e tensões, em vista da qual a Igreja devia se voltar com especial atenção: "Essa juventude ainda imatura física, psíquica e espiritualmente está em geral, lançada muito cedo, no temporal, executando tarefas de adulto que levam a perigosos desgastes humanos e crises espirituais"[721].

É certo, como se pode deduzir do documento analisado, que o prelado potiguar tinha especialmente em mente a situação dos jovens camponeses nordestinos menores de 20 anos e de origem humilde, que tendo que se dedicar desde cedo a labuta diária do campo ou de outros serviços estafantes, acabavam tendo que deixar precocemente a sua condição social de "jovem" para assumir as responsabilidades nítidas do "adulto" e, às vezes, nem sequer, conhecendo essa "fase intermediária da vida". Essa situação vivida por muitos jovens do interior do Nordeste, era algo bastante comum nas sociedades baseadas na economia agropastoril e no sistema familiar de produção, onde o indivíduo tendia a passar da infância à condição adulta em um curto período de tempo, numa espécie de "amadurecimento precoce", sendo aí a juventude muito pouco significativa e valorizada como etapa social da vida[722]. O fato de as famílias rurais mostrarem-se pouco afeitas à formação escolar dos filhos, como ocorria até pouco tempo atrás nas áreas de penetração tardia do capitalismo comercial, preferindo educa-los no próprio seio doméstico, introduzindo-os desde cedo nas atividades vicinais, revela a pretensão dos pais de

[720] MARITAIN, Jacques. **Humanismo Integral**: uma visão nova da ordem cristã. Trad. Afrânio Coutinho. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942.
[721] ARAUJO SALES, Monsenhor Eugênio, *op. cit*., p. 3-4.
[722] Cf. CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p. 49-50.

transformá-los o mais rápido possível num indivíduo adulto apto ao trabalho produtivo, ficando os anelos da juventude relegados a um segundo plano[723].

Não é à toa que, por durante muito tempo, a JAC permaneceu como único movimento de juventude rural do Brasil, como reconheceram os jacistas reunidos em Itaparica, Salvador (BA), em maio de 1965, indicando a face ainda muito agrária da sociedade brasileira, não obstante, os largos passos de industrialização e urbanização processados nas últimas décadas[724]. Foi procurando contornar essa circunstância presente na realidade de vida de muitos jovens rurais, vista pelo clero católico como um futuro viveiro de crises e revoltas "perigosas" a manutenção da fé cristã (diga-se católica), que a Igreja passa a incentivar a criação de "clubes juvenis" como forma de promover um "trabalho educativo de melhoramento social, econômico, moral e religioso" entre a juventude rural, contando para isso com a ação especializada da JAC[725].

Nas "Conclusões" auferidas pelos bispos do Brasil reunidos no município paulista de Aparecida, em setembro de 1954, o conclave episcopal relacionava como parte integrante de uma proposta prática de Reforma Agrária, além dos fatores de ordem técnica e econômica determinantes, os elementos de ordem social, educativo e psicológico ("subjetivos"), apontados como "decisivos na manutenção e no melhoramento das comunidades", entendendo como sendo inócuo se pensar num programa de tal matéria e não se considerar simultaneamente um "trabalho orgânico" de educação e melhoria das condições de vida das populações rurais sem a existência de serviços educativos, recreativos, econômicos e religiosos[726]. Compreendendo a assistência recreativa e religiosa ao lado do amparo à saúde, à alimentação e à economia da família, como um aspecto a ser considerado num plano eficiente de reforma agrária, a hierarquia ressaltava o "grande papel" que as "organizações de classe" desempenhariam na implementação de tal empreendimento, citando dentre elas, as associações de agricultores, as cooperativas de consumo e de crédito e os centros cívicos ou recreativos, que aí atuariam como fatores importantes no desenvolvimento da vida rural, representando "um elemento de progresso no meio"[727].

---

[723] Esse mesmo comportamento com relação à educação dos filhos, foi encontrado por Emílio Williams nas famílias rurais de Itaipava e registrado numa de suas obras hoje considerada clássica. Cf. WILLEMS, Emílio. **Uma vila brasileira**: tradição e transição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961. p. 67.

[724] IV CONSELHO NACIONAL DA JAC/F. **Informe Moral da JAC/F do Brasil – 1965**. Itaparica-Salvador-Bahia, 6 a 25 de maio de 1965. p. 09-10.

[725] Cf. JUVENTUDE ACRÁRIA CATÓLICA. ARQUIDIOCESE DE NATAL – RGN. **Comemorando o 1º Congresso Internacional da JAC realizado em Lourdes (França) – por ocasião de seu 1º aniversário**. Natal (RN), 1961. p. 06.

[726] "Conclusões da 2ª Assembleia Geral da CNBB – Aparecida, SP, 9 a 11 de setembro de 1954". In. CNBB. **Pastoral da terra**. 2 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. p. 86-87. (Estudos da CNBB, 11).

[727] Ibidem, p. 89-90.

Embora o documento não faça menção direta aos "clubes-grêmio", é perfeitamente compreensível que estes se incluíssem na categoria de "centros cívicos ou recreativos" a qual faz referência, assumindo a natureza de uma organização social de classe voltada especialmente ao setor societário jovem. Dois anos mais tarde, quando os bispos reunidos em Campina Grande, na Paraíba, retomam a questão da reforma agrária com fito no problema do "êxodo rural", a hierarquia voltava a reafirmar a necessidade de se implementá-la não apenas em seus aspectos exclusivamente econômicos de "distribuição pura e simples da terra", mas também em seus aspectos assistenciais, sociais e educativos, justificando que assim se teria "um instrumento adequado para conseguir-se um ambiente de estabilidade social, de fixação do homem e, sobretudo, de resistência a perturbações da paz"[728].

Esperava a Igreja, representada pelos bispos do Nordeste, que oferecendo melhores condições de vida e assistência material, espiritual e também recreativa às populações campesinas, inclusive aos jovens, o homem rural viesse a se fixar na terra, e assim, se obter o controle da proliferação de "favelas" e dos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras, vistas como canteiros de violência, pobreza e prostituição e, por esse mesmo motivo, como "focos de perigosa agitação social, sobretudo, devido à exploração comunista"[729]. Ainda em 1952, em meio ao alargamento do debate em torno do "problema rural" no Brasil, o jornal *A Ordem* da diocese de Natal, informava em uma de suas colunas noticiosas o "plano vermelho" dos comunistas, que tencionavam atrair para o Rio de Janeiro e São Paulo "os flagelados do Nordeste", com o intuito de ocasionar o êxodo rural e a insatisfação da massa popular, revelando o motivo de preocupação por parte do clero[730].

Com efeito, desde a "Primeira Semana Ruralista" realizada em 1950 no município mineiro de Caxambu, pela Diocese de Campanha (MG), da qual resultou a famosa Carta Pastoral de Dom Inocêncio Engelke, Bispo Diocesano, que a Igreja vinha despertando a atenção para a problemática do homem rural no Brasil e o perigo que esta representaria se caísse na mira dos "agitadores vermelhos", conclamando o clero, o poder público e os proprietários cristãos a se anteciparem à "revolução" no campo[731]. Temia a instituição e os patrões representados no encontro, que as agitações que já sacudiam a massa proletária urbana "profundamente trabalhada pela demagogia revolucionária", como lembrou Dom Inocêncio em

---

[728] "Trecho da Declaração dos Bispos do Nordeste – Reunião de Campina Grande, Paraíba, 21 a 26 de maio de 1956". In. CNBB, *op. cit*., p. 86-90.
[729] Ibidem, p. 100.
[730] Planos vermelhos. O que ocorreu no Brasil – noticiário da Radiopress. **A Ordem**, Natal/RN, 16 de fev. 1952. p. 01.
[731] ENGELKE, Dom Inocêncio. Conosco, sem nós ou contra nós se fará a Reforma Rural. In. CNBB, *op. cit.*, p. 44-46; 52.

sua carta pastoral[732], irrompessem "do interior de pobres almas" camponesas e rebentassem no campo como uma "onda de rebeldia desenfreada"[733]. O temor existente entre os membros da Igreja e compartilhado por setores conservadores da sociedade, de que pudesse ocorrer no Brasil uma transformação radical da ordem social, deslanchada a partir do campo, encontrava respaldo não só em processos internos, mas também externos, como observou Mario Grinszpan e Marcus Dezemone:

> Tratava-se da participação decisiva do campesinato em movimentos políticos recentes bem-sucedidos, de caráter revolucionário, que desembocariam na construção de regimes socialistas, como na China, no Vietnã e em Cuba. Além de se constituir em um forte elemento de preocupação para os setores conservadores, essa participação operava também como um reforço da ação dos grupos de esquerda no campo, tomada como evidência de que revoluções, à diferença do que em geral apontavam as teses clássicas, podiam ocorrer também em países periféricos, predominantemente agrícolas, onde a maioria dos trabalhadores era formada pelo campesinato e não pelo operariado[734].

Assim, para que se evitasse o perigo de uma revolução comunista, era necessário "humanizar" a vida e o trabalho no campo e consequentemente mitigar as tensões sociais resultantes da situação desumana em que viviam os trabalhadores rurais, intento que se atingiria a partir da implementação de um "programa mínimo de ação social" a ser executado simultaneamente com as tarefas estritas da Ação Católica nas Dioceses e Paróquias rurais do país ou como trabalho direto do apostolado especializado para o campo[735].

Humanizar a vida na visão da Igreja e dos semanistas explicitada na Pastoral do bispo de Campanha, significava, dentre outras medidas, promover a difusão do ensino escolar adaptado às necessidades dos jovens rurais, proporcionar a juventude camponesa o ensino técnico agrícola, garantir ao homem do campo a assistência médica e espiritual, fornecer crédito rural aos agricultores e facilitar-lhes o acesso a propriedade da terra[736]. Estes eram alguns pontos fundamentais a serem considerados numa reforma social agrária defendida pela Igreja, de acordo com sua Doutrina Social, a ser realizada de maneira gradativa, para além de uma ação paliativa. Só assim, entendiam os semanistas reunidos em Caxambu, se pensaria na estabilidade da paz e do progresso econômico do país, ao mesmo tempo que também se conseguiria

---

[732] Ibidem, p. 52.
[733] Trecho retirado da "Carta Pastoral sobre o problema rural – Como consequência da Semana Rural realizada em 1951 que congregou as três Dioceses norte-rio-grandenses: Natal, Mossoró e Caicó". In. CNBB, *op. cit.*, p. 65.
[734] GRINSZPAN, Mario; DEZEMONE, Marcus. As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas Camponesas, comunistas e católicos (1950-1964). In. FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. (Org.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 217-218.
[735] ENGELKE, Dom Inocêncio. Conosco, sem nós ou contra nós se fará a Reforma Rural. In. CNBB. **Pastoral da terra**. 2 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. p. 48. (Estudos da CNBB, 11).
[736] Idem, p. 51.

contornar o problema que já se impunha como "brutal" diante dos olhos: o êxodo rural. Em 1950, ano em que a carta pastoral foi publicada, cerca 64% da população brasileira ainda vivia no campo. A essa população eram negados os direitos trabalhistas, ficando sujeita a muitas formas de exploração no trabalho e de dependência ao latifúndio, que contribuíam para agravar a situação do despovoamento das áreas rurais.

A situação mais preocupante, como notava dom Inocêncio em sua pastoral, se verificava entre os mais jovens, pois sem acesso a meios escolares mais eficazes que lhes proporcionassem uma situação financeira melhor, tendiam a migrar com mais frequências para os grandes centros urbanos a procura de melhores condições de vida e de trabalho. Por essas razões, se fazia necessário tornar o campo uma zona de habitação "atrativa" principalmente para os mais moços, o que se poderia conseguir elevando o nível de vida das populações nas fazendas e nas pequenas comunidades rurais. Embora o lazer e a assistência recreativa não fossem mencionados na oportunidade pelo bispo de Campanha, é muito evidente a preocupação da hierarquia com estes aspectos nos documentos que se seguiram a publicação da carta pastoral, como se pode notar nas comunicações da CNBB e dos bispos do Nordeste sobre o "problema agrário" no Brasil.

Ainda em 1951, como indicação das "Conclusões" resultantes da "I Semana Rural do Rio Grande do Norte", os prelados potiguares aconselhavam que o combate as "diversões perniciosas" fosse feito por substituição, devendo o esporte ser incentivado, assim como as festas de caráter folclóricas, o cinema educativo e as apresentações de palco. As danças e o "jogo proibido", continuariam a ser combatidos, pois eram "incompatíveis com a realização das festas religiosas"[737]. Deduziam os bispos norte-rio-grandenses, que elevando o padrão de vida e o bem estar das populações rurais, promovendo a educação do homem do campo e aproximando as camadas sociais através da assistência diversional, se poderia evitar a "improdutiva luta de classes", missão na qual a JAC e a LAC também eram chamadas a atuar nas paróquias rurais em cooperação com o vigário[738]. Tendo que abrir mão de padrões mais rígidos de controle da moral e dos comportamentos para atender as necessidades colocadas pelas questões sociais, a Igreja vai paulatinamente se abrindo para os novos valores e princípios ditos "modernos", sob o impulso de deter rupturas mais radicais e violentas da ordem social.

Em outubro de 1961, em face da propalada expansão comunista no meio rural e da urgente necessidade de se integrar à agricultura brasileira no ritmo de desenvolvimento nacional, os bispos reunidos em comissão no Rio de Janeiro, fixavam um "Roteiro de atividades" onde indicavam ser merecedores de atenção permanente e de esforços concretos, além de outras

[737] Indicações da I Semana Ruralista do Rio Grande do Norte. **A Ordem**, Natal/RN, 2 de jun. 1951. p. 06.
[738] Carta Pastoral dos bispos do Rio Grande do Norte. **A Ordem**, Natal/RN, 2 de jun. 1951. p. 06.

ações, a obtenção para o meio rural de serviços religiosos e recreativos essenciais, tendo em vista a gravidade do problema agrário brasileiro[739].

Ao longo da última década, a Igreja vinha alertando através de seus porta-vozes autorizados para o perigo que representava o movimento desordenado de contingentes de trabalhadores rurais em direção dos grandes centros urbanos, chamando a atenção das autoridades públicas para a gravidade do problema e para a urgente necessidade de saná-lo. Preocupava muitos membros do clero que migrando para as grandes cidades os trabalhadores, sobretudo os mais jovens, se desviassem da fé católica, abraçassem outra religião, especialmente o protestantismo, ou se tornassem comunistas, endossando a já muito crescida turba dos "agitadores". Daí a insistente preocupação do clero em encontrar meios de fixá-los no campo. Em um artigo publicado pela "Folha" de Caicó em fevereiro de 1959, o Monsenhor Emerson Negreiros assim se expressava a respeito desse problema:

> Angustioso é ver, cada dia, num crescente assustador, o êxodo das populações rurais [...] A sorte dos nossos nordestinos está lançada ao acaso. [...] Os efeitos desse êxodo louco, sem nenhuma orientação, serão terríveis num futuro bem próximo. É humanamente imprevisível o tamanho da catástrofe. [...] O governo é socialmente responsável por esse drama. A nação será a vítima certa do descalabro. Quando essa massa humana flutuante chegar ao termo da fermentação, trabalhada por forças heterogêneas. Ela gritará aos montes que caiam sobre seus filhos para o esmagamento coletivo de um povo bom e forte, mas também inocente e digno de melhores venturosos dias[740].

Diante disso, não é demais pressupor, que as experiências dos clubes de jovens incentivadas e promovidas pelos setores do clero e do laicato católico mais "progressistas", entre a década de 1950 e primeira metade dos anos 60, nas pequenas cidades interioranas, também visassem a atender a essa demanda social suscitada pela Igreja, ao mesmo tempo que tencionavam resguardar a juventude rural dos possíveis riscos que representavam os grandes centros urbanos, vistos pela hierarquia como viveiros de ideias revolucionárias.

Em Cruzeta, onde a experiência do clube juvenil se desenvolveu de forma paralela ao trabalho da JAC com o apoio do vigário paroquial, essa questão social também se fazia presente. Desde que assumiu a administração da paróquia, o padre Ernesto vinha demonstrando uma maior preocupação com relação a situação dos jovens da comunidade, sobretudo, daqueles provenientes das famílias mais humildes, os quais tendiam a concluir o antigo primário, estágio de formação educacional mais elevado oferecido na localidade, e não tinham mais em que se

---

[739] "Declaração da Comissão Central da CNBB – A Igreja e a situação do meio rural brasileiro". In. CNBB, *op. cit.*, p.122.
[740] NEGREIROS, Emerson (Mons.). Êxodo Rural. **A Folha**, Caicó/RN, 7 de fev. 1959. p. 02; 03.

ocupar, ficando esses jovens muito ociosos e dispersos. Por isso, procurava através da ação conscientizadora promover a integração da juventude local, como relata um ex-simpatizante da JAC, que também lembra de ter assumido por algum período a presidência do clube juvenil: "naquela época o padre já se preocupava com o futuro dos jovens [...], com a falta de emprego do pessoal que ia se formando [terminando o primário] e depois não tinha o que fazer, nem para onde ir. E buscava orientar os jovens para que não ficassem muito dispersos"[741].

Diante dessa circunstância pouco animadora gerada pelo clima generalizado de desemprego, ociosidade e de incerteza frente ao futuro, que acabava ocasionando a sensação do tédio e com ela a dispersão dos mais jovens, se fazia sentir a necessidade de criação de um espaço onde a juventude pudesse se reunir e distrair-se, premência que veio a ser atendida com a instalação do clube sociorecreativo como comentou o ex-simpatizante da JAC: "na comunidade, se tinha ali aquela quantidade de pessoas, uma para aqui e outra para acolá, e não havia em que se ocupar. Aí se criou isso para que houvesse uma agregação dos jovens naquele local".

Seu José Maria de Almeida (Zé Maria), mais popularmente conhecido como "Dedeca", um ex-sócio fundador do clube, hoje funcionário público aposentado, também compartilha dessa mesma visão. Ele relata que um dos motivos da fundação do Grêmio também foi o de agregar os jovens em um espaço próprio onde pudessem participar de palestras e praticar atividades socioeducativas que visassem a melhoria de sua qualidade de vida, já que a cidade não oferecia outros meios em que ocupá-los. Em seu depoimento, ele ainda relata que muitos jovens que passaram a frequentar o clube juvenil, pertenciam a famílias de pequenos funcionários públicos ou de outros estratos inferiores da sociedade, que não podendo continuar com os estudos nos centros urbanos mais dinâmicos, acabavam ficando na comunidade sem muita perspectiva de vida:

> Naquela época já existiam muitos jovens preocupados com a situação em que viviam na cidade. E como não havia um lugar apropriado para se reunirem, nem meios de divertimentos, muitos, depois de terminarem os estudos, viviam dispersos, sem ter muito o que fazer. Então foi que surgiu essa ideia de se reunir os jovens em um lugar, de formar um grupo, de agrega-los e trazê-los para um canto [...], onde seriam pronunciadas palestras, onde pudessem praticar leituras e jogos de mesa, pois Cruzeta não tinha nada para oferecer aos jovens nesse sentido [...]. Quem tinha uma melhor condiçãozinha prosseguia com os estudos em outros centros, como Natal, Recife e Caicó, onde tinha uma Casa do Estante e ninguém pagava nada [...]. E como quase todos eram filhos de funcionários [públicos] pobres e com família grande,

[741] Depoimento concedido pelo senhor Manuel Maurício de Medeiros, ex-sócio e presidente do GLEC, no dia 24 de maio de 2018.

> eram poucos os que podiam pagar para estudarem fora da cidade, não restando para a maioria [deles] outra saída a não ser permanecer na comunidade, sem muita perspectiva de vida. [...] Foi por isso que se resolveu criar o Grêmio, para reunir esses jovens num lugar e melhorar sua condição de vida, pois não tinha outro meio de diversão [...][742].

Assim, como se pode perceber, a criação do clube juvenil também foi uma forma encontrada pelos jovens de superar a fatigante monotonia dos dias gerada pela ausência de opções de divertimentos e distrações na cidade, principal causa do sentimento de tédio na juventude. Sobre essa função social do GLEC, comentaria a professora Terezinha Medeiros Goes num escrito em que recorda seus tempos de mocidade, anos depois da desativação do Grêmio na comunidade:

> O Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense, era a única opção sócio-recreativa da cidade. Instalado modestamente numa garagem de automóvel, tinha para nós a mesma importância que o 'América' tinha para Natal. [...]. De fato, esta humilde mais idônea agremiação que tivemos a oportunidade de usufruir, representou uma das fases, se a mais áurea, já vivida pela sociedade Cruzetense. Podemos afirmar convictos que neste tempo, aquela humilde instalação atendia aos anseios de nossos jovens, já que na verdade, era um local de recreação e de lazer, muito além da sombra do tédio que pudesse comprometer nossa geração[743].

Ao lado da necessidade de diversão, a preocupação com o aprimoramento educacional e consequentemente moral dos jovens, também foi um fator importante na criação e no desenvolvimento do clube sociorecreativo. Sem a existência de opções mais salutares de lazer onde empregar seus recursos e energias nas horas vagas, muitos jovens acabavam incidindo nos excessos da volúpia e do álcool, uma vez que lhes restava como alternativa o pileque da mesa de um bar ou as intrigas nas casas "de má fama". Esses fatores aliados ao ócio e a baixa esperança de vida, gerada pela escassa oferta de emprego e trabalho e uma educação formal deficiente e precária, tornava a juventude um setor social bastante vulnerável, situação ainda mais agravante entre os jovens do sexo masculino provenientes das famílias de baixa renda, sobretudo, daquelas formadas por pequenos produtores ou operários rurais.

---

[742] Depoimento concedido pelo senhor José Maria de Almeida, no dia 11 de março de 2019.
[743] GOIS, Terezinha de Jesus Medeiros. **Cruzeta**: uma visão do passado. [s.l.; s.n.; s.d.]. p. 02. (Mimeografado).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1964 foi o ano da festa. Em cobertura da solenidade festiva ligada ao culto e à celebração da colheita ocorrida em maio desse ano na municipalidade de Cruzeta, interior do Rio Grande do Norte, um articulista comentava maravilhado em um jornal católico de circulação regional poucos dias depois do desfecho da comemoração: "um dos espetáculos dos mais empolgantes". E prosseguia a matéria testemunhando que a festa havia atraído as atenções de muitas famílias da região, além de contar com a presença de "ilustres figuras" do clero, como o bispo diocesano de Caicó, Dom Manuel Tavares de Araújo e o renomado sociólogo belga, Padre Albert Collard, que se encontrando na capital do Estado, conhecendo os "problemas" do povo potiguar, veio conferir de perto a manifestação festiva seduzido pelo "belo sentido" de sua representação, que era levar o "espírito comunitário" e valorizar a "classe operária" daquela comunidade sertaneja, cujo ponto alto foi a "grandiosa passeata das classes sociais" pelas principais ruas da cidade[744].

Na mesma oportunidade, um correspondente da imprensa católica que cobrira de perto o evento, expressava comovido com o que vira dias antes na "crônica da semana": "Foi na verdade um espetáculo curioso, que impressionava os olhos e a alma, digno de uma dessas grandes revistas brasileiras que tem perdido tanto papel com futebol e maiô...". E em seguida completava a glosa indicando "a lição de desenvolvimento social daquela gente brava", um exemplo a ser imitado e seguido "por todos aqueles que, nessa hora de promoção humana, começa a sentir o desejo de ser gente também e de se integrar a vida social do país, como cidadãos e filhos de Deus[745]". A festa local, tornava-se, assim, um acontecimento de repercussão regional.

Mas por trás do espetáculo que embeveceu muitos olhos, a "Festa da Colheita de 1964" foi de muito trabalho e esforço, principalmente por parte dos seus promotores mais entusiasmados: os jovens paroquianos. Distribuídos entre rapazes e moças e reunidos sob o rótulo de Juventude Agrária Católica (JAC), lá estavam eles mais uma vez, conduzindo os preparativos, divulgando a programação, ataviando os espaços festivos; preparando as atrações artísticas para a "Assembleia" da noite especial; agenciando os participantes para o grande cortejo cerimonial, enfim, promovendo a festa que três anos antes ajudaram a criar sob a égide do vigário e da paróquia. Na origem, uma delegação paroquiana lhes havia concedido o direito

[744] Realizada com grande brilhantismo em Cruzeta a Festa da Colheita. **A Fôlha**, Caicó/RN, 16 de mai. 1964. p. 6.
[745] BALBINO, Pe. Cruzeta em Revolução. **A Fôlha**, Caicó/RN, 16 de mai. 1964. p. 05.

e o dever de organizar a cerimônia pública, dando a conhecer a singularidade de sua condição para as iniciativas mais arrojadas. Tudo devia estar pronto para a semana de comemoração da "grande festa", cuja finalidade era promover a união das "famílias campesinas" e "agradecer a Deus as primícias da terra". Um hino da época evocava esse sentido primitivo da festa: "do pasto o rebanho, do campo as primícias; são dados a Deus na mesa da missa"[746]. Diante do altar de Deus, verdadeiro senhor da messe e da terra, tudo devia ser entregue, pois "somos todos roceiros da roça do Pai e posseiros das terras, deixadas pra nós", dizia um trecho de um outro cântico da celebração[747].

Aos jovens jacistas, vieram juntar-se em 1964, em adjutório aos preparativos da festa, os trabalhadores do campo, seus presumidos donos, que nos últimos anos vinham emergindo publicamente como uma nova força social comunitária e no interior da celebração vinham participando como os seus "convidados ilustres". Um antigo canto do ofertório da "Missa da Festa" fazia essa convocação oportuna na hora vicinal:

> Desperta do campo, vem trabalhador,
> Colher a semente. Louvar ao senhor[748].

E eles afluiaram dos sítios e fazendas das redondezas; dezenas e depois centenas deles. Chegavam à sede do município em suas montarias ou guiados por outros meios. Envergavam os paramentos típicos de seus ofícios, pois o homem citadino tem uma dificuldade frequente de os reconhecerem sem eles e também por que a festa é pura encenação estandardizada, ou como diria Jean Duvignaud (1983), teatralizada da vida[749]. Alguns instantâneos da época são testemunhos fidedignos desse momento inaugural. Pareciam ter encontrado o seu lugar de destaque no festejo e na comunidade. Conscientes ou mesmo sem intenção desse posto honorífico, lá estavam mais um ano desfilando pelas ruas da cidade como "soldados garbosos que honravam à sua Pátria" – a expressão é de um observador atento da festa[750]. Conduziam à vista dos circunstantes amontoados pelas calçadas das vias públicas seus instrumentos de trabalho e os primeiros frutos da colheita.

---

[746] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. 25ª Festa da Colheita. **Cânticos para Missa**. Hino do Agricultor. Cruzeta/RN. [s.n.; s.d.]. p. 01. (Mimeografado).
[747] Idem. (Cântico da Comunhão A).
[748] Ibidem.
[749] Cf. DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
[750] BALBINO, Pe. Cruzeta em Revolução. **A Fôlha**, Caicó/RN, 16 de mai. 1964. p. 05.

Para os seus integrantes campesinos, a Festa da colheita de 1964 tinha um sentido sociorreligioso e político muito explícito. Ela significava um ponto de chegada de um ensaio de conquistas e promoções sociais ainda muito recentes, o qual vinha sendo forjado entre as esferas do campo e da cidade, nos domínios territoriais da paróquia e à sombra da proteção e do patrocínio do pároco. No ano anterior, em ato de remate à cerimônia festiva, os habitantes da cidade os tinham vistos coroados de êxito, quando sob a tutela da mitra e do vigário lograram a conquista de sua maior representação de classe: o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. Era 26 de maio de 1963. Afora alguns incidentes ocorridos nesse ano que levaram à detenção provisória do presidente da associação sindical na sede do município, esse período parecia inaugurar uma época de bons augúrios para os "irmãos do campo", mas também um tempo de luta e de esforço conjunto. Quatro meses depois viria a festa. Sob a rubrica da nova instituição de classe, os trabalhadores rurais tomariam parte na celebração não mais apenas como os seus "homenageados" mais importantes, mas também como um dos seus organizadores legítimos, pois, afinal, ela tinha sido criada para eles, pertencia a eles, perfilhava em forma de versos um de seus mais entusiasmados anfitriões[751].

Mais a festa de 1964 foi ainda mais "impressionante" pela dimensão comunitária a qual havia alcançado e por seu carregado sentido sociorreligioso, acentuado ainda mais pela atmosfera política e econômica do período. No início, ela tinha sido uma experiência embrionária promovida pelo vigário e assistida em grande parte pelos camponeses da paróquia. Agora, ela transformava-se numa celebração da comunidade e conduzida pela comunidade. Em 10 de maio daquele ano, dia de fato da festa, notificava o vigário paroquial em testemunho do momento da guinada: "Hoje, a festa da colheita deixa de ser uma promoção do vigário, para se tornar em trabalho da comunidade"[752]. A festa que nascera em encômio ao agricultor, tornava-se uma celebração de gabo comunitário, de exaltação da unidade; suas representações espelhavam isso.

Na noite de véspera, uma "assembleia" promovida pela "juventude camponesa" com encenações de "quadros vivos" para a instrução do povo, falara da beleza e da pureza da vida no campo, da importância da lide agrícola para a manutenção da vida na cidade e da proeza do camponês, esse que era o "rei da gleba", dizia uma balada ancestral das tertúlias da festa[753]. Ainda na oportunidade o "Dr. João da Mata", engenheiro agrônomo da Estação Experimental

---

[751] SILVA, José Nilton da. **Assim foi a festa**. Cruzeta/RN: [s.n.], 1967. p. 02. (Mimeografado).
[752] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993).** Cruzeta-RN. p. 47.
[753] JAC DE CRUZETA – DIOCESE DE CAICÓ. Camponesa. In. **Caderno de cânticos**. Cruzeta-RN: [s.n.], 1961. p. 11. (Manuscrito).

do Seridó, uma repartição pública destinada a pesquisa e ao melhoramento do algodoeiro da região e ligada às artérias do Ministério da Agricultura, exibira um "interessante" trabalho sobre o "algodão mocó" com ilustrações de "quadro luminosos", testemunhando o grande desenvolvimento do Egito e dos Estados Unidos da América no cultivo da malvácea[754]. Assim, enaltecia-se as riquezas da terra no produto de exportação da terra.

Mais significativo, ainda, foi o "grande desfile das forças da paróquia" realizado no dia da festa, no qual estavam representadas "todas as classes" paroquiais. Nele desfilaram pelas principais ruas da cidade "numa demonstração de fé e civismo" – o registro é da lavra do vigário da paróquia –, mas também de solidariedade grupal, professores, estudantes, desportistas, juventude agrária, operários, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, pescadores e domésticas, além de delegações dos Clubes de mães e de jovens, das Escolas Radiofônicas e do recém-criado Sindicato dos Trabalhadores Rurais[755].

A mudança do nome de "Festa dos Agricultores", uma designação marcada pelo senso de distância e distinção com relação ao outro, como era inicialmente mais conhecida, para "Festa da Colheita", de concepção mais holista, ocorrida no último ano, também revela uma transformação operada em direção do sentido gregário da festa. Ela é indicativa de um agrupamento humano que já se ver "diferente" e ao mesmo tempo aceita ou começa a aceitar suas referências agrárias, buscando diminuir as dicotomias entre campo e cidade, entre o sentido de ser rural ou urbano, camponês ou citadino, marcadas nesse contexto por relações conflituosas e tensas que repercutiam na própria linguagem e atitudes do cotidiano.

O vocábulo "beradeiro", qualificativo aviltante e ofensivo associado ao preconceito de origem e lugar, era um termo utilizado pelos habitantes da cidade para inferiorizar e estigmatizar o morador do sítio ou o rurícola que vivia na beira das estradas e dos caminhos rurais interurbanos (daí o sentido da palavra), significando também o sujeito tido como rústico, atrasado, tolo ou ingênuo, nascido do engenho criativo de um grupo social que já se enxergava como um seu superior em atributos e virtudes, pois "um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído"[756]. E nesse aspecto o citadino "possuía" a cidade, símbolo de poder e status manifesto numa forma considerada superior de existência (o modo de viver citadino e seu agregado sentido de polidez, civilidade e bem-estar social), pois, que também centro das mudanças

[754] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993).** Cruzeta-RN. p. 45.
[755] Idem, p. 47.
[756] ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 23.

políticas, econômicas, culturais e materiais em processo, motivadas pela nova ideologia em expansão na comunidade: o "progresso". Envasada numa visão geral mais corrente, diferentemente do homem da cidade, a vida do homem do campo, do camponês, estava marcada pela concepção do atraso, da ignorância, da miséria e do isolamento, sendo concebida como uma realidade inferior e periférica, donde o duplo sentido ignominioso do vocábulo acima: o que vive às margens (às beiras), pois não é nem de dentro, mas também não é de fora. O que é excluído do centro, o que é marginalizado.

Foi em atenção a essa realidade dissidente e contraditória em positiva transformação na paróquia, que o vigário paroquial falou em 1964, durante o desfecho da solenidade festiva, em "comunidade conscientizada", fazendo cair doravante sobre ela o encargo dirigente da celebração e o zelo vigilante da "união do povo de Deus"[757]. Por trás do disfarce condescendente da festa, ocultam-se conflitos e divisões, pois a festa é também uma forma encontrada pelas comunidades para abolir diferenças e contradições, tencionando manter ainda que numa aparente virtualidade a máscara de coesão grupal. Desse comum acordo instituído entre paróquia (instituição eclesiástica) e comunidade e formalizado no evento festivo, é que se deve o sucesso da festa da colheita de 1964.

Num dos cartazes conduzidos pelas delegações do cortejo cerimonial da festa do referido ano, estavam expressas as marcas desse novo entendimento coletivo: "Todos nós unidos somos CRISTO que continua a viver no meio dos homens". Mais que um agrupamento de cristãos situado num território eclesiástico específico, a comunidade paroquiana era um corpo social sagrado, um organismo espiritual vivo que participa da própria vida do Cristo.

Essa visão corporativista e transcendental de paróquia e comunidade, baseada na funcionalidade orgânica e colaborativa do corpo social e, portanto, numa "unidade natural" orgonogênica e ideal, não era algo totalmente novo. Suas raízes eram mais profundas. Ela estava ligada a uma dimensão da experiência e do sonho instaurados e celebrados num passado mais distante, cujos marcos se perdiam na própria vida comunitária e religiosa do grupo, na tradição compartilhada de uma antiga ordem acordada em comum e assentada na tranquilidade e na segurança grupais. Ela encarnava o desejo renovado do "paraíso perdido"[758].

Por que no início Deus andara entre os homens e promovera a paz e a união, a Igreja, enquanto sucessora do Cristo, se colocava como continuadora dessa missão na terra. O que a

---

[757] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993).** Cruzeta-RN. p. 47.

[758] Ver estudo de BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

festa de 1964 trazia de novidade, de inovação, era o seu sentido de alargamento, de incorporação, e isso mesmo, num momento em que essa "unidade construída"[759] e "imaginada"[760] já se percebia ameaçada: aquele que se encontrava às margens, que havia sido excluído, precisava ser novamente incorporado, resgatado e envolvido, sob o perigo da sublevação, do rompimento total; sob o temor da perturbação da paz e da harmonia sociais.

Essa ameaça tinha um nome e era já de todos conhecido: o "comunismo ateu" e sua venenosa ideologia da luta de classes, "com seus ódios e destruições", proferia um trecho de um antigo documento católico ("Divinis Redemptoris" do Papa Pio XI, datado de 1937) reproduzido pela "A Folha" em maio de 1964, atestando a força de sua atualidade para a Igreja local[761]. Em 1961, durante a assembleia festiva, ele mesmo – o comunismo – tinha sido denunciado do púlpito como um "perigo" a ser evitado e repelido pela comunidade[762]. Agora, tratava de unir forças e fechar o cerco ante o avanço desse inimigo externo. Uma crônica da época veiculado pela "Fôlha" colocava em alerta esse perigo anunciado: "cuidado com Julião!", apregoava o articulista à guisa de título, referindo-se ao deputado socialista pernambucano com forte atuação nos estados de Pernambuco e Paraíba, apelidado na redação de o "corifeu das Ligas Camponesas", organizações de trabalhadores rurais consideradas pela Igreja como de inspiração comunista, e de cujo prestígio na região já se ouvia falar[763].

Na origem desse mal, refletia ainda em 1961 um redator do semanário noticioso dando a entender a posição da Igreja local com relação ao assunto, estava a ausência de justiça no mundo gerada por um sistema econômico – o capitalismo –, que desrespeitava a dignidade humana, dando primazia ao dinheiro e ao acúmulo de riquezas e lançando a massa trabalhadora numa situação de fome, de insegurança e de miséria. O comunismo, abonava ele, era na verdade um "instrumento nas mãos de Deus" para castigar os crimes dos homens e purificar a miséria profunda do seu egoísmo, pois se sentindo injustiçadas as massas tendiam a ver nele um "amparo no seu desespero"[764]. Assim, sem muitas saídas para os problemas que afetavam a humanidade, restava ao mundo enveredar pelo "comunitarismo", pois somente uma distribuição dos valores humanos que atendessem as necessidades da criatura, somente uma

---

[759] Idem, p. 19.
[760] Sobre o conceito de "comunidade imaginada", cf. ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
[761] Comunismo e Capitalismo liberal – Documentos da Igreja (Textos extraídos da Encíclica "Divini Redemptoris" do Papa Pio XI, de 19 de março de 1937 sobre o Comunismo ateu). **A Fôlha**, Caicó/RN, 5 de jun. 1964. p. 02.
[762] PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. **Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993).** Cruzeta-RN. p. 40.
[763] BALBINO, Pe. Antônio. Cuidado com Julião. **A Fôlha**, Caicó/RN, 13 de mai. 1961. p. 05.
[764] ITAN, padre. As tendências de hoje (Comentários avulsos). **A Fôlha**, Caicó/RN, 14 de out. 1961. p. 02.

participação da comunidade nos bens humanos, poderiam lhes proporcionar tranquilidade, equilíbrio e segurança, sendo necessário para isso "uma encarnação viva do Evangelho de Deus, dentro do espírito de justiça e do amor", para que os problemas do mundo alcançassem sua solução[765].

A paróquia seria, então, colocada como o espaço ideal para a concretização desse projeto humanístico e eclesiológico de comunidade, "a sede local e global da Redenção", como certa vez se referiu padre Georges Michonneau[766], um dos bastiões do movimento de renovação paroquial na França[767], onde todos (pobres e ricos, jovens e velhos, de todas as raças e culturas) viveriam harmonicamente em colaboração mútua como "filhos de Deus". Imbuída, pois, desse novo ideário, a Igreja local passa a apregoar uma nova mensagem com conteúdo social explícito: a paz e a salvação do "povo de Deus" só seriam alcançadas quando se viabilizassem a justiça social e o bem comum, quando se promovesse a dignidade dos trabalhadores rurais negada pela velha ordem da dominação patrimonialista-patriarcal sustentada pelo capitalismo liberal oligárquico e representada pelos "coronéis" e latifundiários, sendo isto um dever não só do clero e das autoridades públicas, mas de toda comunidade de cristãos leigos.

Colocando-se como mediadora nesse processo de reordenação das relações de poder dentro da comunidade, a Igreja recorreria a seu papel tradicional de mantenedora da paz e do equilíbrio sociais, tomando como guia básico sua "doutrina social", isto é, a proposta eclesiástica para a solução dos problemas sociais que a sociedade enfrenta[768], agora orientada pelo espírito conciliar do Vaticano II (1962-1965) identificado com uma Igreja mais participante, democrática e aberta às inovações do mundo moderno, mas também mais comprometida com as questões sociais e com a condição dos mais pobres e oprimidos.

Apostando agora no progresso social e no desenvolvimento econômico como forma de promover a justiça social e o soerguimento do mundo rural, mas também de evitar uma "revolução" radical no campo, a instituição eclesiástica passaria a empreender um conjunto de práticas pastorais que teria na paróquia o palco de suas realizações e que ficaria conhecido como movimento de "renovação paroquial".

A opção pelo progresso e pelo desenvolvimento capitalista numa versão reformada e mais ajustada às necessidades materiais das massas seria, na avaliação da Igreja, a única capaz de

---

[765] Idem.
[766] MICHONNEAU, G. **Paróquia**: comunidade missionária. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1961. p. 10.
[767] Cf. COMBY, Jean. **Para ler a história da Igreja II**: do século XV ao século XX. Tomo II. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 285.
[768] Ver SILVA, Paulo César da. **O que é a Doutrina Social da Igreja?** Lorena: Cléofas, 2015. Cf. também GUTIERREZ, Exequiel R. **De Leão XIII a João Paulo II**: Cem anos de Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1995.

dissolver as velhas relações de dependência ainda existentes no campo e de instaurar uma "nova ordem" esteada na justiça social e nas igualdades jurídicas e civis como devia ser uma democracia de base cristã. "Em nome da luta contra o subdesenvolvimento, contra a ignorância e a fraca organização no meio rural", mais também contra a ideologia de setores de esquerda, a paróquia se reestrutura, tornando-se a "terra prometida do progresso moderno que há de levar o trabalho pastoral, porque lá finalmente justiça e direitos são iguais para todos"[769].

Na construção dessa ordem social justa, cada membro da comunidade, cada leigo, tinha um papel a desempenhar em benefício da coletividade. 1964 representou apenas, num nível mais local, o ano dessa "consciência comunitária" autoproclamada e revelada na festa, a qual já vinha sendo tecida desde finais dos anos 1950 com a chegada na localidade do novo vigário paroquial: o padre Ernesto da Silva Espínola.

Oriundo de família humilde do sertão do Seridó potiguar e homem afeito as rudezas do ambiente, padre Ernesto se destacaria por sua postura militante diante da causa do homem do campo, denunciando dos púlpitos as injustiças sociais e promovendo a "classe trabalhadora" em suas atividades pastorais. À frente da instituição paroquial em Cruzeta, seu ministério ficaria marcado por uma forte atuação no campo social, especialmente entre os jovens e os trabalhadores do campo, vistos como setores estratégicos no plano de reintegração das massas as esferas de influência da Igreja, talvez, por serem estes os mais politizados da sociedade e, portanto, mais suscetíveis aos novos ímpetos ideológicos do período[770]. Suas ações no âmbito da pastoral rural que faria da paróquia de Cruzeta uma das mais "progressistas" da Diocese de Caicó, marcariam o advento da Igreja moderna na localidade, dentro do processo de renovação e atualização institucional vivenciado no plano mais global como resposta aos dilemas colocados pelo mundo contemporâneo, que ficaria batizado de *aggiornamento*.

Nesse processo deflagrado em escala internacional e vivido na localidade dentro de suas especificidades, assumiriam um maior destaque a implantação da Juventude Agrária Católica (JAC) e do sindicalismo rural, movimentos que procurei demonstrar mais detidamente nesta dissertação. Pensadas como parte de um de um projeto cristão de comunidade defendido pela Igreja como "alternativa contemporânea" a um projeto de transformação mais radical da ordem social propagada pelas ideologias de esquerda, essas ações assinalam um momento de transição

---

[769] Cf. CORSO, Marco Dal. Paróquia e religião do povo: paróquias e comunidades no universo rural brasileiro nos últimos 50 anos. In. TORRES-LONDOÑO, Fernando (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil**: perspectiva histórica São Paulo: Paulus, 1997. p. 186-189.

[770] Sobre a participação dos camponeses na política brasileira, cf. MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. Ver também KRISCHKE, Paulo José. O avanço da esquerda cristã na América Latina. In. **A Igreja e as crises políticas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 81-93.

em que a paróquia começa a deixar a "ordem" moral e social como preocupação máxima de sua atividade pastoral para adentrar no ideário do "progresso", repercutindo *in loco* o processo de renovação eclesiástica que vinha atingindo amplos setores da Igreja desde o final da Segunda Guerra Mundial (1940-1945) com a mudança do social cristianismo.

É, portanto, nessa conjuntura mais ampla que a instituição católica inicia o processo de reconstrução de seus modelos de influência sobre as sociedades nacionais e sobre a comunidade internacional, adquirindo na segunda metade do século XX o modelo que se tornará dominante enquanto ideal de Igreja: aquele em que ela se coloca como mediadora entre sociedade civil e o aparelho de Estado[771]. No Brasil, esse período correspondeu ao momento de maior participação das massas no cenário sociopolítico nacional propiciado pelo processo de redemocratização do país e de consolidação e crise do populismo. Foi também o período que marcou uma maior efervescência do debate em torno das reformas sociais de base, especialmente a reforma agrária, e de maior mobilização, radicalização e polarização política que afetaram profundamente setores amplos da Igreja, resultando no desfecho do abril de 1964 com o golpe civil militar que encerrou o governo democrático de João Goulart e instalou uma ditadura no país.

Colocando-se num primeiro momento em defesa de uma "revolução" cristã a Igreja local se posicionaria em favor do movimento golpista militar aclamando-o como a vitória das forças da unidade, da justiça e da democracia contra as forças da desagregação, do paganismo e da barbárie representadas pela "ideologia vermelha"[772]. Na crônica escrita por um observador circunstante da festa de 64, dias depois do desfecho do golpe militar, intitulada "Cruzeta em Revolução", um título, portanto, um tanto estranho sobretudo no clima social do país daquele momento, como o próprio articulista chegou a mencionar, estava explicitado o sentido de "revolução" defendido pela Igreja e apontado como um exemplo a ser seguido: aquele conduzido pelas "ideias certas e cristãs que determinam a ascensão das massas e a promoção social dos homens" e que "reforma mesmo que não queiram as estruturas envelhecidas"[773]; uma "revolução diferente"[774], que se faz sem o uso da agressão violenta, da luta física, de grupo ou de classe ou do recurso às armas e ao ódio.

No interior desse entendimento estava a recusa de uma concepção moderna de "revolução" inaugurada com a Revolução Francesa e reafirmada pelos movimentos

[771] PAIVA, Vanilda. A Igreja Moderna no Brasil. In. **Igreja e Questão Agrária**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p 57.
[772] NÓBREGA, Dewet S. A consolidação da Revolução. **A Fôlha**, Caicó/RN, 02 de mai. 1961. p. 02.
[773] BALBINO, Pe. Cruzeta em Revolução. **A Fôlha**, Caicó/RN, 16 de mai. 1964. p. 05.
[774] BALBINO, Pe. Antônio. Uma revolução diferente. **A Fôlha**, Caicó/RN, 21 de mai. 1961. p. 03.

revolucionários do século XX, a exemplo da revolução Russa (1917) e cubana (1959), isto é, aquela orientada pela ideia da mudança radical e violenta da ordem política e social, feita de "baixo para cima", do tipo "jacobina", ou que exprime o processo que derruba a ordem anteriormente instaurada para dá início a algo radicalmente novo[775]. Contrapondo-se a essa concepção moderna de revolução, a Igreja reformista ou progressista brasileira defenderia até pelo menos 1964 a ideia de uma "revolução metafórica", ou seja, uma "revolução cristã", entendida como uma "revolução" econômica, industrial e tecnológica que devia ser conduzida pelas elites esclarecidas, a qual assumiria mais o aspecto de uma "revolução passiva" no sentido gramsciano do termo, já que pretendia atender algumas demandas populares com o intuito também de impedir a radicalização das massas, ou seja, visava a modernização do Estado e da economia sem passar pela transformação política de tipo radical-jacobino[776].

O deslanchar do golpe de 64 alteraria as relações entre Estado e Igreja no Brasil, especialmente com a repressão política que se abateria sobre os movimentos populares de base católicos, provocando reorientações nas suas frentes de atuações. Em Cruzeta, ocorreria a desmobilização da JAC e do sindicalismo rural, deixando patente de que nem só de "utopia" se vive o homem, mas também do que sai da boca de Marx[777].

[775] ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. Lisboa: Moraes Editores, 1971. p. 21-57.
[776] Sobre o conceito de "revolução passiva" em Gramsci ver GRAMSCI, Antonio. Risorgimento italiano (Caderno 19). In. GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 11-128.
[777] Karl Marx, filósofo e revolucionário socialista alemão (1818-1883). Trocadilho da passagem bíblica do Evangelho Segundo Mateus 4:4: "nem só de pão viverá o homem, mas de tudo o que sai da boca de Deus".

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ADELINO, Cônego José. *Formação do Seminarista*. 1947, Reimpressão, Natal: Sebo Vermelho, 2014.

ALMEIDA, Antonio José de. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Morais. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Djalma Rodrigues de. *Reinventar a paróquia?* Sonhar em tempo de incertezas. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. (Org.). *Igreja e política no RN*: momentos de uma trajetória. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2000.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Lutas camponesas no Nordeste*. São Paulo: Ática, 1986.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e eficácia*: o uso da sociologia na Teologia da Libertação. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

ARENDT, Hannah. *Sobre a revolução*. Lisboa: Moraes Editores, 1971.

_____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ÁVILA, Fernando Bastos de. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

_____. *O pensamento social cristão antes de Marx*: textos e comentários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

AZEVEDO, Aluísio. *Dom José Adelino Dantas*. Natal: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

AZEVEDO, Thales de. *O Catolicismo no Brasil*: um campo para a pesquisa social. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1955.

AZEVEDO, Walclei de Araújo. *Fatos pitorescos de Cruzeta*. Natal/RN: Ed. do Autor, 2009.

AZZI, Riolando. *História da Igreja no Brasil*: ensaios de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2 – Terceira época (1930-1964). Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

_____. *A Neocristande*: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994.

BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964)***:** anotações para uma história da Igreja no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, Educam, 2000.

BARROS, Raimundo Caramuru. *Da JAC à PJ***.** ed. 1. São Paulo: CCJ, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BETIOTO, Mário Antonio. *Da Ação Católica à Pastoral de Juventude*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BEOZZO, José Oscar; ALBERIGO, Giuseppe. (Org.). *Herança espiritual de João XXIII*: olhar posto no amanhã. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

_____. *A Igreja do Brasil*: de João XXIII a João Paulo II, de Medelín a Santo Domingo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

BERGER, John. *Modos de ver*. Trad. Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

_____. *Rumor de anjos*: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Trad. Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim/RS: Edelbra, 1979.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles. *A Nova Paróquia*. Coimbra: Gráfica Coimbra, 2010.

BOURDIER, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. *A economia das trocas simbólicas.* (Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. 9. ed. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. *A bênção de abril*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. *Igreja e Desenvolvimento*. São Paulo: CEBRAP, 1971.

CAMPOS, Fernando Arruda. *Tomismo e Neotomismo no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968.

CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Cruzeta***:** retalhos de sua história. [s.l.: s.n.], 2011.

CAMUS, Albert. *O primeiro homem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

CAHILL, Thomas. *Papa João XXIII*. Trad. Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do natal*. 3 ed. Natal: RN Econômico, 1999.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato e Sousa Porto. *Culturas juvenis*: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CHÂTELLIER, Louis. *A religião dos pobres*: as fontes do cristianismo moderno (sec. XVI-XIX). Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

CHINIGO, Michael. *Pio XII e os problemas do mundo moderno*. Trad. José Marins. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959.

COLLARD, Padre Alberto Eugênio. *O Nordeste na encruzilhada dos Caminhos M.E.B.R.A*. Bélgica: Dumanche, 1964.

COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja II*: do século XV ao século XX. Tomo II. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

CORREIA, Francisco de Aquino. *Uma flor do clero cuiabano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1951.

COORDENAÇÃO ESTADUAL DE PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL (RS). *Pastoral da Juventude Rural*. Petrópolis: Vozes, 1985.

COSTA, Lucas Aparecido. *A esquerdização do catolicismo no Brasil*: uma tentativa de modernidade nas práticas sociais da Igreja para o povo (1961-1964). Curitiba: CRV, 2014.

CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil (1963)*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004. (Cadernos da CNBB, 1).

_____. *Pastoral da terra*. 2 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. (Estudos da CNBB, 11).

_____. *Anuário Católico do Brasil – 1960*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1960.

_____. *Anuário Católico do Brasil – 1957*. 1 ed. Rio de Janeiro: CERIS, 1957.

_____. *Anuário Católico do Brasil – 1965*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1966.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral*: memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELGADO, José de Medeiros. *Memórias da graça divina*. São Paulo: Edições Loyola, 1978.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. *Tábuas itinerárias do Estado do Rio Grande do Norte (1959)*. Rio Grande do Norte, Janeiro-Fevereiro, 1960.

DENZINGER. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica*. Trad. Peter Hünerman. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

DILLENSCHNEIDER, Clément. *A Paróquia e seu vigário*. São Paulo: Edições Paulinas, 1968.

DOMEZI, Maria Cecília. *O Concílio Vaticano II e os pobres*. São Paulo: Paulus, 2014.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. *A sociedade de corte*: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Trad. Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELLIOTT, John H. *Um lar para quem não tem casa*: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

FAUSTO, Boris (Cor.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e política (1930-1964). São Paulo: Difel, 1985. vol. III, tomo III.

_____. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo*: a Revolução Cubana. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

_____. FERNANDES, Florestan (Org.). *Comunidade e sociedade no Brasil*: leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

FERRARO, Alceu Ravanello. *Igreja e desenvolvimento – O Movimento de Natal*. 2. ed. Natal/RN: Jovens Escribas, 2019.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. (Org.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FILHO, Adauto Guerra. *Lembranças do Seminário*. Caicó: [s.n.], 2010.

FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995.

FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). *Karl Manheim*: sociologia. Trad. Emílio Williams. São Paulo: Ática, 1982.

_____. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Nacional, 1965.

_____. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____. *Segurança, território, população*. Trad. Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Jorge A. Silva. (Org.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Dona sinhá e o filho Padre*: seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

GARRONE, Monsenhor. *A Ação Católica*: sua história, sua doutrina, seu panorama, seu destino. São Paulo: Flamboyant, 1960.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. vol. 5.

_____. *A concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978

GREGORY, Affonso Felippe (Ori.). *A Paróquia ontem, hoje e amanhã*. Col. CERIS. Sociologia e pastoral. Petrópolis: Vozes, 1967.

GOES, Terezinha de Jesus Medeiros. *Noções de Geografia e História do município de Cruzeta*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1971.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude*: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. 14 ed. São Paulo: Ática, 1989.

GUTIERREZ, Exequiel R. *De Leão XIII a João Paulo II*: Cem anos de Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1995.

IBGE. *Estado do Rio Grande do Norte***:** censo demográfico. Rio de Janeiro, v. XV, t. 1, 1956.

_____. *Censo demográfico de 1960*: Rio Grande do Norte – Paraíba. Rio de Janeiro, v. I, t. V, [196-].

_____. *Censo industrial de 1960*: Maranhão – Piauí – Ceará – Rio Grande do Norte. v. III, t. II, [196-].

_____. *Censo agrícola de 1960*: Ceará - Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, v. II t. IV, 2ª parte, 1969.

_____. *Censos comercial e dos serviços de 1960*: Maranhão-Piauí-Ceará-Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, v. IV, t. III, 1966.

_____. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. v. XVII. Rio de Janeiro: 1960.

_____. *Recenseamento geral do Brasil – 1940*: censo demográfico, censos econômicos, Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, parte VII, 1952.

IOKOI, Zilda Márcia Grícoli. *Igreja e camponeses*: Teologia da Libertação e movimentos sociais no campo (Brasil e Peru, 1964-1986). São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, Itamar de. *A luta da Igreja contra os coronéis*. Petrópolis: Vozes, 1982.

JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LACROIX, Pascoal. *O mais urgente problema do Brasil, o problema sacerdotal e sua solução*. Petrópolis: Vozes, 1936.

LEHMANN, João Baptista. *O Brasil católico*: Synopse da hierarchia ecclesiastica brasileira, inclusive Ordens e Congregações religiosas. Juiz de Fora: Typographia Lar Catholico, 1936.

LOURENÇO, José (Pe.). *Dicionário da Doutrina Católica*. Porto: [s.n.], 1945.

LOWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação?* 2 ed. São Paulo: Fundação Abreu Abramo; Expressão Popular, 2016.

_____. *A guerra dos deuses*: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUCCHETTI, Ângela Neves. [et. al.]. 1 ed. *História e organização de jovens camponeses cristãos*: 1947-1972. Rio de Janeiro: Abrace um aluno escritor, 2012.

LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. 2 ed. Trad. João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 2006.

LUXEMBURGO, Rosa. *O socialismo e as igrejas*: o comunismo dos primeiros cristãos. São Paulo: Edições ISKRA, 2015.

MAIA, Antônio. *Pequeno dicionário católico*. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1966.

_____. *Breve história das Congregações Marianas*. Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1961.

MAIA, Pedro Américo. *História das Congregações Marianas no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1992.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARGERIE, Bertrand de. *Padres, profetas e mistagogos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1968.

MARINS, José. *São Paulo do Potengi*. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 40. (Coleção: Renovação Paroquial 1).

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja*: de Lutero a nossos Dias. São Paulo: Edições Loyola, 1997. v. IV (A Era Contemporânea).

MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Subúrbio:* vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo. São Paulo: HUCITEC; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MARIAE, Servus. *Para entender a Igreja no Brasil*: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968). Petrópolis: Vozes, 1994.

MARITAIN, Jacques. *Humanismo Integral*: uma visão nova da ordem cristã. Trad. Afrânio Coutinho. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Nacional, 1941.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Nalf, 2003.

MEDEIROS, Bianor. *Cônego Ambrósio Silva – 40º Aniversário de Morte*. Paróquia de Acari-RN. Brasília: Gráfica e Editora Brasil, [s.d.].

MEDEIROS, José Mário de (Cônego). *Dom Manuel Tavares de Araújo*: Bispo diocesano de Caicó de 1959 a 1978. [s.l.: s.n.], 2014.

MEJ. *História do Movimento Eucarístico Juvenil*. Documento do MEJ Internacional. Por ocasião dos 100 anos do MEJ. Disponível em: <www.apmej.net>. Acesso em: 02 set. 2018.

MELQUÍADES, José. *História do Seminário de São Pedro*. Natal: Fundação José Augusto/Departamento Estadual de Imprensa, 1999.

MENDES, Cândido. *Momento dos vivos*: a esquerda católica no Brasil. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

MENDONÇA, Floriano. *À sombra da torre de Santa Teresa*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1972.

MESQUITA, Luís José. *As encíclicas sociais de João XXIII*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. 2v.

MICHONNEAU, G. Paróquia: comunidade missionária. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1961.

MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira***.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORAIS, Ione Diniz Rodrigues. *Seridó norte-rio-grandense*: uma geografia da resistência. Caicó, RN: Ed. Do autor, 2005.

KREUTZ, Ivo José. *A Paróquia*: lugar privilegiado da pastoral da Igreja. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

KRISCHKE, Paulo José. *A Igreja e as crises políticas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1979.

KÜNG, Hans. *Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

OLIVEIRA, Rogério de. *Pastoral da Juventude*: e a Igreja se fez jovem. São Paulo: Paulinas, 2002.

OTTO, Clarícia; SOUZA, Rogério Luz de (Orgs.). *Faces do catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008.

PAIVA, Vanilda. *Igreja e questão agrária*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana*: carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945). Natal: Edufrn, 2005.

PEREZ, Gustavo; GREGORY, Alfonso; LEPARGNEUR, François. *O problema sacerdotal no Brasil*. Rio de Janeiro: CERIS, 1965.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Câmara*: entre o poder e a profecia. Rio de Janeiro: Ática, 1997.

PINSKY, Carla Bassanezi (ORG.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

QUEIROGA, Gervásio Fernandes. *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)*: comunhão e corresponsabilidade. São Paulo: Paulinas, 1977.

REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas*: a experiência da microanálise. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REVEL, Judith. *Michel Foucault*: conceitos essenciais. São Paulo: Claraluz, 2005.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2010.

ROSA, Maria Cristina (Org.). *Festa, lazer e cultura*. Campinas/SP: Papirus, 2002.

RÖWER, Frei Basílio. *Dicionário Litúrgico*. Petrópolis: Vozes, 1941.

SANCHIS, Pierre. (Org.). *Catolicismo*: modernidade e tradição. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SAVAGE, Jon. *A criação da Juventude*: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SCHURR, Víctor. *Pastoral Construtiva*: comunidade e missão. São Paulo: Edições Paulinas, 1968.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*, n. 24. Dossiê História e Biografia. Campinas: Unicamp, 2013.

SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social*: uma história da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SHEIN, Edgar H. *Organizational culture and leadership*. San Francisco: Jossey-Bass, 1985.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (Org.). *O século sombrio*: guerras e revoluções do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SILVA, Paulo César da. *O que é a Doutrina Social da Igreja?* Lorena: Cléofas, 2015.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Juventude Católica*: o novo discurso da Teologia da Libertação. São Carlos: EDUFSCar, 2012.

SOUZA, Itamar de. *A luta da Igreja contra os coronéis*. Petrópolis: Vozes, 1982.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). *Cidade e campo*: relações e contradições entre urbano e rural. 1 ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil*: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da religião*: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TORRES-LONDOÑO, Fernando (Org.). *Paróquia e comunidade no Brasil*: perspectiva histórica São Paulo: Paulus, 1997.

VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa*: um estudo econômico das instituições. Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ZILLES, Urbano. *Grandes tendências na filosofia do século XX e sua influência no Brasil.* Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991. vol. 1.

Artigos de Revistas

ARRAES, Virgílio Caixeta. De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da renovação durante a Guerra Fria. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília-DF, v. 42, n.165, p. 77-98, jan./mar. 2005.

ARZANI, Alessandro; RODRIGUES, João Paulo P. Paróquia São José: interação da comunidade católica segundo os registros paroquiais do município de Cambira – Paraná (1959-1964). *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR), v. 3, n. 9, p. 1-16, jan/2011.

ASSIS, Sandra Maria de; NETA, Olívia Morais de Medeiros. Contribuições das Escolas do Pobre da Diocese de Caicó para a educação profissional no Seridó do Rio Grande do Norte entre as décadas de 1940 e 1950. *Perspectivas e Diálogos*: Revista de História Social e Práticas de Ensino. Caetité: NHIPE/UNEB, v. 1, n. 3, p. 199-213, jan./jun., 2019.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Dimensões*, v. 24, p. 157-172, 2010.

BASSINI, Pedro Felix. Para onde vai a Paróquia? *Vida Pastoral*: Revista Bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral, São Paulo, v. 48, n. 253, p. 21-25, janeiro-fevereiro de 2007.

BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. As fontes para a História Social do Brasil Meridional. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais.* Rio de Janeiro, n. 23, p. 49-56, 1º semestre de 1987.

BOURDIER, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 62-63, p. 69-72, jun. 1986.

COUTINHO, Carlos Nelson. A época neoliberal: revolução passiva ou contra-reforma? *Novos Rumos*, Marília, v. 49, n. 1, p. 117-126, jan./jun., 2012.

DELLA CAVA, Ralph. Igreja e Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro (1916-1964). *Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 12, p. 5-52, jun. 1975.

FERRARO, Alceu Ravanello; ARAÚJO, Marta Maria de. O Movimento de Natal e a Indústria das Secas (1958). *Revista Educação em Questão*, Natal/RN, v. 26, n. 12, p. 198-211, mai./agos. 2006.

MORAIS, Sebastião Arnóbio de. Monsenhor Ernesto da Silva Espínola – 50 anos de sacerdócio. *Revista da festa*. 2. ed. Jardim do Seridó/RN: [s.n.], 2005. p. 09.

PIMENTA, Eli. A Igreja na sociedade moderna segundo Gramsci. *Perspectivas*, São Paulo, v. 7, p. 59-73, 1984.

RAMBO, Arthur B. Restauração católica no Sul do Brasil. *História: Questões e Debates*, Curitiba, v. 19, n. 36, p. 279-304, 2002.

SEMERARO, Giovanni. Gramsci e a religião: uma leitura a partir da América Latina. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, n. 39, p. 87-108, set./dez. 2017.

SILVA, Anaxsuell Fernando da. Ópio, conforto ou esperança? A concepção de religião em Gramsci. *Caminhos*, Goiânia, v. 8. n. 2, p. 147-162, jul./dez., 2010.

SILVA, Marcos Antonio da; JOHNSON, Guillermo Alfredo. Revolução e religião: as relações entre a Igreja e o Estado na Cuba Contemporânea. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, vol. 52, n. 1, p. 08-16, jan./abr., 2006.

SOUZA, Adriana Barreto de. Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do duque de Caxias e do general Osório. *Topoi*, Rio de Janeiro/RJ, v. 10, n. 19, p. 90-111, jul.-dez., 2009.

_____. Biografia e escrita da História: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. *Revista Universitária Rural (Série Ciências Humanas)*. Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan./jul., 2007.

SOUZA, Pe. Ney de. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, v. 14. n. 55, p.39-59, abr./jun., 2006.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. Cotidiano paroquial e Livros de Tombo. *Revista de Cultura Teológica*, ano 2, n. 7, p. 95-103, abr./jun., 1997.

Monografias, dissertações e teses

ALMEIDA, Marluce Rodrigues dos Santos. *A história da CNEC*: sua importância para a educação de Cruzeta. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2001.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. *A formação de padres no Nordeste do Brasil (1894-1933)*. 241 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2009.

BRITO, Paula Sônia de. *A luta do Bispo Dom José de Medeiros Delgado por educação escolar para todos (Caicó-RN, 1941-1951).* 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal/RN: UFRN, 2004.

CASTELHANO, João N. F. Marques. *O método de Cardijn*: Ver, Julgar e Agir. A sua vivência e aplicação na Acção Católica Rural. 70 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/22955>. Acesso em: 10 nov. 2018.

CRUZ, Dalcy da Silva. *A Redenção Necessária*: Igreja Católica e sindicalismo rural (1960-1964). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande/PB, 1982. (Mimeografado).

CUNHA, Carlos Henrique Pessoa. *Nos tempos do blackout*: cena musical, práticas urbanas e a ressignificação da Rua Chile, Natal RN. 209 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

GOMES, Jorilene Barros da Silva. *A Família Cristã Católica*: o movimento noelista na Paraíba (1931-1945). 164 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

LEIRIAS, Daniela Araújo. *"Louvado seja o Santíssimo Sacramento"*: o anticomunismo católico e a formação da identidade e da espacialidade norte-rio-grandense (1935-1937). 159 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2016.

MAGUETA, Rita de Cássia de Matos. *Salve o dia entre todos o mais belo*: Educação religiosa e fotografias de primeira comunhão na década de 1940 (Porto Alegre/RS). 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MAIA, Pedro Américo. *Os jesuítas e o "catolicismo de influência" no Brasil Centro-leste*: uma crônica entre o sonho e a utopia. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *A cidade e a guerra*: a visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial. 243 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 315 f. Tese (Doutorado em História Econômica). São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, outubro de 2011.

SILVA, Rogério Chaves da. *A Juventude Agrária Católica em Alagoa Grande-PB (1954-1964)*. 50 fls. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017.

TAGLIAVINI, João Virgílio. *Garotos no túnel*: um estudo sobre a imposição da vocação sacerdotal e o processo de condicionamento nos seminários. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1990.

Jornais e Revistas

(Sem autoria). A carta do Papa. *A Folha*, Caicó/RN, 19 de ago. 1961.

(Sem autoria). A lição de Cuba. *A Folha*, Caicó/RN, 3 de dez. 1960,

(Sem autoria). Alto-falante e desrespeito às crenças alheias. *A Folha*, Caicó/RN, 1 out. 1955.

(Sem autoria). Comunismo e Capitalismo liberal – Documentos da Igreja (Textos extraídos da Encíclica "Divini Redemptoris" do Papa Pio XI, de 19 de março de 1937 sobre o Comunismo ateu). *A Fôlha*, Caicó/RN, 5 de jun. 1964.

(Sem autoria). Dom Helder, a esperança da Igreja no Nordeste. *A Fôlha*, Caicó/RN, 11 de abr. 1963.

(Sem Autoria). Realizada com grande brilhantismo em Cruzeta a Festa da Colheita. *A Fôlha*, Caicó/RN, 16 de mai. 1964.

BALBINO, Pe. Antônio. Cuidado com Julião. *A Fôlha*, Caicó/RN, 13 de mai. 1961.

_____. Cruzeta em Revolução. *A Fôlha*, Caicó/RN, 16 de mai. 1964.

_____. Uma revolução diferente. *A Fôlha*, Caicó/RN, 21 de mai. 1961.

_____. O Bispo que também construiu. *A Folha*, Caicó/RN, 30 ago. 1958.

_____. Esse padre é comunista. *A Fôlha*, Caicó/RN, 19 de agosto de 1961.

(Sem autoria). O caso de Cruzeta. *A Fôlha*, Caicó/RN, 18 de jan. 1964.

(Sem autoria). O inverno de 64. *A Fôlha*, Caicó/RN, 18 de jul. 1964.

(Sem autoria). Contribuições para o Arco de N. S. de Fátima – demonstração geral e final. *A Folha*, Caicó/RN, 30 de ago. 1958.

COUTINHO, José (Monsenhor). Caicó antes e depois de Dom Delgado. *A Folha*, Caicó/RN, 29 set. 1956.

DANTAS, Dom José Adelino (bispo diocesano). Tradicionalismo e modernismo. *A Folha*, Caicó/RN, 29 mar. 1958.

_____. "No Roteiro dos Azevedo e outras famílias do Nordeste": um livro que os seridoenses devem ler. *A Folha*, Caicó/RN, 07 jan. 1956.

_____. O primado da verdade. *A Folha*, Caicó/RN, 19 fev. 1955.

(Sem autoria). Encerrado o II Encontro dos Bispos do Nordeste. *A Folha*, Caicó/RN, 30 de mai. 1959.

(Sem autoria). Ligas crescem. *A Fôlha*, Caicó/RN, 3 de jun. 1961.

(Sem autoria). Mais uma vez Cuba. *A Folha*, Caicó/RN, 6 de mai. 1961.

NÓBREGA, Dewet S. A consolidação da Revolução. *A Fôlha*, Caicó/RN, 02 de mai. 1961.

_____. Reforma Agrária liderada pela Igreja. *A Fôlha*, Caicó/RN, 21 de janeiro de 1961.

NEGREIROS, Mons. Emerson. Como recuperar os agricultores. *A Fôlha*, Caicó/RN, 14 de fev. 1959.

_____. *Êxodo Rural*. *A Folha*, Caicó/RN, 7 de fev. 1959.

ITAN, padre. As tendências de hoje (Comentários avulsos). *A Fôlha*, Caicó/RN, 14 de out. 1961.

NILTON, José. O Agricultor e o citadino. *A Fôlha*, Caicó/RN, 5 de jun. 1964.

(Sem autoria). Rádio Rural de Caicó. *A Fôlha*, Caicó/RN, 5 de nov. 1960.

(Sem autoria). Sindicatos Rurais. *A Fôlha*, Caicó/RN, 6 de jan. 1961.

(Sem autoria). Sugestões dos bispos do Rio Grande do Norte à reunião dos bispos do Nordeste. *A Folha*, Caicó/RN, 23 de jun. 1956.

(Sem autoria). Economia d'água. *A República*, Natal/RN, 13 de fev. 1944.

(Sem autoria). O transporte de gêneros alimentícios para Natal: comentários do "Diário de Notícias" ao telegrama do Interventor Fernandes Dantas ao Presidente da Marinha Mercante. Agência Nacional *apud*. *A República*, Natal/RN, 27 de out. 1943.

(Sem autoria). "As ameaças bolchevistas contrapomos a fita azul dos Congregados", disse o Em. Sr. Cardeal Dom Sebastião Leme à mocidade mariana do Brasil. *Legionário*. São Paulo/SP, 9 de mai. 1937.

(Sem autoria). Faleceu o Cônego Ambrósio Silva. *O Poti*, Natal/RN, 1 dez. 1957.

(Sem autoria). Política. *Diário de Natal*. Natal/RN, 7 de nov. 1961

(Sem autoria). Carta Pastoral dos Bispos do Rio Grande do Norte sobre o problema rural. *A Ordem*, Natal/RN, 2 de jun. 1951.

CASADO, José. O general do Papa. *O Globo*, Rio de Janeiro/RJ, 2 de mar. 2008, p. 16-18 e a edição de 3 de mar. 2008.

(Sem autoria). Ação Católica Brasileira. Relatório da SAC – Caicó. *A Ordem*, Natal/RN, 06 de dez. 1947

ANDRADE, Theophilo de. "Apertura a sinistra". *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro/RN**,** 03 ago. 1963.

CINTRA, Raimundo de A. Renovação do diaconato? *Revista a Ordem*, Rio de Janeiro, vol. 63, n. 04, p. 12-21, out. 1960.

ADELINO, Cônego José. A Obra das Vocações, uma grande vitória. *A Ordem*. Natal/RN. 23 de mai. 1941

(Sem autoria). A concentração religiosa do Seridó. *A Ordem*, Natal/RN, 22 de mai. 1937.

(Sem autoria). A grande concentração religiosa do Seridó: o que foi esse extraordinário certame. *A Ordem*, Natal/RN, 27 de mai. 1937.

(Sem autoria). A Igreja e o mundo rural. *A Ordem*, Natal/RN, 14 de out. 1947.

(Sem autoria). Biblioteca "Cônego Luís Monte" do Seminário Diocesano de São Pedro. *A Ordem*, Natal/RN, 3 de jun. 1946.

FERNANDES, Antônio Martins. Semana Rural de Pau dos Ferros. *A Ordem*, Natal/RN, 15 de out. 1951.

(Sem autoria). Fundada em Cruzeta a "Obra das Vocações Sacerdotaes" (Sic). *A Ordem*. Natal/RN, 26 de jan. 1937.

(Sem autoria). A Obra das Vocações e suas finalidades. *A Ordem*. Natal/RN, 1 de nov. 1936. p. 01

(Sem autoria). Organização eclesiástica e movimento do culto católico no Estado do Rio Grande do Norte – 1943. *A Ordem*. Natal/RN, 30 de mai. 1944.

BRANDÃO, Monsenhor Ascânio. O Padre e a Obra das Vocações Sacerdotais. *A Ordem*. Natal/RN, 16 de set. 1948.

(Sem autoria). Carta Pastoral dos bispos do Rio Grande do Norte. *A Ordem*, Natal/RN, 2 de jun. 1951.

(Sem autoria). Instalado o Departamento da Obras das Vocações sacerdotais. Organização – a Diretoria. *A Ordem*. Natal/RN, 16 de jun. 1948.

DE FARIA, Romeu. O Brasil na retaguarda. *A Ordem*. Natal/RN, 22 de dez. 1941.

(Sem autoria). Extrato das conclusões da I Semana Rural do Rio Grande do Norte. *A Ordem*, Natal/RN, 29 de jan. 1951.

GUARÁ, José. O Seminário de Caicó I. *A Ordem*. Natal/RN, 18 de set. 1951.

GUERRA, Otto. Conclusões da Semana Rural. *A Ordem*, Natal/RN, 20 de dez. 1952.

GURGEL, Francisco das Chagas Neves. Instituições educativas da Igreja Católica: Cruzada Eucarística, escola primária da Ação católica. *A Ordem*. Natal/RN, 25 de jun. 1943.

MONTEIRO, Eymard L'E (Padre). A escassez de vocações. *A Ordem*. Natal/RN. 7 de set. 1939.

(Sem autoria). "Meu desejo é esse: o desejo de servir inteiramente a Deus". *A Ordem*, Natal/RN, 7 de nov. 1944.

(Sem autoria). Indicações da I Semana Ruralista do Rio Grande do Norte. *A Ordem*, Natal/RN, 2 de jun. 1951.

NEGROMONTE, Álvaro (Padre). A grande falta. *A Ordem*. Natal/RN. 5 de jan. 1943.

PATHMOS, João de. Crise de vocações. *A Ordem*. Natal/RN, 1 de ago. 1935.

(Sem autoria). Palavras do Bispo de Caicó. *A Ordem*, Natal/RN, 23 dez. 1952.

PLUS, Raul (Padre). Aos sacerdotes: fomentar vocações. *A Ordem*, Natal/RN, 16 de jun. 1948.

(Sem autoria). Planos vermelhos. *A Ordem*, Natal/RN, 16 de fev. 1952.

(Sem autoria). Primeira Semana jacista alcançou pleno êxito. Encerramento ontem em Ponta Negra. *A Ordem*, Natal/RN, 22 de dez. 1952.

(Sem autoria). Primeira Pastoral de Dom José Adelino Dantas – Mensagem de saudação. *A Ordem*, Natal/RN, 19 set. 1952.

(Sem autoria). Relatório da Obra das Vocações Sacerdotais lido pelo diretor diocesano, padre Eugênio de Araújo Sales, em solene sessão, na Confederação Católica aos 7 de abril de 1948. *A Ordem*. Natal/RN, 16 de jun. 1948.

(Sem autoria). Uma grande concentração religiosa em Acary para o combate ao comunismo. *A Ordem*, Natal/RN, 14 de mai. 1937.

Fontes manuscritas e datilografadas

ALMEIDA, Isaura Medeiros de. A Festa da Padroeira N. S. dos Remédios – "Ontem e Hoje". *Nova Aurora* (Jornal da Festa de Nossa Senhora dos Remédios). [s.l.: s.n., s.d.].

ARAUJO SALES, Monsenhor Eugênio. *Uma experiência pastoral em uma região subdesenvolvida*. Natal – Brasil: [s.n.; s.d.]. p. 01-04. (Mimeografado).

CRUZETA/RN. *Sinopse de Cruzeta II*. [s.l.; s.n.; s.d.].

CÚRIA DIOCESANA DE CAICÓ. *Decreto nº 25, de criação da Paróquia de Cruzeta, emitido por D. José de Medeiros Delgado, por mercê de Deus e da Santa Sé Apóstolica, Bispo de Caicó, etc*. Caicó, 13 de novembro de 1944, reg. liv. 2, n. 318, fls. 13.

DIOCESE DE CAICÓ. Ata da sessão de instalação da Junta Diocesana da Ação Católica Brasileira (ACB), Caicó, 24 de maio de 1942.

DIOCESE DE CAICÓ. *Livro Primeiro de Crônicas do Seminário ferial de Caicó* (1943-1953). Caicó-RN.

DIOCESE DE CAICÓ/RN. *Mapa Estatístico do ano de 1959***:** Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios. Cruzeta, 27 de abril de 1959. (Encadernado).

ESPÍNOLA, Ernesto da Silva (vigário). *Paróquia de Cruzeta*. 1 fl. [s.l.; s.n.; s.d.]. (Datilografado e avulso).

GOES, Terezinha de Jesus Medeiros. CARTA ABERTA enviada de Brasília/DF para a redação de "O CRUZETENSE" datada de 11 de novembro de 1978. 3. f. (Documento Mimeografado).

JAC. *Conclusões do IV Conselho Nacional*, 1965/1967.

JAC DE CRUZETA – DIOCESE DE CAICÓ. *Caderno de cânticos*. Cruzeta-RN: [s.n.], 1961. (Manuscrito).

JUVENTUDE AGRÁRIA CATÓLICA – JAC. *Conselho Nacional da JAC do Brasil (19 a 29 de setembro)*. Rio de Janeiro, 1966.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. 25ª Festa da Colheita. *Cânticos para Missa*. Cruzeta/RN. [s.n.; s.d.]. (Mimeografado).

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. *Oração do Agricultor*. Cruzeta/RN: [s.n.; s.d.]. (Mimeografado).

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. *Livro de Tombo n.º 1 (1944-1993)*. Cruzeta-RN.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA, 19 de julho de 1963. *Encaminhamento de projeto lei ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Cruzeta*. Arquivo da Câmara Municipal, pasta de ofícios recebidos.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Decreto executivo nº 1, de 5 de março de 1954 – Regulamento da Usina elétrica municipal. *Registros de Decretos*, Cruzeta, n. 36, p. 11-15, 1954.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Decreto Lei nº 1, de 4 de março de 1954, que orça a receita e fixa a despesa do município de Cruzeta, para o exercício de 1954. *Registros de Decretos-Leis (1954-1955)*, Cruzeta, n. 35, p. 1-16, 1954.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZETA. Decreto Lei nº 10, de 1º de janeiro de 1955, que orça a receita e fixa a despesa do município de Cruzeta, para o exercício de 1955. *Registros de Decretos-Leis (1954-1955)*, Cruzeta, n. 35, p. 31-44, 1954.

Relação de todos os bens pertencentes à Capela de Nossa Senhora dos Remédios de Cruzeta, elaborado por Nicéforo Dantas, secretário, e remetida a Cúria Diocesana de Caicó pelo Padre Ambrósio Silva, vigário. 2 fls. Cruzeta, 20 de dezembro de 1943.

SILVA, José Nilton da. *Assim foi a festa*. Cruzeta/RN: [s.n.], 1967. (Mimeografado).

SOARES, Maria Nazareth de Azevedo. Homenagem aos Jovens Cruzetenses: uma Lembrança do passado. O Estado. Cruzeta. *Sinopse de Cruzeta I*. [s.l.; s.n.; s.d.].

III CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE AGRÁRIA CATÓLICA – JACF. *Conclusões*. Rio de Janeiro, 21 de abril a 1º de março de 1964.

IV CONSELHO NACIONAL DA JAC/F. *Informe Moral da JAC/F do Brasil – 1965*. Itaparica-Salvador-Bahia, 6 a 25 de maio de 1965.

Fontes impressas

AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA. *Estatutos e Regulamentos*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1946.

ALBERTON, Valério. *Carta Magna das Congregações Marianas*: comemoração do 10º aniversário da Constituição Apostólica “Bis Saeculari” (Texto e Comentário). Rio de Janeiro: Estrela do Mar, 1958.

Boletins Informativos do Seminarista Ernesto da Silva Espínola, referente as disciplinas cursadas no Seminário de São Pedro, em Natal, no período de 1944 a 1948.

CATECISMO CATÓLICO. 3 ed. São Paulo: Herder, 1960.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO BRASIL**.** *Manual dos Congregados Marianos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Indústria Gráfica Siqueira, 1949.

COORDENAÇÃO ESTADUAL DE PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL (RS). *Pastoral da Juventude Rural*. Petrópolis: Vozes, 1985.

DECCETUN die 1 iulii 1949. In. *Acta apostolicae sedis* – commentarium officiale. Annus XXXXI, serieis II, vol. XVI. Cittá del Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1949.

DECLARAÇÃO DOS BISPOS DO NORDESTE. In. *I Encontro dos Bispos do Nordeste* (Campina Grande – maio de 1956). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Presidência da república, 1960.

DIOCESE DE CAICÓ. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Monsenhor Ernesto da Silva Espínola* (07/11/1927 – 28/01/2011). Jardim do Seridó-RN: [s.n.; s.d.]. (Folheto publicado por ocasião da Missa de 30º dia).

FEDERAÇÃO MARIANA FEMININA. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. 12. ed. São Paulo: Ambrosiana, 1961.

JOÃO XXIII. *Sobre a Paz dos Povos*: carta encíclica "Pacem in Terris". 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1963.

_____. *Sobre a recente evolução da questão social*: carta encíclica "Mater et Magistra". 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1961.

JUVENTUDE AGRÁRIA CATÓLICA (JAC). *Programa 1959 a 1960*: Nosso mundo o mundo rural. [s.l.; s.n.; s.d.].

JUVENTUDE ACRÁRIA CATÓLICA. ARQUIDIOCESE DE NATAL – RGN. *Comemorando o 1º Congresso Internacional da JAC realizado em Lourdes (França) – por ocasião de seu 1º aniversário*. Natal (RN), 1961.

MARIAUX, Walter. *Cavaleiros de Maria*. Rio de Janeiro: Confederação Nacional das Congregações Marianas, 1941. (1. Curso para a formação de "chefes" marianos).

MARTINS, Hildebrando. *Pequeno ritual romano latino-português*. Rio de Janeiro: São Paulo Editora, 1958.

Monsenhor Ernesto. Jardim do Seridó/RN, publicação especial, p. 1-8, fev. 2011.

Ofício emitido pela Secretaria de Estado do Vaticano, datado de 16 de junho de 1992 e assinado por Dom João Batista Re, secretário substituto.

PIO XI. *Sobre a necessidade e os caracteres da Ação Católica* (Carta Encíclica). Petrópolis; Rio de Janeiro; São Paulo: Vozes, 1951.

SOUZA, Paulo José de. *Vida Mariana*: a vida do congregado e da Congregação mariana à luz de suas regras e dos documentos de Pio XII. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1955.

Fontes orais

ALMEIDA, José Maria de Almeida (Dedeca). *Entrevista I concedida ao autor sobre o Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC)*. Cruzeta/RN, 27 de maio de 2018.

_____. *Entrevista II concedida ao autor sobre o Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC)*. Cruzeta/RN, 11 de março de 2019.

ALMEIDA, Maria Cardoso Medeiros. *Entrevista I concedida ao autor sobre o Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC)*. Cruzeta/RN, 11 de março de 2019.

ARAÚJO MELO, Maria Daguia Vale de. *Entrevista concedida ao autor sobre o primeiro paroquiato do Padre Ernesto em Cruzeta*. Cruzeta/RN, 27 de março de 2020.

CAMPOS, Alexandrina de Oliveira. *Entrevista I concedida ao autor.* Caicó/RN, 04 de maio de 2018

_____. *Entrevista II concedida ao autor*. Caicó/RN, 05 de maio de 2018.

_____. *Entrevista III concedida ao autor*. Caicó/RN, 27 de maio de 2018.

_____. Entrevista IV concedida ao autor. Caicó/RN, 17 de julho de 2018.

_____. *Entrevista V concedida ao autor*. Caicó/RN, 04 de agosto de 2018.

_____. *Entrevista VI concedida ao autor.* Caicó/RN, 10 de agosto de 2018.

_____. *Entrevista VII concedida ao autor.* Caicó/RN, 13 de setembro de 2018.

_____. *Entrevista VIII concedida ao autor*. Caicó/RN, 28 de outubro de 2018.

_____. *Entrevista IX concedida ao autor*. Caicó/RN, 23 de fevereiro de 2019.

_____. *Entrevista X concedida ao autor sobre o Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC)*. Caicó/RN, 5 de novembro de 2019.

_____. *Entrevista concedida ao autor por ocasião do "Inventário da Festa da Colheita do Município de Cruzeta"*. Caicó/RN, 25 de setembro de 2007.

CARDOSO, Jurandir. *Entrevista I concedida ao autor sobre a Juventude Agrária Católica (JAC) de Cruzeta*. Acari/RN, 17 de julho de 2018.

_____. *Entrevista II concedida ao autor sobre a Juventude Agrária Católica (JAC) de Cruzeta.* Acari/RN, 9 de setembro de 2018.

_____. *Entrevista III concedida ao autor sobre a Juventude Agrária Católica (JAC) de Cruzeta.* Acari/RN, 13 de setembro de 2018.

_____. *Entrevista concedida ao autor sobre o Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC)*. Acari/RN, 5 de fevereiro de 2019.

MEDEIROS, Edilza Espínola de. *Entrevista virtual concedida ao autor sobre o Padre Ernesto da Silva Espínola*. Jardim do Seridó/RN, 18 de maio de 2020.

MEDEIROS, Isaura. *Entrevista concedida a autor sobre a Juventude Agrária Católica (JAC) de Cruzeta*. Currais Novos/RN, 08 de julho de 2018.

MEDEIROS, Manuel Maurício de Medeiros (Medeirinhos). *Entrevista virtual concedida ao autor sobre o padre Ernesto da Silva Espínola*. Cruzeta /RN, 28 de março de 2020.

_____. *Entrevista concedida ao autor sobre o Grêmio Lítero Esportivo Cruzetense (GLEC)*. Cruzeta/RN, 24 de maio de 2018.

MORAIS, Sebastião Arnóbio de. *Entrevista concedida ao autor sobre as ações pastorais do padre Ernesto da Silva Espínola em Cruzeta*. Jardim do Seridó/RN, 10 de março de 2020.

SANTOS, Joafran Stenio da Silva. *Entrevista concedida ao autor sobre o primeiro paroquiato do Padre Ernesto da Silva Espínola em Cruzeta*. Cruzeta/RN, 22 de março de 2020.

SANTOS, Maria Letícia. *Entrevista concedida ao autor sobre José Nilton dos Santos*. Cruzeta/RN, 25 de setembro de 2018.

SILVA, Monsenhor Raimundo Sérvulo da. *Entrevista concedida ao autor sobre o padre Ernesto da Silva Espínola.* Acari/RN, 3 de novembro de 2020.